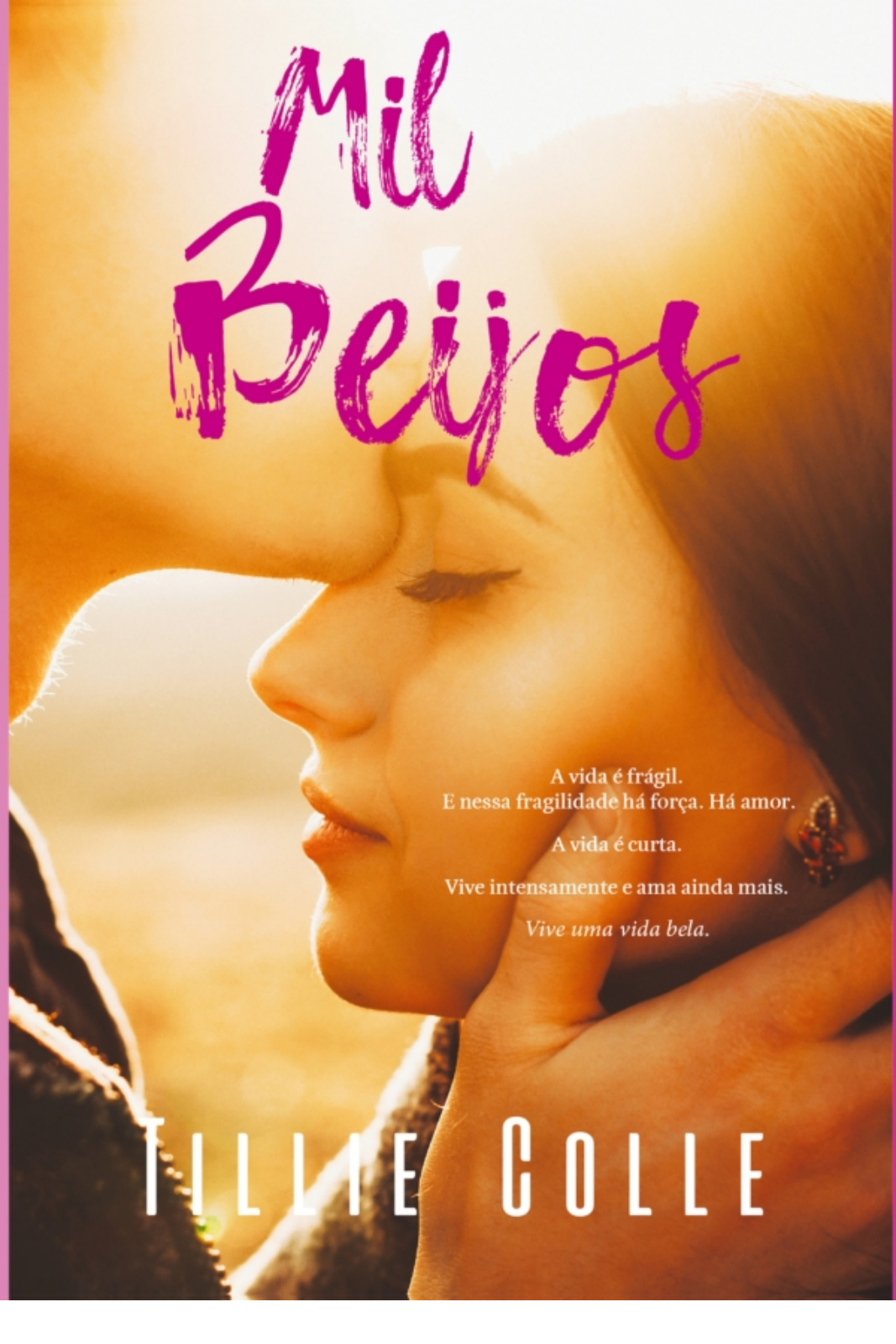




Mil Beijos

A vida é frágil.
E nessa fragilidade há força. Há amor.

A vida é curta.

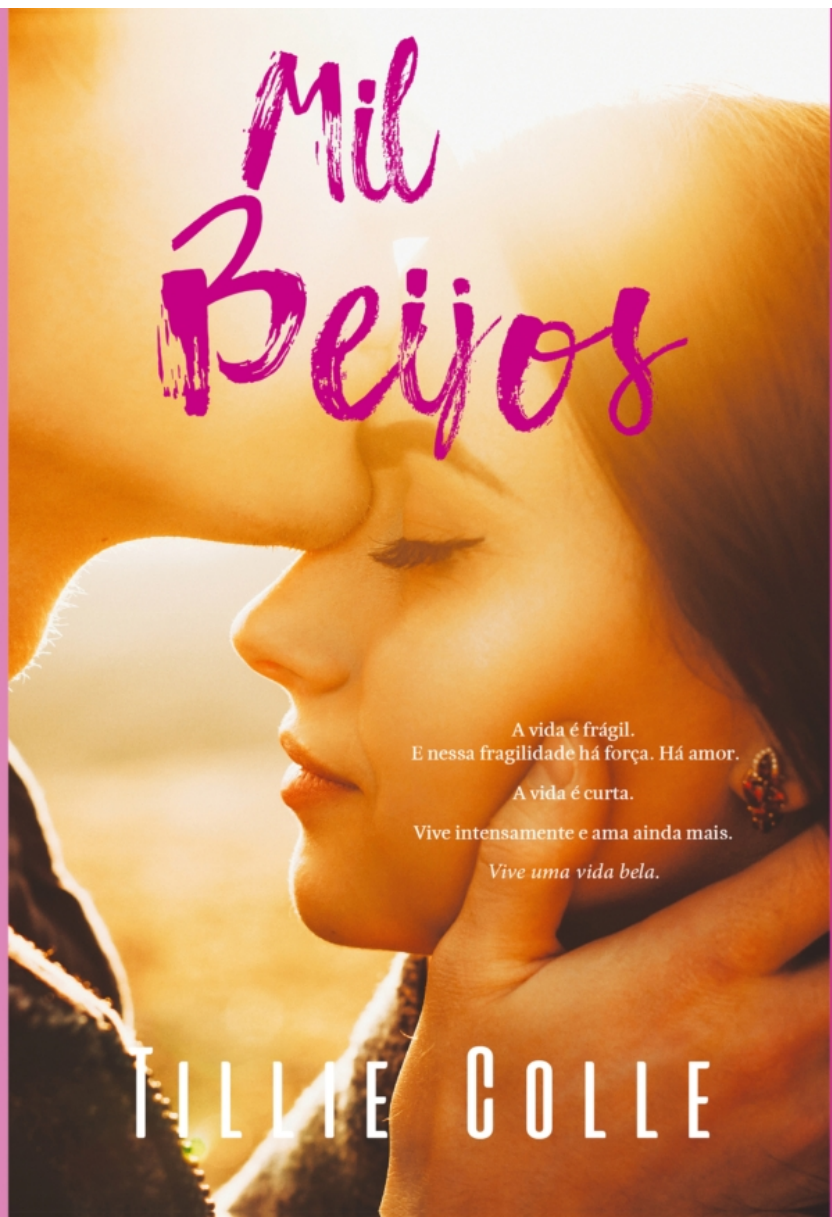
Vive intensamente e ama ainda mais.

Vive uma vida bela.

TILLIE COLLE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Mil Beijos

A vida é frágil.
E nessa fragilidade há força. Há amor.

A vida é curta.
Vive intensamente e ama ainda mais.

Vive uma vida bela.

TILLIE COLLE

Ficha Técnica

Título original: A Thousand Boy Kisses

Autor: Tillie Cole

Tradução: Luís Filipe Silva

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Alexandra Costa/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897800900

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Tillie Cole, 2016

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Tillie Cole

MIL BEIJOS



Tradução
Luís Filipe Silva

Para quem acredita no amor verdadeiro e épico
que nos abala a alma.
Este livro destina-se a vocês.



Prólogo

Rune

Houve na minha vida exatamente quatro instantes que me marcaram.
Este foi o primeiro.

* * *

Blossom Grove, Georgia
Estados Unidos da América
Há vinte anos
Cinco anos de idade

– *Jeg vil dra! Nå! Jeg vil reise hjem igjen!* – berrei a plenos pulmões, dizendo à minha mãe que queria sair dali, já! Queria voltar para casa!

– Não vamos voltar para casa, Rune. *Nem* sair daqui. Agora, esta é a nossa casa – respondeu ela em inglês. Baixou o corpo e fitou-me diretamente nos olhos. – Rune – disse com voz ternurenta –, sei que não querias sair de Oslo, mas o pai arranjou um emprego novo na Georgia. – Afagou-me o braço, mas não me senti melhor. Não queria estar aqui, na América.

Queria voltar para casa.

– *Slutt å snakke engelsk!* – disparei. Detestava falar inglês. Desde que saímos da Noruega e viemos para a América, os meus pais só falavam comigo em inglês.

Diziam que eu tinha de praticar.

Mas eu não queria!

A minha mãe pôs-se de pé e pegou numa caixa do chão.

– Estamos na América, Rune. Aqui fala-se inglês. E tu exprimes-te em inglês desde a mesma altura em que começaste a falar norueguês. Começa a usá-lo.

Teimei na minha contestação, vendo a minha mãe desviar-se de mim e entrar em casa. Contemplei a ruazinha em que vivíamos agora. Tinha oito moradias. Grandes mas todas diferentes. A nossa estava pintada de vermelho, com janelas brancas e um comprido alpendre. O meu quarto era grande e ficava no rés-do-chão. Era fixe, mais ou menos. Nunca tinha dormido no piso de baixo; em Oslo o meu quarto ficava no piso superior.

Observei as casas. Todas elas tinham sido pintadas com cores vivas: azuis-claros, amarelos, rosas... Depois observei a casa dos vizinhos. Estava *juntinha* à nossa – até o relvado era o mesmo. Ambas enormes, tal como os nossos quintais, mas sem cercas nem vedações. Se eu quisesse, podia correr para o quintal dos vizinhos sem que nada me impedisse.

A outra moradia era muito branca, com um alpendre que a envolvia por completo. Vi cadeiras de baloiço e também um grande baloiço na frente da casa. As janelas tinham caixilhos pretos e havia uma janela em frente da minha janela do quarto. Diretamente em frente! Não gostava nada disso. Não queria espreitar o quarto deles nem que eles espreitassem o meu.

Deparei-me com uma pedra. Dei-lhe um pontapé e ela rolou pela rua. Virei-me para ir atrás da minha mãe mas nesse instante ouvi um barulho. Vinha da casa ao lado. Espreitei para a outra porta de entrada, mas ninguém saiu. Subia eu os degraus para o meu alpendre quando reparei num movimento na parte lateral da casa – na janela do quarto da outra casa, aquela que ficava diante da minha.

Fiquei com a mão colada ao corrimão ao ver uma rapariga com um vestido azul vivo esgueirar-se pela janela. Saltou para a relva e limpou as mãos nas pernas. Franzi a testa, unindo as sobrancelhas, aguardando que ela mostrasse a cara. Tinha cabelo castanho e apanhado no cocuruto como um ninho de pássaros, preso de lado por um laço branco comprido.

Mal levantou a cabeça viu-me imediatamente. E sorriu. Um sorriso enorme como o mundo.

Fez um aceno rápido e depois correu e parou diante de mim.

Esticou a mão.

– Olá, sou a Poppy Litchfield, tenho cinco anos e vivo aqui mesmo ao lado.

Observei a rapariga. O sotaque era estranho. As palavras inglesas saíam-lhe com uma forma diferente daquela que eu aprendera na Noruega. A rapariga – Poppy – tinha lama na cara e galochas amarelo vivo nos pés com um grande balão vermelho de lado.

Um aspeto bastante estranho.

Levantei os olhos dos pés dela e fixei-os na mão que continuava estendida. Não sabia o que fazer. Não percebi o que queria.

Poppy suspirou. Abanando a cabeça, procurou a minha mão e agarrou-a. Sacudiu a sua juntamente com a minha duas vezes e disse:

– Apertar a mão. A avó diz que temos de apertar a mão de uma pessoa que acabámos de conhecer – apontou para as nossas mãos. – Isto foi um aperto de mão. Um gesto bem-educado porque não te conheço.

Não falei; por algum motivo a minha voz não queria funcionar. Quando olhei para baixo, percebi que se devia ao facto de ainda termos as mãos unidas.

Ela também estava suja de lama nas mãos. Aliás, estava suja de lama pelo corpo

inteiro.

– Como te chamas? – perguntou Poppy. Inclinar a cabeça de lado. Tinha um ramo pequeno enfiado no cabelo. – Então – disse ela, abanando as nossas mãos –, perguntei como te chamavas.

Pigarreei.

– Chamo-me Rune, Rune Erik Kristiansen.

Poppy contorceu a cara inteira, esticando os lábios grandes e cor de rosa num trejeito engraçado.

– Falas de uma forma estranha – comentou.

Soltei a mão com força.

– *Nei det gjør jeg ikke!* – respondi prontamente. A cara dela contorceu-se ainda mais.

– O que foi que disseste? – perguntou Poppy, mas virei-me e comecei a andar para casa. Não queria falar mais com ela.

No entanto, zangado, virei-me para trás.

– Disse «*Não, não falo!*». É norueguês! – repeti, agora em inglês. Os olhos de Poppy esbugalharam-se.

Deu um passo para mim, e mais outro, e perguntou:

– Norueguês? Como os vikingues? A avó leu-me um livro sobre os vikingues. Dizia que vinham da Noruega – os olhos arregalaram-se ainda mais. – Rune, és um vikingue? – perguntou com voz esganiçada.

Gostei da pergunta. Emproei o peito. O meu pai costumava dizer que eu era um vikingue, como todos os homens da família. Éramos vikingues grandes e fortes.

– *Ja* – respondi eu. – Somos verdadeiros vikingues da Noruega.

Um grande sorriso espalhou-se pela cara de Poppy e um risinho sonoro escapou-se-lhe da boca. Levantou a cabeça e puxou o meu cabelo.

– É por isso que tens cabelo loiro comprido e olhos azuis cristalinos. Porque és um vikingue. Pensei que fosses uma menina...

– Não sou nenhuma menina! – ripostei, mas Poppy não pareceu prestar atenção. Passei a mão pelo meu cabelo comprido. Dava-me pelos ombros. Os rapazes de Oslo usavam assim o cabelo.

– ... mas agora vejo que, afinal, és um vikingue a sério. Como o Thor. Ele também tinha cabelo loiro e comprido e olhos azuis! És como o Thor!

– *Ja* – concordei. – O Thor é assim. E é o deus mais forte de todos.

Poppy anuiu com a cabeça, depois pousou as mãos nos meus ombros. Ficou séria e a voz tornou-se um sussurro.

– Rune, não contes a ninguém mas eu parto em aventuras.

Fiz um esgar perplexo. Não estava a compreender. Poppy aproximou-se mais e olhou-me nos olhos. Apertou-me os braços. Inclinou a cabeça para o lado. Olhou em volta, inclinando-se depois para falar.

– Não costumo trazer pessoas nas minhas viagens, e todos sabemos que os vikingues se tornam grandes e fortes quando são crescidos, e que são bons nas aventuras e nas explorações, e fazem caminhadas compridas e apanham os maus e... tantas coisas!

Continuava perplexo, mas Poppy recuou, então, e estendeu a mão novamente.

– Rune – disse ela, a voz séria e forte –, vives aqui ao lado, és um viquingue. E eu adoro viquingues. Vamos ser grandes amigos.

– Grandes amigos? – questionei.

Poppy anuiu e estendeu mais a mão na minha direção. Estendi a minha, muito devagar, e agarrei a dela, sacudia-a duas vezes, como ela mostrava.

Um aperto de mão.

– Então, já somos grandes amigos? – perguntei enquanto Poppy recolhia a mão dela.

– Sim! – disse ela, entusiasmada. – A Poppy e o Rune – levou o dedo ao queixo e olhou para o alto. Esticou novamente os lábios, como se pensasse com muita força. – Até soa bem, não achas? «A Poppy e o Rune, amigos para toda a infinidade!»

Anuí, porque soava mesmo bem. Poppy pousou a mão na minha.

– Mostra-me o teu quarto! Quero contar-te que aventura podemos ter a seguir. – Puxou-me para a frente e corremos para dentro de casa.

Quando empurrámos a porta do quarto, Poppy dirigiu-se prontamente para a minha janela.

– Este quarto fica exatamente em frente do meu!

Assenti com a cabeça, enquanto ela soltava um guincho, correndo para mim e pegando novamente na minha mão.

– Rune! – exclamou, cheia de entusiasmo –, podemos conversar durante a noite e fazer comunicadores com latas e cordas. Podemos sussurrar os nossos segredos um ao outro, quando todos estiverem a dormir, e podemos fazer planos e brincar e...

Poppy continuou a falar, mas eu não me importei. Gostava da voz dela. Gostava do riso dela e do laço grande e branco no cabelo.

Talvez a Georgia, afinal, não fosse uma terra tão má, pensei, se Poppy Litchfield ia ser a minha grande amiga.

* * *

E aquela foi a Poppy desde o primeiro dia.

A Poppy e o Rune.

Grandes amigos até à infinidade.

Ou assim pensava.

É estranho saber que tudo muda.



Corações Partidos e Frascos com Beijos Guardados

Poppy

Há nove anos

Oito anos de idade

– Pai, onde vamos? – perguntei, enquanto ele me levava pela mão em direção ao carro. Olhei para trás, para a escola, perguntando-me por que motivo me tinha tirado das aulas antes de tempo. Era apenas o intervalo para almoço. Ainda faltava muito para sair.

O meu pai não falou comigo, limitou-se a apertar a minha mão, continuando a andar. Passei os olhos pelo gradeamento da escola, com uma sensação estranha no estômago. Adorava a escola, e aprender, e íamos ter a aula de História a seguir. Era a minha disciplina preferida. Não queria perdê-la.

– Poppy! – Rune o meu grande amigo encontrava-se junto ao gradeamento, a ver-me partir. As mãos apertavam com muita força as barras metálicas. – Onde vais? – berrou. Sentava-me ao lado dele nas aulas. Andávamos sempre juntos.

A escola perdia a graça quando um de nós não estava.

Virei a cabeça para a cara do meu pai, procurando respostas, mas ele não me devolveu o olhar. Manteve-se calado. Dirigindo-me a Rune, gritei:

– Não sei!

Rune ficou a ver-me entrar no carro, sentar-me na cadeira instalada no assento traseiro e esperar que o meu pai me apertasse o cinto.

Ouvi a campainha do pátio da escola, indicando que a hora de almoço terminara. Espreitei pela janela e vi os miúdos correrem de volta para o interior, exceto Rune. Ele manteve-se junto ao gradeamento, a observar-me. O cabelo loiro e comprido soprava ao vento enquanto formava com os lábios a pergunta *Estás bem?* Mas o meu pai entrou no carro e arrancou antes que eu conseguisse responder.

Rune correu ao longo do gradeamento, seguindo o nosso carro, até a Senhora Davis surgir e levá-lo para dentro.

Quando a escola desapareceu da nossa vista o meu pai disse:

– Poppy?

– Sim, pai? – respondi.

– Sabes que a avó tem estado a viver connosco há algum tempo?

Anuí. A avó mudara-se para o quarto em frente ao meu. A minha mãe dizia que ela precisava de assistência. O avô morrera quando eu era ainda bebé. A avó vivera sozinha durante anos até se mudar para a nossa casa.

– Lembras-te do que a tua mãe e eu te contámos? Sobre o porquê de a avó já não poder viver sozinha?

Respirei pelo nariz e murmurei:

– Sim. Porque ela precisava da nossa assistência. Porque está doente – o meu estômago revoltou-se ante as minhas palavras. A avó era a minha grande amiga. Bem, ela e Rune estavam empatados nos primeiros lugares. A avó dissera que eu era igualzinha a ela.

Antes de adoecer, costumávamos ter milhares de aventuras. Lia-me todas as noites livros sobre os grandes exploradores do mundo. Contava-me coisas de História – Alexandre, o Grande, os romanos e os meus preferidos, os samurais do Japão. Eram também os temas preferidos da avó.

Sabia que a avó estava doente mas nunca parecia. Sorria constantemente e abraçava-me com força e fazia-me rir. Costumava dizer que tinha coração de luar e sorrisos de raios de sol. E que isso significava que se sentia feliz.

Também me fazia sentir feliz.

Mas nas últimas semanas a avó estava sempre a dormir e andava demasiado cansada para brincar. Aliás, era eu que, quase todas as noites, lia para ela, enquanto a avó me afagava o cabelo e me sorria. Não fazia mal pois os sorrisos da avó eram os melhores do mundo.

– É verdade, pequenina, está doente. Está mesmo muito doente. Compreendes?

Franzi o cenho mas assenti e disse:

– Sim.

– É por isso que vamos para casa mais cedo – explicou. – Está à nossa espera. Quer ver-te. Quer ver a sua amiguinha.

Não compreendia por que motivo o meu pai me levava para casa mais cedo só para visitar a avó, quando todas as noites, depois das aulas, eu entrava no quarto dela para conversarmos, quando ela se deitava. A avó gostava que lhe contasse sobre o meu dia.

Virámos para a nossa rua e estacionámos. O meu pai não se mexeu durante alguns segundos mas acabou por se virar e dizer-me:

– Sei que só tens oito anos, pequenina, mas hoje vais ter de ser muito corajosa, está bem?

Anuí. O meu pai sorriu mas era um sorriso triste.

– Assim mesmo.

Saiu do carro e deu a volta até ao meu lugar. Pegando-me pela mão, tirou-me do carro e levou-me para casa. Havia mais carros estacionados do que o habitual. Ia abrir a boca para perguntar quem era aquela gente quando a Senhora Kristiansen, a mãe de Rune, apareceu no quintal entre as nossas casas, transportando um grande prato de comida.

– James! – chamou e o meu pai voltou-se para a cumprimentar.

– Adelis, olá – saudou ele. A mãe de Rune parou junto a nós. Trazia o cabelo loiro e comprido solto. Tinha a mesma cor do de Rune. A Senhora Kristiansen era realmente bonita. Adorava-a. Era simpática e chamava-me a filha que não tivera.

– Preparei-vos isto. Por favor, diz à Ivy que vocês estão nos meus pensamentos – o meu pai soltou-me a mão para pegar no prato.

A Senhora Kristiansen agachou-se e depositou-me um beijo na cara.

– Tens de ser uma boa menina, Poppy, está bem?

– Sim, senhora – respondi e vi-a atravessar a relva e regressar à casa dela.

O meu pai suspirou, indicando com a cabeça que o seguisse. Mal passámos a porta de entrada, vi tios e tias nos sofás e primos sentados no chão da sala, entretidos com brinquedos. A minha tia Silvia cuidava das minhas irmãs, Savannah e Ida. Eram mais novas do que eu, apenas quatro e dois anos. Acenaram-me quando me viram, mas a tia Silvia manteve-as no seu colo.

Ninguém conversava, mas muitas das pessoas limpavam os olhos e outras choravam.

Fiquei muito confusa.

Encostei-me às pernas do meu pai, agarrando-o com força. Alguém estava à entrada da cozinha – a minha tia Della, ou DeeDee como lhe chamava. De todas, era a minha tia preferida, por ser jovem e divertida e fazer-me rir sempre. Embora a minha mãe fosse mais velha do que a irmã, pareciam gémeas. Ambas tinham cabelo comprido e castanho e olhos verdes como eu.

Mas DeeDee era superbonita. Queria ser como ela um dia.

– Olá, Pops – disse ela, mas notei que os olhos estavam vermelhos e a voz era estranha. DeeDee olhou para o meu pai. Tirou-lhe o prato de comida das mãos e disse:

– Leva a Poppy para as traseiras, James. Não deve demorar.

Comecei a seguir o meu pai, mas olhei para trás, pois DeeDee não nos acompanhou. Abri a boca para a chamar, mas ela virou-se subitamente, pousou o prato de comida no balcão e deitou a cabeça nas mãos. Chorava com tanta força que da boca dela saíam berros.

– Pai? – murmurei, com uma sensação estranha no estômago. O meu pai passou-me o braço por cima dos ombros e afastou-me.

– Está tudo bem, pequenina. A DeeDee só precisa de estar sozinha.

Dirigimo-nos para o quarto da avó. Antes de abrir a porta, o meu pai disse:

– A mãe está ali dentro, pequenina, e a Betty. A enfermeira da avó também.

Franzi o cenho.

– O que faz aqui a enfermeira?

O pai empurrou a porta do quarto da avó e a minha mãe levantou-se da cadeira junto à cabeceira da cama. Tinha os olhos vermelhos e o cabelo desgrenhado. Nunca tinha o cabelo desgrenhado.

A enfermeira encontrava-se ao fundo do quarto. Escrevia num bloco. Sorriu e acenou-me quando entrei. Depois olhei para a cama. A avó estava deitada. O meu coração deu um pulo quando vi a agulha espetada no braço, com um tubo transparente ligado a um saco pendurado de um gancho de metal ao seu lado.

Fiquei imóvel, subitamente apavorada. Depois a minha mãe aproximou-se de mim e a avó olhou na minha direção. Estava diferente da noite anterior. Com a pele mais

pálida e o olhar menos brilhante.

– Onde está a minha parceira? – A avó falou em voz baixa e estranha, mas lançou-me um sorriso acolhedor.

Com risinhos para a minha avó, acorri para a cabeceira da cama.

– Estou aqui! Saí mais cedo da escola para te ver!

A avó esticou o dedo e tocou na ponta do meu nariz.

– Assim é que é! – fiz um sorriso muito grande em resposta. – Só queria ver-te mais um pouco. Fico sempre melhor quando a luz da minha vida se senta ao meu lado e conversa comigo.

Sorri novamente. Porque eu era a «luz da sua vida», «a menina dos seus olhos». Era como me chamava. A avó contara-me em segredo que isso significava que eu era a sua preferida. Mas que não contasse a ninguém para não entristecer os meus primos e as minhas manas. Era o nosso segredo.

Senti mãos subitamente na minha cintura e o meu pai ergueu-me, pousando-me na cama ao lado da avó. Ela pegou-me na mão. Apertou-me os dedos, mas tinha as mãos geladas. A avó inspirava profundamente, soltando um ruído estranho, como se o peito estalasse.

– Avó, sentes-te bem? – perguntei, inclinando-me para diante e depositando um beijo delicado na sua face. Normalmente cheirava a tabaco dos cigarros que fumava. Mas hoje não tinha esse cheiro.

A avó sorriu.

– Estou cansada, pequenina. E vou... – A avó inspirou novamente com força, fechando por instantes os olhos. Ao abri-los de novo, remexeu-se na cama e disse: – ... e vou viajar durante algum tempo.

Franzi o cenho.

– Onde vais, avó? Posso ir também? – participávamos sempre as duas nas aventuras.

A avó sorriu, abanando a cabeça.

– Não, pequenina. Para onde vou, não podes ir. Para já. Um dia, daqui a muitos e muitos anos, é que nos veremos de novo.

A minha mãe soluçou atrás de mim, mas eu continuei a fitar a avó, confusa:

– Mas onde vais, avó? Não compreendo.

– Para *casa*, pequenina – respondeu a avó. – Vou para *casa*.

– Estás em casa – contrapus.

– Não – a avó abanou a cabeça –, esta casa não é verdadeiramente a nossa, pequenina. Esta vida... bem, é apenas uma grande aventura enquanto dura. Uma aventura para gozar e amar com todo o nosso coração antes de embarcarmos na maior aventura de sempre.

Os meus olhos abriram-se de entusiasmo, mas depois senti-me triste. *Mesmo* triste. Comecei a fazer beicinho.

– Mas somos muito amigas, avó. Fazemos sempre aventuras juntas. Não podes ir sem mim.

Começavam a cair-me lágrimas dos olhos e a escorrer pelas minhas faces. A avó levantou a mão livre para as limpar. Estava tão fria como a que eu segurava.

– Fazemos sempre aventuras juntas, pequenina, mas desta vez não.

– Não sentes medo de ires sozinha? – perguntei, mas a avó limitou-se a suspirar.

– Não, pequenina, não é preciso sentir medo. Nenhum medo.

– Mas não quero que vás – supliquei, a garganta a começar a doer.

A mão da avó manteve-se na minha face.

– Continuarás a encontrar-me nos teus sonhos. Isto não é um adeus.

Pestanejei, uma vez e outra.

– Como costumas ver o avô? Sempre disste que te visitava em sonhos. Fala contigo e beija-te a mão.

– É isso mesmo – disse ela. Sequei as lágrimas. A avó apertou-me a mão e olhou para a minha mãe atrás de mim. Quando voltou a prestar-me atenção, disse: – Enquanto estiver longe, tenho uma nova aventura para ti.

Fiquei imóvel.

– Tens?

O som de um copo a ser pousado na mesa surgiu nas minhas costas. Quis virar-me para trás, mas, antes de conseguir fazê-lo, a avó perguntou:

– Poppy, qual é a memória preferida da minha vida, aquilo que costumava contar-te? Aquilo que sempre me fez sorrir?

– Os beijos do avô. Beijos doces do teu amado. Todas as memórias dos beijos que o teu amado te deu. Contaste-me que são as memórias das quais mais gostas. Nem dinheiro nem coisas. Mas os beijos que o avô te deu foram todos especiais e fizeram-te sorrir, sentires-te amada, pois ele era a tua alma gémea. O teu eternamente e para sempre.

– É isso mesmo, pequenina – respondeu ela. – Portanto, a tua aventura... – a avó olhou novamente para a minha mãe. Desta vez, quando virei a cabeça, notei que segurava um grande frasco de conserva cheio até à tampa com imensos corações cor de rosa, feitos de papel.

– Ena! O que é isto? – perguntei, entusiasmada.

A minha mãe colocou-o nas minhas mãos e a avó abriu a tampa.

– São os mil beijos do teu amado. Ou serão, melhor dizendo, quando os preencheres todos.

Os meus olhos arregalaram-se muito, ao tentar contar todos os corações. Mas não fui capaz. Mil eram muitos!

– Poppy – disse a avó, quando olhei para cima e encontrei aqueles olhos verdes a brilhar. – *Esta* é a tua aventura. É assim que quero que me recordes enquanto não estiver contigo.

Olhei novamente para o frasco.

– Não compreendo.

A avó levou a mão à mesinha de cabeceira e pegou numa caneta. Deu-ma e disse:

– Há bastante tempo que adoeci, pequenina, mas as memórias que me fazem sentir melhor são as dos beijos do teu avô. Não os beijos do dia a dia, mas aqueles especiais, aqueles em que o meu coração parecia explodir no peito. Aqueles que o teu avô fez questão que eu não esqueceria. Os beijos à chuva, ao pôr do Sol, o beijo que demos no baile de finalistas... aquele em que me apertou contra si e murmurou no meu ouvido que eu era a miúda mais bonita do salão.

Ouvi sem parar com o coração repleto de sentimentos. A avó apontou para os

papéis dentro do frasco.

– Este frasco é teu, para que anotes os beijos do teu amado, Poppy. Todos os beijos que fizerem o teu coração quase explodir de alegria, os que sejam mais especiais, os que tu queres recordar quando fores velha e grisalha como eu. Os que te farão sorrir quando os recordares.

Batendo com a caneta, ela prosseguiu:

– Quando encontrares o rapaz que será o teu amado para sempre, todas as vezes que receberes um beijo superespecial dele, tiras um coração. Anotas onde estavas quando ele te beijou. Depois, quando fores também avó, poderás contá-los à tua neta, à tua parceira, tal como te contei os meus. Terás um frasco do tesouro com todos os beijos preciosos que fizeram o teu coração alcançar o céu.

Fitei o frasco e exclamei:

– Mil são muitos. São muitos beijos, avó!

Ela riu-se.

– Não são tantos quanto pensas, pequenina. Particularmente quando encontrares a tua alma gémea. Tens muitos anos pela frente.

A avó inspirou com dificuldade e o rosto contorceu-se como se tivesse dores.

– Avó – gritei, subitamente muito assustada. A mão dela apertou a minha.

A avó abriu os olhos e desta vez uma lágrima escorreu pela face pálida.

– Avó? – disse eu, agora mais calma.

– Sinto-me cansada, pequenina, cansada, e aproxima-se a hora de partir. Só queria ver-te pela última vez e oferecer-te este frasco. E dar-te um beijo para que me lembre de ti todos os dias no paraíso, até nos voltarmos a ver.

O lábio inferior começou a tremer novamente. A avó abanou a cabeça.

– Nada de lágrimas, pequenina. Não é o fim, apenas uma pausa nas nossas vidas. Estarei a olhar por ti, todos os dias. Estarei no teu coração. Estarei no cerejal de que gostamos tanto, no sol e no vento.

Os olhos da avó encolheram-se e senti a mão da minha mãe nos ombros.

– Poppy, dá um beijo enorme à avó. Ela sente-se cansada e tem de repousar.

Inspirando profundamente, debrucei-me e imprimi um beijo na face da avó.

– Adoro-te, avozinha – sussurrei. Ela afagou-me o cabelo.

– Também te adoro, pequenina. És a luz da minha vida. Nunca te esqueças que te adorei o mais que uma avó pode adorar a netinha.

Mantive a mão dela na minha, pois não queria largá-la, mas o meu pai levantou-me da cama e acabei por a deixar ir. Agarrei com força o frasco, vendo as lágrimas caírem no chão. O meu pai pousou-me e, ao virar-me para partir, a avó chamou-me.

– Poppy?

Olhei para trás. A avó sorria.

– Lembra-te dos *corações de luar e sorrisos de raios de sol*...

– Nunca me hei de esquecer – disse eu, mas não me sentia feliz, apenas triste.

Ouvi a minha mãe a chorar nas minhas costas. DeeDee passou por nós no corredor.

Apertou-me o ombro. Também tinha uma expressão desconsolada.

Não queria estar aqui. Não queria estar mais nesta casa. Virando-me, olhei para o meu pai.

– Pai, posso ir para o cerejal?

Ele suspirou.

– Sim, minha querida. Vou ter contigo depois para ver como estás. Tem cuidado – vi o meu pai tirar o telefone e fazer uma chamada. Pediu à pessoa que me vigiasse enquanto eu estava no cerejal, mas eu fugi antes que pudesse descobrir quem era. Dirigi-me para a porta da entrada, agarrando o meu frasco com os mil beijos vazios do meu amado. Fugi da casa e depois do alpendre. Fugi e fugi, sem nunca parar.

As lágrimas corriam-me pela cara. Ouvi o meu nome ao longe.

– Poppy! Poppy, espera!

Olhei para trás e vi que Rune me observava. Encontrava-se no alpendre da sua casa, mas começou imediatamente a seguir-me pelo relvado. Mas eu não parei, nem sequer por causa dele. Tinha de alcançar as cerejeiras em flor. Era o lugar preferido da avó. Queria ficar no lugar preferido dela. Porque me sentia triste por a ver partir. Para o paraíso.

A sua verdadeira casa.

– Poppy, espera! Vai mais devagar! – gritou Rune, quando dobrei a esquina para o cerejal dentro do parque. Corri pela entrada, as grandes árvores cheias de flores a formar um túnel alto. A relva debaixo dos pés era verde e o céu estava azul. As árvores cobriam-se de tons de rosa e branco intensos. Depois, ao fundo do bosque, ficava a maior árvore de todas elas. Com ramagens baixas e o tronco mais grosso de todo o bosque.

Era a minha favorita e também de Rune.

E da avó.

Ficara sem fôlego. Quando cheguei ao pé da árvore preferida da avó, tombei no chão, agarrada ao frasco, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto. Ouvi Rune parar ao meu lado mas não olhei para cima.

– *Poppymín?* – perguntou Rune. Era assim que me chamava. Significava «A minha Poppy» em norueguês. Adorava que falasse em norueguês comigo. – Não chores, *Poppymín* – sussurrou.

Mas não era capaz de parar. Não queria perder a avó, mesmo sabendo que ela tinha de partir. Sabia que, quando eu voltasse para casa, a avó não estaria lá, nem agora nem nunca mais.

Rune sentou-se ao meu lado e puxou-me para me dar um abraço. Aninhei-me contra o seu peito e chorei. Adorava os abraços de Rune, apertavam-me tanto.

– A minha avó, Rune, está doente e vai-se embora.

– Eu sei, a minha mãe contou-me quando cheguei da escola.

Anuí, encostada ao peito dele. Depois não conseguia continuar a chorar e endireitei-me, limpando as faces. Olhei para Rune, que me observava. Tentei sorrir. Foi quando ele me pegou na mão e a levou ao peito.

– Lamento que estejas triste – disse Rune, apertando-a. A *T-shirt* dele estava quente do sol. – Queria que nunca, *jámais*, estivesses triste. És a *Poppymín*; estás sempre a sorrir. Estás sempre feliz.

Funguei e repousei a cabeça no ombro dele.

– Eu sei. Mas a avó é a minha melhor amiga, Rune, e não vou voltar a vê-la.

Rune não fez comentários a princípio, depois disse:

– Também sou o teu melhor amigo. E não vou a parte alguma. Prometo. Eternamente e para sempre.

O meu peito, que começara a doer-me muito, subitamente aliviou-se. Assenti.

– Poppy e Rune para toda a infinidade – disse eu.

– Para toda a infinidade – repetiu ele.

Ficámos um pouco calados até Rune perguntar:

– Para que serve esse frasco? O que tem lá dentro?

Soltando a mão, peguei no frasco e ergui-o no ar.

– A avó deu-me uma nova aventura. Uma para toda a vida.

As sobrancelhas de Rune vincaram-se e o cabelo loiro e comprido tapou-lhe os olhos. Afastei as madeixas e ele lançou-me o seu sorriso de esguelha. Todas as miúdas da escola queriam que ele lhes sorrisse assim – e tinham-me dito. Mas ele apenas sorria para mim. Informei-as que não o podiam ter, pois era o meu melhor amigo e não tencionava partilhá-lo.

Rune apontou para o frasco.

– Não entendo.

– Lembras-te de quais são as recordações preferidas da avó? Já te contei.

Rune começou a pensar com força até dizer subitamente:

– Os beijos do teu avô?

Indiquei que sim com a cabeça e puxei uma pétala de flor de cerejeira do ramo suspenso a meu lado. Observei a pétala. Eram as preferidas da avó, que gostava delas porque eram efémeras. Dissera-me que as melhores e mais bonitas coisas nunca duravam muito tempo. Dissera que uma flor de cerejeira era demasiado bonita para durar o ano inteiro. Tornava-se especial porque tinha uma vida curta. Como o samurai – beleza extrema, morte rápida. Não entendia bem o que significava, mas ela respondeu que compreenderia quando crescesse.

Talvez estivesse certa. Pois a minha avó não era muito velha e partia ainda jovem – pelo que o meu pai dizia. Talvez fosse por isso que gostava tanto das flores de cerejeira. Por ser como elas.

– *Poppymin?*

A voz de Rune fez-me olhar para cima.

– Estou certo? As recordações favoritas da tua avó eram os beijos que o teu avô lhe dava?

– Sim – respondi, largando a pétala. – Todos os beijos recebidos em que o coração quase explodia no peito. A avó disse que os beijos dele eram a melhor coisa do mundo. Porque significavam que ele a amava imenso. Que a estimava. E que gostava dela por *exatamente* quem era.

Rune olhou para o frasco e inspirou.

– Ainda não entendi, *Poppymin*.

Ri-me ao ver a expressão de lábios esticados e cara crispada. Tinha lábios bonitos; eram carnudos com um arco de Cupido perfeito. Abri o frasco e retirei um coração de papel cor de rosa sem nada escrito. Levantei-o no ar entre nós os dois.

– Isto é um beijo vazio – aponte para o frasco. – A avó deu-me mil para colecionar até ao fim da vida – voltei a colocar o coração no frasco e peguei-lhe na mão. – Uma nova aventura, Rune. Colecionar mil beijos do meu amado antes de

morrer, daquele que será a minha alma gémea.

– Eu... o quê... Poppy? Não entendo! – exclamou ele mas notei a raiva na sua voz. Rune conseguia ser temperamental às vezes.

Retirei a caneta do bolso.

– Quando o rapaz que eu amar me der um beijo, quando for tão especial que o meu coração parece que vai explodir... ou seja, *apenas* os beijos *superespeciais*... irei anotar os pormenores num destes corações. Para quando for velha e grisalha, e quiser contar aos meus netinhos sobre todos os beijos especiais da minha vida. E sobre o rapaz doce que mos deu.

Pus-me de pé num pulo, assolada pela excitação.

– É o que a avó queria que eu fizesse, Rune. Portanto, tenho de começar rapidamente! Quero fazer isto por ela.

Rune também se pôs de pé. Nesse instante soprou uma brisa por entre as pétalas das flores de cerejeira e também entre nós, e eu sorri. Mas Rune não sorria. Estava deveras furioso.

– Vais beijar um rapaz por causa do frasco? Um rapaz especial? Aquele que amares? – perguntou.

Anuí.

– Mil beijos, Rune! *Mil!*

Rune abanou a cabeça e fez novamente beicinho.

– NÃO! – vociferou. O sorriso apagou-se do meu rosto.

– O quê? – perguntei.

Rune avançou um passo para mim, abanando a cabeça violentamente.

– Não! Não quero que beijes rapazes para encheres o frasco! Não vou permitir!

– Mas... – tentei falar, mas Rune pegou-me na mão.

– És a *minha* melhor amiga – afirmou ele e encheu o peito de ar, puxando a minha mão. – Não quero que beijes os rapazes!

– Mas tem de ser – expliquei, apontando para o frasco. – Por causa da minha aventura. Mil são muitos beijos, Rune. Mesmo muitos! Continuarias a ser o meu melhor amigo. Ninguém tem mais importância do que tu, palerma.

Ele fitou-me com dureza e depois olhou para o frasco. O meu peito doía novamente; percebi que não estava nada contente pela expressão no rosto. Amuou mais uma vez.

Aproximei-me do meu melhor amigo e os olhos de Rune fixaram-se nos meus.

– *Poppymin* – disse ele com a voz profunda, forte e dura. – *Poppymin!* Significa que és a *minha Poppy*. Para toda a infinidade, eternamente e para sempre. És a *MINHA* Poppy!

Abri a boca para lhe retribuir o grito, para lhe dizer que era uma aventura e que eu *precisava* de começar. Mas, ao abri-la, Rune debruçou-se e inesperadamente colou os lábios aos meus.

Fiquei parada como uma estátua. Não mexi um único músculo, sentindo os lábios dele contra a minha boca. Estavam quentes. Sabiam a canela. O vento fez esvoaçar aquele cabelo comprido sobre a minha cara, causando-me comichão no nariz.

Rune recuou um pouco, mantendo o rosto próximo do meu. Tentei respirar, mas senti o peito estranho, leve e fofo. E o meu coração batia com força. Com tanta força

que levei a mão ao peito para medir a sua correria.

– Rune – murmurei. Ergui a mão e levei os dedos aos lábios. Rune pestanejou repetidamente, fitando-me. Estiquei a mão e levei os dedos aos lábios dele. – Beijaste-me – sussurrei, atordoada. Rune levantou a mão e tomou a minha. Deixou cair as nossas mãos unidas.

– Vou *eu* dar-te os mil beijos, *Poppymín*. Todos eles. Ninguém *mais* te beijará a não ser *eu*.

Senti os meus olhos ficarem muito abertos, mas o meu coração não desacelerou.

– Isso vai ser para sempre, Rune. Se mais *ninguém* me vai beijar, vamos ter de ficar juntos para sempre, para todo o sempre!

Rune assentiu, sorrindo. Ele não costumava sorrir. Ou fazia um sorrisinho apagado ou esticava os lábios. Mas devia sorrir. Ficava muito bonito.

– Eu sei. Mas vamos estar juntos para sempre. Para toda a infinidade, lembra-te?

Disse que sim com a cabeça e inclinei-a para o lado.

– Vais dar-me todos estes beijos? Até *encheres* o frasco? – perguntei.

Rune sorriu-me novamente.

– Todos eles. Havemos de encher o frasco e não só. Vamos juntar muito mais do que mil.

Arfei. Lembrei-me subitamente do frasco. Retirei a mão para pegar na caneta e abrir a tampa. Pesquei um coração em branco e sentei-me para escrever. Rune ajoelhou-se a meu lado e pousou a mão dele sobre a minha, impedindo-me de continuar.

Olhei para ele, confusa. Ele engoliu em seco, enfiou o cabelo comprido atrás da orelha e perguntou:

– Quando... quando te beijei... sentiste... sentiste que o coração ia explodir no peito? Foi superespecial? Disseste que só os beijos superespeciais entravam no frasco – o rosto corou como um pimentão e baixou os olhos.

Sem pensar, debrucei-me e envolvi o pescoço do meu melhor amigo num abraço. Encostei a cara ao peito dele e escutei o bater do coração.

Batia tão rapidamente como o meu.

– Foi, Rune. Tão especial que nem podia ser ainda mais especial.

Senti Rune sorrir de encontro à minha cabeça. Depois recuei. Cruzei as pernas e alisei o coração de papel sobre a tampa do frasco. Rune sentou-se também, de pernas cruzadas.

– Vais escrever o quê? – perguntou. Bati com a caneta nos lábios, embrenhada em pensamentos. Endireitei-me e inclinei-me para a frente, encostando a caneta ao papel:

Beijo 1

Com o meu Rune.

No bosque das cerejeiras em flor.

O meu coração quase explodiu.

Quando acabei de escrever, coloquei o coração dentro do frasco e fechei a tampa com força. Olhei para Rune, que me observava com atenção, e anunciei com orgulho:

– Pronto. O primeiro beijo que um rapaz me deu!

Rune anuiu, mas o olhar desceu para os meus lábios.

– *Poppymin*?

– Sim – sussurrei. Rune procurou a minha mão. Começou a traçar padrões nas costas dela com a ponta do dedo.

– Posso... posso beijar-te outra vez?

Engoli em seco, sentindo o estômago andar às voltas.

– Queres beijar-me outra vez... já?

Rune assentiu.

– Há algum tempo que me apetecia beijar-te. E, bem, és minha e gostei. Gostei de te beijar. Sabes a açúcar.

– Comi uma bolacha ao almoço. De manteiga e noz pecã. A predileta da avozinha – expliquei.

Rune respirou fundo e inclinou-se para mim. O cabelo dele esvoaçou novamente.

– Quero repetir.

– Está bem.

E Rune beijou-me.

Ele beijou-me e beijou-me e beijou-me.

No final do dia, tinha mais quatro beijos do meu amado dentro do frasco.

Quando entrei em casa, a minha mãe informou-me que a avó partira para o céu. Escondi-me no quarto. Tentei dormir imediatamente. Como ela tinha prometido, encontrei a avozinha nos sonhos. Contei-lhe que tinha recebido os cinco beijos de Rune, o meu amado.

A avozinha riu-se de alegria e deu-me um beijo na cara.

Ia ser a melhor aventura da minha vida.



Notas de Música e Chamas da Fogueira

Rune

Há dois anos

Quinze anos de idade

Fez-se silêncio quando ela apareceu em palco. Bem, nem tudo estava em silêncio – o troar do sangue que corria forte pelas minhas veias rugiu nos meus tímpanos, enquanto Poppy ocupava a cadeira com todos os preceitos. Estava linda naquele vestido preto sem mangas, e o cabelo castanho comprido atado num rolo com a fita branca a espreitar do alto.

Levantei a câmara que trazia constantemente ao pescoço, aproximando a lente do olho enquanto ela posicionava o arco sobre as cordas do violoncelo. Adorava captar este momento. O momento em que ela fechava os olhos verdes e grandes. O momento em que a mais perfeita expressão lhe banhava o rosto – a expressão que antecipa o começo da música. Uma paixão imaculada pelos sons que vão acontecer.

Tirei a fotografia no momento perfeito e a melodia começou então. Baixando a câmara, concentrei-me nela e em nada mais. Não era capaz de tirar fotografias durante o concerto. Não era simplesmente capaz de perder nenhum segundo da sua presença em palco.

Senti os meus lábios traçarem um sorriso ligeiro ao ver o corpo dela ondular ao som da música.

Ela adorava aquela peça, tocava-a desde sempre. Nem precisava de pauta; *Greensleeves* jorrava do seu íntimo pelo arco.

Não conseguia parar de olhar, o meu coração batia como um tambor selvagem, vendo os lábios de Poppy contorcerem-se. As covinhas da sua cara destacavam-se ao concentrar-se nas passagens mais difíceis. As pálpebras não se abriam, mas percebia-se quais as partes que mais adorava. Inclina a cabeça para o lado e um sorriso enorme espalhava-se no rosto.

As pessoas não compreendiam que depois de todo este tempo ela continuava a ser

minha. Tínhamos apenas quinze anos, mas desde o dia em que a beijei no cerejal, aos oito anos, nunca houve mais ninguém. Estava cego para as outras raparigas. Apenas a via a ela. No meu mundo, apenas *Poppy* existia.

E era diferente das raparigas da nossa turma. *Poppy* era peculiar, não das fixes. Não se preocupava com o que as pessoas pensavam dela – jamais se preocupou. Tocava violoncelo porque gostava. Lia livros, estudava porque gostava, acordava cedo para ver o nascer do Sol.

Por esse motivo, ela representava tudo para mim. O meu eternamente e para sempre. Por ser única. Única numa terriola cheia de parvinhas idênticas. Ela não queria pertencer à claqué desportiva, nem andar na vadiagem ou atrás dos rapazes. Sabia que eu lhe pertencia, tal como me pertencia a mim.

Só precisávamos um do outro.

Remexi-me no lugar quando o som do violoncelo se tornou mais suave, anunciando o fim da música. Levantando a câmara novamente, tirei uma última fotografia quando *Poppy* levantou o arco das cordas, com uma expressão satisfeita a banhar-lhe o rosto bonito.

O som dos aplausos fez-me baixar a câmara. *Poppy* afastou o instrumento do peito e levantou-se. Fez uma pequena vénia, depois perscrutou o auditório. O olhar cruzou-se com o meu. Sorriu.

Pensei que o meu coração saltaria do peito.

Retribuí o sorriso, afastando o meu cabelo loiro e comprido do rosto com os dedos. *Poppy* estava corada e saiu depois pelo lado esquerdo do palco, enquanto os holofotes se acendiam em pleno no auditório. *Poppy* tinha sido a última artista da noite. Encerrava sempre o espetáculo. Era a melhor música do distrito, no nosso grupo etário. E, na minha opinião, destacava-se de qualquer outra artista dos três grupos etários seguintes.

Perguntara-lhe em tempos como é que ela conseguia tocar assim. E ela disse simplesmente que tirava a melodia do ar como se respirasse. Não me imaginava com um talento assim. Mas eis *Poppy*, a rapariga mais fantástica do mundo.

Quando o aplauso se esgotou, as pessoas começaram a abandonar o auditório. Uma mão agarrou-me pelo braço. A Senhora Litchfield enxugava uma lágrima. Ela chorava quando ouvia *Poppy* tocar.

– Rune, querido, temos de levar estas duas para casa. Podes cuidar da *Poppy*?

– Sim, senhora – respondi e ri-me ao ver *Ida* e *Savannah*, as irmãs de *Poppy* com nove e onze anos, adormecidas nas suas cadeiras. Ao contrário de *Poppy*, a música não lhes interessava.

A Senhora Litchfield revirou os olhos e fez-me um pequeno aceno, depois virou-se para acordar as miúdas e levá-las para casa. Deu-me um beijo na cabeça e os quatro partiram.

Ao descer a coxia, ouvi palavras murmuradas e risinhos à minha direita. Ao olhar para os assentos, descobri um grupo de caloiras a olhar para mim. Baixei a cabeça, ignorando-as.

Acontecia muitas vezes. Não entendia porque me prestavam tanta atenção. Andei sempre ao lado de *Poppy*. Não queria mais ninguém. Oxalá parassem de tentar afastar-me da minha miúda – nada conseguiria fazê-lo.

Passei pela saída e dirigi-me para a porta dos bastidores. O ar encontrava-se húmido, denso, colando a minha *T-shirt* preta ao peito. As calças de ganga pretas e as botas pretas eram talvez demasiado quentes para o calor primaveril, mas eu usava constantemente este estilo, desatento ao clima.

Vendo os artistas reunidos à porta, encostei-me à parede do auditório, pousando o pé no tijolo pintado de branco. Cruzei os braços, só os descruzando para afastar o cabelo dos olhos.

Observei os artistas a ser abraçados pelas respetivas famílias, mas tive de baixar os olhos pois as tais raparigas estavam a olhar para mim. Não queria que se aproximassem. Nada tinha para lhes dizer.

Os meus olhos continuavam baixos quando ouvi passos a aproximarem-se. Olhei para cima, a tempo de ver Poppy atirar-se contra o meu peito, braços envolvendo-me pelas costas, apertando-me com força.

Soltei uma risada curta e retribui o aperto. Já media quase dois metros e era mais alto do que o metro e meio de Poppy. Mas apreciava esta diferença, pois assim ela encaixava-se perfeitamente em mim.

Inspirando profundamente, inalei o odor adocicado do perfume dela e apertei a cara contra a sua cabeça. Depois de um último apertão, Poppy recuou e sorriu-me. Os olhos verdes pareciam enormes com o rímel e a maquilhagem suave, os lábios cor de rosa suculentos por causa do batom cor de cereja.

Passei as mãos por ela acima, parando apenas quando alcançaram as faces macias. As pestanas de Poppy tremeram, o que lhe dava um ar muito meigo.

Incapaz de resistir à sensação daqueles lábios nos meus, inclinei-me para diante lentamente, quase sorrindo ao ouvir aquele arfar que Poppy expelia sempre que eu a beijava, naquele momento exato antes de os nossos lábios se encontrarem.

E, quando se encontraram, soltei o ar pelo nariz. Poppy tinha sempre aquele sabor a cereja, o sabor do batom que me invadia a boca. E Poppy devolveu-me o beijo, as pequeninas mãos agarradas à minha camisa preta.

Movi a boca contra a dela, lenta e suavemente, até finalmente recuar, e pousei três beijos curtos e leves como penas na boca inchada. Respirei fundo e vi os olhos de Poppy abrirem-se aos poucos.

Tinha as pupilas dilatadas. Lambeu o lábio inferior antes de me lançar um sorriso aceso.

– Beijo trezentos e cinquenta e dois. Com o meu Rune encostada à parede do auditório – sustive a respiração, aguardando a próxima frase. O reluzir nos olhos de Poppy indicou-me que as palavras pelas quais ansiava iriam jorrar dos seus lábios, Aproximando-se, equilibrada em picos de pés, sussurrou: – E o meu coração quase explodiu – só anotava os beijos superespeciais. Só aqueles que lhe enchiam o coração. Sempre que nos beijávamos, ansiava por estas palavras.

Quando surgiam, ela praticamente destroçava-me com aquele sorriso.

Poppy riu-se. Não pude evitar um sorriso de orelha a orelha ao notar a felicidade na sua voz. Depositei novo beijo naqueles lábios e recuei um passo para pousar o braço sobre os ombros dela. Puxei-a para mim e deitei a face na sua cabeça. Os braços de Poppy envolveram-me as costas e estômago e afastámo-nos da parede. Mas Poppy parou de imediato.

Ergui a cabeça, vendo as caloiras apontarem para Poppy e trocarem sussurros. Os olhos não largavam Poppy que continuava nos meus braços.

Cerrei o maxilar. Detestava que a tratassem assim – eram meros ciúmes. As raparigas nunca davam hipótese a Poppy porque queriam o que ela já tinha. Poppy afirmava não se importar, mas eu sabia que não era bem assim. O facto de ter ficado tensa nos meus braços era indício explícito.

Virando-me para ela, esperei que erguesse a cabeça. Mal o fez, eu ordenei:

– Ignora-as.

O meu estômago revirou-se ao vê-la soltar um sorriso forçado.

– Eu ignoro-as, Rune. A mim não me incomodam.

Inclinei a cabeça para o lado e estiquei as sobranceiras. Poppy abanou a cabeça.

– É verdade. Não me incomodam. Estou bem – tentou mentir. Poppy olhou por cima do meu ombro e encolheu os seus. Quando cruzámos os olhares, voltou a falar: – Mas eu entendo. Olha bem para ti, Rune. És lindo. Alto, misterioso, exótico... norueguês! – riu-se e pousou a palma da mão no meu peito. – Tens um estilo rebelde, independente. As raparigas gostam de ti e não conseguem evitar. És tu. És perfeito.

Aproximei-me dela e contemplei os olhos verdes que se abriam.

– E sou *teu* – acrescentei.

A tensão soltou-se dos seus ombros.

Enfie a mão na mão que continuava pousada sobre o meu peito.

– E não sou nada misterioso, *Poppymin*. Conheces tudo sobre mim: sem segredos nem mistérios.

– Para mim – contrapôs ela, cruzando novamente o olhar com o meu. – Para mim não és um mistério, mas para as outras miúdas da escola, sim. Só te querem a ti.

Suspirei, começando a ficar chateado.

– E eu só te quero a ti – Poppy observou-me, como se procurasse encontrar algo oculto na minha expressão. Fiquei ainda mais chateado. Entrelacei os nossos dedos e murmurei: – Para toda a infinidade.

Perante este comentário, um sorriso genuíno nasceu nos lábios de Poppy.

– Eternamente e para sempre – acabou por responder.

Baixei a testa e encostei-a à sua. As minhas mãos agarraram as suas bochechas em concha e garanti-lhe:

– Só te quero a ti e mais ninguém. Desde que tinha cinco anos e me apertaste a mão. Nenhuma outra rapariga mudará isso.

– Ai sim? – perguntou Poppy, mas notava-se que a doce voz tinha humor.

– *Ja* – rebati em norueguês, escutando o som ternurento do risinho dela banhar-me os ouvidos. Ela adorava que lhe falasse na minha língua natal. Beijei-lhe a testa e recuei para lhe pegar nas mãos. – O teu pai e a tua mãe levaram as tuas irmãs para casa; pediram-me para te informar.

Ela anuiu, olhando depois para mim, nervosa.

– O que te pareceu a minha atuação?

Revirei os olhos e enruguei o nariz.

– Terrível, como sempre – disse com secura.

Poppy riu-se e bateu-me no ombro.

– Rune Kristiansen! Não sejas mau! – repreendeu-me.

– Pronto – disse eu, fingindo estar chateado. Puxei-a contra o peito, envolvendo-a com os braços e prendendo-a contra mim. Ela guinchou quando comecei a cobrir-lhe a face de beijos, pois tinha os braços presos. Levei os lábios ao pescoço dela e senti a respiração estremecer, esquecido o riso.

A boca foi mais acima, até agarrar com os dentes o lóbulo da orelha.

– És maravilhosa – sussurrei baixinho. – Como sempre. Foste perfeita ali em cima. O palco era teu. O público era todo teu.

– Rune – murmurou ela. A voz estava repleta de felicidade.

Afastei-me, mantendo-a presa nos meus braços.

– Nunca sinto tanto orgulho em ti como quando te vejo em palco – confessei.

Poppy corou.

– Rune – disse timidamente, mas eu baixei a cabeça para manter o contacto ocular quando ela se tentou afastar. – Carnegie Hall, lembra-te. Um dia irei ver-te atuar em Carnegie Hall.

Poppy conseguiu soltar uma mão e deu-me palmadas suaves no braço.

– És muito lisonjeiro.

Abanei a cabeça.

– Nunca. Apenas digo a verdade.

Poppy encostou os lábios aos meus e senti o beijo percorrer-me até à ponta dos dedos dos pés.

Quando ela se afastou, soltei-a e entrelacei os dedos nos dela.

– Vamos para a mata? – perguntou Poppy enquanto a conduzia pelo estacionamento, apertando-a um pouco mais quando passámos por um grupo de caloiras.

– Preferia estar a sós contigo – disse eu.

– Jorie perguntou se nós iríamos. É que vai o grupo todo – Poppy olhou-me. Pelo retorcer dos lábios, percebi que eu fizera uma careta. – É noite de sexta-feira, Rune. Temos quinze anos e passaste a maior parte da noite a ver-me tocar o violoncelo. Daqui a noventa minutos temos de voltar para casa; devíamos estar com os nossos amigos, como adolescentes normais.

– Okay – cedi e passei o braço por cima dos seus ombros. Debruçando-me, aproximei a boca do ouvido dela e disse: – Mas amanhã és só minha.

Poppy envolveu-me pela cintura e agarrou-me com força.

– Prometo.

Ouvimos as raparigas atrás de mim dizerem o meu nome. Suspirei de frustração ao sentir Poppy ficar tensa.

– É porque és diferente, Rune – comentou Poppy, sem olhar para cima. – Tens veia de artista, tiras fotografias. E usas roupas pretas – riu-se, abanando a cabeça. Afastei o cabelo da cara e Poppy apontou para cima. – Mas deve-se principalmente a isso.

Franzi a testa.

– A quê?

Ela estendeu a mão e puxou uma madeixa do meu cabelo comprido.

– Quando fazes esse gesto. Quando afastas o cabelo para trás dessa forma – ergui a sobrancelha, divertido. Poppy encolheu os ombros. – É assim, irresistível.

– *Ja?* – perguntei, antes de parar diante de Poppy, passando os dedos pelo cabelo exageradamente até ela se rir. – Irresistível, dizes? Para ti também?

Poppy soltava risinhos e eu tirei a mão do cabelo para envolver a sua. Ao acompanharmos o trilho em direção à mata – uma zona do parque na qual a malta da escola se reunia à noite –, Poppy disse:

– Não me incomoda que as outras raparigas olhem para ti, Rune. Sei o que sentes por mim, porque é precisamente o mesmo que sinto por ti.

Poppy chupou o lábio inferior. Indício de que se sentia nervosa, mas não conhecia o motivo até ela dizer:

– A única rapariga que me incomoda é a Avery. Porque te deseja há muito tempo e tenho a certeza que faria qualquer coisa para ficar contigo.

Abanei a cabeça. Nem gostava propriamente de Avery, mas, porque se encontrava no nosso grupo de amigos, estava sempre por perto. Todos os meus amigos gostavam dela; todos julgavam que era a miúda mais gira de todas. Mas eu não concordava e odiava a forma como se comportava para comigo. E como fazia Poppy sentir-se.

– Ela não representa nada, *Poppymin* – garanti-lhe. – *Nada*.

Poppy enroscou-se contra o meu peito e virámos para a direita, ao encontro dos nossos amigos. Cingi-a contra mim quando nos aproximámos. Avery endireitou-se.

Virando a cabeça para Poppy, repeti:

– *Nada*.

A mão de Poppy agarrou a minha camisa, indicando-me que já percebera. A melhor amiga dela, Jorie, levantou-se.

– Poppy! – chamou Jorie com entusiasmo, aproximando-se de Poppy para lhe dar um abraço. Gostava dela. Era tolinha, e falava antes de pensar, mas adorava Poppy e esta retribuía o sentimento. Era uma das poucas pessoas naquela terriola para quem as peculiaridades de Poppy eram apelativas e não apenas estranhas. – Como estás, querida amiga? – perguntou Jorie e recuou. Contemplou o vestido preto que Poppy usara no espetáculo.

– Estás um espanto! Tão gira!

Poppy fez uma vénia de agradecimento. Peguei-lhe novamente na mão. Orientei-a para a pequena fogueira que tinham acendido por cima do buraco no chão e sentámo-nos. Reclinei-me contra um banco feito a partir de um tronco de árvore, puxando Poppy para se encaixar entre as minhas pernas. Lançou-me um sorriso fugaz, quando se sentou comigo, encostando as costas contra o meu peito e ajustando a cabeça no meu pescoço.

– Então, Pops, que tal foi? – perguntou Judson, o meu melhor amigo, do outro lado da fogueira. O outro meu grande amigo, Deacon, encontrava-se ao lado dele. Espetou o queixo em jeito de cumprimento, enquanto a namorada, Ruby, também nos lançava um aceno.

Poppy encolheu os ombros.

– Bem.

Apertando-a pelo peito com força, encarei o meu amigo de cabelo escuro e acrescentei:

– A estrela do espetáculo, como sempre.

– É apenas um violoncelo, Rune. Não tem grande importância – contestou Poppy

baixinho.

Abanei a cabeça para protestar.

– A casa quase ia abaixo com os aplausos.

Notei que Jorie me sorria. Também vi Avery revirar os olhos com desdém. Poppy ignorou-a e começou a conversar com Jorie sobre as aulas.

– Vá, Pops. Juro que o Senhor Millen é um extraterrestre, mas dos maus. Ou um demónio. Porra, deve ser de outro mundo, pelo menos. O diretor deve tê-lo chamado para torturar estes pobres terráqueos com álgebra demasiado difícil. É assim que ele obtém a sua energia vital; estou convencida disso. E acho que ele sabe que eu já percebi. O facto de que *sei* que é um extraterrestre, pois, *céus*! O raio do homem está sempre a chumbar-me e a olhar para mim com ar reprovador!

– Jorie! – riu-se Poppy, com tanta força que o corpo inteiro abanava. Sorri por a ver feliz, mas perdi o interesse. Recostei-me contra o tronco, desatento às conversas. Tracei padrões indolentes no braço de Poppy, querendo ir-me embora. Não me importava de conviver com os nossos amigos, mas preferia estar a sós com ela. Sentia falta da sua companhia; queria estar apenas com ela.

Poppy riu-se com algo que Jorie disse. O riso foi tão forte que deslocou a câmara pendurada ao meu pescoço. Poppy lançou-me um sorriso apologetico. Inclinei-me, virei-lhe o queixo para mim com o dedo e beijei-a nos lábios. Pretendia ser um beijo rápido e doce, mas a mão de Poppy enfiou-se no meu cabelo e puxou-me para si, tornando-o outra coisa. Poppy afastou os lábios e eu estiquei a língua ao encontro da dela, ficando sem fôlego.

Os dedos de Poppy apertaram o meu cabelo. Pousei a mão na cara dela para prolongar o beijo tanto quanto possível. Se eu não precisasse de respirar, talvez o beijo nunca terminasse.

Demasiado perdidos no beijo, apenas nos separámos quando alguém pigarreou no outro lado da fogueira. Levantei a cabeça e vi o sorriso de Judson. Quando me virei para Poppy, ela tinha as faces em fogo. Os nossos amigos abafaram o riso e eu apertei Poppy com mais força. Não teria vergonha de beijar a minha miúda.

Retomou-se a conversa e eu levantei a câmara para verificar se não tinha danos. Fora prenda dos meus pais quando fiz treze anos e perceberam que a fotografia ia ser a minha paixão. Era uma *Canon* antiga dos anos 1960. Trazia-a sempre comigo e tirava milhares de fotografias. Não sabia porquê mas captar instantes fascinava-me. Talvez se devesse ao facto de só nos restarem momentos na vida. Não há repetições; o que acontece num dado instante define a vida – talvez seja a *própria* vida. Mas captar um instante na película mantém esse instante vivo para sempre. Para mim, a fotografia era como magia.

Percorri mentalmente o rolo. Imagens da vida selvagem e planos apertados das cerejeiras em flor ocupariam a maior parte da película. Depois haveria as fotos de Poppy no espetáculo daquele dia. O rosto bonito arrebatado pela música. Só encontrava aquela expressão numa outra circunstância – quando ela olhava para mim. Para Poppy, eu era tão especial como a sua música.

Em ambos os casos, um elo que ninguém seria capaz de quebrar.

Peguei no telemóvel e apontei a câmara para nós. Poppy já não participava na conversa à nossa volta. Percorria silenciosamente o meu braço com as pontas dos

dedos. Apanhando-a desprevenida, tirei a fotografia no momento em que olhou para mim. Soltei uma gargalhada quando a vi semicerrar as pálpebras, chateada. Contudo, sabia que não estava zangada, por muito que tentasse parecer. Poppy adorava que eu tirasse fotografias de nós, mesmo aquelas em que era apanhada desprevenida.

Quando foquei a atenção no telemóvel, o meu coração de imediato começou a golpear o peito. Na imagem, em que Poppy olhava para mim, estava linda. Mas foi a expressão do rosto dela que me arrasou. Aquele olhar verde.

Naquele instante, naquele singelo instante captado, encontrava-se aquela expressão. A que me mostrava com a mesma facilidade que mostrava à sua música. A que indicava que eu lhe pertencia, tal como ela me pertencia a mim. A que dizia que, embora fôssemos ainda novos, já tínhamos encontrado a nossa alma gémea.

– Posso ver?

A voz baixa de Poppy desviou a minha atenção do ecrã. Ela sorriu-me e eu baixei o telemóvel para ela ver.

Observei Poppy, e não a sua imagem, mirar a imagem no ecrã. Observei os seus olhos a suavizar-se e um vestígio de sorriso aflorar aos seus lábios.

– Rune – sussurrou ela, deixando cair o braço para agarrar a minha mão livre. Apertei-lhe a mão e ela disse: – Quero uma cópia dessa. Está perfeita.

Anuí e beijei-a na cabeça.

E é este motivo pelo qual adoro fotografia, pensei eu. É capaz de despertar emoções num estado ainda cru num mero segundo.

Desligando a câmara do meu telemóvel, reparei nas horas indicadas no ecrã.

– *Poppymín* – disse eu baixinho –, temos de voltar para casa. Começa a ficar tarde – Poppy anui. Pus-me de pé e ajudei-a a levantar-se.

– Vão-se já embora? – perguntou Judson.

Assenti.

– Sim. Até segunda.

Despedi-me de todos com um aceno e peguei na mão de Poppy. Não falámos muito no regresso a casa. Quando parámos à porta de Poppy, tomei-a nos braços e apertei-a contra o peito. Pousei a mão no pescoço dela. Poppy olhou para cima.

– Tenho tanto orgulho em ti, *Poppymín*. Não há qualquer dúvida que vais entrar em Julliard. O teu sonho de tocares no Carnegie Hall será cumprido.

Poppy sorriu com alegria e deu um puxão na correia da câmara que trazia ao pescoço.

– E tu vais entrar na Escola de Artes Tisch da universidade de Nova Iorque. Estaremos juntos em Nova Iorque, como está destinado. Como sempre planeámos.

Concordei com um aceno de cabeça e rocei os lábios na sua face.

– E depois ninguém mais nos obrigará a voltarmos para casa a determinada hora – murmurei em tom de brincadeira. Poppy riu-se. Procurando a boca dela, beijei-a suavemente e recuei.

Quando soltei as mãos dela, o Senhor Litchfield abriu a porta, vendo-me afastar da filha e abanou a cabeça, rindo. Sabia perfeitamente o que aquilo era.

– Boa noite, Rune – disse, secamente.

– Boa noite, Senhor Litchfield – respondi, vendo Poppy corar quando o pai lhe indicou que entrasse.

Atravessei o relvado a caminho da minha casa. Abri a porta, passei pela sala de estar e descobri os meus pais sentados no sofá.

Estavam ambos inclinados para a frente com ar tenso.

– *Hei* – disse eu, e a cabeça da minha mãe virou-se para cima.

– *Hei*, querido – disse ela.

Franzi a testa.

– Há algum problema? – perguntei. A minha mãe lançou um relance ao meu pai.

Abanou a cabeça.

– Nada, meu querido. A Poppy tocou bem? Desculpa mas não conseguimos ir.

Olhei fixamente para os meus pais. Escondiam alguma coisa. Era evidente. Mas não adiantaram mais nada e limitei-me a anuir, respondendo à pergunta.

– Ela foi perfeita, como sempre.

Pensei ver lágrimas nos olhos dela, mas rapidamente as afastou. Procurando fugir à situação constrangedora, mostrei a câmara.

– Vou revelar as fotos e depois deitar-me.

Dei meia-volta mas o meu pai disse:

– Amanhã vamos fazer um passeio em família, Rune.

Parei de imediato.

– Não posso ir. Planeei passar o dia com a Poppy.

O meu pai abanou a cabeça.

– Amanhã não podes, Rune.

– Mas... – tentei contrapor, mas o meu pai interrompeu-me com a voz ríspida.

– Já disse que não. Vens connosco, e está decidido. A Poppy pode estar contigo quando voltarmos. Não vamos ocupar o dia inteiro.

– O que se passa, a sério?

O meu pai aproximou-se de mim. Pousou uma mão no meu ombro.

– Nada, Rune. É que te vejo tão pouco por causa do trabalho. Quero alterar isso, portanto, vamos passar o dia na praia.

– Bem, então a Poppy pode acompanhar-nos? Ela adora a praia. É o seu segundo lugar preferido.

– Amanhã, não, filho.

Mantive-me calado, cada vez mais aborrecido, mas percebi que ele não iria ceder.

O meu pai suspirou.

– Vai revelar as tuas fotos, Rune, e para de te preocupares.

Obedecendo, desci para a cave, onde se encontrava uma pequena sala lateral convertida pelo meu pai numa câmara escura. Costumava revelar os rolos à maneira antiga, ao invés de usar uma câmara digital. O resultado era melhor.

Passados vinte minutos, recuei para apreciar a fila das novas fotografias. Também imprimira a foto do meu telemóvel, a de Poppy e eu na mata. Peguei nesta e levei-a para o quarto. De passagem, espreitei o quarto de Alton, para garantir que o meu irmão de dois anos estava a dormir. E assim era, agarrado ao urso de peluche, o cabelo loiro espalhado pela almofada.

Empurrei a porta do meu quarto e liguei o candeeiro. Olhei para o relógio, descobrindo que era quase meia-noite. Afastei o cabelo da cara, dirigi-me para a janela e sorri ao ver a casa dos Litchfield às escuras, exceto pela luz fraca do candeeiro de

Poppy – o sinal de Poppy de que eu podia aparecer sem problemas.

Tranquei a porta do meu quarto e desliguei o candeeiro. O quarto mergulhou na escuridão. Troquei rapidamente de roupa, vestindo uma camisa e calças de pijama. Silenciosamente, levantei a janela e saí para o exterior. Corri pela relva entre as duas casas e subi para o quarto de Poppy, fechando a janela com o máximo silêncio.

Poppy estava deitada, escondida nos lençóis. Tinha os olhos fechados e a respiração mansa e constante. Sorri perante este ar tão fofo, a dormir com a cabeça assente na mão, aproximei-me, deposei a prenda na mesinha de cabeceira e enfiei-me ao lado dela.

Deitei-me, a cabeça a repousar na almofada partilhada.

Há anos que isto acontecia. A primeira noite que passei ao lado dela foi por engano; subira para este quarto quando tinha doze anos para conversarmos mas acabei por adormecer. Felizmente, acordara bem cedo na manhã seguinte e consegui esgueirar-me de volta ao meu quarto antes de ser descoberto. Mas na noite seguinte fiquei de propósito, bem como na noite a seguir e em quase todas as noites após essas. Felizmente nunca fomos descobertos. Não acreditava que o Senhor Litchfield continuasse a gostar de mim se soubesse que eu dormia na cama da filha.

Mas manter-me deitado junto a Poppy tornava-se cada vez mais difícil.

Já tinha quinze anos. Sentia-me diferente ao pé dela. E via-a de forma diferente. Tal como ela me via a mim. Beijávamo-nos mais demoradamente. Os beijos cresciam de intensidade, as nossas mãos viajavam para lugares proibidos. Era cada vez mais difícil pararmos. Eu queria mais. Queria a minha rapariga de todas as maneiras.

Mas éramos muito novos. Tinha consciência disso.

Embora esta consciência não facilitasse a situação.

Poppy remexeu-se ao meu lado.

– Pensava que já não vinhas hoje. Esperei por ti, mas não estavas no quarto – disse estremunhada, afastando-me o cabelo da cara.

Beije-i-lhe a palma da mão, que eu entretanto agarrara.

– Precisei de revelar o rolo e os meus pais estavam estranhos.

– Estranhos? Como assim? – perguntou ela, apertando-se contra mim e depositando um beijo na minha face.

Abanei a cabeça.

– Sei lá... estranhos. Deve passar-se alguma coisa mas não querem arrelhar-me.

Mesmo com a luz fraca notei que as sobrancelhas de Poppy se uniam com ar consternado. Apertei-lhe a mão para a reconfortar.

Lembrando-me da prenda que lhe comprara, levei a mão atrás e tirei a fotografia de cima da mesinha de cabeceira. Estava numa simples moldura prateada. Liguei a lanterna do meu telemóvel e levantei-a para Poppy conseguir ver.

Ela suspirou muito baixinho e pude observar o nascimento de um sorriso que lhe iluminou todo o rosto. Ela pegou na moldura e passou o dedo suavemente pelo vidro.

– Adoro esta imagem, Rune – sussurrou, depois colocou-a de novo na mesinha de cabeceira. Observou-a durante um bocado e então virou-se novamente para mim.

Poppy levantou os lençóis e segurou-os para que eu me enfiasse no interior. Pousei o braço na cintura de Poppy e aproximei-me do rosto dela, despejando vários beijos ternos sobre as bochechas e o pescoço.

Quando alcancei o ponto debaixo da orelha, Poppy começou a soltar risinhos e afastou-se.

– Rune! – sussurrou. – Faz cócegas!

Recuei e entrelacei os dedos nos dela.

– Então – perguntou Poppy, levantando a mão livre para brincar com uma comprida madeixa do meu cabelo –, o que faremos amanhã?

Revirando os olhos, respondi:

– Nada, o meu pai quer levar-nos num passeio de família que vai durar o dia inteiro. À praia.

Poppy ficou entusiasmada.

– A sério? Adoro a praia!

Fiquei desconsolado.

– Ele disse que só podíamos ir nós, *Poppymin*. Só a família.

– Oh! – exclamou Poppy com ar desapontado. Recostou-se na cama. – Foi alguma coisa que eu fiz? O teu pai convida-me sempre para vos acompanhar.

– Não – tranquilizei-a. – É o que te dizia há pouco. Agiram de forma estranha. Ele diz que quer passar um dia em família, mas desconfio que aqui há gato.

– *Okay* – disse Poppy, mas era nítida a tristeza na sua voz.

Peguei-lhe na cabeça com as mãos e prometi:

– Voltarei à hora de jantar. Estaremos juntos amanhã à noite.

Ela pegou no meu pulso:

– Ainda bem.

Poppy olhou-me na luz baça com os olhos verdes muito abertos. Passei a mão pelo cabelo dela.

– És tão bonita, *Poppymin*.

Não precisava de luz para saber que ficara corada. Transpus o pequeno intervalo entre nós e esmaguei os meus lábios nos dela. Poppy suspirou e empurrei a língua para a sua boca, enquanto as mãos dela me agarravam o cabelo.

Era bom de mais, a boca de Poppy cada vez mais fervorosa com o beijo, as minhas mãos a percorrer os braços nus, descendo para a cintura.

Poppy deitou-se de costas e fiz descer a mão para lhe tocar na perna. Segui-a e deitei-me em cima dela. Poppy largou a minha boca com um arquejo. Mas não parei de beijá-la. Arrastei os lábios ao longo do maxilar da minha miúda, beijando-lhe o pescoço, a minha mão a entrar na camisa de noite para acariciar a pele macia da cintura.

Os dedos de Poppy puxaram-me o cabelo e ela levantou a perna, enlaçando com ela a barriga da minha coxa. Gemi ao encontro do seu pescoço, subindo para voltar a tomar aquela boca na minha. Passei a língua pela língua oposta e com os dedos subi pelo corpo dela acima. Poppy quebrou o beijo.

– Rune...

Pousei a cabeça na curva do ombro e pescoço, respirando pesadamente. Desejava-a tanto que era quase um castigo.

Respirei pausadamente enquanto Poppy me afagava as costas, para cima e para baixo. Concentrei-me no ritmo dos dedos, obrigando-me a acalmar.

Passei minutos sem me mexer. Estava feliz por ficar assim em cima dela, inalando

o aroma delicado, a minha mão pousada contra o estômago macio.

– Rune? – sussurrou Poppy. Levantei a cabeça.

A mão de Poppy encontrou imediatamente a minha face.

– Amor? – sussurrou ela, e havia preocupação na sua voz.

– Estou bem – sussurrei como resposta, mantendo a voz tão baixa quanto possível para não incomodar os pais dela. Encarei-a diretamente nos olhos. – É que te quero tanto, tanto – encostei a testa à dela e acrescentei: – Quando estamos assim, quando chegamos tão longe, é como se perdesse a cabeça.

Os dedos de Poppy enlaçaram-se no meu cabelo e fechei os olhos, adorando aquele toque:

– Desculpa, eu...

– Não – respondi, resolutivo, num tom de voz mais alto do que pretendia. Recuei. Os olhos de Poppy eram enormes. – Não. Não voltes a pedir desculpa por isto, por me travares. Não deves sentir-te culpada.

Poppy entreabriu os lábios inchados do beijo e soltou um suspiro demorado.

– Obrigada – sussurrou. Levei os dedos mais abaixo, procurando os dela para os unir aos meus.

Virei-me na cama, abri o braço e indiquei-lhe com a cabeça que se aproximasse de mim. Ela repousou contra o meu peito. Fechei os olhos e concentrei-me em respirar.

Por fim, senti-me levar pelo sono. O dedo de Poppy desenhava traços no meu estômago. Estava quase a dormir quando ela murmurou:

– És tudo para mim, Rune Kristiansen. Espero que tenhas consciência disso.

Os meus olhos abriram-se de rompante ao ouvir aquelas palavras e o meu peito encheu-se de alegria. Coloquei um dedo no queixo dela para lhe levantar a cabeça. A sua boca aguardava o meu beijo.

Beije-i-a ternamente até me separar lentamente. Os olhos de Poppy continuaram fechados. Sorria. Sentindo que o meu peito explodiria ao presenciar a expressão satisfeita daquele rosto, sussurrei:

– Para toda a infinidade.

Poppy aninhou-se contra o meu peito, sussurrando em resposta:

– Eternamente e para sempre.

E juntos adormecemos.



Dunas de Areia e Lágrimas Salgadas

Rune

– Rune, temos de falar – disse o meu pai, enquanto almoçávamos no restaurante sobre a praia.

– Vão divorciar-se?

O rosto do meu pai ficou branco como a cal.

– Céus, Rune, nem pensar – assegurou-me rapidamente e pegou na mão da minha mãe para salientar a resposta. A minha mãe sorriu-me, mas havia vestígios de lágrimas nos seus olhos.

– Então o que se passa? – perguntei. O meu pai reclinou-se lentamente na cadeira.

– A mãe anda preocupada com o meu trabalho, Rune, não comigo. – Continuei perplexo até ele esclarecer: – Querem transferir-me novamente para Oslo, Rune. Apareceu um problema na empresa e vão chamar-me para o resolver.

– Durante quanto tempo? – perguntei. – E quando regressas?

O meu pai passou a mão pelo cabelo loiro espesso e curto, tal como eu fazia.

– Essa é a questão – disse à cautela. – Pode levar anos. Ou meses – suspirou. – Realisticamente, entre um a três anos.

Abri os olhos de espanto.

– Vais deixar-nos sozinhos na Georgia durante esse tempo todo?

A minha mãe estendeu a mão e pousou-a na minha. Olhei-a sem entender. Depois as consequências do que o meu pai dissera começaram a entranhar-se no meu cérebro.

– Não – disse entredentes, sabendo que ele não me faria isto. *Não* me podia fazer isto.

Olhei para cima. Deparei-me com um rosto coberto de culpa.

Afinal, era mesmo.

Agora compreendia. Porque tínhamos vindo à praia. Sem outras companhias. Por que motivo recusara a presença de Poppy.

O meu coração acelerou enquanto os dedos tamborilavam na mesa. O meu pensamento corria em círculos... eles não fariam... ele não faria... eu *não* faria!

– Não – cuspi, em voz alta, atraindo olhares das mesas próximas. – Não vou. Não quero deixá-la.

Virei-me para a minha mãe à procura de apoio, mas ela baixou a cabeça. Afagava-me a mão, mas retirei-a.

– Mãe? – supliquei, mas ela abanou lentamente a cabeça.

– Somos uma família, Rune. Não podemos viver separados durante tanto tempo. Temos de ir juntos. Somos uma *família*.

– Não! – desta vez, berrei, empurrando a cadeira para trás. Pus-me de pé, punhos crispados. – Não vou abandoná-la! Não me podem obrigar! Esta é a nossa casa. *Esta!* Não quero voltar para Oslo!

– Rune – disse o meu pai num tom apaziguador, levantando-se da mesa e estendendo as mãos. Mas não aguentava ficar naquele espaço fechado juntamente com ele. Virei-me sobre os calcanhares, corri para fora do restaurante o mais depressa que pude, dirigindo-me para a praia. O Sol desaparecera atrás de nuvens espessas, levantando um vento frio que agitava a areia. Continuei a correr em direção às dunas, sentindo os grãos de areia a atingir-me o rosto.

Enquanto corria, tentei debater-me contra a raiva que me avassalava. *Como eram capazes? Sabiam o quanto precisava de Poppy.*

Tremia de raiva enquanto subia para a duna mais alta e deixei-me cair, sentando-me no cimo. Recostei-me, olhei o céu acinzentado e imaginei a vida na Noruega sem ela. Fiquei angustiado ante o mero pensamento de não a ter ao meu lado, a segurar-me a mão, a beijar-me os lábios... mal podia respirar.

O meu pensamento voava, à procura de soluções para ficar na Georgia. Pensei e pensei em todas as possibilidades, mas conhecia o meu pai. Quando se decidia, nada lhe mudava a vontade. Eu teria de partir; a expressão dele mostrara-me claramente que não tinha escapatória. Iam separar-me da minha miúda, da minha alma. E nada poderia fazer contra isso.

Ouvi passos na duna atrás de mim e percebi que era o meu pai. Sentou-se a meu lado. Desviei o olhar, a observar a água. Não queria acusar a sua presença.

Permanecemos calados até eu ceder e perguntar:

– Quando partimos?

Senti o meu pai ficar tenso a meu lado e encarei-o. Perscrutava-me o rosto com uma expressão de pena. O meu estômago afundou-se ainda mais.

– Quando? – insisti.

O meu pai baixou a cabeça.

– Amanhã.

Tudo parou.

– O quê? – sussurrei, chocado. – Como é possível?

– A tua mãe e eu já sabemos há um mês. Decidimos não te contar até ao último minuto porque sabíamos como te sentirias. Precisam de mim no escritório na segunda-feira, Rune. Combinámos tudo com a tua escola, transferimos as tuas inscrições. O teu tio está a preparar a casa de Oslo para o nosso regresso. A minha empresa contratou um serviço de mudanças para esvaziar a casa de Blossom Grove e despachar as coisas para a Noruega. Chegam amanhã, pouco depois de sairmos.

Encarei o meu pai. Pela primeira vez na vida, odiei-o. Rangi os dentes e desviei os

olhos. Sentia-me agoniado, tamanha era a raiva que percorria as minhas veias.

– Rune – disse o meu pai baixinho, pousando a mão no meu ombro.

Afastei-lhe a mão.

– Para – sibilei. – Não me voltes a tocar nem a falar comigo – rodei a cabeça. – *Nunca* te perdorei – prometi. – Nunca te perdorei por me separares dela.

– Rune, compreendo... – tentou dizer, mas interrompi-o.

– Não compreendes. *Não* fazes ideia do que eu sinto, do que a Poppy representa para mim. A mínima ideia. Porque, se fizesses, não me afastarias dela. Dirias à tua empresa que *não* podias mudar-te. Que temos de ficar.

O meu pai suspirou.

– Sou o diretor técnico, Rune. Tenho de ir para onde sou preciso, e agora esse lugar é Oslo.

Não me pronunciei. Pouco me importava que fosse o raio do diretor técnico de uma maldita empresa. Estava irritadíssimo por ter sido informado tão em cima do acontecimento. E que tivéssemos de ir. Ponto final.

Quando não reagi, o meu pai disse:

– Vou arrumar as nossas coisas, filho. Aparece junto ao carro daqui a cinco minutos. Vais querer estar com a Poppy esta noite. Ao menos, quero que tenhas isso.

Acumularam-se lágrimas quentes nos meus olhos. Virei a cabeça para que ele não as visse. Sentia-me furioso, tão furioso que nem as conseguia travar, malditas. Nunca chorava de tristeza, apenas de raiva. E agora estava tão desesperado que mal conseguia respirar.

– Não vai ser para sempre, Rune. Alguns anos, depois voltaremos. Prometo. O meu emprego e a nossa vida encontra-se aqui na Georgia. Mas tenho de ir para onde a empresa precisa de mim – afirmou o meu pai. – Oslo não será muito mau; foi de lá que viemos. Sei que a tua mãe vai ficar contente por estar novamente perto da família. Pensei que também gostasses.

Não respondi. Porque alguns anos sem Poppy eram, para mim, uma vida inteira. Pouco me importava a família.

Senti-me perdido, observando o ritmo das ondas, e aguentei tanto quanto pude antes de me levantar. Queria voltar para Poppy, mas, ao mesmo tempo, não sabia como contar-lhe que ia deixá-la. Não suportava a ideia de lhe partir o coração.

Ouvi a buzina e corri para o carro onde a minha família aguardava. A minha mãe tentou sorrir-me, mas ignorei-a e enfiei-me no assento traseiro.

Mantive a atenção concentrada na paisagem enquanto nos afastávamos da costa.

Senti uma mão no braço e, voltando-me, deparei-me com Alton agarrado à manga da minha camisa. Inclina a cabeça.

Desmanchei-lhe o cabelo loiro já de si desgrehado. Alton riu-se, mas o sorriso desvaneceu-se e ficou a olhar para mim durante a viagem de regresso. Era irónico que o meu mano ainda tão pequeno conseguisse perceber melhor que os meus pais o meu nível de dor.

A viagem durou uma eternidade. Quando parámos no acesso de casa, praticamente saltei do carro e corri para a casa dos Litchfield.

Bati à porta de entrada. A Senhora Litchfield apareceu passados poucos segundos. Mal viu o meu rosto, os olhos encheram-se de pena. Olhou para os meus pais do outro

lado do pátio, que tiravam as coisas do carro. Acenou-lhes rapidamente.

Já sabia.

– A Poppy está em casa? – consegui perguntar, forçando as palavras pela minha garganta embargada.

A Senhora Litchfield envolveu-me num abraço.

– Está no cerejal, querido. Passou lá a tarde, a ler – deu-me um beijo na cabeça. – Tenho muita pena, Rune. A minha filha ficará destroçada por te ver partir. És a vida dela.

Também é a minha vida, quis acrescentar, mas não era capaz de falar.

A Senhora Litchfield libertou-me e recuei, saltando do apêndice e correndo o mais que podia para o cerejal.

Alcancei-o em poucos minutos, descobrindo Poppy rapidamente debaixo da nossa cerejeira em flor preferida. Parei, mantendo-me escondido da vista dela enquanto a via ler o livro, com os auscultadores cor de rosa na cabeça. Ramos cobertos de pétalas rosa de flor de cerejeira rodeavam-na como um escudo protetor, abrigando-a do sol. Trazia um vestido branco curto sem mangas e um laço branco muito grande preso de lado no cabelo castanho comprido. Senti-me entrar num sonho.

O meu coração contraiu-se. Desde os cinco anos que estava com Poppy todos os dias. Dormia ao lado dela quase todas as noites desde os doze. Beijava-a todos os dias desde os oito e amava-a plenamente há tantos dias que já nem os contava.

Não fazia ideia de como poderia viver sem ela. Como respirar sem ela a meu lado.

Como se sentisse a minha presença, levantou os olhos da página do livro. Quando entrei na relva, lançou-me um sorriso enorme. Era o sorriso que reservava apenas para mim.

Tentei retribuir, mas não consegui.

Arrastei-me pelas flores de cerejeira caídas, o caminho tão pejado de flores tombadas que parecia um rio de tons rosa e branco debaixo dos pés. Vi o sorriso de Poppy desaparecer quando me aproximei. Não era capaz de esconder-lhe nada. Conhecia-me tão bem como me conhecia a mim mesmo. Percebia que me sentia angustiado.

Já lhe tinha dito que a minha pessoa não tinha mistérios. Para ela, não. Era a única que me conhecia de fio a pavo.

Poppy ficou rígida, mexendo-se apenas para retirar os auscultadores da cabeça. Pousou o livro ao lado dela no chão, abraçou as pernas dobradas e simplesmente aguardou.

Engolindo em seco, caí de joelhos na frente dela e a minha cabeça tombou para diante, derrotada. Debati-me contra o aperto no peito. Por fim, endireitei-me. Havia uma nítida apreensão nos olhos de Poppy, como se soubesse que as palavras que saíam da minha boca mudariam tudo.

Mudar-nos-iam aos dois.

Às nossas vidas.

O fim do mundo.

– Vamos mudar-nos – consegui dizer, engasgado.

O rosto dela empalideceu.

Desviando o olhar, consegui inspirar um pouco de ar e dizer:

– Amanhã, *Poppymin*. Voltamos para Oslo. O meu pai vai afastar-me de ti. Nem sequer tenta ficar.

– Não – murmurou como resposta. Inclinou-se para diante. – Podemos fazer alguma coisa? – A respiração de Poppy acelerou. – Talvez se ficares a viver connosco? Podemos encontrar uma forma. Podemos...

– Não – interrompi. – Sabes bem que o meu pai não permitiria. Sabem há semanas; já me transferiram de escola. Não me contaram apenas porque antecipavam a minha reação. Tenho de ir, *Poppymin*. Não tenho alternativa. Tenho de ir.

Fitei uma pétala de flor solitária que se soltara de um ramo baixo. Tombou leve como uma pena até ao chão. Sabia que, a partir de agora, sempre que visse uma flor de cerejeira lembrar-me-ia de Poppy. Ela passava tanto tempo neste cerejal comigo a seu lado. Era o lugar que mais adorava.

Fechei os olhos, imaginando-a no cerejal sozinha depois de amanhã – sem ninguém para a acompanhar nas aventuras nem ouvir o seu riso... ninguém para lhe dar beijos que quase fizessem o coração explodir, para incluir no seu frasco.

Senti uma dor forte a assolar-me o peito, virei-me para Poppy e o coração partiu-se em dois. Ela continuava imóvel, encostada à árvore, mas o rosto lindo inundara-se de um mar de lágrimas silenciosas, as pequenas mãos a formar punhos fechados que tremiam junto aos joelhos.

– *Poppymin* – disse com a voz rouca, soltando finalmente toda a minha mágoa. Corri para ela e sustive-a nos braços. Poppy derreteu-se contra mim, chorando encostada ao meu peito. Cerrei os olhos, a beber toda a sua mágoa.

Mágoa que era também a minha.

Mantivemo-nos assim durante algum tempo até finalmente Poppy levantar a cabeça e encostar a palma da mão trémula à minha face.

– Rune – disse ela, a voz incerta –, o que... o que farei eu sem ti?

Abanei a cabeça, indicando-lhe silenciosamente que não fazia ideia. Não me sentia capaz de falar, as palavras encontravam-se presas na garganta apertada. Poppy encostou-se ao meu peito, braços como um torno em volta da minha cintura.

Não falámos, deixando as horas passar. O Sol minguou e deixou na esteira um sol laranja queimado. Pouco depois vieram as estrelas, e a Lua também, cheia e luminosa.

Uma brisa fresca envolveu o cerejal, obrigando as pétalas a dançar à nossa volta. Quando senti Poppy começar a arrepiai-se nos meus braços, sabia que tínhamos de voltar.

Levantando as mãos, passei os dedos pelo cabelo espesso de Poppy e sussurrei:

– *Poppymin*, temos de ir – como resposta, ela agarrou-me com mais força.

– Poppy? – tentei novamente.

– Não quero ir – respondeu numa voz quase inaudível, a doce voz agora rouca. Observei os olhos verdes que se fixaram nos meus. – Sairmos deste cerejal implica que chegou a hora de tu me abandonares.

Esfreguei as costas da mão nas suas faces vermelhas. Estavam frias.

– Nada de despedidas, recordas-te? – lembrei-lhe. – Sempre disste que não se diz adeus. Porque nos voltaremos a encontrar em sonhos. Como tu e a tua avó – as lágrimas escorreram dos olhos de Poppy; limpei as gotas com o meu polegar. – E estás fria – disse suavemente. – Faz-se tarde, e preciso de te levar para casa, para que não

arranjes problemas por voltares depois da hora limite.

Poppy obrigou-se a traçar um sorriso fraco.

– Pensei que os viquingues na vida real ignoravam as regras.

Ri-me sem disposição e encostei a testa à dela. Depositei dois beijos leves no canto da sua boca e respondi:

– Acompanho-te até à porta e, quando os teus pais adormecerem, subo para o teu quarto pela última vez. Parece-te bem este ignorar das regras? Sou um viquingue à séria?

Poppy soltou um risinho.

– Sim – respondeu, afastando-me o cabelo comprido dos olhos. – És viquingue suficiente para mim.

Segurei-lhe as mãos, beijei a ponta de cada dedo e obriguei-me a levantar. Ajudei Poppy a levantar-se também e apertei-a contra o peito. Abracei-a com força. Senti o seu aroma doce no nariz. Jurei recordar exatamente como ela era naquele instante.

O vento intensificou-se. Cessei o nosso abraço e dei-lhe a mão. Calados, começámos a avançar pelo caminho pejado de pétalas. Poppy encostou a cabeça ao meu braço, inclinando-a para trás para abarcar o céu noturno. Beijei-lhe o cimo da cabeça e ela soltou um suspiro profundo.

– Já notaste que o céu é bastante escuro por cima deste bosque? É mais escuro do que noutra zona da vila. Negro como breu, a não ser pela lua cheia e as estrelas cintilantes. Serve de cenário às cerejeiras em flor, quase como um sonho – inclinei a cabeça para trás, de modo a ver o céu e um sorriso tolo repuxou-me os cantos da boca. Ela tinha razão. Era quase surreal.

– Só tu notarias isto – comentei, voltando a baixar os olhos. – Consegues ver o mundo de forma diferente dos outros. É uma das coisas que adoro em ti. A aventureira que conheci aos cinco anos.

Poppy apertou ainda mais a minha mão.

– A avó sempre me disse que o paraíso é aquilo que quiseres que seja – a tristeza da sua voz prendeu-me a respiração na garganta. Suspirou. – O lugar favorito da avó era debaixo da nossa cerejeira em flor. Quando ali me sento, e olho para as filas de árvores, e depois para o céu muito negro, pergunto-me se estará sentada também na mesma árvore, no paraíso, olhando para as cerejeiras em flor, como nós, e para o céu escuro como eu agora faço.

– Aposto que sim, *Poppymin*. E sorrirá para ti do alto, como sempre prometeu.

Poppy estendeu o braço e agarrou uma flor de cerejeira cor de rosa. Levantou-a ao nível dos olhos, observando as pétalas.

– A avó também disse que as melhores coisas da vida morrem cedo, como a flor da cerejeira. Porque tanta beleza não pode durar, e não *devia* durar. Fica por um breve instante no tempo, lembrando-nos de que a vida é preciosa antes de desaparecer com a mesma rapidez. Ela dizia que aprendemos mais com a sua curta existência do que algo que fica ao nosso lado para sempre.

A minha garganta contraía-se perante a mágoa da voz dela. Poppy olhou para mim.

– Nada perfeito pode durar uma eternidade, pois não? Como as estrelas cadentes. Vemos as estrelas do costume no céu todas as noites. As pessoas já nem reparam nelas e esquecem-se de que estão ali. Mas, quando alguém assiste a uma estrela cadente,

recorda esse instante para sempre, até formula um desejo.

Respirou fundo.

– Cai tão depressa que as pessoas dão apreço ao curto espaço de tempo durante o qual existe.

Senti uma lágrima tombar nas nossas mãos unidas. Fiquei confuso, sem perceber porque falava ela de assuntos tão tristes.

– Porque está uma coisa tão perfeita e completa e especial destinada a desaparecer. O vento acaba por arrastá-la para longe – Poppy esticou a mão com a flor de cerejeira. – Como esta flor – atirou-a ao ar, no mesmo instante em que soprava o vento. O forte sopro levou as pétalas para longe, ao longo das árvores.

Desapareceu da nossa vista.

– Poppy... – tentei falar mas ela interrompeu-me.

– Talvez sejamos como as flores de cerejeira, Rune. Como as estrelas cadentes. Talvez nos tenhamos amado um ao outro demasiado intensamente e demasiado cedo, e brilhámos com tanta força que nos consumimos – apontou para trás, para o cerejal. – Beleza extrema, morte rápida. Temos esta canção de amor que nos ensina uma lição. E que nos mostra como somos verdadeiramente capazes de amar.

O meu coração caiu para o meu estômago. Rodei Poppy para a colocar diante de mim. A expressão desconsolada naquele lindo rosto feriu-me por dentro.

– Ouve-me – disse eu, em pânico. Pousei as mãos na cara de Poppy e prometi: – Irei voltar para estar contigo. Esta mudança para Oslo não vai ser permanente. Falaremos todos os dias, escreveremos um ao outro. Seremos ainda a Poppy e o Rune. Nada pode quebrar isso, *Poppymin*. Vais ser sempre minha e terás sempre metade da minha alma. Ainda não chegámos ao fim.

Poppy fungou e pestanejou para limpar as lágrimas. Sentia o coração bater com medo da possibilidade de ela desistir de nós. Porque nunca considereei sequer essa via. Não terminariámos nada.

Aproximei-me.

– Não acabou – disse resolutamente. – Para toda a infinidade, *Poppymin*. Eternamente e para sempre. Nunca acabar. Não podes pensar assim. Connosco, não.

Poppy pôs-se em bicos de pés e imitou a minha postura, colocando as mãos no meu rosto.

– Prometes-me, Rune? Porque ainda tenho centenas de beijos do meu amado que preciso que me dês – a voz era tímida e débil... pejada de medo.

Ri-me, sentindo o pavor soltar-se dos meus ossos e sendo substituído por alívio.

– Sempre. E hei de dar-te mais de mil. Dois, três ou mesmo quatro mil.

O sorriso animado de Poppy apaziguou-me. Beijei-a lenta e docemente, apertando-a contra mim tanto quanto podia. Afastámo-nos, as pálpebras de Poppy abriram-se e ela anunciou:

– Beijo número trezentos e cinquenta e quatro. Com o meu Rune, no bosque de cerejeiras... e o meu coração quase explodiu.

Depois Poppy prometeu:

– Os meus beijos são todos para ti, Rune. Mais ninguém irá ter estes lábios, a não ser tu.

Passei os lábios contra os dela mais uma vez e ecoei as mesmas palavras.

– Os meus beijos são todos para ti. Mais ninguém irá ter estes lábios, a não ser tu.

Peguei-lhe na mão e voltámos para as nossas casas. Todas as luzes da minha continuavam acesas. Quando alcançámos a entrada de Poppy, inclinei-me e dei-lhe um beijo na ponta do nariz. Depois passei da boca para a orelha e disse-lhe num murmúrio:

– Dá-me uma hora e já apareço.

– Está bem – sussurrou ela. Sobressaltei-me ao sentir a palma da mão dela pousar no meu peito. Poppy encurtou a distância. A expressão séria no seu rosto enervou-me de súbito. Ela fitou a própria mão e depois passou os dedos lentamente pelo meu peito, descendo pelo meu estômago.

– *Poppymin?* – perguntei, não percebia o que estava a acontecer.

Sem se manifestar, ela retirou a mão e dirigiu-se para a porta. Esperei que se virasse para dar uma explicação mas não o fez. Atravessou a porta aberta, deixando-me colado à entrada. Ainda sentia o calor da mão dela no meu peito.

Quando a luz na cozinha dos Litchfield se acendeu, obriguei-me a entrar em casa. Mas, ao atravessar a porta, descobri um monte de caixas no corredor.

Pensei que deviam ter sido enchidas e guardadas num lugar recôndito para eu não descobrir.

Passei por elas e vi os meus pais na sala. O meu pai chamou-me mas não parei. Entrei no quarto e ele entrou atrás de mim.

Dirigi-me para a cabeceira e comecei a recolher tudo o que queria levar comigo, em particular a moldura com a imagem de Poppy e eu que tirara na noite anterior. Contemplei a fotografia e o meu estômago deu uma reviravolta.

Já tinha saudades dela, se tal fosse possível. Saudades de casa.

Saudades da minha miúda.

Pressentindo que o meu pai estava atrás de mim, disse baixinho:

– Odeio-te por me teres feito isto.

Ouvi a inalação súbita de ar. Virei-me e deparei-me com a minha mãe ao lado dele. Tinha uma expressão tão chocada como a do meu pai. Nunca os tratara daquele modo. Gostava deles. Nunca compreendera porque é que os outros adolescentes não gostavam dos seus progenitores.

Mas agora percebia.

Odiava-os.

Nunca sentira igual ódio anteriormente.

– Rune... – começou a minha mãe, mas eu dei um passo em frente e interrompi-a.

– Nunca perdorei a *nenhum* dos dois por me terem feito isto. Odeio-vos tanto agora que não posso estar ao pé de vocês.

Até eu me espantei com a dureza da minha voz. Era carregada e repleta de raiva que ia tomando conta de mim. Raiva que ignorava poder sentir. Tinha consciência de que era considerado taciturno, temperamental, mas a verdade é que raramente me enraivecia. Mas agora não havia mais nada dentro de mim. Apenas ódio nas veias.

Fúria.

Os olhos da minha mãe encheram-se de lágrimas, mas desta vez não me importei. Queria que se sentissem tão mal como eu.

– Rune... – disse o meu pai, mas virei-lhe as costas.

– A que horas partimos? – vociferei, cortando o que ele tentava dizer.

– Às sete da manhã – informou-me calmamente.

Fechei os olhos; só me restavam algumas *horas* com Poppy. Dali a oito horas iria abandoná-la. Abandonar tudo exceto a fúria. Essa iria viajar comigo, garantia eu.

– Não vai durar para sempre, Rune. Passado algum tempo, tornar-se-á mais fácil. Conhecerão outras pessoas. Esquecerão...

– *Cala-te!* – rugi, virando-me, atirando o candeeiro da cabeceira para o chão. A lâmpada desfez-se com o impacto. Respirei profundamente com o coração aos pulos enquanto olhava para o meu pai. – Não voltes a dizer isso! Jamais esquecerei a Poppy. Amo-a! Não entendes? Representa *tudo* para mim, e *tu* estás a acabar com isso – vi o rosto dele empalidecer. Dei um passo em frente.

As minhas mãos tremiam.

– Não tenho alternativa a não ser acompanhar-vos, sabes bem. Tenho apenas quinze anos. Não sou estúpido a ponto de pensar que podia ficar aqui sozinho – cerrei os punhos. – Mas irei *odiar-te*. Irei *odiar-vos* aos dois todos os dias até ao nosso regresso. Podes pensar que só porque tenho quinze anos vou esquecer a Poppy quando uma galdéria qualquer de Oslo se meter comigo. Mas isso não acontecerá. E vou odiar-vos a cada instante até voltar para ela.

Fiz uma pausa para recuperar o fôlego e continuei:

– E, mesmo assim, irei odiar-te só por me teres arrancado da presença dela. Por causa de ti, vou perder anos sem estar com a minha miúda. Não penses que por ser jovem não sou capaz de reconhecer o que tenho com Poppy. Amo-a. Amo-a mais do que julgas. E fazes-me partir sem considerares sequer os meus sentimentos – virei-lhe as costas, dirigi-me para o armário e comecei a puxar as minhas roupas. – Portanto, a partir de agora, também não me vou importar com os vossos sentimentos. *Nunca* te vou perdoar por isto. A nenhum de vocês, mas *especialmente* a ti, pai.

Comecei a fazer a mala que a minha mãe terá colocado na minha cama.

O meu pai manteve-se onde estava, olhando para o chão em silêncio. Por fim, virou-se e saiu.

– Dorme, Rune. Temos de nos levantar cedo.

Todos os cabelos da nuca se me arrepiaram com a desconsideração dele sobre o que eu acabara de afirmar até ele acrescentar calmamente:

– Tenho muita pena, filho. Eu *sei* que a Poppy é muito importante para ti. Tentei adiar contar-te o que se passava para te poupar semanas de mágoa. Afinal não ajudou em nada. Mas a vida é assim, e é o meu emprego. Um dia compreenderás.

A porta fechou-se atrás dele. Tomei na cama. Esfreguei o rosto. Os ombros descaíram quando olhei para o armário vazio. Mas a raiva permanecia, a consumir-me as entranhas. Ainda mais forte do que antes.

Tinha a certeza de que não se iria embora.

Atirei a minha derradeira camisa para a mala, sem me importar de amarrotá-la. Dirigi-me à janela e vi que a casa de Poppy mergulhara nas trevas, a não ser pelo candeeiro fraco indicando que o caminho estava livre.

Depois de fechar a porta do quarto, esgueirei-me pela janela e corri pelo relvado. A janela encontrava-se ligeiramente aberta, à minha espera. Entrei e fechei-a nas minhas costas.

Poppy estava sentada na cama, mesmo no meio, com o cabelo solto e a cara recém-lavada. Engoli em seco ao ver como estava linda na camisa de noite branca, braços e pernas expostos e a pele tão macia e lisa.

Aproximei-me da cama e vi a moldura na sua mão. Quando olhou para cima, percebi que estivera a chorar.

– *Poppymin* – exclamei docemente, a voz embargada por a ver tão triste.

Poppy pousou a moldura na cama e deitou a cabeça na almofada, dando palmadinhas no colchão a seu lado. O mais rápido que pude, deitei-me ali, remexendo-me até poucos centímetros nos separarem.

Mal vi os olhos raiados de Poppy, a raiva dentro de mim pareceu incendiar-se.

– Amor – disse eu, tapando a mão com a dela. – Não chores, por favor. Não aguento ver-te chorar.

Poppy engoliu em seco.

– A minha mãe disse-me que vocês vão partir logo de manhãzinha.

Baixei os olhos e anuí devagar.

Os dedos de Poppy percorreram a minha testa.

– Só nos resta esta noite, então – disse ela. Senti uma lança trespassar-me o coração.

– *Ja* – respondi, pestanejando.

Ela encarava-me com um olhar estranho.

– O que foi? – perguntei.

Poppy aproximou mais o corpo. Ficou tão próxima de mim que os nossos peitos se tocavam e os lábios dela pairavam sobre os meus. Senti o aroma a pasta dentífrica de menta.

Lambi os lábios e o meu coração começou a bater desenfreado. Os dedos de Poppy desceram pelo meu rosto, pelo meu pescoço e pelo meu peito, até alcançarem os fundilhos da camisa. Remexi-me na cama, a precisar de mais espaço, mas, antes de me afastar, Poppy aproximou-se mais e forçou a boca contra a minha. Mal senti o sabor dela nos lábios, inclinei-me para ela e a sua língua entrou ao encontro da minha.

Beijou-me lentamente, com mais intensidade do que nas outras vezes. Quando a mão levantou a minha camisa e pousou no meu estômago nu, estiquei a cabeça para trás, engolindo em seco. Sentia a mão de Poppy a tremer contra a minha pele. Perscrutei-lhe os olhos e o meu coração deu um pulo.

– *Poppymin* – sussurrei e percorri o braço despido dela com a mão. – O que estás a fazer?

Poppy subiu a mão até pousá-la no meu peito, e a minha voz calou-se perante o aperto na minha garganta.

– *Rune?* – sussurrou Poppy, inclinando a cabeça para depositar cuidadosamente um único beijo no fundo da minha garganta. Os meus olhos fecharam-se ao sentir a boca quente na minha pele. E, contra o meu pescoço, Poppy disse: – Eu... desejo-te...

O tempo imobilizou-se. Os meus olhos abriram-se de imediato. Poppy afastou-se um pouco e inclinou a cabeça até os nossos olhares se cruzarem.

– Poppy, não – protestei, abanando a cabeça, mas ela calou-me com o dedo.

– Não posso... – calou-se, recompondo-se e continuou: – Não posso deixar-te partir e nunca saber como seria estar contigo – fez uma pausa. – Amo-te, *Rune*. Muito.

Espero que saibas isso.

O meu coração disparou noutro tipo de pulsação em que se sabe ter o amor da sua outra metade. Mais forte e mais rápido. E infinitamente mais forte do que anteriormente.

– Poppy – sussurrei, completamente rendido pelas suas palavras. Sabia que me amava, porque eu a amava. Mas era a primeira vez que nos tínhamos declarado em voz alta.

Ela ama-me...

Poppy aguardou calada. Sem saber como responder, passei a ponta do nariz pela cara dela, afastando-me apenas uma fração de modo a encarar-lhe os olhos.

– Jeg elsker deg.

Poppy engoliu em seco, sorrindo.

Sorri também.

– Amo-te – traduzi para inglês, para garantir que ela compreendia perfeitamente.

A expressão dela ficou novamente séria e sentou-se no meio da cama. Pegando-me na mão, fez-me sentar diante de si. As mãos caíram para o fundo da minha camisa.

Com uma respiração entrecortada, ela puxou-a para cima e tirou-me pela cabeça. Fechei os olhos e senti um beijo quente no meu peito. Abri-os novamente e vi Poppy lançar-me um sorriso tímido. Derreti-me ao ver a expressão nervosa.

Ela nunca estivera mais bonita.

Tentando debater-me contra os meus próprios nervos, pousei a mão na sua cara.

– Não temos de fazer isto, Poppy. Só porque vou partir... não tens de fazer isto por mim. Irei regressar, garanto-te. Quero esperar até te sentires preparada.

– Estou preparada, Rune – afirmou ela, voz límpida e nivelada.

– Se achares que somos demasiado novos...

– Em breve faremos dezasseis anos.

Sorri, notando a paixão na sua voz.

– Muitas pessoas consideram que é cedo de mais.

– Romeu e Julieta tinham a nossa idade – contrapôs. Não pude deixar de rir. Mas parei de rir quando ela se aproximou mais e passou a mão pelo meu peito. – Rune – sussurrou –, sinto-me preparada há algum tempo, mas não me importava de esperar, pois tínhamos muito tempo à nossa frente. Não havia pressa. Agora não temos esse luxo. O nosso tempo, *este* tempo, é limitado. Apenas nos restam poucas horas. Amo-te. Amo-te mais do que possa acreditar-se. E... e penso que sentes o mesmo por mim.

– *Ja* – respondi prontamente. – Amo-te.

– Eternamente e para sempre – disse Poppy com um suspiro, afastando-se de mim. Sem deixar de me olhar nos olhos, ela levou a mão à alça da camisa de noite e fê-la cair. Repetiu o processo com a outra alça e a camisa de noite tombou para as ancas.

Imobilizei-me. Não conseguia mexer-me, vendo Poppy colocar-se diante de mim, nua.

– *Poppymin* – exalei, convencido de que não merecia esta rapariga... este momento. Aproximei-me, até ficar junto a ela. Perscrutei-lhe os olhos. – Tens a certeza, *Poppymin*?

Poppy entrelaçou os dedos nos meus e trouxe as duas mãos unidas para a sua pele exposta.

– Sim, Rune. Tenho a certeza. Quero isto.

Não consegui aguentar mais. Cedi e beijei-lhe os lábios. Tínhamos poucas horas. Ia passá-las com a minha miúda, de todas as maneiras possíveis.

Poppy tirou a mão da minha e explorou o meu peito com os dedos, nunca quebrando o beijo. Percorri as costas dela com os meus dedos, puxando-a mais para mim. Ela estremeceu ante o meu toque. A minha mão desceu, tocando na bainha da camisa de noite junto à coxa dela. Depois ascendeu, até pensar que tinha ido longe de mais.

Poppy recuou e pousou a testa no meu ombro.

– Não pares – indicou, arquejando. Assim fiz, engolindo em seco por causa dos nervos que me constrangiam a garganta.

– Rune – murmurou.

Fechei os olhos ante o som da sua voz doce. Adorava-a sem fim. Por causa disso não queria magoá-la. Não queria ser responsável por a levar demasiado longe. Queria que se sentisse especial. Queria que compreendesse que era o meu mundo.

Ficámos assim unidos durante um minuto, presos naquele instante, à espera do que se seguiria.

Depois as mãos de Poppy desceram para o fundo das minhas calças e eu abri os olhos. Examinava-me de perto.

– Isto... não faz mal? – perguntou ela cuidadosamente. Anuí, vazio de palavras. Com a mão livre, ela orientou-me para a despir, até as nossas roupas estarem espalhadas pelo chão.

Poppy sentou-se calmamente diante de mim, mãos irrequietas no colo. O cabelo castanho comprido caía sobre um ombro e tinha as faces coradas.

Nunca a vira tão nervosa.

Nunca me sentira tão nervoso.

Estendendo a mão, passei o dedo pela cara vermelha. Ante o meu toque, os olhos de Poppy palpitararam e um sorriso tímido adornou-lhe os lábios.

– Amo-te, *Poppymin* – sussurrei.

Um suspiro delicado escapou-se da sua boca.

– Também te amo, Rune.

Os dedos de Poppy envolveram o meu pulso e cuidadosamente deitou-se na cama, guiando-me para diante até ficar a seu lado, o meu tronco movendo-se para cobrir o dela.

Inclinando-me, despejei uma imensidão de beijos nas faces coradas e na testa, terminando num beijo demorado na boca quente. A mão trémula de Poppy enfiou-se no meu cabelo e puxou-me para si.

Pareceu terem decorrido meros segundos quando Poppy se mexeu debaixo de mim, interrompendo o beijo. Pousou a palma da mão na minha cara e disse:

– Estou pronta.

Enfiando o nariz na palma da mão dela, beijei os dedos pousados na minha face e absorvi as suas palavras. Poppy inclinou-se para o lado e tirou algo da gaveta da mesinha de cabeceira. Entregando-me o pequeno pacote, debati-me contra um ataque súbito de nervosismo.

Encarei Poppy e a cara dela ficou vermelha.

– Sabia que este dia havia de chegar em breve, Rune. Queria garantir que estávamos preparados.

Beijeí a minha miúda até ganhar coragem para continuar. Não demorou, a tempestade interior a ser acalmada pelo toque de Poppy até saber que estava pronto.

Poppy abriu os braços, orientando-me para cima dela. A minha boca fundiu-se com a sua e durante um tempo infindável trocámos apenas um beijo. Senti o sabor de cereja do batom, adorando a sensação da pele nua e quente contra a minha.

Recuei para respirar. Os meus olhos cruzaram-se com os de Poppy, e ela deu-me a indicação. A sua expressão mostrava o desejo que sentia por mim, igual ao que eu sentia por ela. Mantive o olhar preso no dela e não o quebrei nem uma vez.

Nem por um único segundo.

Quando terminou, abracei-a com ternura. Virámo-nos um para o outro, no abraço dos lençóis. A pele de Poppy era quente ao toque e a respiração voltava aos poucos ao ritmo normal. Entrelaçámos os dedos sobre a almofada que agora partilhávamos, num aperto forte, com as mãos a tremer ligeiramente.

Nenhum de nós se atrevera a falar. Examinava Poppy, atenta a todos os meus movimentos, e rezei para que ela não se arrependesse do que tínhamos feito.

Vi-a engolir em seco e inspirar demoradamente. Quando soltou o ar, baixou os olhos para as nossas mãos unidas. O mais lentamente possível, passou os lábios pelos nossos dedos entrelaçados.

Fiquei parado.

– *Poppymin* – disse eu, e o olhar dela subiu para mim. Uma madeixa comprida caíra sobre o seu rosto, que eu afastei, prendendo-a atrás da orelha dela. Manteve-se calada. Necessitando que ela soubesse a importância que tinha para mim a nossa recente partilha, sussurrei – Amo-te tanto. O que fizemos... estar assim contigo... – calei-me, incerto de como exprimir o que queria dizer.

Ela não respondeu e o meu estômago começou às voltas, temendo ter feito algo de errado. Fechei os olhos de frustração, senti a testa de Poppy encostar-se à minha e os lábios murmurarem beijos contra os meus. Mexi-me na cama até estarmos tão juntos quanto possível.

– Vou recordar esta noite até ao fim da minha vida – confidenciou-me ela e o medo que me assolara desapareceu do meu espírito.

Pestanejei até abrir os olhos e apertei os braços à volta da cintura dela.

– Foi... foi especial para ti, *Poppymin*? Tão especial como foi para mim?

Poppy soltou um sorriso tão aberto que me cortou a respiração.

– Mais especial não há – respondeu baixinho, ecoando as palavras que me tinha dito aos oito anos em que a beijeí pela primeira vez. Incapaz de outro gesto, beijeí-a com todo o meu fervor, investindo o meu amor inteiro no beijo.

Quando nos separámos, Poppy apertou-me a mão e os olhos encheram-se de lágrimas.

– Beijo trezentos e cinquenta e cinco, com o meu Rune, no meu quarto... depois de termos feito amor pela primeira vez – tomando a minha mão, pousou-a no peito, diretamente sobre o coração. Senti os batimentos pesados sob a minha palma. Sorri.

Sabia que as lágrimas eram de felicidade e não de tristeza.

– Foi tão especial que o meu coração quase explodiu – acrescentou com um sorriso.

– Poppy – murmurei, sentindo o peito contrair-se.

O sorriso de Poppy cedeu e vi as lágrimas começarem a tombar na almofada.

– Não quero que me deixes – disse ela, arrasada.

Não aguentei a dor na sua voz. Ou o facto de as lágrimas agora conterem tristeza.

– Eu não quero deixar-te – respondi com sinceridade.

Não dissemos mais nada. Pois nada mais havia para dizer. Senti o cabelo de Poppy entre os dedos, enquanto ela percorria o meu peito com as pontas dos seus. Não demorou até a respiração de Poppy se tornar constante e a mão interromper-se na minha pele.

O ritmo da sua respiração controlada embalou os meus olhos. Tentei manter-me acordado tanto quanto possível, saborear o tempo que me restava. Mas não demorou muito até adormecer, numa mistura agridoce de felicidade e tristeza que me percorria as veias.

Parecia ter acabado de fechar os olhos quando senti o calor do sol nascente a beijar-me a cara. Pestanejei até os conseguir abrir e vi o novo dia que entrava pela janela de Poppy.

O dia da minha partida.

As minhas entranhas contraíram-se ao ver o relógio. Faltava uma hora.

Ao olhar para Poppy, que dormia contra o meu peito, pensei que nunca a vira tão bonita. A pele estava corada do calor dos nossos corpos e sorri quando descobri as nossas mãos ainda unidas sobre o meu estômago.

Um nervosismo súbito percorreu-me ao recordar a noite anterior.

Ela tinha um ar tão feliz, assim adormecida. O meu maior medo era que pudesse acordar e arrepender-se do que tínhamos feito. Queria tanto, tanto, que adorasse o que fizéramos na mesma medida que eu. Queria que a imagem de nós juntos ficasse tão gravada na sua memória como estaria na minha.

Como se pressentisse o meu olhar fixo, Poppy abriu os olhos, lentamente. Vi a lembrança da noite anterior iluminar-lhe a expressão. Arregalou os olhos ao olhar os nossos corpos, as nossas mãos. O meu coração deu um pulo, ansioso, mas um sorriso demorado e belo desenhou-se nos seus lábios. Ao ver isto, acerquei-me dela. Poppy enterrou a cabeça no meu pescoço e envolvi-a nos braços. Apertei-a tanto tempo quanto tinha disponível.

Finalmente, levantei a cabeça e verifiquei novamente o relógio. Senti a raiva da véspera retornar em força.

– *Poppymin* – sussurrei, ouvindo a ira crispada da minha voz rouca. – Eu... tenho de ir.

Poppy ficou hirta nos meus braços. Ao virar-se, trazia as faces húmidas.

– Eu sei.

Senti lágrimas correrem-me também pelo rosto. Poppy limpou-as com ternura. Agarrei-lhe a mão e deposei um beijo singelo na sua palma. Fiquei mais uns minutos, registando todos os pormenores da cara de Poppy, antes de me obrigar a sair da cama e vestir-me. Sem olhar para trás, passei pela janela e corri pelo relvado, sentindo o

coração abrir feridas a cada passo que dava.

Subi para a minha janela. A porta do quarto fora aberta do exterior. O meu pai encontrava-se junto à cama. Durante um breve instante, o meu estômago revirou-se ao ter sido descoberto. Mas depois uma fúria acendeu-se dentro de mim e ergui o queixo, desafiando-o a criticar-me.

Queria luta.

Não permitiria que me envergonhasse por ter passado a noite com a miúda que amava.

Aquela de quem ele me queria afastar.

Ele virou-se e saiu sem dizer nada.

A meia hora passou num instante. Lancei um relance ao meu quarto, pela última vez. Levantando a mochila, enfiei-a ao ombro e saí, com a câmara pendurada ao pescoço.

Os Litchfield encontravam-se já no acesso, ao lado de Ida e Savannah, despedindo-se dos meus pais com abraços. Vendo-me sair pela porta, vieram ao meu encontro e também se despediram com um abraço.

Ida e Savannah correram para mim e agarraram-me pela cintura. Afaguei-lhes o cabelo. Quando se afastaram, ouvi abrir-se uma porta. Levantei os olhos e encontrei Poppy, que corria. Tinha o cabelo molhado, sem dúvida acabada de sair do banho, mas estava mais bela do que nunca, correndo ao nosso encontro, mas olhando apenas para mim.

Quando alcançou a nossa entrada, deteve-se por um momento para abraçar os meus pais e dar um beijo de despedida a Alton. Depois virou-se para mim. Os meus pais entraram no carro e os pais e irmãs de Poppy voltaram para casa, concedendo-nos alguma privacidade. Não perdi tempo e estendi os braços. Poppy correu para o meu peito. Apertei-a com força, sentindo o doce aroma daquele cabelo.

Levei o dedo ao queixo dela, inclinei-lhe a cabeça para trás e pousei um último beijo. Um beijo que continha tanto amor quanto aquele que me enchia o coração.

Ao separar-me, Poppy disse entre lágrimas que escorriam pela sua cara.

– Beijo número trezentos e cinquenta e seis. Com o meu Rune no acesso de casa... no dia em que me deixou.

Fechei os olhos, pois não aguentava a dor que ela sentia... a mesma dor que me assolava.

– Filho? – Olhei por cima do ombro de Poppy para o meu pai. – Temos de ir – disse com ar apologetico.

As mãos de Poppy apertaram a minha camisa. Os grandes olhos verdes brilhavam por causa das lágrimas, como se procurasse memorizar todos os traços do meu rosto. Enfim, soltei-a, levantei a câmara e carreguei no botão.

Captei o momento raro: o momento preciso em que se partiu um coração alheio.

Avancei para o carro, sentindo os pés arrastarem toneladas. Entrando no assento traseiro, nem sequer tentei travar as lágrimas. Olhei para Poppy de pé, ao lado do nosso carro, o cabelo húmido a esvoaçar ao vento, vendo-me partir, acenando um adeus.

O meu pai ligou o motor. Desci o vidro da janela. Estiquei o braço e Poppy agarrou-me na mão. Olhando para o rosto dela pela derradeira vez, ela disse:

– Encontramo-nos nos teus sonhos.

– Encontramo-nos nos meus sonhos – sussurrei em resposta e larguei a mão dela, cheio de relutância quando o meu pai arrancou. Fiquei a ver Poppy pelo vidro traseiro, que me acenava, até a perder de vista.

Sustive a memória daquele aceno de despedida.

Jurei que iria lembrar-me dele até igual aceno acolher o meu regresso.

Até significar de novo um «olá».



Silêncio

*Rune
Oslo
Noruega*

Um dia depois tinha regressado a Oslo e um oceano separava-se agora de Poppy.

Durante dois meses, todos os dias falámos um com o outro. Procurei sentir-me feliz com o facto de termos isso, pelo menos. Mas, quando o dia terminava sem a ter a meu lado, o ódio dentro de mim ia crescendo. Ódio pelo meu pai, que aumentava, até romper o meu íntimo e deixar-me vazio. Resisti a estabelecer novas amizades na escola, resisti a sentir-me regressado a casa.

A minha casa ficara na Georgia.

Com Poppy.

Poppy nada comentou a respeito da minha alteração de humor, se é que tinha notado. Esperava ter conseguido escondê-la. Não queria que ela se preocupasse comigo.

Depois, um dia Poppy não me devolveu as chamadas, nem os *e-mails* nem os SMS.

Nem no dia seguinte nem no outro.

Desapareceu da minha vida.

Poppy simplesmente desapareceu. Sem mais palavras nem vestígios.

Saiu da escola. Saiu da terra em que vivia.

A família fez as malas e partiu sem avisar.

Durante dois anos deixou-me totalmente só no outro lado do Atlântico, sem saber o que lhe acontecera nem onde estava. Sem saber o que tinha eu feito de mal. Levando-me imaginar que talvez tivesse exagerado o meu comportamento na véspera da minha partida.

Foi o segundo instante que marcou a minha vida.

Uma vida sem Poppy.

Sem o infinito.

Sem o eternamente para sempre.

Apenas... o vazio.



Antigos Amores e Novos Desconhecidos

Poppy

Blossom Grove, Georgia

No dia de hoje

Dezassete anos de idade

– Ele vai voltar.

Três palavras. Três palavras que tornaram a minha vida um rodopio. Três palavras que me apavoravam.

Ele vai voltar.

Olhei para Jorie, a minha maior amiga, e apertei os livros contra o peito. O meu coração disparou como um canhão e senti-me fraca por causa dos nervos.

– O que disseste? – sussurrei, ignorando os alunos à nossa volta no corredor, que corriam para as aulas.

Jorie pousou a mão no meu braço.

– Poppy, sentes-te bem?

– Sim – respondi com voz fraca.

– A sério? Ficaste pálida. Não pareces bem.

Anuí, tentando ser convincente, e perguntei:

– Quem... quem te disse que ele ia voltar?

– O Judson e o Deacon – respondeu ela. – Acabei de ter uma aula com eles e disseram que a empresa do pai dele mandou-o voltar novamente – encolheu os ombros. – Desta vez é para ficar.

Engoli em seco.

– Para a mesma casa?

Jorie fez uma careta, assentindo.

– Lamento, Pops.

Fechei os olhos e respirei fundo, tentando acalmar-me. Ele voltaria a estar na porta ao lado... no quarto em frente ao meu, outra vez.

– Poppy? – perguntou Jorie e abri os olhos. Tinha uma expressão condoída. –

Estás mesmo bem? Também tu voltaste apenas há poucas semanas. E sei o que implica para ti a presença do Rune...

Forcei um sorriso.

– Não se passa nada, Jor. Já não sei quem ele é. Dois anos é muito tempo sem nos termos falado.

Jolie franziu o cenho.

– Pop...

– Não se passa nada – insisti, levantando a mão. – Tenho de ir para a aula.

Afastava-me de Jorie quando uma pergunta surgiu na minha cabeça. Olhei por cima do ombro para a minha amiga, a única amiga com quem mantivera contacto nos dois últimos anos. Enquanto todas as pessoas julgavam que a família havia abandonado a vila para tomar conta da tia da nossa mãe, que estava doente, apenas Jorie conhecia a verdade.

– Quando? – lá reuni a coragem para perguntar.

O rosto de Jorie suavizou-se ao perceber o sentido da minha pergunta.

– Esta noite, Pops. Ele chega esta noite. O Judson e o Deacon andam a espalhar a notícia de que haverá uma festa de boas-vindas na mata. Toda a gente vai.

Foi como se as palavras fossem um punhal cravado no coração. Não fora convidada. Mas fazia sentido. Abandonara Blossom Grove e não me despedira de ninguém. Quando voltei à escola, sem estar nos braços de Rune, tornei-me a rapariga que sempre fora – invisível para os mais populares. A miúda estranha que usava lacinhos no cabelo e tocava violoncelo.

Ninguém – exceto Jorie e Ruby – se interessava minimamente que eu tivesse partido.

– Poppy? – Jorie chamou novamente.

Pestanejei, voltando à realidade, e notei que os corredores estavam praticamente vazios.

– É melhor ires para as aulas, Jor.

Ela avançou um passo na minha direção.

– Ficarás bem, Pops? Fico preocupada contigo.

Soltei uma gargalhada sem humor.

– Já passei por pior.

Baixei a cabeça e corri para a sala de aula antes de poder ver a pena e comiseração no rosto de Jorie. Entrei na aula de Matemática, sentando-me no lugar no instante em que o professor começou a falar.

Se alguém me tivesse perguntado mais tarde qual o tema da aula, não teria conseguido responder. Durante cinquenta minutos só conseguia pensar na ocasião em que vira Rune pela última vez. A última vez que ele me abraçou. A última vez que tinha tocado nos meus lábios com os seus. A forma como fizemos amor e a expressão no seu lindo rosto quando foi retirado da minha vida.

Futilmente, tentei imaginar como seria agora o seu aspeto. Sempre fora alto com ombros largos e bem constituído. Mas, no resto, dois anos eram demasiado tempo para haver mudanças na nossa etapa da vida. Sabia-o melhor do que ninguém.

Perguntei-me se os seus olhos ainda seriam azuis como cristais sob o brilho do sol. Perguntei-me se ainda usaria cabelo comprido e se ainda o afastaria da cara

continuamente – aquele gesto irresistível que enlouquecia as raparigas.

E, por um breve instante, questionei-me se ainda pensaria em mim, na sua vizinha. Se ainda pensava no que eu andaria a fazer a cada instante. Se recordava aquela noite. A nossa noite. A noite mais espetacular da minha vida.

Depois um pensamento funesto atingiu-me com força. A pergunta que me deixava fisicamente agoniada... teria beijado ele outra naqueles últimos dois anos?

Teria dado a mais alguém os seus lábios, quando me prometera que seriam eternamente para mim?

Ou pior ainda: teria feito amor com outra rapariga?

A campainha estridente arrancou-me aos pensamentos. Levantei-me da carteira, abrindo caminho para o corredor. Ainda bem que o dia de aulas terminara.

Sentia-me cansada e dorida. Mas, acima de tudo, com o coração magoado, pois sabia que Rune iria voltar para a casa contígua à nossa ao final da noite, para a escola no dia seguinte e não me sentiria capaz de falar com ele. Não seria capaz de lhe tocar ou sorrir-lhe, como sonhara fazer desde o dia em que não lhe devolvi os telefonemas.

E não seria capaz de o beijar com ternura.

Tinha de manter-me longe.

O meu estômago revoltou-se ao perceber que ele talvez já não gostasse de mim. Depois da forma como o afastara – sem explicações nem despedidas.

Empurrei as portas, saí para o ar fresco e frio e inspirei profundamente. Sentindo-me logo mais bem-disposta, prendi o cabelo atrás das orelhas. Agora que o tinha cortado curto, parecia estranho. Sentia falta das madeixas compridas.

Ao voltar para casa, sorri ao céu azul e aos pássaros que rodopiavam no cimo do arvoredor. A natureza acalmava-me sempre.

Percorrera uns cem metros quando vi o carro de Judson, rodeado pelos antigos amigos de Rune. Avery era a única rapariga naquele grupo de rapazes. Baixei a cabeça e tentei passar despercebida, mas ela chamou-me. Parei de imediato e obriguei-me a virar na direção dela. Avery saiu de onde se encostava encostada ao carro e deu um passo em frente. Deacon tentou puxá-la para trás, mas ela sacudiu-lhe o braço. Reparei pela expressão presunçosa que o encontro não ia ser simpático.

– Já sabes? – perguntou ela, um sorriso nos lábios rosados. Avery é linda. Quando a vira, ao regressar à vila, nem queria acreditar na sua beleza, sempre incrivelmente maquilhada e o cabelo loiro e comprido perfeitamente penteado. Representava tudo o que um rapaz deve procurar numa rapariga e que quase todas as raparigas querem ser.

Prendi o cabelo atrás da orelha, um hábito que denunciava o meu nervosismo.

– O quê? – perguntei, sabendo perfeitamente ao que ela se referia.

– Sobre o Rune. Vai voltar a Blossom Grove.

Havia um brilho de felicidade no seu olhar azul. Desviei os olhos, determinada a manter a compostura, e abanei a cabeça.

– Não, Avery, não sei de nada. Também regresssei há pouco tempo.

Reparei que Ruby, a namorada de Deacon, se aproximava do carro e Jorie aparecera a seu lado. Quando descobriram que Avery falava comigo, correram para se juntarem a nós. Adorei esse gesto. Apenas Jorie sabia onde eu estivera nos dois últimos anos, e por que *motivo* parti. Mas, assim que regresssei, Ruby fez de conta que eu nunca tinha partido. Eram mesmo minhas amigas.

– O que se passa? – perguntou Ruby com ar descontraído, mas pressenti o tom protetor na voz.

– Perguntava à Poppy se ela sabia que o Rune ia voltar esta noite para Blossom Grove – respondeu Avery com azedume.

Ruby olhou-me com curiosidade.

– Não sabia – disse-lhe. Ruby lançou-me um sorriso triste.

Deacon apareceu atrás da namorada e passou um braço por cima dos ombros dela. Esticou o queixo na minha direção como forma de cumprimento.

– Olá, Pops.

– Olá – respondi.

Deacon virou-se para Avery.

– Ave, o Rune não fala com a Poppy há anos, já te tinha dito. Ela já não o conhece. É claro que ela não sabia que ele pretendia regressar. Por que motivo ele lhe havia de contar?

Ouvi as palavras de Deacon e percebi que não estava a ser cruel comigo. Mas, mesmo assim, o que dissera cortou-me o coração com a força de uma lança. Percebi, finalmente: Rune nunca falara de mim. Era óbvio que ele e Deacon tinham continuado amigos. Era óbvio que, para ele, eu já não representava nada. Não existia para ele.

Avery encolheu os ombros.

– Foi só uma pergunta, mais nada. Ela e o Rune eram inseparáveis até ele partir.

Compreendendo que era a minha deixa para me ir embora, acenei.

– Tenho de ir – voltei-me rapidamente e dirigi-me para casa. Decidi cortar caminho pelo parque que me conduziria ao bosque de cerejeiras e aí, enquanto caminhava por entre o bosque vazio, com as cerejeiras despidas das encantadoras flores, uma tristeza preencheu-me.

Os ramos nus estavam tão vazios quanto o meu ser, a ansiar pelo que os completava, mas sabendo que, por muito que desejassem, teriam de esperar até à primavera.

O mundo infelizmente não funcionava assim.

Quando cheguei a casa, a minha mãe estava na cozinha. Ida e Savannah encontravam-se sentadas à mesa a fazer os trabalhos de casa.

– Olá, querida – disse a minha mãe. Aproximei-me dela e abracei-a, agarrando-me à sua cintura com um pouco mais de força do que o normal.

A minha mãe inclinou a cabeça com uma expressão preocupada nos olhos cansados.

– O que se passa?

– Sinto-me cansada, mãe. Vou deitar-me.

Ela não me largou.

– Tens a certeza? – perguntou-me, pousando a mão na minha testa, verificando-me a temperatura.

– Sim – afirmei, afastando-lhe a mão e dando-lhe um beijo na face.

Dirigi-me para o quarto. Espreitei pela janela para a casa dos Kristiansen. Não mudara nada. Mantinha-se igual ao dia em que haviam partido para regressar a Oslo.

Não a tinham vendido. A Senhora Kristiansen dissera à minha mãe que um dia pretendiam voltar e portanto mantiveram-na. Gostavam do bairro e da casa. Uma

empregada limpara e mantivera a casa com regularidade durante aqueles dois anos, garantindo que estaria pronta para receber a família.

Naquele dia, todas as janelas e cortinados estavam abertos para dar entrada ao ar fresco. A empregada estaria sem dúvida a preparar a casa para a chegada iminente. A chegada que eu temia.

Correndo os cortinados que o meu pai instalara quando voltei para casa há semanas, deitei-me na cama e fechei os olhos. Odiava sentir-me permanentemente exausta. Por natureza era uma pessoa ativa e considerava o sono uma perda de tempo, quando este podia ser melhor aplicado no mundo, explorando-o e construindo memórias.

Mas agora não tinha escolha.

Imaginei Rune no meu pensamento e, ao mergulhar num sonho, o rosto dele permaneceu comigo. No sonho, em que eu ocupava a maior parte das noites, estava nos braços de Rune e ele beijava-me os lábios e dizia o quanto me amava.

Não sei quanto tempo dormi, mas acordei com o ruído de camiões a estacionar. Fortes estrondos e vozes familiares no pátio vieram ao meu encontro.

Sentei-me e expulsei o sono dos olhos. Acabei por perceber.

Ele tinha chegado.

O meu coração começou a bater com força. Tão rápido que me agarrei, com medo que saltasse do peito.

Ele tinha chegado.

Ele tinha *chegado*.

Saltei da cama e coloquei-me atrás dos cortinados corridos. Inclinei-me para diante, de modo a ouvir o que se passava. Discerni as vozes da minha mãe e do meu pai por entre o rumor, bem como as vozes familiares do casal Kristiansen.

Sorrindo, estiquei a mão para puxar o cortinado. Mas parei; não queria ser vista. Recuei e subi as escadas a correr até ao escritório do meu pai. Tinha a única janela da qual se via bem a casa deles, de onde poderia espreitar sem ser notada devido à tonalidade clara que a protegia do brilho do sol.

Encostei-me ao lado esquerdo da janela, não fosse alguém olhar para cima. Sorri novamente quando me deparei com a visão dos pais de Rune. Não haviam mudado nada. A Senhora Kristiansen continuava bonita como sempre. Tinha o cabelo mais curto, mas, à parte isso, estava igual ao que era há dois anos. O cabelo do Senhor Kristiansen estava um pouco mais grisalho e mais magro, mas a diferença era pouca.

Um miúdo loiro saiu a correr da porta e levei a mão à boca quando percebi que era o pequeno Alton. Devia ter quatro anos, calculei. Estava tão crescido! E o cabelo igual ao do irmão, comprido e liso. Senti o meu coração apertar-se. Era um Rune perfeito em ponto pequeno.

Observei os homens das mudanças a encher a casa de mobília com uma rapidez incrível. Mas continuava a não haver indícios de Rune.

Por fim os meus pais voltaram para dentro, mas mantive vigília à janela, aguardando pacientemente pelo rapaz que fora o meu mundo durante tanto tempo que não sabia onde começava ele e eu terminava.

Passou mais de uma hora. Anoiteceu e comecei a perder a esperança de o ver. Preparava-me para sair do escritório quando notei movimento nas traseiras da casa dos

Kristiansen.

Todos os meus músculos ficaram tensos ao ver o ínfimo tremeluzir no escuro. Uma nuvem branca de fumo apareceu por cima do relvado que separava as nossas casas. De início não percebi o que estava a ver, mas então surgiu das sombras uma figura alta, vestida de preto de cima a baixo.

Os meus pulmões deixaram de funcionar. A figura entrou no brilho dos candeeiros da rua e parou. Blusão de cabedal de *motard*, camisa preta, calças de ganga pretas muito justas, botas pretas... e cabelo comprido muito loiro.

E fiquei espedada, paralisada e com um nó na garganta, vendo o rapaz com ombros largos e altura impressionante levantar a mão e passar os dedos pelo cabelo comprido.

O meu coração deu um salto. Porque reconhecia aquele gesto. Reconhecia o maxilar vincado. Reconhecia-o. Como se fosse eu mesma.

Rune.

Era o *meu* Rune.

Uma nuvem de fumaça emergiu novamente da sua boca e só passados alguns segundos compreendi o que era.

Um cigarro.

Rune fumava um cigarro. Mas ele não fumava; jamais tocara num cigarro. A minha avó fumara a vida inteira e morrera demasiado cedo com um cancro nos pulmões. Sempre prometêramos um ao outro que nunca tocaríamos naquilo.

Rune quebrara obviamente a promessa.

Vendo-o inalar novamente e afastar o cabelo uma terceira vez em poucos minutos, o coração caiu-me aos pés. O rosto de Rune virou-se para cima, banhado pelas luzes, enquanto exalava o fumo do tabaco na noite fresca.

Ei-lo então. Rune Kristiansen aos dezassete anos, mais belo do que podia concebê-lo na minha imaginação. Olhar de azul cristalino, tão vívido como sempre. Rosto outrora arrapazado e que agora tinha um ar duro e completamente desconcertante. Costumava arreliá-lo, dizendo que era tão belo como um deus nórdico. Ao observar todos os pormenores daquele rosto, convenci-me que conseguia ser mais belo.

Era incapaz de desviar o olhar.

Rune acabou de fumar, atirou o cigarro para o chão e a ponta foi-se apagando aos poucos na relva cortada. Esperei com a respiração entrecortada para ver o que faria a seguir. O pai dele apareceu no alpendre e chamou-o.

Reparei que os ombros de Rune se retesaram e que virou a cabeça bruscamente para o pai. Não percebi o que diziam, mas falavam alto, com respostas agressivas de Rune ao pai em norueguês. O pai baixou a cabeça, vencido, e regressou a casa nitidamente magoado com as palavras do filho. Nas suas costas, Rune espetou o dedo médio no ar, apenas deixando cair o braço quando a porta da casa se fechou.

Fiquei rígida do choque, a observar aquele rapaz – que conhecera por dentro e por fora –, agora um estranho aos meus olhos. Desilusão e tristeza assolaram-me ao assistir a Rune a andar de um lado para o outro no intervalo entre as nossas casas. Ombros tensos. Quase sentia a raiva que dele emanava, mesmo do alto.

Os meus piores receios tinham-se concretizado: o rapaz que eu conhecera já não existia.

Mas então fiquei imóvel, como uma estátua, pois Rune interrompeu o andar e

olhou para a janela do meu quarto, diretamente abaixo do meu atual poiso. O vento soprou no jardim, sacudindo-lhe o cabelo loiro do rosto e, naquele momento, notei-lhe a mágoa impressionante, a saudade profunda, no seu olhar. A imagem daquele rosto magoado, que olhava para a minha janela, atingiu-me com mais intensidade do que um comboio. E naquela expressão perdida encontrei o *meu* Rune.

Aquele rapaz que reconhecia.

Rune aproximou-se da minha janela e por um instante julguei que tentaria escalá-la, como fizera tantas vezes no passado. Mas parou abruptamente e cerrou os punhos. Fechou os olhos e cerrou os dentes com tanta força que era visível do alto a tensão no maxilar.

Depois, mudando nitidamente de ideias, Rune deu meia-volta sobre os calcanhares e regressou em largas passadas a casa. Mantive-me à janela do escritório, incapaz de me mexer, chocada com o que presenciara.

A luz do quarto de Rune acendeu-se. Vi-o andar pelo quarto, depois aproximar-se da janela e sentar-se no parapeito. Abriu-a um pouco. Acendeu novo cigarro e soprou o fumo pela abertura.

Abanei a cabeça, incrédula. A seguir, alguém entrou no escritório e a minha mãe apareceu ao meu lado. Ao espreitar pela janela, percebeu a minha intenção.

Senti as faces a arder de vergonha por ter sido apanhada. Por fim, a minha mãe disse:

– A Adelis diz que o rapaz anda muito diferente. Que só lhes arranja problemas desde que voltaram para Oslo. O Erik sente-se perdido, sem saber o que fazer. Ficaram muito contentes por ter sido colocado novamente aqui. Queriam afastar o Rune das más companhias com que se envolveu na Noruega.

O meu olhar voltou a cair em Rune, que atirou o cigarro da janela e virou a cabeça para se encostar ao vidro. Os olhos focaram-se num único alvo – a janela do meu quarto.

A minha mãe virou-se para sair do escritório, mas pousou ainda a mão no meu ombro.

– Talvez tivesse sido bom para vocês terem perdido o contacto. Não sei se ele seria capaz de lidar com o que tu passaste, se for como a mãe dele contou.

Senti os olhos encherem-se de lágrimas, questionando-me sobre o que o teria tornado assim. Um desconhecido. Afastara-me deliberadamente do mundo nos últimos dois anos para lhe poupar a dor. Para que tivesse uma boa vida. Saber que na Noruega havia um rapaz cujo coração transbordava luz tornava a minha provação mais suportável.

Mas essa fantasia esvaiu-se ao deparar-me com este duplo de Rune.

A luz deste Rune era fraca, obscurecida pela sombra, envolta nas trevas, nada brilhava com vigor. Era como se o rapaz que eu amava tivesse sido abandonado na Noruega.

O carro de Deacon entrou no acesso da casa de Rune. Vi o telemóvel de Rune iluminar-se na sua mão, ele saiu do quarto e apareceu no alpendre. Avançou, com andar gingão, para Deacon e Judgon, que saíram do carro. Ele cumprimentou-os com palmadas nas costas.

A seguir o meu coração partiu-se em dois. Avery saiu do assento traseiro e abraçou

Rune com força. Vestia uma minissaia e um *top* curto que salientava a sua figura perfeita. Mas Rune não devolveu o abraço – o que, apesar de tudo, aliviou a minha mágoa, pois Avery e Rune, lado a lado, constituíam uma imagem perfeita. Ambos altos e loiros. Ambos lindos.

Todo o grupo entrou no carro. Rune foi o último, ocupando o lugar do morto, depois desceram a rua e desapareceram.

Suspirei enquanto via os faróis traseiros serem engolidos pela noite e, quando voltei a olhar para a casa dos Kristiansen, vi o pai de Rune no alpendre, agarrando o corrimão com força, a acompanhar o caminho tomado pelo filho. Depois ergueu o olhar para a janela do escritório e um sorriso triste despontou-lhe no rosto.

Tinha-me visto.

O Senhor Kristiansen levantou a mão e acenou-me brevemente. Eu acenei em resposta, notando-lhe o olhar extremamente triste gravado na expressão.

Parecia cansado.

Desolado.

Com saudades do filho.

Regressei ao meu quarto, deitei-me e peguei na minha moldura preferida. Observei o rapaz lindo e a rapariga que me devolviam o olhar, ambos tão apaixonados, e perguntei-me o que teria acontecido nos últimos dois anos que tornara Rune tão perturbado e rebelde como era agora visível no seu comportamento.

E chorei.

Pelo rapaz que era o meu sol.

Lamentando o rapaz que amara com todo o meu ser.

Lamentando Poppy e Rune – um casal de beleza extrema e morte veloz.



Corredores Cheios e Corações Trespassados

Poppy

– Sentes-te mesmo bem? – perguntou a minha mãe, afagando-me o braço. O carro parou.

Sorri e assenti com a cabeça.

– Sim, mãe, sinto-me bem.

Ela tinha os olhos raiados de sangue a ameaçar lágrimas.

– Poppy. Querida. Não tens de ir à escola hoje se não quiseres.

– Mãe, adoro a escola. É onde quero estar – encolhi os ombros. – E também tenho História ao quinto tempo e sabes como gosto da matéria. É a minha disciplina favorita.

Um sorriso relutante repuxou-lhe os lábios e riu-se, limpando os olhos.

– És como a tua avó. Casmurra como um boi, e sempre a pensar que atrás de cada nuvem está o sol. Noto cada vez mais a personalidade dela no teu olhar.

O meu peito encheu-se de calor.

– Fico mesmo contente, mãe. Mas falo a sério, sinto-me mesmo bem – afirmei com sinceridade.

Quando os olhos da minha mãe se encheram de água novamente, enxotou-me do carro, metendo-me o atestado médico na mão.

– Não te esqueças de apresentares isto.

Peguei no papel, mas, antes de fechar a porta do carro, curvei-me e disse:

– Adoro-te, mãe. Com todo o meu coração.

Ela fez uma pausa e vi a alegria agridoce encher-lhe o rosto.

– Também te adoro, Pops. Com todo o meu coração.

Fechei a porta e dirigi-me para a escola. Sempre senti uma estranheza quando chegava atrasada. O edifício encontrava-se calmo e vazio, quase apocalíptico, o extremo oposto do rebuliço do período de almoço ou da correria dos alunos nos intervalos das aulas.

Dirigi-me ao gabinete da Senhora Greenway, a secretária, para entregar o atestado médico. Ela preencheu uma autorização de dispensa, perguntando:

– Como te sentes, minha querida? Sempre de cabeça erguida?

Sorri àquele rosto simpático e respondi:

– Sim, senhora.

Ela piscou-me o olho, o que me fez rir.

– Assim é que é.

Olhei para o relógio, notando que a aula tinha começado há quinze minutos. Para não perder tempo, acelerei pelos dois conjuntos de portas até chegar ao meu cacifo, que abri, retirando os livros de literatura inglesa necessários para a disciplina.

Ouvi abrir-se a porta ao fundo do curto corredor, mas não prestei atenção. Reuni todos os materiais de que ia necessitar, fechei o cacifo com o ombro e dirigi-me para a sala de aula, tentando equilibrar os vários livros. Então olhei para cima e parei imediatamente.

Estou convencida que o meu coração e os pulmões deviam ter deixado de funcionar naquele instante. À minha frente, quase a três metros, colado ao chão, tal como eu, estava Rune. Imponente e sólido.

Não parava de olhar para mim. Com aquele olhar azul cristalino que me prendia irremediavelmente. Do qual não me conseguiria desviar, mesmo que quisesse.

Por fim, recuperei a respiração, enchi os pulmões de ar. Qual sinal de partida, este gesto despertou o meu coração, que começou a bater furiosamente sob o olhar insistente do rapaz, que, se fosse sincera comigo mesma, continuava a amar com todo o meu ser.

Rune vestia o habitual – *T-shirt* preta de alças, calças de ganga pretas e justas, e botas pretas. Mas agora tinha os braços mais grossos; a cintura mais tonificada e magra, apertada sobre as ancas. Os meus olhos viajaram para o rosto e o meu estômago começou às voltas. Pensei que tinha contemplado toda a sua beleza na noite anterior, debaixo do candeeiro, mas não tinha.

Mais velho, mais adulto, era talvez a mais linda criatura que encontrara na vida. Um maxilar forte que definia na perfeição os traços escandinavos. Feições proeminentes, mas nada femininas, e uma sugestão de barba loira banhava-lhe o queixo e as faces. Apercebi-me que as sobrancelhas, de um tom loiro-escuro, por cima dos olhos azul-claros com a forma de amêndoa, eram constantes.

Olhos que, mesmo à distância de seis mil e quinhentos quilómetros e o intervalo de dois anos, não conseguiram apagar-se da minha memória.

Mas esse olhar, o olhar que agora perfurava o meu, não pertencia ao Rune que eu conhecia. Estava repleto de acusação e ódio. Esse olhar encarava-me com desprezo evidente.

Engoli em seco o desgosto que me constrangia a garganta por ser alvo de um olhar tão duro. Ser amada por Rune dera-me uma sensação de calor inebriante. Ser odiada por Rune era como estar em pleno Ártico.

Passaram-se minutos sem mexermos um único músculo. Era como se o ar estalasse entre nós. Reparei que Rune tinha o punho cerrado e o braço retesado contra o corpo. Parecia digladiar-se mentalmente consigo mesmo. Que guerra interna seria aquela, perguntei-me. A expressão dele ficou ainda mais pesada. Depois, atrás de si, a porta abriu-se e William, o contínuo, entrou no corredor.

Observou-nos e usei a desculpa como forma de me libertar daquele momento

extremamente intenso. Precisava de recompor-me.

William pigarreou.

– Posso ver as vossas autorizações de dispensa?

Anuí e, equilibrando os livros num joelho levantado, tentei apresentar a minha, mas Rune antecipou-se.

Não reagi àquele gesto extremamente rude.

O contínuo examinou primeiro a autorização dele. Rune estivera a escolher o horário, motivo por que chegava atrasado. William devolveu-lhe o papel, mas Rune continuou imóvel. Depois pegou no meu. Fitou-me e disse:

– As tuas melhores, Poppy.

Empalideci, sem perceber como sabia ele, mas depois compreendi que a dispensa indicava que estivera no médico. O homem mostrava-se apenas simpático. Não sabia de nada.

– Obrigada – agradei, nervosa, e arrisquei olhar para cima. Rune observava-me, mas desta vez havia rugas na sua testa. Reconheci uma expressão preocupada. Mal Rune percebeu que eu o fitava, que o *entendia* corretamente, a preocupação deu lugar ao esgar anterior.

Rune Kristiansen era demasiado bonito para esgares. Um rosto assim belo devia mostrar sempre um sorriso.

– Vá, vocês os dois, toca a andar para as aulas – a voz dura de William quebrou a minha fixação em Rune. Passei por ambos e atravessei, apressada, as portas ao fundo. Logo que entrei no outro corredor, olhei para trás e descobri Rune do outro lado do vidro, a olhar-me fixamente.

Senti as mãos tremerem-me ante a intensidade daquele olhar, mas subitamente ele afastou-se, como se se obrigasse a deixar-me em paz.

Demorei alguns segundos a recuperar a compostura e corri para a aula.

Uma hora depois ainda tremia.

Passou-se uma semana. Uma semana em que tentei evitar Rune a qualquer custo. Resguardei-me no quarto até perceber que ele não estava em casa. Mantive os cortinados corridos e a janela fechada – mesmo sabendo que Rune não tentaria entrar. As poucas vezes em que o vira na escola, ou me ignorara ou me olhara como se fosse o meu maior inimigo.

Ambas as reações eram igualmente dolorosas.

No intervalo para almoço, mantinha-me afastada do refeitório. Comia na sala de música e passava o resto do tempo a praticar o violoncelo. Encontrava na música um refúgio seguro, o único local em que fugiria do mundo.

Quando o arco tocava nas cordas, sentia-me arrebatada pela corrente de tonalidades e acordes. A dor e o pesar dos últimos dois anos desaparecia. A solidão, as lágrimas, a raiva, evaporavam-se, dando-me uma paz que não conseguia encontrar em nenhures.

Na semana anterior, depois do terrível encontro no corredor com Rune, precisei de me afastar de tudo. Precisei de esquecer aquele olhar que me tinha tanto ódio. A música era normalmente o meu remédio, portanto, atirei-me a uma prática extrema. O

único problema? Sempre que terminava uma peça, mal acabava a nota final e baixava o arco, a ruína regressava com mais intensidade. E não se ia embora. Hoje, quando acabei de tocar à hora de almoço, a angústia assombrou-me durante o resto da tarde. Pesou-me na alma quando saí da escola.

O pátio estava pejado de alunos que voltavam para casa. Mantive a cabeça baixa e abri caminho pela multidão, mas, ao dobrar a esquina, deparei-me com Rune e os seus amigos sentados no meio do parque. Jorie e Ruby também se encontravam com eles. Tal como Avery.

Tentei não olhar enquanto Avery se sentava ao lado de Rune, que acendia um cigarro. Tentei não olhar quando Rune começou a fumar, cotovelo apoiado descontraidamente no joelho enquanto se encostava contra a árvore. E tentei ignorar o meu estômago revoltado quando passei a correr e os olhos semicerrados de Rune cruzaram os meus por um instante.

Desviei prontamente o olhar. Jorie levantou-se e correu atrás de mim. Consegui afastar-me de Rune e dos amigos dele para que não ouvissem o que ela tinha para me dizer.

– Poppy – chamou, parando atrás de mim. Virei-me para a enfrentar, sentindo o olhar vigilante de Rune fixar-se em mim. Ignorei-o.

– Como estás? – perguntou ela.

– Bem – respondi. Até eu própria notei o tremor ligeiro na voz.

Jorie suspirou.

– Já falaste com ele? Voltou há mais de uma semana.

As minhas faces começaram a arder. Neguei com a cabeça.

– Não. Não me parece que seja boa ideia – respirei fundo e confidenciei. – Não sei o que lhe poderei dizer. Já não se parece com o rapaz que conhecia e amei durante tantos anos. Está diferente. Mudou.

O olhar de Jorie incendiou-se.

– Eu sei. Mas tu és a única rapariga que vê essa mudança como sendo uma coisa má, Pops.

– Em que sentido? – Os ciúmes faíscaram no meu peito.

Jorie apontou para o ajuntamento feminino em volta dele, tentando mostrar-se indiferente mas falhando tremendamente.

– Só se fala nele e estou certa de que qualquer uma desta escola, exceto tu, eu e Ruby venderia a alma ao diabo para que ele as cumprimentasse, pelo menos. Sempre foi um rapaz desejado, Pops, mas, bem, tinha-te a ti e todas sabíamos que não te trocaria por nada nem ninguém. Mas agora... – calou-se e senti o meu coração a perder alento.

– Mas agora ele já não me tem – concluí por ela. – Agora está livre de andar com quem quiser.

O olhar de Jorie arregalou-se ao perceber que voltara a meter a pata na poça. Apertou-me o braço para me dar apoio, crispando-se em jeito de desculpa. Não podia ficar zangada com ela, mesmo assim, pois tinha por hábito falar sem pensar. Além disso, tudo o que dissera era verdade.

Passou-se um momento de silêncio constrangido até ela perguntar:

– O que fazes amanhã à noite?

– Nada – respondi. Só me apetecia sair dali.

A expressão de Jorie iluminou-se.

– Ainda bem! Podes vir à festa na casa do reitor. Não podes ficar sozinha outra vez no sábado à noite.

Ri-me.

Jorie franziu a testa.

– Jorie, eu não vou a festas. Além de que Ninguém me convidaria.

– Convido-te eu. És o meu par.

O meu humor apagou-se.

– Não posso, Jor – fiz uma pausa. – Não posso estar onde está o Rune. Depois de tudo o que aconteceu.

Jorie acercou-se.

– Ele não vai – disse baixinho. – Disse ao Deacon que não ia, que tinha outros compromissos.

– Quais? – perguntei, não conseguindo ocultar a minha curiosidade.

Ela encolheu os ombros.

– Sei lá. O Rune não é muito de falar. Deve ser mais uma forma de atrair admiradoras – Jodie esticou o lábio inferior e espetou o dedo no meu braço. – Por favor, Pops. Há muito tempo que não estamos juntas e tenho saudades tuas. Quero passar mais tempo contigo, mas andas sempre a esconder-te. Temos de compensar estes anos todos. A Ruby também vai. Sabes que jamais te deixaria sozinha.

O meu olhar inspecionou o chão, tentando arranjar uma desculpa. Encarei Jorie, percebendo que a minha recusa a perturbaria.

Afastando as dúvidas alojadas no meu peito, cedi.

– Pronto, vou contigo.

O rosto de Jodie abriu-se num amplo sorriso.

– Perfeito! – exclamou ela. Ri ao sentir-me apertada num abraço rápido.

– Tenho de ir para casa – disse quando ela me soltou. – Hoje é noite de recital.

– Pronto, venho buscar-te amanhã às sete da tarde. Pode ser?

Assenti e fui para casa. Mas só tinha caminhado uns cem metros antes de sentir alguém seguir-me pelo bosque de cerejeiras. Quando olhei para trás deparei-me com Rune.

O meu coração desatou a correr e os nossos olhares encontraram-se. Ele não desviou o olhar, mas eu sim. Estava aterrorizada com a ideia de que ele quisesse falar comigo. E se ele quisesse que eu explicasse tudo? Ou, pior, se quisesse dizer que não tinha significado nada aquilo que existira entre nós?

Ficaria arrasada para sempre.

Apressei o passo, mantive a cabeça baixa e corri até casa. Senti-o atrás de mim durante todo o caminho, embora não fizesse qualquer esforço para me ultrapassar.

Galguei os degraus do alpendre, virei-me de lado e vi-o encostado à parede da casa dele, junto à janela. O meu coração saltitou quando ele afastou o cabelo da cara. Tive de obrigar os meus pés a colarem-se ao alpendre para não largar o saco e voar ao encontro dele, explicando-lhe por que motivo o abandonara, porque o afastara tão horripelantemente, que daria tudo só para ele me beijar uma vez mais. Ao invés, forcei-me a entrar em casa.

As palavras da minha mãe pesavam-me no espírito enquanto me dirigia para o quarto e me deitava... *Talvez tivesse sido bom para vocês terem perdido o contacto, querida. Não sei se ele seria capaz de lidar com o que tu passaste, se for como a mãe dele contou...*

Fechei os olhos e jurei que o deixaria em paz. Não seria um fardo para ele. Protegê-lo-ia das mágoas.

Ainda o amava tanto como sempre amara.

Mesmo que o rapaz que eu amava já não me amasse como antes.



Lábios Traídos e Verdades Dolorosas

Poppy

Fleti uma mão, equilibrando o violoncelo e o arco com a outra. De vez em quando os meus dedos ficavam dormentes e tinha de aguardar um pouco para voltar a tocar. Mas, quando Michael Brown terminou o solo de violino, percebi que nada me impediria de entrar em palco. Tocaria a minha música. E iria saborear todos os segundos passados a criar a música que eu tanto adorava.

Michel baixou o arco e o público irrompeu num aplauso vigoroso. Ele fez uma vénia curta e saiu pelo lado oposto do palco.

O apresentador agarrou no microfone e anunciou o meu nome. Quando o público percebeu que se seguiria o meu ansioso regresso, os aplausos intensificaram-se, acolhendo-me de volta ao mundo da música.

O meu coração disparou entusiasmado ao escutar os assobios e apoio dos pais e amigos no auditório. E muitos dos meus colegas da orquestra apareceram nos bastidores para me darem palmadas nas costas e sussurrarem palavras encorajadoras, obrigando-me a desfazer um nó na garganta.

Endireitando os ombros, afastei a enchente avassaladora de emoções. Inclinei a cabeça para o público enquanto avançava para o meu banco.

O holofote por cima de mim despejava uma luz intensa.

Coloquei-me corretamente, aguardando o cessar dos aplausos. Como sempre fazia, levantei os olhos e encontrei a minha família sentada na terceira fila a reluzir de orgulho.

Os meus pais sorriam abertamente. As minhas irmãs fizeram um aceno rápido.

Sorrindo para os informar de que os vira, debati-me contra o ligeiro aperto que surgiu no meu peito ao ver os Kristiansen sentados ao lado deles, bem como Alton, que também acenava.

Só faltava Rune.

Há dois anos que não tocava em público. Anteriormente, ele nunca perdera um dos meus recitais. Mesmo que tivesse de viajar, aparecia em todos, com a câmara na mão e

o sorriso de esguelha quando os nossos olhos se cruzavam no escuro.

Pigarreando, fechei os olhos, pousei os dedos no braço do violoncelo e aproximei o arco das cordas. Contei até quatro mentalmente e comecei a tocar o complicado *Prelúdio das Suítes para Violoncelo* de Bach. Era uma das minhas composições preferidas – a complexidade da melodia, o ritmo acelerado dos movimentos do arco e o som de tenor perfeito que ecoava no auditório.

Sempre que me sentava naquele lugar deixava a música fluir pelas veias. Deixava a melodia jorrar pelo coração e imaginava-me sentada no meio do palco em Carnegie Hall – o meu derradeiro sonho. Imaginei o público à minha frente: pessoas que, tal como eu, procuravam aquela nota perfeita, queriam ser levadas numa viagem sonora. Sentiam a música no coração e a magia na alma.

O meu corpo ondulava ao sabor do ritmo, da mudança de tempos e do crescendo final... mas o melhor de tudo era esquecer-me do entorpecimento na ponta dos dedos. Durante um curto instante, esquecia-me de tudo.

A última nota encheu o ar. Levantei o arco das cordas que vibravam e, deitando a cabeça para trás, abri lentamente os olhos. Pestanejei contra a ofensa da luz forte, um sorriso a repuxar-me os lábios no conforto do instante de silêncio entre o desvanecimento da nota e o aplauso do público. Aquele instante doce quando a adrenalina da música nos faz sentir tão vivos que nos sentimos capazes de conquistar o mundo, alcançando a serenidade na sua forma mais pura.

E então o aplauso teve início, desfazendo o feitiço. Baixei a cabeça, sorri quando me ergui do assento, fazendo vénias de agradecimento.

Sustendo o braço do violoncelo, procurei de imediato a minha família com o olhar. Olhar que depois transitou para os membros do público que me aplaudiam e percorreu a parede dos fundos. Ao início, não percebi o que tinha encontrado, mas, ao alcançar o extremo esquerdo da parede distante, o meu coração deu um pulo. Era a visão de um cabelo loiro e comprido a esgueirar-se pela saída... um rapaz alto e bem constituído vestido de preto que desaparecia de vista. Mas, antes de sair, ainda olhou para trás e deparei-me com o vislumbre de olhos azuis cristalinos...

Os meus lábios entreabriram-se do choque, mas, antes de perceber o que vira, o rapaz desapareceu, deixando na esteira uma porta que se fechava lentamente.

Seria...? Teria ele...?

Não, procurei convencer-me a mim mesma, firmemente. Não podia ser Rune. Ele jamais teria aparecido.

Odiava-me.

A memória daquele olhar azul gelado no corredor da escola confirmara então a minha suspeita – isto era apenas desejo pelo que não podia existir.

Com uma última vénia saí do palco. Assisti aos três artistas finais, depois atravessei a entrada dos bastidores, descobrindo a minha família e também a de Rune à minha espera na rua.

A minha irmã de treze anos, Savannah, foi a primeira a ver-me.

– Pops! – exclamou e correu para mim, abraçando-me pela cintura.

– Olá, miúdas – respondi e apertei-a contra mim. A seguir, Ida, que agora tinha onze anos, também me abraçou. Apertei-a com muita força. Quando nos afastámos um pouco, ambas tinham os olhos brilhantes. Inclinei a cabeça em jeito de brincadeira. –

Então, nada de choros, lembram-se?

Savannah riu-se e Ida acenou com a cabeça. Soltaram-me. Os meus pais disseram-me, cada um por sua vez, que sentiam orgulho em mim.

Por fim, virei-me para os Kristiansen. Fui assolada por uma vaga súbita de nervos. Era a primeira vez que os via desde que tinham regressado de Oslo.

– Poppy – disse baixinho a Senhora Kristiansen e estendeu os braços. Avancei para a mulher que tinha sido a minha segunda mãe e caí neles. Cingiu-me contra si e depositou um beijo na minha cabeça. – Tive saudades tuas, minha querida – referiu com um sotaque mais cerrado do que me lembrava.

Pensei imediatamente se o sotaque de Rune também estaria mais cerrado.

A Senhora Kristiansen largou-me e descartei aquele pensamento. Seguiu-se o Senhor Kristiansen, que me abraçou. Quando me afastei, descobri o pequeno Alton agarrado às pernas do pai. Dobrei-me. Alton baixou ligeiramente a cabeça, espreitando-me através das madeixas espessas do cabelo comprido.

– Olá, pequenino – disse eu, fazendo-lhe cócegas no corpo. – Lembras-te de mim?

Alton observou-me durante bastante tempo antes de abanar a cabeça.

Ri-me.

– Vivias na casa ao lado da minha. Às vezes vinhas comigo e com o Rune ao parque ou, se o dia estivesse bom, ao cerejal!

Ter dito o nome de Rune inconscientemente recordou-me, e a quem estava perto, que ele e eu tínhamos sido inseparáveis em tempos.

Um silêncio abateu-se sobre o grupo.

Ao sentir uma mágoa no peito, igual à que acompanhava as saudades da avó, endireitei-me e desviei a vista dos olhares de comiseração. Tentava mudar de assunto quando senti um puxão no fundo do vestido.

Olhei para baixo e encontrei o olhar muito arregalado de Alton atento à minha cara. Afaguei-lhe o cabelo macio.

– Então, Alton, que se passa?

Alton corou mas perguntou com a sua voz doce:

– Ainda és amiga do Rune?

A mesma mágoa de há pouco incendiou-se e lancei um relance de pânico às nossas famílias. A mãe de Rune retraiu-se. Não sabia o que dizer.

Alton voltou a puxar-me o vestido, à espera de uma resposta.

Suspirei e ajoelhei-me perante ele, dizendo:

– Ele era o meu maior amigo – encostei a mão dele ao meu coração. – E eu amava-o por inteiro com toda a minha alma – inclinando-me para o miúdo, sussurrei com uma garganta apertada. – E sempre amarei.

O meu estômago revirou-se. As palavras provinham do âmago da minha alma, eram genuínas, e mesmo que Rune e eu agora estivéssemos diferentes, nunca deixaria de o trazer no coração.

– O Rune... – disse Alton subitamente. – O Rune... falava contigo?

Ri-me.

– Claro, meu querido. Falava comigo constantemente. Contava-me todos os seus segredos. Falávamos de tudo.

Alton olhou para o pai e uniu as pequenas sobrancelhas, desenhando assim um

esgar na carinha fofa.

– Ele falava com a Poppy, pai?

O pai de Rune anuiu.

– Sim, Alton. A Poppy era a melhor amiga dele. Ele amava-a sem reservas.

Os olhos de Alton ficaram muito abertos e o miúdo virou-se de novo para mim. Fazia beicinho.

– Que se passa, querido? – perguntei, esfregando-lhe o braço.

Alton fungou.

– O Rune não quer falar comigo – o coração caiu-me aos pés. Porque Rune adorava Alton; sempre o protegera, sempre brincara com ele. Alton adorava Rune. Admirava imenso o irmão mais velho.

– Ele ignora-me – referiu Alton e a voz chorosa partiu-me o coração. Alton observou-me com uma intensidade que só tinha sentido com outra pessoa: o irmão mais velho que o ignorava.

Pousou a mão no meu braço e perguntou:

– Podes falar com ele? Podes pedir-lhe que fale comigo? Se és a melhor amiga dele, vai dar-te ouvidos.

O meu coração desfez-se naquele instante. Olhei por cima da cabeça de Alton para os pais dele, e depois para os meus. Estavam tristes com a dura revelação do miúdo.

Voltei-me para Alton, que não tinha deixado de me fitar com aquela expressão solícita.

– Eu falaria, querido – respondi ternamente –, mas ele também já não fala comigo.

A esperança de Alton esvaziou-se como um balão. Dei-lhe um beijo na cabeça e ele correu de volta para a mãe. Notando visivelmente o meu desconforto, o meu pai mudou imediatamente de assunto. Voltou-se para o Senhor Kristiansen e convidou a família para tomarem uma bebida na nossa casa na noite seguinte. Afastei-me de todos eles, respirando fundo, fitando sem ver o parque de estacionamento.

O som de um motor despertou-me do transe. Virei-me nessa direção. Fiquei sem ar nos pulmões quando, ao longe, discerni um rapaz loiro de cabelo comprido saltar para o lugar do passageiro de um *Camaro* preto.

Um *Camaro* preto que pertencia a Deacon Jacobs, o melhor amigo de Rune.

Olhei-me ao espelho, admirando o meu traje. Escolhera um vestido azul-celeste que me dava pela coxa, atara o cabelo castanho de lado com um laço branco e calçara sapatilhas.

Abri a caixa das joias, retirei os meus brincos prediletos de prata e enfiiei-os nos lóbulos das orelhas. Representavam o sinal do infinito e tinham sido oferecidos por Rune quando fizera catorze anos.

Usava-os sempre que tinha oportunidade.

Agarrei no casaco curto de ganga e apressei-me a sair do quarto para a noite fresca. Recebera um SMS de Jorie a dizer que já se encontrava na rua. Entrei para o lugar do passageiro da carrinha da mãe dela e virei-me para a minha melhor amiga. Ela sorria-me.

– Poppy, estás tão gira – comentou. Passei as mãos pelo vestido, alisando a saia.

– Parece-te bem? – perguntei, preocupada. – Não sabia o que havia de vestir.

Jorie arrancou, agitando a mão diante da cara.

– Estás bem.

Verifiquei o que ela trazia vestido. Jorie escolhera um vestido preto sem mangas e botas de couro. Era indubitavelmente mais arrojada do que eu, mas fiquei satisfeita por não sermos polos totalmente opostos.

– Então – começou ela ao sairmos da rua –, como foi o recital?

– Bom – respondi na evasiva.

Jorie olhou-me, desconfiada.

– E como te sentes?

Revirei os olhos.

– Jorie, sinto-me bem. Por favor, deixa-me em paz. És pior do que a minha mãe.

Jorie, parecendo ter ficado finalmente sem resposta, mostrou-me a língua, fazendo-me rir inesperadamente.

Durante o resto da viagem, pôs-me a par dos boatos que corriam pela escola a respeito da minha partida. Sorri quando devia sorrir e anuí nas partes que a alegrariam, mas aquilo não me interessava nada. Nunca me importei com os dramas que aconteciam na escola.

Ouvi a festa antes de a ver. Berros e música alta jorravam da casa de Deacon e enchiam a rua. Os pais tinham feito umas curtas férias e na vila de Blossom Grove isso implicava imediatamente fazer uma festa em casa.

Estacionámos por perto e vimos a miudagem a sair para o pátio. Engoli o nervosismo. Segui Jorie de perto ao atravessarmos a estrada.

Agarrando-me ao braço dela, perguntei:

– Estas festas são sempre assim tão animadas?

Ela riu-se.

– Sim – enlaçou o braço no meu, puxando-me.

Entrei na casa e contraí-me perante o barulho da música. Abrimos caminho pelas divisões até à cozinha, passando por tantos estudantes bêbados que agarrei Jorie com toda a força, praticamente lesionando-a.

Jorie olhou-me e riu-se. Quando alcançámos a cozinha, fiquei imediatamente tranquila ao ver Ruby ao lado de Deacon. A cozinha estava mais calma do que as divisões que havíamos atravessado.

– Poppy! – exclamou Ruby e atravessou a cozinha para me dar um abraço. – Queres beber alguma coisa?

– Só uma *Coca-Cola* – respondi. Ruby franziu o cenho.

– Poppy! – ralhou-me. – Precisas de uma bebida *a sério*.

Ri-me perante a expressão horrorizada.

– Ruby, agradeço, mas fico-me pela *Coca-Cola*.

– Palermo! – replicou ela, mas passou o braço em volta do meu pescoço e conduziu-me para a zona das bebidas.

– Pops – cumprimentou Deacon enquanto recebia um SMS nesse instante.

– Olá, Deek – respondi e aceitei a *Diet Coke* que Ruby me preparara. Ruby e Jorie conduziram-me para o jardim, onde ardia uma fogueira no centro do relvado. Espantosamente não havia muita gente na festa, o que para mim era perfeito.

Não demorou muito até Deacon chamar Ruby para dentro de casa, deixando-me apenas com Jorie.

– Desculpa ter metido a pata na poça ontem quando te falei do Rune. Vi que ficaste magoada. *Céus!* Nunca penso antes de abrir a matraca! O meu pai está sempre a dizer que ainda a fecha com agrafos! – Jorie tapou a boca com a mão e fingiu debater-se. – Não consigo, Pops! Só tenho esta boca, mesmo sendo incontrollável!

Rindo-me, abanei a cabeça.

– Não faz mal, Jor. Eu sei que não disseste por mal. Nunca me magoarias.

Jorie retirou as mãos da boca, inclinando a cabeça.

– A sério, Pops. O que te parece o Rune? Sabes, desde que ele regressou.

Jorie observava-me com curiosidade. Encolhi os ombros. Ela revirou os olhos.

– Vais tentar convencer-me que não tens opinião nenhuma sobre o novo aspeto do grande amor da tua vida, agora que está mais crescido e, na minha opinião, giro como tudo!

O meu estômago revoltou-se e brinquei com o copo de plástico nas mãos.

Encolhendo os ombros, retorqui:

– Está tão bonito como sempre.

Jorie soltou um sorriso escondido pelo copo por onde bebia, depois fez um esgar ao ouvir a voz de Avery vinda do interior da casa.

Jorie baixou o copo.

– Eh, parece que a galdéria veio à festa.

Sorri perante o nível de repúdio na cara de Jorie.

– Ela é mesmo assim tão má? – perguntei. – É mesmo uma galdéria?

Jorie suspirou.

– Não, apenas detesto que faça olhinhos a tudo o que é gajo.

Ah, pensei, sabendo exatamente de quem ela falava.

– Alguém em particular? – espicacei-a e Jorie lançou uma careta como resposta. – Talvez o Judson? – acrescentei e Jorie atirou o copo vazio contra mim.

Ri-me, pois o copo voou noutra direção. Quando o riso se acalmou, Jorie disse:

– Agora que o Rune voltou ela parece ter largado um pouco o Jud – o meu bom humor evaporou-se. Quando Jorie tomou consciência do que dissera, gemeu exasperada consigo mesma e veio sentar-se logo ao meu lado, afagando-me a mão. – Porra, Pops. Peço desculpa. Voltei a fazê-lo! Não quis...

– Está tudo bem – interrompi.

Mas Jorie apertou-me a mão com mais força. Passaram-se momentos de silêncio.

– Estás arrependida, Pops? Arrependida de teres deixado de falar com ele assim abruptamente?

Olhei para a fogueira, perdendo-me nas labaredas vorazes e respondi francamente:

– Constantemente.

– Poppy – sussurrou Jorie com ar triste.

Lancei-lhe um sorriso débil.

– Sinto a falta dele, Jor. Nem fazes ideia quanto. Mas não lhe podia contar o que se passava. Não lhe podia fazer uma coisa dessas. Era melhor que ele acreditasse que eu perdera o interesse do que contar-lhe a terrível verdade – Jorie deitou a cabeça no meu ombro. Suspirei. – Se tivesse sabido, ele haveria de tentar tudo para regressar. Mas não

iria ser possível. O pai tinha o emprego em Oslo. E eu... – inspirou com força. – E eu queria que ele fosse feliz. Sabia que, com o tempo, havia de ultrapassar a mágoa de não ter notícias minhas. Mas eu conheço o Rune, Jor; ele nunca teria ultrapassado a alternativa.

Jorie levantou a cabeça e deu-me um beijo na cara, o que me provocou risos. Mas a tristeza continuou patente nela ao perguntar:

– E agora? Agora que ele voltou, o que pretendes fazer? Toda a gente vai acabar por descobrir.

Inspirando profundamente, retorqui:

– Espero que não descubram, Jor. Não sou popular na escola como tu, a Ruby e o Rune. Se voltar a desaparecer, ninguém notará – abanei a cabeça. – E duvido que o Rune, que regressou à vila, ainda se interesse. Vi-o ontem no corredor, novamente, e o olhar que me lançou mostra bem o que sente. Já não significa nada para ele.

Seguiu-se um silêncio constrangido até a minha melhor amiga adiantar:

– Mas tu ainda o amas da mesma forma. Enganei-me?

Não respondi. Mas a minha falta de resposta foi tão alta como um berro.

Amava. Ainda o amava, como sempre.

Um estrondo sonoro irrompeu do pátio, estraçalhando a intensidade da nossa conversa. Notei que se teriam passado duas horas desde que chegáramos. Jorie levantou-se e fez uma careta.

– Pops, tenho de ir à casa de banho! Entras comigo?

Ri-me ao ver Jorie aos saltinhos e segui-a para o interior da casa. Ela abriu caminho até à casa de banho nas traseiras. Esperei por ela no corredor e ouvi as vozes de Ruby e Deacon no quarto ao lado.

Decidi sentar-me ao pé deles enquanto aguardava por Jorie e abri a porta e entrei. Mal tinha dado três passos quando me arrependi de ter vindo àquela festa. Três sofás dominavam aquele espaço exíguo. Ruby e Deacon ocupavam um, Judson e parte da equipa desportiva outro. Mas foi para o terceiro sofá que não consegui evitar olhar. Por muito que obrigasse os pés a andar, recusaram-se.

Avery estava sentada no sofá, a beber do copo. Havia um braço por cima dos seus ombros. Ela traçava padrões na mão pendurada por cima do peito.

Eu conhecia o pormenor daquela mão.

Sabia o que era aninhar-me no abrigo protetor daquele braço.

E senti o coração desfazer-se em pedaços ao transitar a atenção para o rapaz ao seu lado. Como se sentisse o peso do meu olhar, ele levantou a cabeça. A mão parou, com a bebida a caminho da boca.

Senti os olhos cheios de lágrimas.

Aceitar que Rune havia de encontrar outra pessoa era, por si, difícil de suportar; mas vê-lo assim causou-me outro nível de mágoa que não julgava possível.

– Poppy? Sentes-te bem? – A voz preocupada de Ruby ecoou subitamente no quarto, obrigando-me a desviar a vista da contemplação daquele acidente rodoviário.

Lançando-lhe um sorriso forçado, sussurrei a Ruby:

– Sim, está tudo bem.

As pernas começaram a tremer por causa da atenção indesejada das pessoas na sala. Consegui avançar um passo para a porta. Mas, ao fazê-lo, vi Avery virar-se para

Rune.

Virar-se para receber um beijo.

Dei meia-volta e fugi daquele lugar antes de testemunhar tal beijo e o que restava do meu coração quebrou-se por fim. Empurrei as pessoas no corredor, correndo para a divisão mais próxima que estava disponível. Rodei freneticamente o puxador e irrompi na semiescuridão do anexo dos eletrodomésticos.

Fechei a porta com estrondo e recostei-me contra a máquina de lavar roupa, incapaz de evitar dobrar-me pela cintura e deixar as lágrimas cair. Debatí-me contra o vômito que quis subir pela garganta, tentando desesperadamente expurgar a imagem ofensiva da minha cabeça.

Pensava ter sofrido todas as facetas da dor nos dois últimos anos. Mas estava equivocada. Tão equivocada. Porque nada se comparava com a dor de ver a pessoa amada nos braços alheios.

Nada se compara à traição de um beijo dado por lábios prometidos.

As minhas mãos crispavam-se sobre o meu estômago. Debatendo-me para recuperar o fôlego necessitado, senti o puxador da porta começar a rodar.

– Não! Vão-se embora... – comecei a gritar, mas, antes de me virar e conseguir forçar a porta a manter-se fechada, alguém conseguiu entrar e bateu-a com estrondo atrás de si.

O meu coração disparou ao perceber que estava presa naquela sala com outra pessoa. Porém, ao virar-me e descobrir quem tinha entrado, fiquei sem pinga de sangue. Cambaleei para trás até embater de costas na parede ao lado da máquina de lavar roupa.

As labaredas da fogueira no jardim iluminavam o anexo escuro a ponto de se discernir quem invadira o meu momento de fraqueza.

Era precisamente o rapaz que o tinha causado.

Rune apareceu diante de mim, ao lado da porta fechada. Estendeu a mão e trancou-a. Engoli em seco quando ele se voltou para mim. Tinha o maxilar tenso e os olhos azuis fixos na minha pessoa. Com um olhar gélido.

A minha boca secou. Rune avançou um passo, o corpo alto e amplo apertando o cerco. Os batimentos fortes do meu coração impeliavam o sangue pelas veias e ecoavam potentes nos meus tímpanos.

Ao aproximar-se, os meus olhos desceram para apreciar os braços praticamente despidos de Rune: os músculos esguios sobressaíam da pele graças à tensão dos punhos fechados, a *T-shirt* preta colava-se ao tronco firme, a pele macia mantinha ainda a patina de um bronzeado que desaparecia. E, no gesto tão seu que me tirava a força dos joelhos, levantou a mão e afastou o cabelo da cara.

Engolindo em seco, tentei encontrar coragem para o empurrar e fugir. Mas Rune avançou em frente até não me deixar escapatória – encontrava-me cercada.

Os meus olhos abriram-se muito quando ele concentrou a sua atenção em mim. Rune aproximou-se até ficarmos apenas a poucos centímetros. Àquela distância, conseguia sentir o calor que irradiava do seu corpo. Àquela distância, notava o seu cheiro fresco: aquele que me dava conforto, aquele que me conduzia de volta aos dias de verão indolentes passados no cerejal. Aquele que trouxe de volta, com todos os pormenores, a última noite em que fizéramos amor.

As faces começaram a arder-me quando ele se inclinou para mim. Senti o aroma a tabaco na roupa e a mentol no hálito. Os meus dedos remexeram-se ao contemplar a barba rala no maxilar e no queixo. Queria esticar a mão e acariciá-la. Apetecia-me estender a mão e passar o dedo pela testa, pelas faces, e traçar os lábios perfeitos.

Mas, mal pensei naqueles lábios, a mágoa trespassou-me o coração. Virei a cabeça, fechando os olhos. Ele tocara em Avery com aqueles lábios.

Destroçara-me ao oferecer aqueles lábios – aqueles lábios supostamente meus para sempre.

Senti-o aproximar-se até o nosso peito quase se tocar. Os braços dele subiram acima da minha cabeça, pousando na parede, ocupando o meu espaço pessoal. E senti as madeixas do seu cabelo comprido tombarem sobre a minha cara.

Rune respirava de forma forçada, o hálito a mentol era uma presença etérea no meu rosto. Fechei os olhos com força. Estava impossivelmente perto de mim. Mas não valeu de nada; por vontade própria, governados pelo meu coração, os meus olhos abriram-se lentamente e virei a cabeça, ao encontro do olhar dele.

Fiquei sem respirar ao ver as sombras da fogueira exterior brincarem naquele rosto. Depois o meu fôlego pareceu interromper-se por completo quando uma das suas mãos se soltou da parede, descendo, hesitante, para me acariciar o cabelo. Mal senti que os dedos pegavam numa madeixa minha, o meu corpo começou a tremer e o meu estômago deu de si.

Desconfiei que ele também estava abalado; soltava suspiros profundos e retesava o maxilar: indícios claros. Encarei o seu rosto esbelto ao mesmo tempo que ele examinou o meu, ambos apreciando o resultado dos dois últimos anos: as mudanças, e ainda melhor, os aspetos que permaneceram familiares.

Depois, quando o meu coração confundido não seria capaz de aguentar mais, a carícia suave deixou a segurança do meu cabelo e desceu para a minha cara, tocando-me com dedos leves como penas nas maçãs do rosto. Os dedos pararam ao sussurrar uma palavra carregada de sentimentos, na voz mais desesperada, sentida, rouca...

– *Poppymin.*

Uma lágrima escapou-se do meu olho e embateu na mão dele.

Poppymin.

A designação perfeita de Rune para mim.

A minha Poppy.

A *sua* miúda.

Para toda a infinidade.

Eternamente e para sempre.

Um nó subiu rapidamente pela minha garganta, a palavra ternurenta abrindo caminho pelos meus ouvidos e trespassando-me a alma. Tentei com toda a força abafá-la e juntá-la ao resto da dor dos últimos dois anos, mas fui derrotada por completo e não consegui, soltando um soluço há muito guardado.

Rune estava demasiado perto, não tive hipótese.

Ao ouvir o choro sonoro escapar-se dos meus lábios, os olhos de Rune perderam a frieza e suavizaram-se, reluzindo com lágrimas contidas. Inclinou a cabeça para a frente, colando a testa à minha e passando os dedos pelos meus lábios.

Respirei fundo.

Ele respirou fundo.

E, contra toda a sensatez, fingi que os últimos dois anos não tinham acontecido. Fingi que ele não tinha partido. Que eu não tinha sido obrigada também a viajar. Que não havíamos passado pela dor e sofrimento. E o vazio negro e sem fundo que ocupava o lugar do meu coração encheu-se de luz – a luz mais brilhante de que havia memória.

O amor de Rune. O seu toque e os seus beijos.

Mas não era a nossa realidade. Bateram à porta e a realidade manifestou-se em toda a sua pujança, como uma onda assolada pela tempestade cai numa praia fustigada pela chuva.

– Rune? Estás aí dentro? – chamou uma voz feminina que reconheci como sendo Avery.

Os olhos de Rune cresceram ao ouvir as batidas de Avery cada vez mais fortes. Retrocedeu imediatamente, observando-me. Ergui a minha mão e limpei as minhas lágrimas.

– Por favor... deixa-me ir.

Tentei mostrar-me confiante. Queria dizer mais coisas. Mas nada restava dentro de mim. Não tinha forças para manter a farsa.

Sentia-me magoada.

Era bastante evidente para quem quisesse ver.

Colocando a mão no peito rijo de Rune, empurrei-o, precisando de sair dali. Ele deixou-me afastá-lo do caminho, mas agarrou-me a mão antes de eu alcançar a porta. Fechei os olhos, tentando reunir as forças para me virar outra vez para ele. Quando o fiz, caíram mais lágrimas.

Rune observava as nossas mãos unidas, as pestanas compridas, loiro-escuras, quase pretas das lágrimas aprisionadas.

– Rune – sussurrei. Os olhos dele arregalaram-se ao ouvir a minha voz. – Por favor – supliquei. Avery continuou a bater.

Ele agarrou-me com força.

– Rune? – Avery chamou com mais intensidade. – Sei que estás aí dentro.

Dei um passo ao encontro dele. Ele observava todos os meus movimentos com uma intensidade profunda. Ao alcançar o peito dele, olhei para cima, permitindo que continuasse a agarrar-me. Olhei-o nos olhos, reconhecendo a expressão confusa, e pus-me em bicos de pés.

Levei a mão livre à sua boca e percorri o lábio inferior carnudo com as pontas dos dedos. Sorri com tristeza, lembrando-me da sensação quando se colavam aos meus. Tracei o arco de cupido bem definido, deixando as lágrimas tombar enquanto dizia:

– Fiquei destroçada quando deixei de falar contigo, Rune. E não saber como era a tua vida no outro lado do Atlântico – inspirei, trémula. – Mas nada me magoou tanto como ver-te beijar aquela rapariga.

Rune empalideceu, as faces tornando-se cinzentas. Abanei a cabeça.

– Não tenho direito de sentir ciúmes. A culpa é minha. De *tudo* isto, eu sei. E, contudo, sinto tanta inveja, tanta *mágoa*, que esta dor até me podia matar – baixei a mão. Olhando para ele, suplicando com o olhar, acrescentei: – Por isso, por favor... *por favor*, deixa-me ir. Não consigo estar aqui neste instante.

Rune não se mexeu. Percebi que estava em choque. Tirando partido da situação, libertei a minha mão da sua e abri a porta imediatamente. Sem olhar para trás nem fazendo uma pausa, cortei a direito, passando por Avery que aguardava, zangada, no corredor.

E corri. Passei por Ruby e Jorie e Deacon e Judson, sempre a correr, todos eles reunidos no corredor para assistir a este espetáculo. Corri por entre os alunos bêbados em pé. Corri até sair pela porta e sentir o ar fresco da noite. E depois corri mais. Tão depressa quanto pude, o mais longe de Rune de que era capaz.

– Rune! – Ouvi uma voz estridente berrar ao longe, seguida de uma voz masculina, que acrescentou: – Onde vais, homem? *Rune!* – mas não me detive. Cortando à direita, encontrei a entrada do parque. Estava escuro e o parque tinha iluminação fraca, mas era um atalho para casa.

Naquele instante, daria tudo para estar em casa.

O portão estava aberto. Deixei os pés conduzirem-me pelo trilho delimitado pelas árvores e que me levava para o centro do parque.

Respirava com esforço. Doíam-me os pés, sentindo o asfalto duro na pouca proteção das sapatilhas. Virei para a esquerda, em direção ao cerejal, quando ouvi passos atrás de mim.

Subitamente assustada, virei a cabeça. Rune corria no meu encalço. O meu coração bateu mais depressa, mas desta vez não se devia ao esforço e sim ao olhar de determinação no rosto de Rune. Encurtava rapidamente a distância.

Corri por mais alguns metros até perceber que não valia a pena. Ao entrar no cerejal, um local que conhecia tão bem – tal como ele – abrandei até parar por completo.

Um instante depois, ouvi Rune entrar no cerejal de árvores despidas. Ouvi a respiração pesada martelar o ar fresco.

Senti-o mexer-se atrás de mim.

Lentamente, rodei sobre os calcanhares e encarei-o. Ambas as mãos estavam no cabelo, agarradas às madeixas. Tinha um olhar assombrado, torturado. O ar entre nós estalava de tensão, ao olharmos um para o outro, faces coradas, peitos a respirar com dificuldade.

Depois o olhar de Rune desceu para os meus lábios e aproximou-se aos poucos. Dois passos acompanhados de uma única e dura pergunta:

– Porquê?

Rangeu os dentes enquanto esperava pela minha resposta. Deixei cair a vista, lágrimas nos olhos. Abanei a cabeça e supliquei:

– Por favor... não queiras...

Rune passou a mão pela cara. A expressão teimosa que eu conhecia perfeitamente espalhou-se pelas suas feições.

– Não! *Céus*, Poppy. Porquê? *Porque* fizeste isto?

Fiquei momentaneamente distraída pelo sotaque carregado e pelo tom mais rouco da sua voz profunda. Quando era criança, ao longo dos anos, o sotaque norueguês tinha diminuído. Mas agora falava um inglês num tom nórdico muito forte. Recordava-me o dia em que nos tínhamos conhecido à porta da sua casa, aos cinco anos.

Mas ao ver a cara vermelha de raiva, lembrei-me rapidamente que isso não

importava agora. Já não tínhamos cinco anos. Nada era inocente.

Tinham acontecido demasiadas coisas.

E não podia simplesmente contar-lhe.

– Poppy – insistiu, a voz a subir de tom, ao aproximar-se de mim. – Por que raio fizeste isso? Porque não me devolveste a chamada? Porque mudaram de terra? Onde estiveste? Que se passou?

Rune começou a andar de um lado para o outro, músculos retesados debaixo da *T-shirt*. Um vento frio soprou pelo cerejal e ele afastou o cabelo para trás. Parando de repente, olhou-me e cuspiu:

– Prometeste. Prometeste-me que esperarias até eu voltar. Estava tudo bem até ao dia em que liguei e tu não respondeste. Liguei e liguei e tu nunca respondeste. Nem um SMS, nada!

Aproximou-se de mim até encostar as botas às minhas sapatilhas, mais alto do que eu.

– Conta-me! Conta-me já. – A pele estava pejada de manchas vermelhas de raiva. – Mereço saber, porra!

Encolhi-me ante a agressividade da sua voz. Ante o veneno das palavras. Ante o estranho diante de mim.

O antigo Rune nunca falaria assim comigo. Mas este não era o antigo Rune, lembrei a mim mesma.

– N-não posso – gaguejei, pouco mais audível do que um murmúrio. Ergui os olhos e vi a expressão incrédula. – Por favor, Rune – supliquei. – Não me obrigues. Deixa-me em paz – engoli em seco, obrigando-me a dizer: – Deixa-nos... deixa-nos no passado. Temos de seguir em frente.

Rune lançou a cabeça para trás como se o tivessem esmurrado.

Depois riu-se. Riu-se, mas o som não tinha qualquer humor. Estava pejado de raiva e coberto de ira.

Rune deu um passo atrás. As mãos tremiam contra o corpo e lançou nova gargalhada. Num tom gelado, ordenou:

– Conta-me.

Abanei a cabeça, tentando protestar. Ele levou as mãos ao cabelo, frustrado.

– *Conta-me* – repetiu. A voz baixara uma oitava e irradiava ameaça.

Desta vez não abanei a cabeça. A tristeza tirara-me a capacidade de me mover. Tristeza por o ver assim. Fora sempre calado e reservado. A sua mãe contara-me mais do que uma vez que Rune tinha sido uma criança taciturna e preocupava-a que se tornasse problemático mais tarde. Contara-me sobre a sua predisposição inata para responder bruscamente às pessoas e não dar conversa. Mesmo quando era mais novo, ela notara que ele era temperamental, mais inclinado para o aspeto negativo do que para o positivo.

Mas depois ele conheceu-te, dissera ela. Ele conheceu-te. Tu ensinaste-lhe, pelas palavras e atos, que a vida não tem de ser sempre séria. Que é preciso vivê-la. Que a vida é uma grande aventura para ser vivida bem e plenamente.

A mãe dele estava cheia de razão.

Compreendi, ao ver a escuridão que emanava daquele rapaz, que este era o destino esperado – não, temido – pela Senhora Kristiansen. Este era o temperamento inato que

ela sabia existir no filho debaixo da superfície.

Uma predisposição para a escuridão e não para a luz.

Mantendo-me calada, decidi virar-lhe as costas. Deixar Rune sozinho com a sua raiva.

Corações de luar e sorrisos de raios de sol. Revivi o lema da avó. Cerrei as pálpebras com força e obriguei-me a repelir a mágoa que tentava invadir-me. Procurei afastar aquela dor no peito, a dor que me mostrava aquilo em que não queria acreditar.

Que fora eu a causa de Rune se sentir assim.

Tentei avançar, partir, a minha autopreservação a procurar resolver o assunto. Ao fazê-lo, senti dedos desesperados agarrarem-me pelo pulso e virarem-me para trás.

As pupilas de Rune tinham praticamente consumido as íris azuis de cristal.

– Não! Fica aqui. Fica aqui e conta-me – inspirou fundo e, perdendo as estribeiras, começou a gritar. – *Conta-me porque me abandonaste!*

Desta vez, a raiva dele estava descontrolada. Desta vez, as palavras duras continham a força de uma bofetada. O cerejal atrás de mim ficou turvo; precisei de um instante para perceber que se devia às lágrimas.

Uma lágrima escorreu-me pela face. O olhar tenebroso de Rune não vacilou.

– Quem és tu? – sussurrei. Abanei a cabeça ante o olhar insistente de Rune e só um estreitar ligeiro do canto dos olhos indicou que as minhas palavras o atingiram. – Quem és tu hoje? – Olhei para os dedos dele, ainda apertados no meu pulso. Sentindo a garganta apertada, perguntei: – Onde está o rapaz que eu amava?

Arriscando novo olhar ao seu rosto, sussurrei:

– Onde está o meu Rune?

Subitamente, Rune soltou os dedos do meu braço como se a minha pele o escaldasse. Um riso maldoso jorrou dos seus lábios enquanto me olhava de cima a baixo. A mão ergueu-se para compor delicadamente o meu cabelo – uma gentileza contraditória da sua natureza comparativamente ao veneno da voz.

– Sabes para onde foi esse rapaz? – Engoli em seco ao vê-lo perscrutar todos os traços do meu rosto, todos exceto os olhos. – Queres saber onde está esse Rune? – O lábio curvou-se de repúdio. Como se o meu Rune fosse imerecedor. Como se o *meu* Rune não merecesse todo o amor que lhe tinha.

Inclinando-se para mim, cruzou o olhar com o meu, tão severo que senti arrepios na espinha. Murmurou com voz dura:

– Esse Rune morreu quando o abandonaste – tentei dar meia-volta mas Rune intrometeu-se diante de mim e tornou impossível fugir à sua amarga crueldade. Respirei fundo, mas Rune ainda não tinha acabado. Podia ver no seu olhar que havia ainda *muito* a dizer.

– Esperei por ti – disse ele. – Esperei e esperei que tu ligasses, explicasses o que se passou. Mas desapareceste. Para cuidar de uma tia enferma que eu *sei* que nem sequer existe. O teu pai não quis falar comigo quando tentei; todos vocês cortaram relações comigo – os lábios estreitaram-se, revivendo a dor. Percebi que em todos os seus gestos e palavras fora transportado de volta a esse terrível estado. – Tentei ser paciente, que havias de explicar tudo a seu tempo. Mas os dias tornaram-se semanas e as semanas meses, e deixei de ter esperança. E de esperar. Pelo contrário, acolhi a dor. Acolhi as trevas criadas por *ti*. Passou um ano, passou outro e nada de resposta às

minhas cartas. Deixei que a dor me consumisse até não restar nada do antigo Rune. Pois não conseguia ver-me ao espelho nem mais um dia ou fingir ser *esse* Rune nem mais um dia, porra. Porque esse era o Rune que te tinha. O Rune que tinha a *Poppymín*. O Rune com um coração completo. A tua metade e a minha. Mas a tua metade deixou-me sozinho. Partiu e eu abri a porta ao que agora ganhou raízes. As trevas. A dor. E muita, muita raiva.

Rune debruçou-se sobre mim até o bafo me cobrir a cara.

– Foste tu quem me tornou assim, Poppy. O Rune que conhecestes morreu quando te tornaste uma cabra e quebraste todas as tuas promessas.

Cambaleei para trás, derrubada pelas palavras. Palavras que foram balas no meu coração. Rune encarou-me sem mostrar culpa. Não encontrei compreensão naquele olhar. Apenas a verdade dura e fria.

Sentia todas aquelas palavras.

Depois, incitada por ele, entreguei-me à raiva, cedi as rédeas do meu ser. Toda a raiva que sentia. Corri e empurrei o peito rijo de Rune. Não pensava que se mexesse, mas recuou um passo, antes de recuperar a pose.

Mas não parei.

Atirei-me a ele novamente, lágrimas quentes jorrando pela minha cara. Empurrei, vez e outra o peito dele. Agora firme, Rune não se mexeu. Portanto, continuei a dar golpes. Um soluço escapou-se da minha boca quando bati no seu tronco, os músculos enrijecendo debaixo da *T-shirt* enquanto eu soltava aquilo que crescera dentro de mim.

– Odeio-te! – berrei a plenos pulmões. – Odeio-te por me fazeres isto! Odeio esta pessoa em que te tornaste! Odeio *essa pessoa* e odeio-te *a ti!* – engasguei-me com os meus próprios berros e cambaleei para a frente, exausta.

Vendo o olhar ainda fixo no meu, usei os resquícios da minha energia para berrar:

– Tentei poupar-te! – Respirei fundo durante alguns instantes para acrescentar mais calma: – Tentei poupar-te, Rune! A toda esta dor. A sentires-te impotente como todos aqueles que eu amo.

As sobrancelhas loiro-escuras de Rune formaram um traço rígido por cima dos olhos. A confusão distorceu o seu lindo rosto.

Recuei novamente.

– Porque não era capaz de te ver nem de suportar a ideia de tu pensares no que me ia acontecer. Não conseguia fazer-te isso quando estavas tão longe – os soluços abandonaram a minha garganta. Tantos soluços que o meu peito começou a chiar do esforço.

Tossi, pigarreando com força e avançando para Rune, imóvel como uma estátua. Pousando a minha mão no coração dele, disse numa voz embargada:

– Tinha de lutar. Tinha de dar tudo por tudo. E só te queria perto de mim, mais do que imaginas – as minhas pálpebras húmidas começaram a secar na brisa fresca. – Terias largado tudo para tentares vir ao meu encontro. Já odiavas os teus pais e a tua vida em Oslo; era evidente sempre que conversávamos. Andavas tão amargo. Como é que lidarias com a minha situação?

A minha cabeça começou a latejar e uma enxaqueca forte a tomar conta de mim.

Precisava de ir. Precisava de largar tudo isto. Recuei. Rune continuava hirto. Não conseguia perceber se ainda pestanejava.

– Tenho de ir, Rune – agarrei o meu peito, sabendo que o pedaço que restava em mim se despedaçaria com o que disse a seguir: – Fiquemos por aqui, no cerejal que tanto adoramos. Acabemos de vez com o que tivemos... com o que éramos. – A minha voz deixara de se ouvir, mas com um empurrão derradeiro, sussurrei: – Vou manter-me longe de ti, e tu de mim. Havemos de esquecer tudo isto. Porque não há outra forma – baixei os olhos, não querendo ver a desilusão na expressão de Rune. – Não aguento tanta dor – ri-me sem gosto. – Preciso de corações de luar e sorrisos de raios de sol – sorri para mim mesma. – É o que me mantém viva. Não quero deixar de acreditar num mundo belo. Não deixarei que me vergue – obriguei-me a olhar para Rune. – E não serei a causa de mais mágoa para ti.

Virando a cabeça, notei uma fissura de agonia fraturar a expressão de Rune. Mas não parei. Corri. Corri o mais que pude, e passava pela minha árvore favorita quando Rune me agarrou pelo braço e me fez dar novamente a volta.

– O quê? – exigiu. – De que raio estás tu a falar? – respirava com dificuldade. – Não explicaste nada! Falas em poupar-me e salvar-me. Mas do quê? O que pensaste tu que eu não seria capaz de suportar?

– Rune, por favor – supliquei, afastando-o. Ele colou-se a mim num instante, mãos nos ombros, prendendo-me no lugar.

– Responde! – berrou.

Empurrei-o novamente.

– Deixa-me ir! – O meu coração disparou de trepidação. Senti arrepios por toda a pele. Tentei partir mais uma vez, mas as mãos dele seguraram-me. Debatí-me sem parar, procurando fugir pela primeira vez da árvore cujo abrigo sempre me confortou.

– Larga-me! – berrei novamente.

Rune inclinou-se para mim.

– Não, conta-me. Explica-te! – berrou como resposta.

– Rune...

– Explica! – berrou, interrompendo-me.

Abanei a cabeça com mais vigor, tentando, sem resultado, fugir.

– Por favor! Por favor! – supliquei.

– Poppy!

– NÃO!

– EXPLICA!

– VOU MORRER! – gritei para o cerejal silencioso, incapaz de aguentar mais. – Vou morrer – acrescentei sem fôlego. – Vou... morrer...

Apertando o peito, tentando recuperar o fôlego, a enormidade do que tinha feito permeou aos poucos o meu cérebro. Senti o coração bater com força. Bater com o ataque de pânico. Batia e corria com o terrível conhecimento do que acabara de admitir... do que tinha acabado de confessar.

Continuei a olhar fixamente para o chão. Algures no meu cérebro, apercebi-me que as mãos de Rune tinham ficado rígidas nos meus ombros. Senti o calor que emanava delas, mas senti também que tremiam. Escutei a respiração dele, arrastada e convoluta.

Obriguei-me a levantar os olhos e cruzá-los com os de Rune. Tinha os olhos esbugalhados e cobertos de mágoa.

Naquele instante, odiei-me. Porque aquele olhar, aquela expressão assombrada,

fora o motivo pelo qual quebrara a promessa que lhe fizera há dois anos.

O motivo pelo qual o tinha libertado.

Mas, afinal, só consegui aprisioná-lo dentro de uma gaiola de raiva.

– Poppy... – sussurrou ele, o sotaque fortíssimo, mais pálido do que a cal.

– Sofro de linfoma de Hodgkin. Em estado avançado. É terminal. – A minha voz tremia ao acrescentar: – Restam-me poucos meses de vida, Rune. Não há nada a fazer.

Aguardei. Aguardei para ver o que Rune diria, mas ele não se manifestou. Pelo contrário, recuou. O olhar viajava pelo meu rosto, procurando quaisquer sinais de logro. Não os encontrando, abanou a cabeça. Um «não» insonoro escapou-se-lhe da boca. Depois fugiu. Virou-me as costas e fugiu.

Passaram-se minutos até conseguir recuperar forças para me mexer.

E passaram-se mais dez minutos até atravessar a porta da minha casa onde os meus pais estavam sentados à conversa com os Kristiansen. Mas passaram-me meros segundos entre a minha mãe me ver e eu cair nos seus braços.

Onde parti o coração por causa do coração que acabara de partir.

Aquele que sempre tentara proteger.



Anseios Dispersos e Almas Assombradas

Rune

VOU MORRER... vou morrer... morrer... tenho linfoma de Hodgkin. Em estado avançado. É terminal... restam-me poucos meses de vida, Rune. Não há nada a fazer...

Corri pela escuridão do parque, perseguido pelas palavras de Poppy. VOU MORRER... vou morrer... morrer... tenho linfoma de Hodgkin... restam-me poucos meses de vida, Rune. Não há nada a fazer...

Dor, com uma intensidade que nunca julguei ser possível sentir, trespassou-me o coração. Cortou e desfez e feriu até os meus pés pararem de cansaço e cair de joelhos. Tentei respirar, mas a dor ainda agora começara, destroçando-me os pulmões até nada restar. Viajou como um relâmpago pelo meu corpo, conquistando tudo, até apenas restar dor.

Estava errado. Estava tão errado.

Julgara que o silêncio de Poppy durante dois anos seria a maior dor jamais sentida. E transformara-me, num sentido fundamental. Sentir-me abandonado e largado era doloroso... mas isto... isto...

Cambaleando, abalado pelas cólicas no estômago, berrei na escuridão do parque vazio. As minhas mãos arrepanharam a terra dura debaixo dos dedos; cortei-me nos ramos, parti as unhas.

Mas aceitei a dor. Esta dor podia gerir, mas aquela que me consumia por dentro...

O rosto de Poppy assomou ao meu espírito. Aquela maldita cara perfeita ao entrar no quarto, anteriormente. O rosto sorridente ao ver Ruby e Deacon e a morte desse sorriso quando os seus olhos encontraram os meus. Assisti à devastação quando se deparou com Avery ao meu lado, ombros sob o meu braço.

Mas não sabia que a descobrira através da janela da cozinha a conversar com Jorie no jardim. Ela não me vira chegar, pois nenhum de nós planeava sequer aparecer na festa. Quando Judson me enviou o SMS a dizer que Poppy tinha vindo, nada me travaria.

Ela ignorara-me. Desde aquele minuto em que a encontrei no corredor na semana passada, que não voltara a dirigir-me palavra.

Gesto que me destroçava.

Pensei que, quando voltasse a Blossom Grove, encontraria uma resposta.

Pensei que descobriria o motivo pelo qual se afastara de mim.

Engoli um soluço estrangulado. Nunca, jamais nas minhas conjeturas acreditei que fosse este o desfecho. Porque era Poppy. *Poppymin*. A minha Poppy.

Não podia morrer.

Não podia abandonar-me.

Não podia abandonar-nos a todos.

Nada teria sentido se não existisse. Tinha ainda tanta vida à sua frente. Estava destinada a acompanhar-me até ao fim dos tempos.

Poppy e Rune por toda a infinidade.

Eternamente e para sempre.

Meses? Eu não podia... ela não podia...

O meu corpo estremeceu ao sentir novo berro soltar-se da garganta, uma dor igual a ser enforcado, fustigado e esquartejado.

Lágrimas tombaram pelo meu rosto, caindo na terra seca sob as minhas mãos. O meu corpo manteve-se fixo naquela posição e as pernas não queriam mexer-se.

Desconhecia os próximos passos. Que raio podia eu fazer? Como é que se ultrapassa o conhecimento de não existir ajuda possível?

Inclinando a cabeça para trás, ao encontro do céu estrelado, fechei os olhos.

– Poppy – murmurei, sentindo o sal das lágrimas na boca. – *Poppymin* – murmurei novamente, o meu carinho desfeito pelo vento.

No espírito vi os olhos verdes de Poppy, tão sólidos como se estivessem diante de mim... *restam-me poucos meses de vida, Rune. Não há nada a fazer...*

Desta vez os berros não se limitaram à minha garganta. Libertados, revelaram-se múltiplos. O meu corpo estremeceu com a sua força, imaginando o que ela sofrera quando soube. O que sofrera sem mim. Sem mim a seu lado, dando-lhe a mão. Sem mim, beijando-lhe a cabeça. Sem mim, sustendo-a nos braços nos momentos mais tristes e quando o tratamento a enfraquecia. Pensei nela, perante toda essa dor munida apenas com meio coração. Metade da alma esforçando-se por sobreviver sem a contraparte.

Que era eu.

Nem soube quando tempo fiquei sentado no parque. Terá sido uma eternidade até ser capaz de me levantar. Andar tornava-me impostor no meu próprio corpo. Como se estivesse preso num pesadelo – acordaria com quinze anos novamente. Nada disto teria acontecido. Acordaria no cerejal, debaixo da nossa árvore preferida, com *Poppymin* nos braços. Rir-se-ia para mim ao ver-me despertar, colocando o meu braço na sua cintura. Inclinaria a cabeça para trás e eu baixaria a minha para receber um beijo.

E iríamos beijar-nos.

Beijar-nos e beijar-nos. Quando me afastasse, vendo o sol banhar-lhe a cara, ela sorrir-me-ia com os olhos ainda fechados, sussurrando:

– *Beijo dois mil e cinquenta e três. No cerejal em flor, debaixo da nossa árvore favorita. Com o meu Rune... e o meu coração quase explodiu* – levantaria a câmara e

aguardaria, olho pronto na lente para o instante em que ela abriria os olhos. *Aquele* instante. Aquele instante mágico capturado, encontrando nos seus olhos o quanto me amava. E eu dir-lhe-ia que a amava também, passando as costas da mão pelo seu queixo com ternura. Mais tarde, penduraria a imagem na parede de modo a apreciá-la todos os dias...

O pio de uma coruja despertou-me do torpor. Acordando da fantasia, a realidade atingiu-me como um caminhão – era precisamente isso: uma fantasia. Depois a dor atacou com força e golpeou-me com a verdade. Não podia acreditar que ela estava a morrer.

A minha visão turvou-se com novas lágrimas e demorei um instante a perceber que me encontrava na árvore imaginada nos meus sonhos. Aquela debaixo da qual sempre nos sentávamos. Depois olhei para cima, para a escuridão, o vento frio a agitar os ramos e o meu estômago deu uma reviravolta. Os ramos estavam despidos de folhas, braços magricelas aos rodopios e contorções, reflexo deste mesmo instante.

O instante em que descobri que a *minha* miúda ia partir.

Obriguei-me a andar; os meus pés lá conseguiram levar-me para casa. Mas, enquanto andava, a minha mente lutava contra uma selva de incerteza – pensamentos dispersos que não se consolidavam. Não sabia o que fazer nem para onde ir. As lágrimas jorravam incessantemente dos meus olhos; a dor no meu corpo começara a ocupar uma nova casa. Não poupou nenhuma parte de mim.

Fi-lo para te poupar.

Mas nada me pouparia daquilo. Pensar nela doente, tentando manter acesa a luz que costumava irradiar, destroçava-me.

Ao alcançar a minha casa, olhei para a janela que cativara a minha atenção durante doze anos. Sabia que ela se encontrava do outro lado. A casa estava às escuras. Querendo avançar, acabei por parar a meio caminho.

Não era capaz... não conseguia vê-la... não podia...

Voltei para trás, galguei os degraus da minha casa e entrei de rompante pela porta. Lágrimas de raiva e tristeza dilaceravam-me, cada oposto a procurar dominar-me. Arruinando-me por dentro.

Passei pela sala de estar.

– Rune! – chamou a minha mãe. Percebi imediatamente a interrogação na sua voz.

Os meus pés interromperam a marcha. Virei-me para ela, que se levantara do sofá, e vi lágrimas que escorriam pelo seu rosto.

Foi como um golpe de martelo.

Ela *sabia*.

A minha mãe deu um passo em frente, estendendo-me a mão. Fitei-a sem me mexer. Não conseguia aceitar. Não conseguia...

Corri para o quarto. Irrompi estrondosamente pela porta, mas acabei por parar, sem mais. No meio do meu espaço, olhei em volta, procurando descobrir o que fazer agora.

Mas não sabia. Levei as mãos acima e agarrei o cabelo às mãos-cheias. Engasguei-me com os sons emitidos pela boca. Afogava-me nas malditas lágrimas que me escorriam pelas faces porque não sabia como reagir.

Dei um passo em frente e parei. Tentei aproximar-me da cama e parei. O meu coração batia lentamente, desamparado. Lutei para inspirar o ar para os meus pulmões

obstruídos. Lutei para não cair no chão.

E então cedi.

Cedi à raiva que queria ser livre. Deixei que me invadisse e me desse alento. Alcançando a cama, curvei-me para agarrar a estrutura e com um berro estridente levantei-a num ímpeto, virando o colchão e o suporte de madeira. Avancei para a secretária e, com um varrer de braço, atirei tudo para o chão, apanhando entretanto o portátil, que atirei contra a parede. Desfez-se, mas não serviu de nada. Nada ajudava. A dor continuava bem presente. Aquela verdade que corroía as entranhas.

As malditas lágrimas.

Cerrando os punhos, lancei a cabeça para trás e berrei. Berrei e berrei até a minha voz ficar rouca e a garganta arder.

A seguir caí de joelhos e deixei-me afogar neste desgosto.

Depois ouvi a porta abrir-se e olhei para cima. A minha mãe entrou. Abanei a cabeça, levantando a mão para a travar. Mas ela não se deteve.

– Não – exclamei com a voz seca, tentando afastar-me dela. Mas ela não me prestou atenção, caindo no chão ao meu lado. – Não! – cuspi com mais força, mas ela esticou os braços e envolveu-me com eles o pescoço. – Não! – debati-me, mas ela puxou-me contra si e eu perdi a luta. Prostrei-me nos seus braços e chorei. Berrei e chorei nos braços da mulher com quem pouco falara nos últimos dois anos. Mas agora precisava dela. Precisava de alguém que compreendesse.

Compreendesse o que significava a perda de Poppy.

Por isso, soltei o que prendia dentro de mim. Apertei-me contra ela, com tanta insistência que a terei marcado. Mas a minha mãe não se mexeu; chorou comigo. Ficou sentada, calmamente, embalando a minha cabeça enquanto eu consumia as forças.

Notei então que junto à porta havia movimento.

O meu pai observava-nos com lágrimas nos olhos e uma tristeza gravada no rosto. A visão reacendeu a chama no meu estômago. Estar na presença do homem que me afastara de Poppy contra minha vontade, pouco antes de ela precisar tanto de mim, desencadeou algo no meu íntimo.

Afastando-me da minha mãe, sibilei entredentes:

– Sai daqui.

A minha mãe ficou hirta. Afastei-a ainda mais para longe, olhando para o meu pai. Ele levantou as mãos, notando-se o choque no rosto.

– Rune... – disse com voz apaziguadora.

Mas só alimentou as chamas.

– Eu disse para saíres daqui! – levantei-me.

O meu pai lançou um olhar à minha mãe. Encarando-me novamente, encontrou-me já de punhos fechados. Acolhi a raiva que ardia dentro de mim.

– Rune, filho. Estás em choque, magoado...

– Magoado? *Magoado*? Fazes lá ideia! – rugi, indo ao encontro dele. A minha mãe levantou-se imediatamente e tentou intrometer-se entre nós. Ignorei-a. O meu pai avançou e puxou-a para si, empurrando-a depois para o corredor.

E então fechou um pouco a porta para impedi-la de entrar.

– Sai já daqui, porra – disse pela última vez, sentindo surgir à superfície todo o

ódio que sentia por aquele homem.

– Lamento muito, filho – sussurrou ele e uma lágrima caiu-lhe pelo rosto. A audácia dele, chorar diante de mim.

Não tinha qualquer direito!

– Não faças isso – avisei, a minha voz acutilante e dura. – Não ouses começar com choradeiras. Não ouses dizer-me que lamentas muito. Não tens direito algum, pois foste tu que me tiraste daqui. Afastaste-me dela quando ficou doente. E agora... agora... vai mo... – não consegui acabar a frase. Não conseguia pronunciar aquela palavra. Em vez disso, corri. Contra o meu pai, esmurrando-lhe o peito amplo.

Ele cambaleou para trás e embateu na parede.

– Rune! – Ouvi a minha mãe gritar do corredor. Ignorando a súplica feminina, agarrei o meu pai pelo colarinho e coleí a minha cara à sua.

– Durante dois anos mantiveste-me longe. E porque eu estava longe, ela deixou de falar comigo para me *poupar* ao desgosto. A mim. Poupar-me da mágoa porque estava tão longe e não podia reconfortá-la nem dar-lhe apoio nos piores momentos. Por tua causa, não pude acompanhá-la na luta contra a doença – engoli em seco, mas consegui dizer: – E agora é tarde de mais. Restam-lhe meses... – A voz embargou-se. – *Meses...* – Deixei cair as mãos e recuei um passo, assolado pelo desgosto e pelas lágrimas.

De costas para ele, disse:

– Não há volta a dar. Nunca te perdorei por me teres afastado dela. Nunca. Não tenho mais nada a dizer-te.

– Rune...

– Sai daqui – rosnei. – Sai da porra do meu quarto e da porra da minha vida. Não tenho mais nada a dizer-te.

Segundos depois a porta fechou-se e a casa ficou silenciosa. Para mim, contudo, naquele instante, era como se a casa gritasse sem parar.

Afastei o cabelo da cara, caí sem forças sobre o colchão virado e reclinei-me contra a parede. Durante minutos, ou talvez horas, fiquei a olhar para o nada. O meu quarto encontrava-se às escuras, exceto pela luz do pequeno candeeiro, ao canto do quarto, que conseguira escapar à minha raiva.

Levantei os olhos, pousando-os na fotografia na parede. Franzi a testa, sabendo que não tinha sido eu a pendurá-la. Devia ter sido a minha mãe que a pendurara enquanto limpava o quarto.

E fiquei a olhar.

A olhar para Poppy, poucos dias antes da nossa partida, a dançar no cerejal, as cerejas em flor, que ela tanto adorava, em pleno vigor da sua beleza à sua volta. Tinha os braços levantados para o céu, rodopiando, cabeça deitada para trás enquanto ria.

O meu coração contraiu-se ao vê-la assim. Porque *esta* era *Poppymim*. A miúda que me fazia sorrir. A miúda que corria para o cerejal e dançava e ria pelo caminho.

Aquela que me pedira para não me aproximar. *Vou manter-me longe de ti, e tu de mim. Acabemos de vez com o que tivemos...*

Mas não podia. Não podia abandoná-la. Ela não me podia abandonar. Precisava de mim, tal como eu precisava dela. Não me interessavam as suas palavras; jamais permitiria que suportasse sozinha aquela provação. Jamais.

Antes de pensar demasiado no assunto, levantei-me e corri para a janela. Lancei um relance para a janela da casa oposta e deixei o instinto comandar-me. O mais silenciosamente que pude, abri a janela e desci para o relvado. O meu coração acompanhou o ritmo das passadas ao percorrer aquele espaço. Estaquei de repente. Respirando profundamente, assentei a mão na janela e empurrei-a para cima. Deslocou-se.

Estava destrancada.

Era como se o tempo não tivesse passado. Subi, entrando no quarto e fechei de mansinho a janela. O cortinado atrapalhou-me – era novidade. Afastando-o para o lado com o maior cuidado, dei um passo em frente, parando para apreciar o quarto que conhecia tão bem.

O perfume adocicado de Poppy, aquele que sempre usara, foi o primeiro a acolher-me no nariz. Fechei os olhos, expulsando o pesar no peito. Abrindo-os a seguir, os meus olhos pousaram em Poppy, deitada na cama. Dormia com um sono tão leve quanto a sua respiração, virada para mim, o corpo iluminado apenas pelo brilho ténue do candeeiro.

O meu estômago revirou-se. Como podia ela acreditar que me afastaria? Mesmo que não me tivesse contado o motivo por que deixara de falar-me, haveria de descobrir uma forma de regressar para ela. Mesmo apesar da dor, da mágoa, da raiva, acabaria por querê-la novamente, qual traça apaixonada pela chama.

Jamais conseguiria ficar longe dela.

Mas, enquanto a observava a dormir, com os lábios cor de rosa enrugados e a cara corada do calor, era como se sentisse uma lança espetada no peito. No fim de tudo, acabaria por perdê-la.

Perder a única razão que me mantinha vivo.

Balancei-me na ponta dos pés. Tentei aceitar este conhecimento. Lágrimas correram-me pelo rosto ao mesmo tempo que uma tábua velha do chão rangeu, anunciando-me. Cerrei as pálpebras. Ao abrir os olhos, descobri Poppy a observar-me, deitada, olhos estremunhados de sono. A seguir, lendo na perfeição o meu rosto – as lágrimas, a dor no olhar –, a expressão transformou-se numa máscara de desgosto e aos poucos abriu os braços.

Foi instintivo. Um poder primitivo que só Poppy detinha sobre mim. Os meus pés arrastaram-se para diante ao ver aqueles braços; as minhas pernas cederam finalmente quando alcancei a cama, joelhos a embater no chão, cabeça ao encontro do colo de Poppy. E, qual barragem, despejei tudo. As lágrimas jorravam, grossas e lestras enquanto Poppy envolvia a minha cabeça com os braços.

Ergui os braços em torno da sua cintura, envolvendo-a num abraço impossível de quebrar.

Os dedos de Poppy acariciaram-me o cabelo quando, assolado por tremores, caí no seu colo, lágrimas a molhar-lhe a camisa de noite que lhe tapava as coxas.

– Calma – sussurrou ela, embalando-me. O som doce sabia a paraíso aos meus ouvidos. – Já passou – acrescentou. Era estranho que fosse ela a confortar-me. Mas não podia travar a dor. Não podia travar o desgosto.

E abracei-a. Abracei-a com tanta força que julguei que me pediria para a largar. Mas não o fez, e eu não queria. Não ousava largá-la, pois ela poderia partir.

Queria que ela estivesse aqui.

Queria que ela ficasse.

– Já passou – repetiu Poppy num tom tranquilizador. Desta vez levantei a cabeça até encontrar os olhos dela.

– Não passou – tinha a voz rouca. – Nada disto vai passar.

Os olhos dela brilhavam, mas não soltou lágrimas. Pelo contrário, puxou-me a cabeça para cima, um dedo debaixo do queixo, e afagou a minha face húmida com outro dedo. Fiquei a ver, sem respirar, um sorriso curto nascer nos seus lábios.

O meu estômago revirou-se, a primeira sensação que aparecia no meu corpo após o torpor causado pela revelação de Poppy.

– Agora sei quem és – disse ela, tão baixinho que quase não ouvi. – O meu Rune. – O meu coração parou de bater.

O rosto dela derreteu-se numa expressão de alegria pura, ao afastar-me o cabelo da testa e passar as pontas dos dedos pelo meu nariz e pela aresta do meu maxilar. Mantive-me completamente imóvel, tentando gravar aquele instante na memória, qual foto mental. As mãos dela no meu rosto. Aquela expressão de felicidade, a luz que brilhava por dentro.

– Costumava imaginar que aspeto terias quando crescesses. Se cortarias o cabelo. Se ficarias mais alto e mais volumoso. Se os teus olhos seriam os mesmos – o canto da boca retorceu-se. – Se te tornarias mais bonito, o que me parecia impossível – o sorriso apagou-se. – E vejo que sim. Quando te encontrei no corredor na semana passada, não podia crer que estivesse ainda mais lindo do que eu imaginava – puxou o meu cabelo em jeito de brincadeira. – O teu cabelo loiro ainda mais comprido. Os teus olhos de um azul tão brilhante como nunca. E alto e avantajado – os olhos de Poppy cruzaram-se com os meus e disse baixinho: – O meu viquingue.

Fechei os olhos, a procurar expulsar o nó na garganta. Ao abri-los, encontrei Poppy a examinar-me como era hábito – com plena adoração.

Endireitei-me, mas apoiado pelos joelhos, aproximei-me dela, vendo os olhos de Poppy suavizarem-se ao encostar a minha testa à dela, tão cautelosamente como se fosse uma boneca de porcelana. Mal a nossa pele se tocou, respirei fundo e sussurrei:

– *Poppymin*.

Desta vez foram as lágrimas de Poppy que caíram no seu colo. Enfie a mão no cabelo e cingi-a contra mim.

– Não chores, *Poppymin*. Não aguento ver-te chorar.

– Não entendes o que significam – sussurrou.

Afastei a cabeça para trás, perscrutando-lhe os olhos. Os olhos de Poppy encontraram os meus e ela sorriu. Podia ver a alegria no seu rosto bonito quando ela explicou:

– Pensei que nunca mais ouviria essa palavra dita por ti – engoliu em seco. – Pensei que nunca te voltaria a sentir junto de mim. Pensei que nunca voltaria a sentir-me *assim*.

– Assim, como? – perguntei.

– Assim – repetiu ela e levou a minha mão ao seu peito. Por cima do coração. Batia, acelerado. Fiquei quieto, sentindo o despertar de algo no meu peito. Ela continuou: – Pensei que não voltaria a sentir-me completa – uma lágrima escapou-se

dos olhos e caiu na minha mão, molhando-me a pele. – Pensei que não recuperaria a outra metade do coração antes de... – calou-se, mas ambos sabíamos como terminava a frase. O sorriso apagou-se e o olhar enterrou-se no meu. – A Poppy e o Rune. Duas metades da mesma pessoa. Enfim reunidas. Quando realmente importa.

– *Poppy*... – disse, mas não conseguia livrar-me do chicote da mágoa que me feria por dentro.

Poppy pestanejou, uma vez e outra, até as lágrimas pararem. Encarou-me fixamente, a cabeça inclinada para o lado, como se tentasse resolver um enigma complicado.

– Poppy – insisti, a voz rouca. – Deixa-me ficar mais um pouco. Não posso... não posso... não sei o que fazer...

A palma quente da mão de Poppy pousou suavemente na minha cara.

– Não se pode fazer nada, Rune. Nada, a não ser aguentar.

As minhas palavras ficaram presas na garganta e fechei os olhos. Quando os abri novamente, ela observava-me.

– Não tenho medo – garantiu-me com confiança e percebi que a declaração era sentida. Por inteiro. A minha Poppy. Pequena de tamanho mas cheia de coragem e luz.

Nunca tive mais orgulho de amá-la do que naquele instante.

A minha atenção desceu para a cama dela – uma cama maior do que a anterior de há dois anos. Parecia perder-se no enorme colchão. Assim, no meio, era como uma miúda pequena.

Notando que eu olhava para a cama, Poppy remexeu-se para trás. Detetei um traço de exaustão na sua expressão, não a censurando. Sabia que eu não era mais aquele rapaz de quem se despedira há dois anos. Eu mudara.

Não sabia se voltaria a ser *aquele* Rune.

Poppy engoliu em seco e, após um momento de hesitação, bateu com a mão no colchão a seu lado. O meu coração disparou. Aceitaria que eu ficasse. Depois do que se passara. Depois do que eu tinha feito desde o meu regresso, ela aceitava que eu ficasse.

Tentei levantar-me, as pernas trémulas. As lágrimas manchavam-me as faces, raspavam-me a garganta até arder e a dor da revelação surreal da doença de Poppy... causara um entorpecimento residual no meu corpo. Cada pedacinho de mim fora arrancado e depois colado novamente com pensos rápidos – aqueles que tapam as feridas abertas.

Temporários.

Fúteis.

Inúteis.

Tirei os sapatos empurrando-os com os dedos dos pés e subi para a cama. Poppy afastou-se para o seu lado natural da cama e eu, atrapalhado, deitei-me no meu. Num gesto tão conhecido de ambos, virámo-nos de lado e ficámos diante um do outro.

Mas não era a mesma sensação familiar de antigamente. Poppy mudara. Eu mudara. Tudo mudara.

E não sabia como me ajustar.

Passaram-se minutos de silêncio. Poppy parecia contente por me observar. Mas eu tinha uma dúvida. A dúvida que lhe quisera colocar quando o nosso contacto cessara.

A ideia que tinha ganho raízes em mim e que apodreceu sem resposta. Aquela ideia que me agoniava. Aquela pergunta que ainda tinha a capacidade de me destroçar. Inclusive agora, em que o meu mundo não tinha possibilidade de acolher mais destroços.

– Pergunta – incitou Poppy subitamente, mantendo a voz baixa para não acordar os pais. Devo ter mostrado espanto porque ela encolheu os ombros num gesto muito terno. – Posso não reconhecer essa pessoa em que te tornaste, mas reconheço a expressão. Queres fazer uma pergunta.

Passei o dedo pelo lençol entre nós, a atenção focada no movimento que eu estava a fazer.

– Conheces-me mesmo bem – murmurei como resposta, acreditando profundamente nisso. Porque Poppy era a única que chegara a conhecer o meu verdadeiro íntimo. Mesmo agora, soterrado debaixo de tanta raiva e fúria, após a distância de dois anos de silêncio, ainda conhecia o coração que batia no meu peito.

Os dedos dela vieram ao encontro dos meus no território neutro entre nós. A terra de ninguém que separava os nossos corpos. Observando as nossas mãos, numa procura mútua mas sem se alcançarem, fui assolado pelo desejo de ter a minha câmara ali, uma necessidade que não sentia há muito tempo. Queria captar aquele instante.

Queria aquela imagem. Queria manter para sempre aquele momento.

– Sei qual é uma parte da tua pergunta, penso eu – disse Poppy, arrancando-me ao pensamento. As faces estavam coradas e um tom rosado espalhava-se pela cor branca da sua pele. – Vou ser sincera. Desde que voltaste reconheço pouco em ti. Mas, por vezes, vislumbro pedaços do rapaz que amei. O suficiente para ter esperança de que ele ainda se encontre aí dentro – tinha uma expressão determinada. – Acima de tudo, penso que quero vê-lo debater-se contra o que o esconde. Vê-lo talvez seja o meu maior desejo antes de partir.

Desviei a cara, incapaz de aguentar a menção à sua partida, e da desilusão que eu representava, e do facto de estar a ficar sem tempo. Depois, qual ato de coragem de um soldado, a mão dela cruzou a distância entre nós e a ponta do dedo tocou na minha. Virei a cabeça. Os meus dedos abriram-se ao toque. Poppy passou a ponta do dedo pela minha pele, traçando as linhas da palma da mão.

Uma sugestão de sorriso apareceu nos seus lábios. O meu estômago contorceu-se ao pensar quantas mais vezes poderia ver aquele sorriso. E como é que ela ainda tinha forças para sorrir.

Depois, recolhendo-se para onde se encontrava anteriormente, a mão de Poppy ficou quieta. Olhou-me, aguardando pacientemente a pergunta que não formulei.

Sentindo o coração bater de trepidação, abri a boca e perguntei:

– O teu silêncio... deveu-se apenas... à tua doença... ou houve outro... outro motivo... – Imagens da nossa derradeira noite passaram pela minha mente. Eu por cima dela, as nossas bocas unidas num beijo lento e suave. Poppy indicando-me que estava pronta. As nossas roupas abandonando os corpos, o rosto dela quando me insurgi e, no final, quando se abraçou a mim. Adormecer ao seu lado, sem nada restar por dizer entre nós.

– O que foi? – perguntou Poppy, com olhos muito abertos.

Respirando num ritmo rápido, soltei:

– Terá sido por causa da minha insistência? Obriguei-te? Fiz-te ir mais longe? – E em desespero perguntei: – Tiveste remorsos?

Poppy ficou tensa, os olhos reluzindo. Pensei que fosse chorar e confessar que aqueles dois últimos anos tinham representado um sentimento genuíno.

Que a magoara. Que confiara em mim e eu a tinha magoado.

Pelo contrário, Poppy ergueu-se da cama e ficou de joelhos. Ouvi-a retirar um objeto de debaixo da cama. Ao levantar-se, trazia na mão o antigo frasco de vidro para conservas. Um frasco de conservas cheio de centenas de corações de papel cor de rosa.

Os mil beijos do seu amado.

Ajoelhou-se cuidadosamente sobre a cama e, virando o frasco para o brilho do candeeiro, abriu a tampa e começou a vasculhar o interior. A mão dava voltas pelos corações de papel e eu seguia aqueles que se encostavam ao vidro. A maior parte continuava por preencher. O frasco tinha uma camada de pó – sinal de que não era aberto há algum tempo.

Uma mistura de esperança e tristeza invadiu-me.

Esperança que nenhum outro rapaz tivesse tocado naqueles lábios.

Tristeza que a maior aventura da sua vida tivesse ficado por concluir. O fim dos beijos.

Depois a tristeza trespassou-me.

Meses. Ela tinha meses de vida, não uma vida plena, para encher o frasco. Jamais escreveria a mensagem num coração no dia do matrimónio como desejara. Nunca seria avó nem leria os beijos para os netinhos. Nem sequer alcançaria a maioridade.

– Rune? – perguntou Poppy, vendo as lágrimas banharem-me o rosto. Usei as costas da mão para as limpar. Hesitei antes de olhar para ela. Quando me virei para cima, notei que compreendera e a compreensão tornou-se timidez.

Nervosismo.

Havia um coração cor de rosa na mão estendida. Mas este coração não estava em branco. Havia uma anotação em ambos os lados. A tinta neste coração era cor de rosa, o que dificultava a leitura da mensagem.

Poppy estendeu ainda mais a mão.

– Pega nele – pediu. Assim fiz.

Endireitando-me, procurei a luz do candeeiro. Foquei a vista na tinta cor de rosa até perceber as palavras. *Beijo trezentos e cinquenta e cinco. No meu quarto. Depois de ter feito amor com Rune. O meu coração quase explodiu.* Virei o papel e li o que estava no verso.

Parei de respirar.

Foi a melhor noite da minha vida... não podia ser melhor.

Fechei os olhos, assolado por nova onda de emoções. Se estivesse em pé, certamente cairia de joelhos.

Porque ela adorara.

Aquela noite, o que fizemos, fora por vontade dela. Não a magoara.

Forcei para baixo um som que queria escapar-se da minha garganta. Senti a mão de Poppy no meu braço.

– Pensei que nos tinha destruído – sussurrei, observando-a. – Pensei que tu te arrependeras de nós.

– Nada disse – sussurrou ela em resposta. Com a mão trémula, um gesto enferrujado por causa da longa separação, ela afastou as madeixas do meu cabelo caídas sobre a cara. Cerrei as pálpebras para sentir a carícia. Abri-as ao ouvi-la dizer: – Quando aquilo aconteceu... – explicou –, quando tive de fazer o tratamento... – lágrimas, desta vez, conseguiram escapar-se dos olhos dela –, quando o tratamento deixou de funcionar..., lembrava-me muitas vezes dessa noite. – Poppy fechou os olhos, as pestanas compridas beijando-lhe o rosto. Depois sorriu. A mão parou, enfiada no meu cabelo. – Lembrava-me de como tinhas sido meigo. O que senti... contigo, estarmos tão próximos. Como se fôssemos duas metades do coração que tinha o nosso nome – suspirou. – Senti-me em casa. Tu e eu, juntos, éramos a infinidade, estávamos unidos. Esse instante, o instante em que a nossa respiração cresceu e me apertaste com força... foi o melhor da minha vida.

Abriu os olhos novamente.

– Era esse instante que eu revivia quando se tornava difícil. O instante em que pensava quando sentia medo. O instante que me lembra a minha sorte. Porque nesse instante senti o amor que a minha avó queria que descobrisse com esta aventura dos mil beijos do meu amado. Aquele instante em que sabes que és muito amada, que és o centro do mundo de outra pessoa, a maravilha de saber isso, e que estiveste *viva*... mesmo por um curto período de tempo.

Segurando o coração de papel numa mão, estendi a outra e aproximei o pulso de Poppy dos meus lábios. Depositei um beijo rápido na pulsação que ali senti sob os lábios. Ela inspirou profundamente.

– Ninguém beijou os teus lábios? Apenas eu? – perguntei.

– Não – disse ela. – Prometi-te que não o faria. Mesmo sem termos contacto. Mesmo pensando que não te veria novamente, jamais quebraria a minha promessa. Estes lábios são teus. E sempre o foram.

O meu coração estremeceu. Soltei-lhe o pulso e levei os dedos aos lábios dela, acariciando-os – os lábios que ela me tinha oferecido.

A respiração de Poppy desacelerou quando lhe toquei na boca. As pestanas esvoaçaram, as faces ficaram vermelhas. A minha respiração intensificou-se. Intensificou-se porque era o dono daqueles lábios. Ainda eram meus.

Eternamente e para sempre.

– Poppy – sussurrei e inclinei-me para ela. Poppy ficou imóvel, mas não a beijei. Não podia. Senti que ela não entenderia a minha intenção. Que não me reconhecia.

Nem eu me reconhecia a mim mesmo ultimamente.

Em vez disso, pousei os lábios nos meus dedos que tapavam os lábios dela e assim formavam uma barreira entre as nossas bocas, e inspirei. Senti o seu aroma – açúcar e baunilha. O meu corpo encheu-se de energia apenas por estar junto a ela.

Depois o meu coração partiu-se em dois, ao recuar e ela perguntar, destróçada:

– Quantos?

Franzi a testa. Perscrutei-lhe o rosto à procura do significado da pergunta. Poppy engoliu em seco e desta vez foi ela quem pousou os dedos nos meus lábios.

– Quantos? – repetiu.

Sabia perfeitamente ao que se referia. Porque ela fitava os meus lábios como se a tivessem traído. Como se fosse algo que antigamente amara, perdera e não podia

recuperar.

Uma frieza gelada percorreu-me e Poppy retirou a mão trémula.

Mostrava uma expressão resguardada e o fôlego preso no peito como forma de se proteger da minha resposta. Mas eu não disse nada. Não podia, pois aquela expressão derrotou-me.

Poppy suspirou e disse:

– Sei que houve a Avery, obviamente, mas em Oslo, houve mais alguém? Quero dizer, deve ter havido, mas foram muitas?

– Isso tem importância? – perguntei, a voz baixa. O coração de papel de Poppy estava ainda na minha mão, escaldada com o seu significado.

A promessa dos nossos lábios.

A promessa dos nossos corações que eram metades de um maior.

Eternamente e para sempre.

Poppy tentou abanar a cabeça, devagar, mas acabou por anuir, descaindo os ombros.

– Sim – sussurrou. – Tem importância. Não devia, porque te libertei das nossas promessas – baixou a cabeça. – Mas tem. Mais importância do que possas entender.

Estava equivocada. Eu compreendia a importância que tinha porque também sentia o mesmo.

– Estive demasiado tempo longe – respondi. Nesse instante, percebi que a raiva que me dominava retomara o controlo. Uma parte doentia dentro de mim queria magoá-la como ela me magoara.

– Eu sei – concordou Poppy, ainda cabisbaixa.

– Tenho dezassete anos – continuei. Os olhos de Poppy viraram-se para os meus bruscamente.

Estava pálida.

– Oh! – exclamou ela, e nesta pequeníssima exclamação havia um mundo de dor. – Então o que temi é verdade. Estiveste com outras, intimamente... como estiveste comigo. Eu... eu pensava...

Poppy afastou-me para a berma da cama, mas eu estendi a mão e agarrei-lhe o pulso antes de fugir.

– Mas isso tem alguma importância? – quis saber e notei que os olhos dela se enchiam de lágrimas.

A raiva dentro de mim amansou um pouco, mas voltou de imediato ao relembrar os anos perdidos. Anos passados a beber e a divertir-me para afastar a dor enquanto Poppy estava doente. Quase tremi de raiva.

– Não sei – retorquiu Poppy, depois abanou a cabeça. – Minto. Na verdade, sei. É por seres meu. E, apesar de tudo o que aconteceu entre nós, mantive uma esperança vã de que não quebrasses a promessa. Que significasse tanto para ti como para mim. Apesar de tudo.

Deixei tombar a mão pousada na sua cintura. Poppy levantou-se. Encaminhou-se para a porta. Ao levar a mão à maçaneta, eu disse baixinho:

– E significava.

Poppy parou, as costas curvadas.

– O quê?

Não se virou. Fui eu quem se levantou e acercou dela. Debrucei-me, garantindo que ouvia a minha confissão. Soprei o cabelo que tapava o seu ouvido, ao falar tão baixinho que até eu tive dificuldade em ouvir:

– A promessa também significou o mesmo para mim. Tal como tu significavas... e significas hoje. Algures, debaixo desta raiva... existimos nós os dois. Sempre será assim para mim – Poppy continuava imóvel. Aproximei-me ainda mais. – Eternamente e para sempre.

Ela virou-se até o nosso peito se tocar e os olhos verdes se ligarem aos meus.

– Tu... não entendo – disse ela.

Levantei muito devagar a mão e enfiei os dedos no cabelo dela. As pálpebras de Poppy cederam até se cerrarem, mas voltaram a abrir-se.

– Eu não quebrei a promessa – admiti, vendo o choque perpassar pelo rosto que me olhava.

Ela abanou a cabeça.

– Mas eu vi... vi-te beijar...

– *Não quebrei a promessa* – interrompi. – Desde o dia em que parti, não beijei mais ninguém. Os meus lábios continuam teus. Nunca houve mais ninguém nem jamais haverá.

A boca de Poppy abriu-se e fechou-se. Quando se abriu novamente, disse:

– Mas tu e a Avery...

O meu maxilar retesou-se.

– Eu sabia que andavas por ali. Sentia-me lixado. Quis magoar-te como tu me magoaste – Poppy abanou a cabeça incrédula. Aproximei-me mais um pouco. – Sabia que ficarias assim se me visses com a Avery. Por isso sentei-me ao lado dela e aguardei até te ver. Queria que acreditasses que pretendia beijá-la... até ver a tua expressão. Até fugires do quarto. Até ser incapaz de suportar a dor que te causei.

Lágrimas derramaram-se pelas faces de Poppy.

– Porque farias uma coisa dessas? Rune, tu nunca...

– Faria e fiz – disse rispidamente.

– Porquê? – questionou ela.

Sorri sem vontade.

– Porque tens razão. Não sou mais o rapaz que conhecias. Sentia-me tão zangado quando fui obrigado a partir que, depois de algum tempo, só conseguia sentir precisamente isso, raiva. Tentei escondê-la quando falávamos, debatia-me contra ela, sabendo que continuavas comigo apesar de estarmos afastados milhares de quilómetros. Mas deixaste de responder às minhas chamadas e eu deixei de me importar. Que me consumisse. E consome-me há tanto tempo que agora só resta a raiva – peguei na mão de Poppy e pousei-a sobre o coração. – O meu coração existe pela metade. Esta pessoa que hoje sou deve-se a uma vida ausente de ti. Esta escuridão, esta raiva, surgiu de não estares ao meu lado. *Poppymin*. A minha aventureira. A minha miúda. – E então a dor regressou. Durante breves minutos, esqueci a nova realidade. – E agora – disse entredentes –, agora dizes-me que vais partir de vez... – engasguei-me com as palavras.

– Rune – murmurou Poppy e lançou-se para os meus braços, apertando-me com força.

De imediato, os meus braços envolveram-na como uma videira. Sentindo o corpo derreter-se contra o meu, respirei. A primeira respiração genuína há muito tempo. Depois ficou estrangulada, contraída, quando disse:

– Não te posso perder, *Poppymin*. Não seria capaz. Não te deixarei ir. Não sei viver sem ti. És minha, para toda a eternidade e para sempre. Estás fadada a seres a minha companhia nesta vida. Precisas de mim e eu de ti. E é tudo – senti-a tremer nos meus braços. – Não conseguirei abandonar-te. Porque, para onde fores, tenho de seguir. Tentei viver sem ti, mas não funciona.

Lentamente, e com o maior cuidado, Poppy ergueu a cabeça, separando os nossos corpos o suficiente para me observar e sussurrar com voz entrecortada:

– Não posso levar-te para onde vou.

Cambaleei, assolado pelo sentido daquela declaração, largando a sua cintura. Não parei até me sentar na berma da cama. Sentia-me incapaz de lidar com a situação. *Como é que lido com tudo isto?*

Não compreendia como podia Poppy ser tão forte.

Como era capaz de encarar a sentença de morte com tamanha dignidade? Eu só me apetecia amaldiçoar o mundo, destruir tudo na minha frente.

Deixei cair a cabeça para a frente. E chorei. Chorei lágrimas que não sabia ainda ter. Eram a minha reserva, a derradeira onda de desolação dentro de mim. As lágrimas que vieram admitir a verdade que não quis aceitar.

Poppymin ia morrer.

Ela ia verdadeiramente morrer.

Senti a cama afundar-se a meu lado. O doce aroma feminino. Segui-a: ela puxou-me para a cama, para me deitar ao seu lado. Segui a instrução silenciosa: cair nos seus braços. Libertei tudo o que estava acumulado dentro de mim, sentindo as mãos dela no meu cabelo. Envolvi a cintura dela, para me suster, tentando ao máximo gravar na memória aquela sensação. A sensação dela nos meus braços. O coração forte, o corpo quente.

Não sei quando tempo passou. Por fim, as lágrimas secaram. Não saí dos braços dela. Ela não parou de acariciar as minhas costas com os dedos.

Consegui humedecer a garganta o suficiente para perguntar:

– Como foi que aconteceu, *Poppymin*? Como descobriram?

Poppy ficou calada por instantes, antes de suspirar.

– Não importa, Rune.

Sentei-me e fitei-a nos olhos.

– Quero saber.

Poppy traçou a minha bochecha com a mão e anuiu.

– Eu entendo que queiras saber, e hás de saber, mas hoje não. Isto, nós, assim como estamos, é o que interessa. Nada mais.

Não libertei o olhar dela, nem ela o meu. Uma paz dormiente assentara entre nós. O ar estava espesso quando me inclinei, nada mais querendo do que colar a minha boca à dela. Sentir os lábios contra os meus.

Acrescentar mais um beijo ao frasco.

Quando a minha boca se encontrava à distância de um cabelo da de Poppy, mudei de alvo e beijei-lhe afinal a bochecha. Era macia e suave.

Mas não era suficiente.

Ascendendo, depusitei novo beijo, e mais um, em cada centímetro da face, pela testa, ao longo do nariz. Poppy retorceu-se debaixo de mim.

Ao recuar, supus, pela leitura da sua expressão, que Poppy sabia que não tentava forçar as coisas.

Porque, embora não quisesse aceitar este facto, agora éramos pessoas diferentes das do passado. O rapaz e a rapariga que se beijavam com a facilidade de um suspiro tinham mudado.

Um verdadeiro beijo apenas aconteceria quando descobríssemos o caminho de retorno entre nós.

Plantei um outro beijo na ponta do nariz de Poppy e um risinho derramou-se dos seus lábios. Era como se a raiva amansasse o suficiente, permitindo-me apreciar a alegria que ganhava raízes no meu coração.

Encostando a testa à de Poppy, garanti-lhe:

– Os meus lábios são teus, não pertencem a mais ninguém.

Como resposta, Poppy sussurrou um beijo na minha face. Senti o efeito daquele beijo percorrer-me o corpo. Enfiiei a cabeça na curva do seu pescoço e soltei um pequeno sorriso quando ela me murmurou ao ouvido:

– Os meus lábios também são teus.

Virei-me, puxando-a para os meus braços, os nossos olhos eventualmente a fechar-se. Adormeci mais depressa do que pensava. Sentia-me cansado, desanimado e emocionalmente marcado, e o sono apareceu depressa. Mas sempre acontecia quando Poppy se encontrava a meu lado.

Foi este o terceiro instante que definiu a minha vida. A noite em que descobri que poderia perder a miúda que eu amava. Saber que os nossos momentos juntos eram finitos – apertei-a com força, recusando-me a largá-la.

Ela adormeceu com esta mesma postura... um eco potente do que fôramos outrora.

* * *

Fui acordado por um restolhar.

Esfreguei os olhos para espantar o sono. A silhueta silenciosa de Poppy dirigia-se para a janela.

– *Poppymin?*

Poppy parou e finalmente olhou para mim. Engoli em seco, sentindo as lâminas que me cobriam a garganta. Poppy aproximou-se. Vestia um anoraque por cima de uma camisola e calças de ginástica. Trazia uma mochila.

Franzi a testa. Ainda era noite.

– O que estás a fazer?

Poppy regressou para a janela, olhando para trás e perguntando num tom brincalhão:

– Vens?

Riu-se para mim e o meu coração estalou. Dividiu-se em pedaços ante a sua enorme beleza. Curvei os lábios, infetado por aquela felicidade, e perguntei:

– Mas aonde vais?

Poppy puxou o cortinado e apontou para o céu.

– Ver o nascer do Sol – inclinou a cabeça para o lado, encarando-me. – Bem sei que já se passou bastante tempo, mas esqueceste-te que costumava fazer isto?

Uma onda de calor percorreu-me. Não me tinha esquecido.

Levantando-me, permiti-me soltar uma gargalhada. Calei-me prontamente. Poppy notou e, suspirando de tristeza, voltou para o meu lado. Olhei para ela, só desejando poder segurá-la pela nuca e tomar-lhe a boca com a minha.

Poppy examinou o meu rosto e depois deu-me a mão. Apanhado de surpresa, olhei para os seus dedos, que envolviam os meus. Pareciam tão pequenos, apertando a minha mão tão suavemente.

– Não faz mal, sabes? – questionou.

– O quê? – perguntei, acercando-me dela.

Poppy continuou a apertar-me a mão e, com a outra, equilibrando-se em bicos de pés, acariciou-me os lábios com as pontas dos dedos.

O meu coração começou a bater um tudo-nada mais veloz.

– Não faz mal teres vontade de rir – continuou com a voz suave como as penas. – Não faz mal teres vontade de sorrir. Nem sentires-te feliz. Caso contrário, vale a pena viver? – O que ela dizia atingiu-me com força. Não queria fazer nem sentir tais coisas. Bastava-me pensar em estar feliz para me sentir culpado.

– Rune – disse Poppy. A mão dela deslizou até pousar no meu pescoço. – Entendo o que deves estar a sentir. Já lido há algum tempo com esta situação. Mas também sei que me magoa perceber que as pessoas de quem mais gosto no mundo, aquelas que adoro com todo o meu coração, se sentem tristes e perturbadas.

Os olhos de Poppy brilharam. Fiquei a sentir-me pior.

– Poppy... – comecei a dizer, cobrindo a mão dela com a minha.

– É pior do que qualquer dor. É pior do que defrontar a morte. Ver a minha doença chupar toda a alegria daqueles a quem adoro é o pior de tudo – engoliu em seco, respirou fundo e murmurou: – Tenho pouco tempo. Todos sabemos isso. Portanto, quero que esse tempo seja especial... – Poppy sorriu. E foi um dos seus sorrisos brilhantes e abertos. Do tipo que faria um resmungão como eu ver um clarão de luz. – O mais especial de todos. – E eu sorri.

Mostrei-lhe a felicidade que me despertava. Mostrei-lhe que aquelas palavras – as palavras da nossa infância – tinham encontrado caminho pelas trevas.

Pelo menos por enquanto.

– Para – disse Poppy, de súbito. Assim fez. Um ligeiro risinho soltou-se da sua garganta.

– O que foi? – perguntei, ainda agarrado à mão dela.

– O teu sorriso – respondeu, e deixou cair o queixo como se chocada. – Ainda existe! – sussurrou com dramatismo. – Pensei que fosse uma lenda mítica, como o Pé Grande ou o monstro de Loch Ness. Mas afinal existe! Vi-o com os meus próprios olhos!

Poppy enquadrou o rosto nas mãos e pestanejou exageradamente.

Abanei a cabeça, debatendo-me contra um riso verdadeiro desta vez. Quando este se acalmou, Poppy continuava a rir-se para mim.

– Só tu – comentei. O sorriso dela suavizou-se. Inclinando-me, puxei o colarinho

do casaco para cima, protegendo-lhe o pescoço. – Só tu me farias sorrir.

Poppy fechou os olhos por um mero instante.

– Então é isso que farei enquanto me for possível – encarou-me nos olhos. – Farte-ei sorrir. – Pôs-se em bicos de pés e os nossos rostos praticamente tocaram-se. – Estou determinada a isso.

Um pássaro piou na rua e o olhar de Poppy virou-se para a janela.

– Temos de ir se queremos chegar a tempo – urgiu e então recuou, quebrando aquele instante.

– Então vamos – respondi e, calçando as botas, segui-a. Apanhei o saco dela do chão e atirei-o por cima do ombro; Poppy sorriu para si mesma, observando-me.

Puxei a janela, que deslizou até ficar aberta. Poppy correu para a sua cama e regressou com uma manta nas mãos. Olhou para mim.

– Faz frio a esta hora matinal.

– O casaco não aquece o suficiente? – perguntei.

Poppy segurou a manta contra o peito.

– Isto é para ti – apontou para a minha *T-shirt*. – Vais sentir frio no cerejal.

– Tens a noção que sou norueguês, certo? – perguntei com secura.

Poppy anuiu.

– Um viquingue a sério – debruçou-se. – E, cá entre nós, és muito bom nas aventuras, conforme previsto.

Abanei a cabeça, divertido. Ela pousou a mão no meu braço.

– Mas, Rune?

– Sim?

– Até os viquingues sentem frio.

Apontei para a janela aberta com a cabeça.

– Vai ou perdemos o Sol.

Poppy esgueirou-se pela janela, ainda a sorrir, e eu segui atrás dela. A manhã estava fria, o vento mais forte do que na noite anterior.

O cabelo de Poppy fustigava-lhe o rosto. Preocupado com a possibilidade de ela arrefecer e ficar doente, peguei-lhe no braço e puxei-a para mim. Poppy ficou espantada até eu levantar o capuz pesado do seu casaco e o enfiar na sua cabeça.

Atei-o para o manter fixo. Poppy ficou a observar-me sem comentários. Os meus gestos abrandaram por causa da sua atenção inamovível. Quando acabei de atar o laço e as minhas mãos se interromperam, encarei-a profundamente nos olhos.

– Rune – comentou ela, depois de vários segundos constrangidos de silêncio. Inclinei o queixo, calmamente à espera que continuasse. – Ainda consigo ver a tua luz. Debaixo dessa raiva imensa, ainda te encontro.

As palavras dela apanharam-me de surpresa. Dei um passo atrás. Virei-me para cima. O céu começara a clarear. Avancei em frente.

– Vens?

Poppy suspirou e apressou-se atrás de mim. Enfie as mãos no bolso, calado, ao longo do caminho que nos levaria para o cerejal. Poppy não parava de olhar em redor. Tentei perceber o que lhe chamava tanto a atenção, mas pareciam ser pássaros e árvores e relva que ondulava ao vento. Franzi a testa, perguntando-me porque estaria tão petrificada. Mas era Poppy, e ela sempre seguira as suas próprias ideias. Sempre

vira no mundo mais coisas do que as outras pessoas.

Ela via a luz que trespassava a escuridão. Via o bem que existia no mal.

Era a única explicação possível para que ela não me tivesse afastado de vez. Sabia que me encontrava diferente, mudado. Mesmo que não me dissesse, estava patente na forma como me observava. Um olhar reservado.

Nunca me teria olhado daquela forma no passado.

Entrámos no cerejal, sabendo onde nos sentaríamos. Avançámos para a árvore maior – a nossa – e Poppy abriu a mochila. Retirou uma toalha para nos sentarmos.

Ao estendê-la no chão, indicou-me onde me devia sentar. Assim fiz, encostando-me ao tronco volumoso. Poppy ocupou o centro da toalha e inclinou-se para trás, apoiada nas mãos.

O vento parecia ter amainado. Ela desatou o laço do capuz e deixou-o cair, expondo a cara. A atenção de Poppy virou-se para o horizonte progressivamente mais brilhante, cujo céu agora cinzento era atravessado por tons vermelhos e laranja.

Retirei o maço do bolso e enfiei um cigarro na boca. Acendi-o e dei uma passa forte e demorada, sentindo o fumo encher-me os pulmões.

Soprei lentamente, envolvido pelo tabaco. Percebi que Poppy me observava com muita atenção. Pousando o braço no joelho dobrado, devolvi-lhe o olhar.

– Fumas.

– *Ja*.

– Não queres parar? – perguntou ela. Percebi pelo seu tom de voz que era um pedido. E percebi, pela sugestão de sorriso nos lábios, que já tinha reparado que eu desconfiava dela.

Abanei a cabeça. Acalmava-me. Não desistiria tão facilmente.

Ficámos sentados sem falar até Poppy olhar de novo o dia nascente e perguntar:

– Chegaste a ver o nascer do Sol em Oslo?

Segui o seu olhar para o horizonte cor de rosa. As estrelas desapareciam aos poucos sob o banho de luz.

– Não.

– Porque não? – perguntou Poppy, virando-se para mim.

Dei outra passa no cigarro e levantei a cabeça para soltar o fumo. Baixei-a novamente e encolhi os ombros.

– Nunca me ocorreu.

Poppy suspirou e voltou-se outra vez para o lado.

– Uma oportunidade desperdiçada – comentou ela, agitando o braço para o céu. – Nunca saí dos Estados Unidos nem vi o Sol nascer noutra terra, e eis-te na Noruega, e nunca acordaste cedo para presenciares a chegada de um novo dia.

– Basta ver um nascer do Sol e já vimos todos – retorqui.

Poppy abanou a cabeça de tristeza. Lançou-me um olhar de lástima. Fez o meu estômago revirar-se.

– Isso não é nada verdade – argumentou. – Os dias são todos diferentes. As cores, as tonalidades, o impacto na alma – suspirou, dizendo. – Cada dia é uma dádiva, Rune. A única lição que realmente aprendi nos últimos dois anos foi essa – fiquei calado.

Poppy deitou a cabeça para trás e fechou os olhos.

– Tal como o vento. Faz frio porque o inverno está a começar, as pessoas tentam

escapar-se. Ficam dentro de casa para se manterem quentes. Mas eu aprecio-o. Aprecio a sensação do vento na cara, o calor do sol nas faces quando chega o verão. Apetece-me dançar à chuva. Sonho deitar-me na neve, a sentir o frio nos ossos – abri os olhos. A crista do Sol começou a aparecer no céu. – Durante os tratamentos, quando me encontrava confinada à cama no hospital, cheia de dores e a dar em doida em todas as vertentes da minha vida, pedia às enfermeiras para virarem a minha cama de modo a ver a janela. Para recuperar forças.

Um borrão de cinzas caiu no chão ao meu lado. Percebi que não me mexera desde que ela começara a falar. Poppy olhou-me e disse:

– Ao espreitar por aquela janela, sentindo tanto a tua falta que as saudades eram mais dolorosas que a quimioterapia, ficava a ver a madrugada surgir, e pensava em ti. Se estarias a ver a mesma madrugada na Noruega. E a ideia pacificava-me – eu não respondi. – Foste sequer feliz? Alguma vez nos últimos dois anos não te sentiste triste ou zangado?

A fogueira da raiva que vivia no meu estômago acendeu-se nesse instante. Abanei a cabeça.

– Não – respondi, atirando a ponta do cigarro para o chão.

– Rune – sussurrou Poppy. Havia culpa no seu olhar. – Pensei que me esquecesses, um dia – baixou os olhos, mas, quando voltou a levantá-los, destroçou-me totalmente o coração. – Fi-lo porque não acreditava que duraríamos tanto tempo – um sorriso fraco e no entanto estranhamente potente agraciou-lhe o rosto. – Recebi uma dádiva. A da vida – inspirou profundamente – e eis que recebi outro milagre, o teu regresso.

Virei a cabeça, incapaz de me manter calmo, incapaz de contrapor a tranquilidade com que Poppy falava da sua morte e a felicidade com que descrevia o meu regresso. Ela veio sentar-se ao meu lado. O seu aroma doce avassalou-me e fechei os olhos, respirando com força ao sentir o braço dela encostado ao meu.

Fez-se novamente silêncio entre nós, um silêncio sólido. Depois Poppy pousou a mão na minha. Abri os olhos no instante em que ela apontava para o Sol, que agora subia rapidamente, acordando o novo dia. Recostei a cabeça contra a casca áspera da árvore, contemplando uma neblina rosada a encher o cerejal despido. O frio causava-me arrepios. Poppy puxou a manta ao seu lado e colocou-a sobre nós.

Mal a manta grossa de lã nos aqueceu, os dedos dela entrelaçaram-se nos meus, unindo as mãos. Ficámos a ver o Sol até o dia nascer por completo.

Tive necessidade de ser sincero. Afastando o meu orgulho, confessei:

– Magoaste-me – a voz estava rouca, baixa.

Poppy ficou hirta.

Não a encarei nos olhos, não era capaz. Depois acrescentei:

– Partiste-me o coração.

As nuvens espessas clarearam, o céu cor de rosa ficou azul. A manhã instalava-se e senti Poppy mexer-se – limpava uma lágrima.

Retraí-me, odiando o facto de a ter perturbado. Mas ela quisera saber por que motivo andava continuamente chateado. Quisera saber por que motivo nunca assistia à porra de um nascer do sol. Quisera saber por que motivo tinha mudado tanto. Esta era a verdade. E eu descobria rapidamente que às vezes a verdade era uma megera autêntica.

Poppy abafou um soluço e eu levantei o braço para o pousar nos seus ombros. Pensei que resistiria, mas afinal encostou-se a mim ternamente, deixando-me abraçá-la.

Continuei a olhar para o céu, cerrando o maxilar até os olhos ficarem turvos com as lágrimas que retive.

– Rune – disse Poppy.

Abanei a cabeça.

– Não importa.

Poppy levantou a cabeça e virou o meu rosto para o dela, mão na minha face.

– Claro que importa, Rune. Magoei-te – engoliu as lágrimas. – Nunca tive intenção. Queria desesperadamente poupar-te a tudo isto.

Perscrutei-lhe o olhar e vi. Terei ficado magoado sem fim, destruído pelo abrupto silêncio, atirado para um lugar do qual não conseguia libertar-me de modo algum, mas ela fizera-o por me amar. Por querer que eu seguisse em frente.

– Eu sei – afirmei, apertando-a contra mim.

– Não resultou.

– Não – concordei, depositando um beijo na sua testa. Quando olhou para mim, limpei-lhe as lágrimas do rosto.

– E agora? – perguntou.

– O que queres que aconteça agora?

Poppy suspirou e encarou-me com um olhar determinado.

– Quero o antigo Rune de volta – o meu estômago revirou-se e dei um passo em frente. Poppy travou-me. – Rune...

– Não sou mais o Rune que era. Nem sei se voltarei a ser – baixei a cabeça, mas depois obriguei-me a olhá-la. – Continuo a querer-te da mesma forma, *Poppymin*, mesmo que tu não me queiras.

– Rune – sussurrou ela –, acabei de te recuperar. Não conheço esta pessoa nova que és agora. Tenho o espírito turvo. Nunca esperei que me acompanhasses nisto. Sinto-me... confusa – apertou-me a mão. – Mas, ao mesmo tempo, sinto-me cheia de vida revigorada. Com a promessa de nós, outra vez, sabendo que, no tempo que me resta, voltei a ter-te – as palavras dançaram no ar, ao perguntar nervosa. – Tenho, não tenho?

Acaricieei-lhe o rosto com o dedo.

– *Poppymin*, claro que me tens. Sempre me terás – desatei o nó que se atara na garganta e acrescentei: – Posso estar diferente do rapaz que conhecias, mas sou teu – sorri sem humor. – Eternamente e para sempre.

O olhar de Poppy acalmou. Deu uma palmada no meu ombro antes de deitar nele a cabeça.

– Desculpa – sussurrou.

Apertei-a muito contra mim.

– Céus, Poppy, *eu* é que peço desculpa. Eu não... – era incapaz de acabar a frase. Mas Poppy aguardou paciente até eu inclinar a cabeça e continuar. – Não sei como aguentas tudo isto, como consegues... – suspirei. – Não sei como consegues ter forças para continuar.

– Porque adoro a vida – encolheu os ombros. – Sempre foi assim.

Senti que via uma nova faceta de Poppy. Ou talvez me mostrasse a rapariga na

qual eu sempre soube que se tornaria.

Poppy apontou para o céu.

– Sou a rapariga que acorda cedo para assistir ao nascer do Sol. Sou a rapariga que prefere ver o que há de bom nos outros, aquela que é arrebatada por uma canção e inspirada pela arte – virando-se para mim, sorriu. – Sou essa rapariga, Rune. Aquela que aguenta a tempestade à espera do vislumbre do arco-íris. Por que motivo havemos de ser tristes quando podemos ser felizes? É uma escolha óbvia, para mim.

Levei a mão dela à boca e beijei-lhe as costas da mão. A respiração alterou-se, acelerando para o dobro. Depois, Poppy levou as nossas mãos unidas à boca, virando-as para beijar a minha mão. Deixou-a cair no colo, desenhando padrões na minha pele com o indicador da mão livre. O meu coração derreteu-se quando percebi o que desenhava – sinais do infinito. O número oito perfeitamente escrito.

– Sei o que me reserva o futuro, Rune. Não sou ingénua. Mas também tenho uma forte fé de que há mais na vida do que a que temos hoje, aqui, nesta Terra. Acredito que o paraíso me aguarda. Acredito que quando soltar o meu último suspiro e fechar os olhos nesta vida, acordarei na seguinte, em paz. Acredito nisso com todo o meu coração.

– Poppy – disse, atormentado pela ideia de a perder, mas muito, muito orgulhoso da sua força. Ela era espantosa.

O dedo de Poppy soltou-se das nossas mãos e ela sorriu, sem o mero indício de medo no rosto esbelto.

– Ficarei bem, Rune. Prometo.

– Não sei se eu ficarei bem sem ti – não queria que ela se sentisse mal, mas era a minha verdade.

– Ficarás – declarou, confiante. – Porque eu tenho fé em ti – não dei resposta. Que resposta podia dar?

Poppy observou as árvores despidas à nossa volta.

– Mal posso esperar por as ver floridas. Tenho saudades das pétalas cor de rosa tão lindas. Saudades de entrar neste jardim e sentir que estou num sonho – levantou a mão e passou-a por um ramo descaído.

Poppy lançou-me um sorriso de entusiasmo, depois levantou-se, cabelo solto ao vento. Pisou a relva e estendeu as mãos no ar. Inclinou a cabeça para trás e riu. Um riso arrancado da garganta com puro abandono.

Não me mexi. Não era capaz. Encontrava-me petrificado. Os meus olhos recusavam-se a largar a visão de Poppy que rodopiava ao sabor do vento por entre as cerejeiras, o riso a encher o ar.

Um sonho, pensei. Tinha razão. Poppy, agasalhada no casaco, a rodar no cerejal ao início do dia parecia um sonho.

Era como um pássaro: tanto mais belo quanto mais livre no seu voo.

– Consegues senti-la, Rune? – perguntou ela, olhos ainda fechados enquanto bebia o sol quente.

– O quê? – perguntei, encontrando a minha voz.

– A vida! – exclamou, rindo-se alto ao sentir o vento mudar de direção, quase a derrubando. – Vida – disse calmamente, parando, assentando os pés na relva seca. A sua pele estava corada, as faces fustigadas pelo vento, e, contudo, estava mais bonita

que nunca.

Os meus dedos contorceram-se. Quando olhei para baixo, percebi logo o motivo.

O ímpeto de gravar Poppy numa película roía-me por dentro. Era uma necessidade natural.

Poppy dissera-me em tempos que era inata em mim.

– Oxalá, Rune – começou Poppy, fazendo-me olhar para cima –, oxalá as pessoas soubessem como me sinto todos os dias. Porque só apreciamos cada dia da nossa vida quando estamos próximos do fim? Porque temos de esperar até não termos mais tempo para realizar os nossos sonhos, quando até então tínhamos todo o tempo do mundo? Porque não olhamos para a pessoa amada como se não a voltássemos a ver? Se fosse assim, a vida seria mais arrebatadora. Seria *vivida* na sua plenitude.

A cabeça de Poppy foi avançando lentamente. Olhou-me por cima do ombro, oferecendo-me o seu sorriso mais devastador. Encarei a rapariga que amava mais do que ninguém como se fosse a última vez que estaria com ela e senti-me vivo.

Senti-me a pessoa mais abençoada à face do planeta, porque a tinha. Embora as coisas continuassem ainda estranhas e recentes entre nós, sabia que a tinha.

E ela tinha-me.

As minhas pernas endireitaram-se por si mesmas, largando a manta sobre a relva do cerejal. Aos poucos, fui-me aproximando de Poppy, embrenhando-me na sua totalidade.

Poppy esperou que me aproximasse. Quando parei diante dela, baixou a cabeça, com um repente de embaraço a subir pelo pescoço e pousando nas maçãs do rosto.

O vento envolveu-nos e ela perguntou:

– Sente-lo, Rune? A sério?

Sabia que se referia ao vento no rosto e aos raios de sol que nos banhavam.

Vivo.

Arrebatado.

Anuí, respondendo a uma pergunta muito diferente.

– Sinto, *Poppymin*. A sério.

E foi nesse instante que algo dentro de mim mudou. Não podia concentrar-me no facto de Poppy ter poucos meses de vida.

Tinha de me concentrar no presente.

Tinha de ajudá-la a sentir-se viva, o mais possível, enquanto ficasse comigo.

Tinha de reconquistar a confiança dela. A sua alma. O seu amor.

Poppy aproximou-se de mim e passou a mão pelo meu braço exposto.

– Estás frio – referiu.

Não ficava com uma ereção se sofresse de hipotermia. Levando a mão à sua nuca, baixei-me, examinando-lhe o rosto em busca de um indício de que a minha intenção era indesejada. Os olhos verdes abriram-se mas não por quererem resistir.

Perante a incitação, vendo os seus lábios entreabrir-se e as pálpebras cerrar-se delicadamente, inclinei a cabeça, afluindo-lhe os lábios, passando a ponta do nariz pela sua face. Poppy arfou mas não parei. Prossegui até alcançar o latejar no pescoço; corria desenfreado.

A pele dela estava quente de dançar ao vento, mas também arrepiada. Era por minha causa.

Aproximei-me mais, coleí os lábios à sua pulsação acelerada, saboreando-lhe a doçura da pele e sentindo também o meu coração disparar.

Vivo.

Viver a vida na sua plenitude.

Um gemido suave escapou-se dos lábios de Poppy e retrocedi, gradualmente procurando-lhe o olhar. As íris verdes estavam acesas, os lábios rosados e carnudos. Deixando cair a mão, afastei-me um passo e disse:

– Vamos. Tens de dormir.

Poppy ficou adoravelmente estupefacta enquanto eu a largava para reunir as nossas coisas e, quando já tinha tudo, vi que se mantinha no mesmo sítio.

Apontei para as nossas casas com um gesto da cabeça e Poppy colocou-se ao meu lado. Ao avançar, revivi as últimas doze horas. O carrossel de emoções, o facto de ter recuperado a minha metade do coração, descobrindo, contudo, que seria temporariamente. Pensei em beijar-lhe o rosto e deitar-me ao seu lado.

Lembrei-me então do frasco. O frasco semicheio com os mil beijos do seu amado. Por algum motivo, aquela imagem dos papéis em branco era o que mais me perturbava. Poppy adorava o frasco. Fora um desafio feito pela avó. Um desafio interrompido pela minha ausência durante dois anos.

Lancei um relance a Poppy, que observava um pássaro numa árvore, sorrindo ao ouvir a cantoria vinda do ramo mais alto. Sentindo-me olhar para ela, virou-se e eu perguntei:

– Ainda gostas de aventuras?

O sorriso de orelha a orelha de Poppy respondeu imediatamente à pergunta.

– Sim – afirmou. – Ultimamente, sinto que tudo é uma aventura – baixou os olhos.

– Sei que os próximos meses serão um desafio interessante, mas estou pronta para o acolher. Tentarei viver cada dia ao máximo.

Ignorando a mágoa que este comentário me causou, formei intimamente um plano.

Poppy parou; tínhamos alcançado o intervalo de relva que separava as nossas casas.

Estávamos diante da janela dela. Poppy voltou-se para mim e aguardou pela minha reação. Inclinei-me para ela, depusitei o saco e a toalha no chão e endireitei-me, braços caídos ao longo do corpo.

– Então? – perguntou Poppy, com um traço de humor na voz.

– Então – repeti e não pude deixar de sorrir ao ver-lhe o brilho nos olhos. – Olha, Poppy – comecei, balançando sobre a ponta dos pés –, julgas que não conheces este tipo em que me tornei – encolhi os ombros. – Portanto, dá-me uma hipótese. Deixa que te mostre. Começemos uma nova aventura.

Senti as faces corarem de vergonha, mas Poppy subitamente pegou-me na mão e uniu-a com a sua. Olhei, estupefacto, as nossas mãos, mas Poppy abanou-as para cima e para baixo duas vezes. Com o maior sorriso de sempre na cara, as covinhas vincadas de orgulho, declarou:

– Sou a Poppy Litchfield e tu és o Rune Kristiansen. Isto chama-se apertar as mãos. A avó disse-me que é o que se faz quando conhecemos uma pessoa nova. Agora somos amigos. Grandes amigos.

Poppy espreitou-me por entre as suas pestanas e eu ri-me. Ri-me ao lembrar-me

daquele dia em que a conhecera, tínhamos cinco anos, e vi-a sair de casa pela janela com o vestido azul sujo de lama e um laço enorme na cabeça.

Poppy tentou recuperar a mão, mas eu agarrei-a com força.

– Sai comigo esta noite.

Poppy ficou parada.

– Combinemos um encontro – continuei um pouco atrapalhado. – Um encontro a sério.

Poppy abanou a cabeça, incrédula.

– Nunca saímos assim juntos, Rune. Sempre fomos... assim.

– Então começaremos já. Virei buscar-te às seis. Está pronta à minha espera.

Virei-me e dirigi-me para a janela, assumindo que a resposta dela seria positiva. A verdade é que não lhe daria uma hipótese de recusar. Iria fazer isto por ela.

Iria tentar o mais possível fazê-la feliz.

Conquistá-la de novo.

Conquistá-la de novo sendo o Rune que hoje sou.

Não havia alternativa.

Éramos nós.

A nossa nova aventura.

Aquela que a faria sentir-se viva.



Primeiros Encontros e Sorrisos com Covinhas

Poppy

– Vão sair juntos? – perguntou Savannah, que estava deitada na minha cama com Ida. Observavam o meu reflexo no espelho. Viram-me enfiar os brincos com o sinal do infinito nas orelhas. Viram-me aplicar uma camada final de base.

– Sim, vamos – respondi.

Ida e Savannah entreolharam-se com os olhos muito abertos. Ida virou-se para mim.

– Com o *Rune*? O Rune Kristiansen?

Desta vez fui eu quem se virou para elas. Perturbava-me aquelas expressões chocadas.

– Sim, com o Rune. Qual é o espanto?

Savannah endireitou-se, mãos apoiadas no colchão.

– Porque o Rune Kristiansen de quem tanto se fala não quer sair com nenhuma rapariga. O Rune que fuma e bebe na mata. Aquele que não diz nada e que faz caretas em vez de sorrir. O rebelde que voltou diferente da Noruega. *Esse* Rune.

Encarei Savannah e notei que estava preocupada. O meu estômago começou a dar voltas ao perceber finalmente que tipo de coisas se dizia sobre Rune.

– Sim, mas não há miúda que não goste dele – intrometeu-se Ida, lançando-me um sorriso rápido. – Se havia quem tivesse ciúmes de ti quando andavas com ele antes, agora vão passar-se completamente!

Tendo soltado este comentário, o sorriso de Ida apagou-se aos poucos.

Deixou descair a cabeça, levantando-a a seguir.

– Ele já sabe?

Savannah adquirira também o mesmo ar triste. Tão triste que tive de desviar os olhos. Não conseguia aguentar aquela expressão no rosto delas.

– Poppy? – perguntou Savannah.

– Sabe.

– E como é que reagiu? – perguntou Ida com alguma cautela.

Sorri por entre o relampejo de dor no meu coração. Olhei para as minhas irmãs, as duas a observar-me como se eu fosse desaparecer de um segundo para o outro. Encolhi os ombros.

– Mal.

Os olhos de Savannah começaram a rebrilhar.

– Lamento, Pops.

– Não devia ter deixado de falar com ele – comentei. – É por isso que ele anda sempre zangado. Magoei-o muito. Quando lhe contei, ficou destroçado, mas depois convidou-me para sair. O *meu* Rune, finalmente convidando-me para sair após tantos anos.

Ida limpou rapidamente o queixo.

– E os pais sabem?

Fiz uma careta e neguei com a cabeça. Savannah e Ida entreolharam-se, depois viraram-se para mim e segundos depois ríamos as três em conjunto.

Ida voltou-se de costas, agarrada ao estômago.

– Oh, meu Deus, Pops! O pai vai-se passar! Desde que os Kristiansen voltaram que ele não para de dizer que o Rune mudou para pior, que não tem educação porque fuma e berra com o pai dele – virando-se de novo, sentou-se. – O pai não te vai deixar ir.

O meu riso parou. Sabia que os meus pais estavam preocupados com a atitude de Rune, mas não sabia que o tinham em tão má consideração.

– Ele vem buscar-te à nossa porta? – perguntou Savannah.

Abanei a cabeça, embora ignorasse o que ele pretendia fazer.

Subitamente a campainha tocou.

Olhámos umas para as outras, com olhos arregalados. Franzi a testa.

– Não pode ser o Rune – exclamei, surpreendida. Ele costumava entrar pela janela. Nunca era formal; não era a nossa onda. E certamente não era a dele.

Savannah olhou para o relógio em cima da cómoda.

– São seis horas. Não era suposto chegar a essa hora?

Com um relance final no espelho, agarrei no casaco e saí disparada pela porta do quarto, seguida de perto pelas minhas irmãs. Contornando o corredor, vi o meu pai abrir a porta e o rosto abrir-se de espanto ao ver quem era.

Parei imediatamente.

Savannah e Ida pararam a meu lado. Ida agarrou-me a mão ao ouvirmos uma voz conhecida cumprimentar:

– Senhor Litchfield.

O meu coração interrompeu a sua atividade perante aquela voz. Observei o meu pai empertigar-se, perplexo.

– Rune? – perguntou. – O que vieste cá fazer?

O meu pai estava a ser educado, mas notei o cansaço na sua voz. E também um travo de preocupação, talvez uma consternação profunda.

– Vim buscar a Poppy – respondeu-lhe Rune. A mão deste crispou-se contra o puxador.

– A Poppy? – questionou surpreendido. Espreitei pelo corredor, tentando obter um relance de Rune. Ida apertou-me o braço.

Olhei para a minha irmã.

– *Meu Deus!* – exclamou ela apenas com os lábios.

Abanei a cabeça ao mesmo tempo que ela me fazia rir silenciosamente. Quis prestar atenção ao meu pai, mas fiquei a observar a expressão de entusiasmo da miúda mais um pouco. Eram estes momentos, os momentos descontraídos, em que nos tornávamos três irmãs a falar de encontros amorosos que mais me condoíam. Sentindo um par de olhos a perscrutar-me, virei a cabeça para Savannah.

Sem recorrer às palavras, ela indicou-me que compreendia.

A mão de Savannah pousou no meu ombro enquanto eu ouvia Rune explicar:

– Vou levá-la a sair, Senhor Litchfield – fez uma pausa. – Combinámos encontrar-nos.

O meu pai ficou branco como a cal e eu avancei. Ao sair do esconderijo para salvar Rune, Ida sussurrou-me ao ouvido:

– Poppy, passaste a ser a minha heroína. Olha para a expressão do pai!

Revirei os olhos e ri-me. Savannah segurou Ida, puxando-a para trás, para não ser vista. Mas elas continuariam a assistir. Não perderiam o espetáculo por nada deste mundo.

Fui assolada por um nervosismo súbito ao aproximar-me da porta. Vi que o meu pai começava a abanar a cabeça. Depois o olhar fixou-se em mim.

A sua expressão perplexa abarcou o meu vestido, o laço no cabelo e a maquilhagem aplicada no rosto. Ficou ainda mais branco.

– Poppy? – voltou a questionar o meu pai. Ergui a cabeça.

– Olá, pai – respondi. Rune continuava encoberto pela porta, mas pude ver a sua figura preta pelo vitral do painel. Sentia o aroma fresco a entrar em casa com a brisa fresca da noite.

O meu coração começou a acelerar de antecipação.

O meu pai apontou para Rune.

– O Rune parece julgar que vai sair contigo – disse-o como se isso não pudesse ser verdade, mas notei a dúvida na sua voz.

– Vai – confirmei.

Ouvi os sussurros baixinhos das minhas irmãs atrás de nós. Vi a minha mãe a observar nas sombras da sala.

– Poppy... – O meu pai tentou falar mas eu avancei um passo, interrompendo-o.

– Está tudo bem – tranquilizei-o. – Vou ficar bem – era como se o meu pai não conseguisse mexer-se. Aproveitei o momento constrangedor para me aproximar da porta e saudar Rune.

Senti os meus pulmões contraírem-se e o meu coração parar de bater.

Rune aparecera vestido todo de preto: *T-shirt*, botas de pele, casaco de couro. Soltara o cabelo comprido. Apreciei o momento em que levantou a mão e a passou pelo cabelo. Estava encostado à porta com ar arrogante a emanar da sua postura descontraída.

Quando os olhos, a brilhar sob sobrancelhas loiro-escuras franzidas, pousaram em mim, vi uma luz incendiar-se neles. Os olhos percorreram lentamente o meu corpo, passaram pelo vestido amarelo de mangas compridas, desceram pelas pernas e voltaram ao cimo, ao laço branco que sustinha uma parte do meu cabelo. As narinas

flamejaram e as pupilas cresceram e foi essa a única evidência de que gostava do que via.

Corando debaixo daquele olhar intenso, respirei com dificuldade. O ar estava pesado. A tensão entre nós era palpável. Percebi nesse instante que se podia ter imensas saudades de alguém mesmo tendo decorrido apenas poucas horas depois do último encontro.

O meu pai pigarreou e o som trouxe-me de volta à realidade. Olhei para trás. Pousando uma mão tranquilizadora no seu braço, disse:

– Volto mais tarde, pai, pode ser?

Sem aguardar pela resposta, encolhi-me para passar por baixo do braço dele encostado à porta e saí para o alpendre. Rune afastou o corpo lentamente da ombreira e voltou-se para me acompanhar. Quando alcançámos o fim do acesso para a rua, virei-me para ele.

O olhar intenso estava já fixo em mim, maxilar retesado enquanto eu aguardava que ele se pronunciasse. Espreitando por cima do ombro dele, vi o meu pai a observar-nos a partir com a expressão preocupada ainda traçada no rosto.

Rune olhou para trás sem reagir. Não se manifestou. Levou a mão ao bolso, exibiu um molho de chaves e esticou o queixo para o *Range Rover* da mãe.

– Cederam-me o carro – explicou apenas, continuando a caminhar.

Segui-o, coração aos pulos enquanto me dirigia para o carro. Concentrei a atenção no chão para equilibrar os nervos. Quando olhei para cima, Rune tinha-me aberto a porta do passageiro. E, subitamente, todo o meu nervosismo se desvaneceu.

Ali estava ele, como um anjo negro, a observar-me, à espera que eu entrasse. Sorrindo-lhe ao passar, entrei no carro, corando de felicidade enquanto ele fechava a porta delicadamente e ocupava o lugar do condutor.

Rune ligou o motor sem dizer nada, a atenção concentrada na minha casa pelo para-brisas. Ali estava o meu pai, sólido como pedra, vendo-nos partir.

O maxilar de Rune retesou-se ainda mais.

– Está só a proteger-me, nada mais – expliquei, a voz cortando o silêncio. Com um olhar de lado para mim e mostrando uma expressão furiosa para com o meu pai, Rune arrancou, um silêncio pesado a aumentar gradualmente pelo caminho.

As mãos de Rune estavam crispadas no volante, os nós dos dedos já brancos. Sentia a raiva que emanava dele. Ficava tão triste. Nunca vira ninguém guardar tanta raiva.

Não era capaz de imaginar o que seria viver assim todos os dias. Não podia imaginar o arame farpado permanentemente no meu estômago, a dor no coração.

Inspirando fundo, virei-me para ele e perguntei cautelosamente:

– Estás bem?

Rune soltou o ar pelo nariz. Anuiu uma vez e depois afastou o cabelo da cara. Os meus olhos desceram para o blusão de *motard* e sorri.

Rune arqueou a sobrancelha direita.

– O que foi? – perguntou, o som da voz profunda a ecoar no meu peito.

– Só tu – comentei evasivamente.

Rune olhou para a estrada e depois para mim. Ao repetir este gesto várias vezes, percebi que se sentia desesperado por saber o que eu pensava.

Estendi o braço, passei a mão pelo couro gasto do braço do blusão. Os músculos de Rune agitaram-se sob o meu toque.

– Já percebo porque é que todas as miúdas da vila estão apanhadinhas por ti – comentei. – Ida falava-me disso hoje. Como todas ficaram com ciúmes de mim por sair contigo.

As sobrelanceiras de Rune vincaram-se. Ri-me, ri-me com gosto, ao ver as rugas na sua testa. Apertou os lábios enquanto me ria mais alto, mas via o brilho no olhar dele. A disfarçar o seu contentamento.

Suspirei levemente e limpei os olhos. Notei que as mãos de Rune estavam menos tensas no volante. O maxilar estava mais descontraído e os olhos menos estreitos.

Aproveitando a oportunidade, expliquei:

– Desde que adoeci que o meu pai se tornou mais protetor. Ele não te odeia, Rune. Mas não sabe como tu és agora. Nem sabe sequer que voltámos a falar – Rune ficou calado, imóvel.

Desta vez não tentei fazer conversa. Era óbvio que Rune entrara numa das suas cismas. Mas hoje já não sabia como despertá-lo delas. Nem se seria capaz de fazê-lo. Virei-me para espreitar o mundo do outro lado da janela enquanto o carro avançava. Não sabia para onde íamos e a excitação tornava difícil manter-me calma.

Subitamente detestei o silêncio no carro e inclinei-me para o rádio e liguei-o. Rodei o botão até encontrar a minha estação preferida. A melodia da minha banda feminina preferida encheu o ar.

– Adoro esta música – disse eu, toda contente, sentada no meu assento enquanto a música lenta do piano começou a encher todos os recantos do carro. Escutei os acordes de abertura, acompanhando em silêncio a versão acústica da canção. A minha versão favorita.

Depois fechei os olhos, permitindo que a letra triste surgisse no meu espírito e saísse pelos meus lábios. Sorri quando a secção de cordas se ouviu ao fundo, fortalecendo a emoção com os sons doces.

Era por isto que adorava a música.

Apenas a música tinha a capacidade de me arrebatrar e dar vida à história da canção tão imaculadamente. Tão profundamente. Abri os olhos, descobrindo que no rosto de Rune se esvaziara toda a raiva acumulada. As mãos apertavam o volante, mas a expressão mudara.

A minha boca secou quando ele olhou novamente para mim de forma inescrutável.

– Fala de uma rapariga que ama desesperadamente um rapaz, com todo o coração. Guardam segredo desse amor, mas ela não quer que seja assim. Quer que o mundo saiba que ele lhe pertence e que ela lhe pertence a ele.

Depois, para minha grande surpresa, Rune disse com voz rouca:

– Não pares de cantar – vi no seu rosto a necessidade de me ouvir.

Assim fiz.

Não tinha uma voz forte. Portanto, cantei em tons suaves, genuínos. Cantei a letra, apreciando todas as palavras. Quando cantava sobre o amor retribuído, cantava com alma. Vivi aquelas letras, aqueles suplícios apaixonados.

Ainda os vivia.

Falavam de Rune e de mim. Da nossa separação. Do meu plano imbecil: mantê-lo

afastado da minha vida, poupá-lo à dor e acabando inesperadamente por magoar-nos aos dois. Amá-lo desde aqui da América, enquanto ele me amava desde Oslo, de volta, em segredo.

Quando o último refrão terminou, abri os olhos, o peito dolorido por causa das emoções intensas. Outra música que não conhecia começou a tocar. Senti o olhar vigilante de Rune perscrutar-me, mas não era capaz de levantar a cabeça.

Algo tornava esse gesto impossível.

Deixei a cabeça tombar contra o descanso e espreitei pela janela.

– Adoro a música – disse eu, quase para mim mesma.

– Sei que adoras – respondeu Rune. A voz era firme, forte e nítida.

Mas nesse tom de voz descobri um traço de ternura. Algo gentil. Carinho. Virei a cabeça para o observar. Não disse nada quando os nossos olhares se cruzaram.

Limitei-me a sorrir. Um meio-sorriso tímido, mas Rune expirou lentamente em resposta.

Virámos para a esquerda e novamente para a esquerda, em direção a uma estrada rural escura. Os meus olhos não largaram Rune. Pensei em como era verdadeiramente lindo. Imaginei como seria dali a dez anos. Mais forte, sem dúvida. Usaria ainda o cabelo comprido? O que faria com a sua vida?

Rezei para que fosse uma atividade relacionada com a fotografia.

A fotografia trazia-lhe a mesma paz enaltecadora que me trazia o violoncelo. No entanto, desde que voltara não vira uma única vez a câmara.

Ele próprio afirmara que já não tirava fotografias.

Isso entristecia-me mais do que o resto.

Depois fiz aquilo que tinha dito a mim mesma há muito que jamais faria – imaginei como *nós* seríamos dali a dez anos, juntos. Casados, a morar num apartamento no Soho, Nova Iorque. Eu faria o jantar na cozinha apertada enquanto dançava ao som da música do rádio e Rune sentar-se-ia ao balcão a observar-me, tirando fotografias que documentariam a nossa vida. E baixaria a câmara para passar um dedo pelo meu rosto. Eu afastar-lhe-ia o dedo na brincadeira e riria. Nesse instante ele carregaria no botão da câmara e nessa noite, ao chegar à cama, encontraria essa imagem em cima da almofada.

O instante perfeitamente captado.

Aquele segundo perfeito. O amor num fotograma.

Uma lágrima tombou dos meus olhos ao agarrar-me a essa imagem. A imagem que jamais seríamos. Permiti-me experienciar a dor um instante, antes de a enterrar. Depois obriguei-me a sentir alegria por ele ter tido a oportunidade de realizar a sua paixão e tornar-se fotógrafo. Estaria a observá-lo desde a minha nova casa no paraíso, a sorrir com ele.

Rune concentrou-se na estrada e eu murmurei:

– Senti saudades tuas... tantas, tantas saudades tuas.

Rune ficou imóvel, cada centímetro do seu corpo enregelando. Depois passou pela placa com indicação para virar e estacionou na berma. Endireitei-me sem perceber o que se passava. O motor continuava a ronronar, mas as mãos de Rune deslizaram do volante.

Tinha um ar tristonho, as mãos pousadas no colo. Agarrou momentaneamente as

calças, depois voltou a cabeça para mim. Com expressão assombrada.

Dividida.

Mas acalmou-se quando me viu e disse num murmúrio áspero:

– Também tive saudades tuas. Muitas, muitas saudades, *Poppymin*.

O meu coração deu um pulo e fez disparar os batimentos. Correu veloz, deixando-me tonta ao abarcar a sinceridade daquela voz abatida. Da expressão linda naquele rosto.

Não sabendo o que dizer, pousei a mão na consola central com a palma virada para cima e os dedos abertos. Após vários minutos em silêncio, Rune pousou lentamente a mão na minha, entrelaçamos os dedos e fui percorrida por arrepios ao longo de todo o corpo ao sentir aquela manácula colada à minha.

O dia anterior tinha-nos deixado muito confundidos, aos dois, e nenhum de nós percebia o que devia fazer, para onde ir, como descobrir o caminho de regresso. O facto de sairmos juntos era um começo. As nossas mãos unidas, uma lembrança. Lembrança de que éramos Poppy e Rune. Algures sob toda a dor e mágoa, sob estas novas camadas adquiridas, ainda aqui estávamos.

Apaixonados.

Duas metades de um só coração.

E não me importava o que se dissesse. O meu tempo era valioso, mas, percebi, Rune era ainda mais valioso. Sem largar a minha mão, Rune arrancou e voltámos à estrada. Passado um instante, percebi para onde íamos.

Para o ribeiro.

Soltei um sorriso feliz quando parámos no antigo restaurante, a esplanada iluminada por luzes azuis dispostas num conjunto de cabos e aquecedores enormes por entre as mesas exteriores. O carro parou e virei-me para Rune.

– Esta é a nossa saída? O ribeiro? Tony's Shack?

A avó costumava trazer-nos aqui, a mim e a Rune quando éramos pequenos. Ao domingo à noite. Como hoje. Ela adorava lagostim. E não se importava de percorrer aquela distância para degustar esse prato.

Rune anuiu. Tentei largá-lo, mas ele franziu a testa.

– Rune – brinquei –, temos de sair do carro, eventualmente. E para tal temos de soltar as mãos.

Rune deixou-me ir com relutância, mas vincou as sobrancelhas. Peguei no casaco e saí do carro. Mal fechei a porta, Rune apareceu ao meu lado. Sem pedir permissão, uniu a mão à minha novamente.

Pela forma como me agarrava, julguei que nunca mais me soltaria.

O vento soprou então, vindo da água, enquanto caminhámos para a entrada. Rune parou. Em silêncio, tirou o casaco da minha mão e desenlaçou os nossos dedos unidos. Sacudindo o blusão, esticou-o para que eu o vestisse

Quis protestar, mas um olhar duro surgiu na expressão de Rune e suspirei.

Dei meia-volta e enfiei os braços no blusão, virando-me depois ao sentir o braço de Rune impelir-me para avançar. Completamente concentrado na tarefa, ele puxou o fecho do meu casaco até deixar de sentir o ar frio.

Fiquei à espera que as mãos de Rune me largassem o colarinho, mas mantiveram-se ali. O hálito a mentol cobriu-me as faces. Olhou para cima, por instantes, cruzando

os olhos com os meus. A minha pele arrepiou-se ao notar a timidez naquele rosto. Depois, prendendo o olhar no meu, acercou-se de mim e disse baixinho:

– Já te disse como estás linda, hoje?

Enrolei os dedos dos pés ao notar o sotaque forte. Rune podia parecer calmo e absorto, mas eu conhecia-o. Quanto mais se notava o sotaque, mais nervoso se sentia.

Abanei a cabeça.

– Não – sussurrei. Rune afastou os olhos.

Voltando a olhar para mim, as mãos apertaram-se sobre o meu colarinho, cingindo-me contra ele. Com a cara a poucos centímetros da minha, disse:

– Bem, estás. Bonita como tudo.

O meu coração deu um pulo, voou no ar. Mas como resposta limitei-me a sorrir. Pareceu no entanto bastar para Rune. Aliás, ficou mesmo agradado.

Inclinando-se mais um pouco, os lábios de Rune roçaram a minha orelha.

– Não apanhes frio, *Poppymín*. Não sei o que faria se ficasses ainda mais doente.

Agora entendia por que motivo me quis vestir o casaco. Protegia-me. Defendia-me.

– Está tudo bem – murmurei como resposta. – Por tua causa – ele suspirou, fechando os olhos por demasiado tempo para se confundir com o ato de pestanejar.

Recuou e tomou a minha mão na sua. Sem se pronunciar, conduziu-me para o interior da Tony's Shack e pediu uma mesa para dois. A empregada conduziu-nos para a zona do pátio com vista para o ribeiro. Há anos que não vinha a este lugar, mas não mudara em nada. A água estava parada, calma, um pedaço de paraíso escondido entre as árvores.

A empregada parou ao lado de uma mesa ao fundo do pátio cheio de pessoas. Sorri, e ia sentar-me, quando Rune disse:

– Não. – O meu olhar transitou para ele, tal como o da empregada. Ele apontou para a mesa mais distante da esplanada, aquela que ficava mesmo por cima da água. – Aquela – pediu secamente.

A jovem empregada anuiu.

– Com certeza – respondeu, algo corada.

Levou-nos até à mesa indicada.

Rune adiantou-se, a mão ainda presa na minha. Ao abrirmos caminho pelas outras mesas, notei a atenção das outras raparigas fixas nele. Decidindo não me incomodar, acompanhei os olhares, tentando apreciá-lo como se não o conhecesse. Era difícil. Estava tão embrenhado na minha memória, tão entranhado na minha pessoa que tornava este exercício praticamente impossível. Mas esforcei-me até notar o que elas deviam ver.

Misterioso e temperamental.

O meu rebelde pessoal.

A empregada pousou as ementas na mesa de madeira e virou-se para Rune.

– É esta então? – Rune anuiu, um esgar ainda gravado no rosto.

Corando, a empregada disse que o colega viria já anotar os nossos pedidos e apressou-se a partir. Olhei para Rune, mas ele já se encontrava atento ao ribeiro. Larguei-lhe a mão para poder sentar-me, mas, mal o fiz, ele virou cabeça abruptamente e franziu a testa.

Sorri perante o seu mau humor. Rune ocupou a cadeira com vista para a água e eu ocupei o lugar oposto. Mal me sentei, Rune agarrou no braço da minha cadeira. Soltei um grito, ao sentir que me puxava para si. Contorci-me, enquanto ele deslocava a cadeira, segurando com ambos os braços para a reposicionar melhor.

Ao seu lado.

Mesmo ao seu lado, para que a minha cadeira também ficasse com vista para o ribeiro.

Rune não reagiu aos vestígios de embaraço nas minhas faces por ter gostado daquele gesto simples. Aliás, nem deve ter notado. Estava demasiado ocupado a recuperar a posse da minha mão. Demasiado ocupado a entrelaçar os dedos. Demasiado ocupado a não me deixar partir.

Inclinando-se para diante, Rune ajustou o aquecedor por cima de nós, rodando-o para o máximo de calor. Só quando viu as chamas intensificarem-se na proteção da grelha metálica é que se recostou na cadeira, mais tranquilo. O meu coração derreteu quando levou as nossas mãos unidas à boca, passando as costas da minha mão pelos lábios num gesto hipnótico.

O olhar de Rune encontrava-se fixado na água. Ainda que adorasse as árvores que envolviam a água num casulo protetor, ainda que adorasse assistir ao voo picado dos patos e subsequente mergulho e aos rodopios das garças por cima da superfície apenas conseguia olhar para Rune.

Algo mudara nele desde a noite anterior. Não sabia o quê. Continuava abrupto e carrancudo. As trevas habitavam na sua personalidade e a sua aura avisava constantemente as pessoas para se afastarem.

Mas agora havia um novo tipo de posse relativamente a mim. Sentia a determinação dessa posse no seu olhar. Sentia-a na forma como me agarrava a mão.

E eu gostava disso.

Por muito que quisesse o Rune que eu conhecia de volta, observava este Rune com um fascínio renovado. Neste instante, sentada ao lado dele num lugar que tanto significava para nós, sentia-me perfeitamente feliz por estar na companhia *deste* Rune.

Mais do que feliz.

Sentia-me viva.

O empregado apareceu: um jovem, talvez com vinte anos. A mão de Rune apertou ainda mais a minha. O meu coração inchou.

Tinha ciúmes.

– Olá. Querem começar com alguma bebida? – perguntou o empregado.

– Pode trazer-me um chá doce, por favor? – respondi, sentindo Rune ficar tenso a meu lado.

– Cerveja de raiz – vociferou ele. O empregado afastou-se rapidamente. Quando já se encontrava demasiado longe para ouvir, Rune queixou-se: – Não tirava os olhos de cima de ti.

Abanei a cabeça, rindo-me.

– És maluco.

A testa de Rune vincou-se com a frustração. Desta vez, foi ele quem abanou a cabeça.

– Nem sabes.

– O quê? – perguntei, deslocando a mão livre para acompanhar um par de cicatrizes recentes nos nós dos dedos de Rune. Como teriam surgido, perguntei-me. Ouvi a respiração dele prender-se.

– Como és linda – respondeu ele. Observava o meu dedo entretanto. Quando este parou, olhou para cima.

Fitei-o, sem palavras.

Por fim, o lábio de Rune curvou-se ao canto num sorriso de esguelha. Aproximou-se mais de mim:

– Continuas a gostar de chá doce, pelos vistos – lembrava-se.

Dando-lhe uma cotovelada, respondi:

– Adoras a cerveja de raiz.

Rune encolheu os ombros.

– Não encontro isto em Oslo. Agora que voltei, não consigo largá-la – sorri e voltei a traçar linhas na sua mão. – Parece que aqui há um conjunto de coisas que não tinha em Oslo e que não consigo largar.

O meu dedo parou de se mover. Sabia perfeitamente que se referia a mim.

– Rune – disse eu, a culpa acesa dentro de mim.

Tentei desculpar-me novamente, mas, nesse instante, o empregado apareceu com as nossas bebidas.

– Querem pedir a comida?

Sem quebrar o nosso olhar, Rune respondeu:

– Dois lagostins assados.

O empregado esperou mais um pouco, mas, depois de uns segundos tensos, anunciou:

– Vou fazer o pedido à cozinha.

Os olhos de Rune deslocaram-se do meu rosto para os meus ouvidos, ressurgindo o vislumbre de um sorriso. Qual o motivo deste seu instante de felicidade? Rune debruçou-se para a frente e, com as costas dos dedos, afastou-me o cabelo da cara e meteu-o atrás da minha orelha.

Com a ponta do dedo, traçou o contorno da mesma e depois soltou um suspiro reconfortante.

– Ainda os usas – falava dos brincos.

Os brincos com o sinal do infinito.

– Sempre – confirmei. Rune encarou-me com uma expressão pesada. – Eternamente e para sempre.

Rune deixou cair a mão, mas apanhou entre os dedos as pontas do meu cabelo.

– Está mais curto.

Parecia uma afirmação, mas percebi que se tratava de uma pergunta.

– O cabelo voltou a crescer – respondi. Vi que ficava tenso. Não querendo estragar a magia da noite com conversas de doenças e tratamentos, temas em que não queria sequer pensar, inclinei-me e encostei a testa à dele.

– Perdi todo o cabelo. Felizmente, volta a crescer – endireitando-me, dei um piparote na ponta. – Além disso, gosto deste tamanho. Fica-me bem. Sabe Deus que é mais fácil penteá-lo do que aquela montanha que estava sempre a encrespar-se.

Sabia que resultara, pois Rune soltou uma gargalhada em voz baixa. Prosseguindo

bem-humorada, disse:

– Além disso, só os vikingues é que deviam usar o cabelo comprido. Vikingues e *motards* – franzi o nariz, fingindo examinar Rune. – Infelizmente, não tens mota... – calei-me, rindo-me com o ar reprovador de Rune.

Continuava a rir quando ele me puxou contra o peito e, levando a boca ao meu ouvido, disse:

– Posso comprar uma mota, se quiseres. Se com ela conseguir reconquistar o teu amor – afirmou em tom de brincadeira.

Eu sabia que era brincadeira.

Mas calou-me. Tão depressa que me imobilizei, perdida a boa disposição. Rune notou a mudança. A maçã de adão agitou-se e engoliu as próximas palavras.

Dando ao coração as rédeas dos meus atos, ergui a mão e pousei a palma na sua face. Garantindo que tinha a sua plena atenção, sussurrei:

– Não é preciso comprares uma mota, Rune.

– Não? – perguntou ele, com a voz rouca.

Abanei a cabeça.

– Porquê? – perguntou nervoso. O rosto ficou vermelho. Percebi que a pergunta lhe custara o seu orgulho fortemente defendido. Este Rune já não fazia perguntas.

Transpondo a separação entre nós, anunciei numa voz calada:

– Porque acredito que nunca o perdeste.

Aguardei. Com a respiração suspensa para descobrir o que faria a seguir.

Não estava à espera que fosse terno e delicado. Não esperava que o meu coração suspirasse e a minha alma se derretesse.

Rune, com o mais cauteloso dos gestos, deu um passo em frente e beijou-me na face, logo deslizando para roçar os lábios nos meus. Sustive a respiração, antecipando um beijo a sério. Um beijo pelo qual ansiava. Ao invés disso, contornou a minha boca e procurou a face oposta, dando a esta o beijo que os meus lábios queriam sentir.

Quando Rune se afastou, o meu coração batia como um tambor. Uma batida de baixo no peito. Rune recostou-se mas a mão, na minha, contraíra-se um tudo-nada.

Um sorriso secreto refugiou-se atrás dos meus lábios.

Um som vindo do ribeiro chamou-me a atenção – um pato que se lançava no céu. Olhando para Rune num relance, vi que também o observava. Ao voltar-se para mim, brinquei:

– Já és um vikingue. Não precisas de mota.

Desta vez Rune sorriu. Uma mera sugestão de dentes. Fiquei cheia de orgulho.

O empregado aproximou-se, trazendo os nossos lagostins, e depositou os baldes na mesa forrada a papel. Rune libertou-me a mão com relutância e começámos a atacar a montanha de marisco. Fechei os olhos ao sentir a carne tenra na língua, um travo de limão a golpear-me a garganta.

Sabia tão bem que até gemi.

Rune abanou a cabeça, rindo-se de mim. Atirei um pedaço de casca para o seu colo e ele fez uma careta. Limpando a mão no guardanapo, reclinei a cabeça para ver o céu noturno. As estrelas reluziam no manto negro sem nuvens.

– Alguma vez viste algo tão belo quanto este ribeiro? – perguntei. Rune olhou para cima, depois para a extensão de água, o reflexo das luzes azuis nos seus cabos que

piscavam para nós.

– Diria que sim – respondeu num tom pragmático, depois apontou para mim. – Mas percebo o que queres dizer. Quando estava em Oslo, imaginava por vezes este lugar, pensando se terias voltado aqui.

– Não, esta é a primeira vez. Os meus pais não apreciam lagostim; foi sempre a minha avó – sorri, imaginando-a sentada connosco a esta mesa, depois de ter conseguido retirar-nos de casa. – Lembras-te – ri-me – que trazia a garrafinha de uísque consigo para verter no chá doce? – ri-me mais alto. – Lembras-te de levar o dedo aos lábios e dizer-nos: *Não vão contar aos vossos pais. Fiz-vos o favor de vos trazer aqui, não tiveram de ir para a igreja. Nada de abrir a boca!?* – Rune também sorria, mas os olhos observavam o meu riso.

– Tens saudades dela – afirmou.

Anuí.

– Constantemente. Que outras aventuras teríamos tido juntas? Por vezes, pergunto-me se teríamos viajado para a Itália e ver Assisi, tal como tínhamos pensado. Ou a Espanha, para correr com os touros – ao pensar nisto, voltei a rir-me. Desceu sobre mim uma paz, mas acrescentei: – O melhor desta situação é que voltarei a vê-la em breve – olhei para Rune. – Quando voltar para casa.

Nunca me dediquei realmente a conjecturar no que aconteceria após a morte, tal como a avó me indicara. O fim. Era o começo de algo maior.

A minha alma regressaria a casa, à qual pertencia.

Não percebi que incomodara Rune até se levantar da cadeira para percorrer o pequeno pontão ao lado da nossa mesa, aquele que conduzia até ao leito do ribeiro.

O empregado apareceu. Vi Rune acender um cigarro, enquanto se enfiava na noite escura, visível apenas pela nuvem de fumo que o acompanhou.

– Posso levantar a mesa, minha senhora? – perguntou o empregado.

Sorri e anuí.

– Com certeza – levantei-me, perante o ar intrigado do empregado, observando Rune ao longe. – Pode trazer-nos a conta, por favor?

– Sim, minha senhora – respondeu.

Avancei pela esplanada ao encontro de Rune, seguindo a pequena luz do cigarro. Vi-o apoiado no corrimão, olhando sem ver o cenário.

Uma ruga delicada vincava-lhe a testa. Tinha as costas tensas; ficaram ainda mais tensas quando parei ao lado dele. Deu uma passa demorada e soltou o fumo na brisa mansa.

– Não posso negar a minha situação, Rune – comentei cautelosamente. Ele manteve-se calado. – Não posso viver numa fantasia. Sei como acaba.

A respiração de Rune tornou-se entrecortada e deixou tombar a cabeça. Erguendo-a, comentou desolado:

– Não é justo.

Senti uma profunda tristeza pela sua dor. Encontrava-a na sua expressão magoada, no retesar dos músculos. Debruçando-me sobre o corrimão, inalei o ar frio. Quando a respiração de Rune acalmou, comentei:

– Teria sido muito injusto se nunca tivéssemos tido estes últimos meses para nós – Rune apoiou a testa nas mãos devagarinho para descansar. – Não entendes que há um

motivo maior para a nossa presença aqui, Rune? Voltaste para Blossom Grove apenas há algumas semanas, depois de partires na perspectiva de ser definitivo. Para aproveitares os poucos meses que a medicação me permite – olhei novamente para as estrelas, sentindo a presença de algo imenso que nos sorria do alto. – Para ti, é injusto. Eu acredito no contrário. Estamos novamente juntos por um motivo. Talvez seja uma lição que custe a aprender.

Voltei-me e afastei o cabelo comprido que lhe tapava a cara. Ao luar, sob as estrelas cintilantes, vi uma lágrima descer pelo seu rosto.

Afastei-a com um beijo.

Rune virou-se para mim e enfiou a cabeça na curva do meu pescoço. Afaguei-a, apertando-o contra mim.

As costas dele subiram e desceram com um forte suspiro.

– Quis trazer-te a este lugar para te recordar dos momentos em que fomos felizes. Inseparáveis, grandes amigos e ainda mais. Mas...

Interrompeu-se. Docemente, endireitei-lhe a cabeça para o observar.

– O que foi? – perguntei. – Por favor, conta-me. Prometo que estou bem.

Ele perscrutou o meu olhar, olhando depois as águas mansas. Mas virou-se para mim, perguntando:

– E se esta for a última vez que fazemos isto?

Encaixando-me entre ele e o corrimão, tirei o cigarro da sua boca e lancei-o para o ribeiro. Depois, pus-me em bicos de pés e tomei-lhe o rosto nas mãos.

– Então tivemos esta noite – declarei com firmeza. O rosto de Rune retraiu-se perante esta ideia. – Tivemos esta memória. Tivemos este momento que estimamos – inclinei a cabeça para o lado, com um sorriso nostálgico nos lábios. – Conhecia um rapaz, um rapaz a quem amava com todo o meu coração, e que viveu um único instante. Que me disse que um único instante era capaz de mudar o mundo. De mudar a vida de uma pessoa. Que esse instante tornaria, no breve segundo, a vida da pessoa infinitamente melhor ou infinitamente pior.

Fechou os olhos mas eu prossegui:

– Isto, esta noite, estar neste ribeiro contigo novamente – disse eu, sentindo uma certa paz preencher-me a alma –, recordar a minha avó e porque a adorava tanto... tornou a minha vida infinitamente melhor. *Este* instante, que *tu* me deste, recordá-lo-ei sempre. Levá-lo-ei comigo... para onde irei – os olhos de Rune abriram-se. Puxei-o mais para baixo. – Deste-me esta noite. Voltaste. Não podemos alterar os factos nem os nossos destinos, mas podemos *viver*, ainda assim. Viver com intensidade, velozes, para aproveitar estes dias que restam. Podemos voltar a ser a Poppy e o Rune de antigamente.

Não julguei que ele desse resposta, pelo que me espantou e encheu com uma incrível esperança Rune ter dito:

– A nossa aventura final.

A forma perfeita de descrevê-la, pensei.

– A nossa aventura final – murmurei para a noite, cheia de uma alegria sem precedentes. Os braços de Rune envolveram-me a cintura – com uma correção – disse eu. Rune franziu a testa.

Alisando-lhe a ruga na testa, disse:

– A aventura final *desta* vida. Porque sei, com uma fé inabalável, que voltaremos a estar juntos. Quando esta aventura terminar, uma maior aguarda-nos no outro lado. E, Rune, não haverá paraíso se não voltares para os meus braços.

Os quase dois metros de Rune Kristiansen agarraram-se a mim. E eu segurei-o. Segurei-o até se acalmar. Quando se afastou, perguntei:

– Então, Rune Kristiansen, viquingue da Noruega, estás comigo?

Contra a sua vontade, Rune riu. Riu quando estiquei a mão para ele apertar. Rune, o meu rebelde escandinavo com um rosto esculpido pelos anjos, enfiou a mão na minha e apertámo-las para selar a nossa promessa. Duas vezes.

Como a minha avó me tinha ensinado.

– Estou contigo – disse ele. Senti a promessa até aos dedos dos pés.

– Meus senhores? – olhei por cima do ombro de Rune, encontrando o empregado com a nossa conta. – Vamos encerrar – explicou.

– Estás bem? – perguntei a Rune, indicando ao empregado que iríamos sair.

Rune assentiu, as sobranceiras carregadas a conferir à expressão o esgar habitual. Imito o seu aspeto, franzindo a cara. Rune, incapaz de resistir, lançou-me o sorriso habitual de esguelha.

– Só tu – enfiando a mão na minha, orientou-me lentamente para a entrada do estabelecimento.

De regresso ao carro, Rune ligou o motor e disse:

– Ainda temos mais um lugar para ir.

– Outro instante memorável?

Entrando na estrada, Rune pegou na minha mão e respondeu:

– Oxalá, *Poppymin*. Oxalá.

Demorámos algum tempo a regressar à vila. Não falámos muito. Começara a perceber que Rune estava mais calado do que o habitual. Não que no passado fosse propriamente extrovertido. Sempre se manteve introvertido e calado. Encaixava-se perfeitamente na imagem do artista temperamental, com a cabeça ocupada com os lugares e paisagens que queria captar fotograficamente.

Instantes.

Tínhamos avançado apenas um par de quilómetros quando Rune ligou o rádio. Pediu-me para escolher uma estação ao meu gosto. E, quando comecei a cantar baixinho, os dedos contraíram-se um tudo-nada nos meus.

Soltei um bocejo enquanto nos aproximávamos dos limites da vila, mas fiz um esforço para manter os olhos abertos. Queria saber aonde me levava.

Parámos à entrada do Dixon Theater e o meu coração disparou. Era o teatro no qual sempre sonhei tocar. O teatro ao qual sempre tive vontade de voltar quando fosse crescida, integrando uma orquestra profissional. À minha terra natal.

Rune desligou o motor e eu fitei o impressionante teatro de pedra.

– Rune, o que estamos aqui a fazer?

Rune soltou-me a mão e abriu a porta.

– Vem comigo.

Franzindo a testa, mas o coração a bater com uma rapidez impossível, saí do carro

e segui-o. Rune deu-me a mão e conduziu-me para a porta de entrada.

Era hora tardia numa noite de domingo, mas ele levou-nos diretamente pelas portas. Quando entrámos no vestíbulo mal iluminado, escutei os sons fracos de Puccini ao fundo.

A minha mão contraiu-se na de Rune. Ele olhou para mim, um sorriso nos lábios.

– Rune – murmurei, sendo conduzida por ele para uma escadaria luxuriante. – Onde vamos?

Rune pousou o dedo nos meus lábios, indicando-me silêncio. Perguntei-me porquê, mas ele encaminhou-me por uma porta... a porta que dava acesso ao primeiro balcão.

Rune abriu a porta e a música cobriu-me como uma onda. Arfando perante o volume sonoro, fui atrás de Rune em direção à fila da frente. Em baixo encontrava-se uma orquestra com um maestro agitado. Reconheci-os de imediato: a Orquestra de Música de Câmara de Savannah.

Fiquei fascinada, a observar os músicos absortos nos seus instrumentos, ondulando com o ritmo. Voltei a cabeça para Rune e perguntei:

– Como é que conseguiste isto?

Rune encolheu os ombros.

– Queria levar-te a um espetáculo deles, mas partem amanhã em *tournee* no estrangeiro. Quando expliquei ao maestro que os adoravas, disse-me que podíamos aparecer para assistir aos ensaios.

Não saíram palavras dos meus lábios.

Fiquei sem fala. Completa e irredutivelmente muda.

Não conseguindo exprimir adequadamente os meus sentimentos, pousei a cabeça no ombro dele e aninhei-me debaixo do seu braço. O cheiro do cabedal do blusão encheu-me o nariz. Foquei a atenção na orquestra em baixo.

Assisti, fascinada, atenta ao maestro que conduzia, experiente, os músicos ao longo do ensaio: os solos, as passagens decorativas, as harmonias complexas.

Rune apertou-me contra si, enquanto eu continuei hipnotizada. Ocasionalmente, sentia os olhos fixados em mim: a observar-me enquanto eu olhava para a orquestra.

Mas não podia desviar a atenção. Muito menos da secção de violoncelo. Quando os tons baixos soaram cristalinos, os meus olhos fecharam-se por si mesmos.

Era belo.

Imaginei-me, nitidamente, sentada ao lado dos meus colegas músicos, os meus amigos, apreciando o teatro cheio de pessoas que conhecia e adorava. Rune sentado, a assistir com a câmara ao pescoço.

O mais perfeito dos sonhos.

O meu maior sonho desde criança.

O maestro pediu aos músicos para pararem. Observei o palco. Todos, menos o violoncelista principal baixaram os instrumentos. A mulher, talvez com trinta e poucos anos, levou a cadeira até ao meio do palco.

Éramos o único público.

Assumi a posição correta, arco sobre as cordas, para começar. Concentrou-se no maestro. Ele ergueu a batuta, indicando-lhe que comesse e ouvi a primeira nota vibrar. E, nesse instante, fiquei completamente imóvel. Não ousava respirar. Não

queria escutar mais nada a não ser a melodia mais perfeita que existia.

O som de «O Cisne» do *Carnaval dos Animais* alcançou os nossos lugares. Observei a violoncelista que se entregava à música, as expressões faciais a traír as suas emoções que acompanhavam as notas.

Quis ser ela.

Nesse instante quis ser a violoncelista que tocava aquela peça com tanta perfeição. Queria receber aquela confiança, a confiança daquela atuação.

Tudo o que existia desapareceu enquanto a observava. Depois fechei os olhos e aceitei que a música dominasse. Que me levasse naquela viagem. O tempo acelerava, o vibrato ecoava perfeitamente nas paredes do teatro e abri os olhos.

E as lágrimas surgiram.

Surgiram a mando da música.

As mãos de Rune apertaram as minhas e senti o seu olhar pousado em mim. Percebia que se encontrava preocupado e perturbado. Mas eu não estava perturbada. Voava no alto. O meu coração voava, deleitado, nas asas daquela melodia.

Senti as faces coradas, mas deixei as lágrimas fluir. Eis o motivo pelo qual a música era a minha paixão. A partir de madeira e cordas e um arco, esta melodia mágica era criada e despertava vida numa alma.

E assim permaneci até a última nota alcançar o teto. A violoncelista levantou o arco. Só então abriu os olhos, guiando o espírito para o lugar de repouso dentro de si. Era o que sentia naquele instante. Eu sabia bem. A música transportara-a para um local distante, conhecido só dela. Arrebatara-a.

Durante um período de tempo, a música acolhera-a com o seu poder.

O maestro anuiu e a orquestra regressou aos bastidores, deixando o silêncio ocupar o palco agora vazio.

Mas não virei a cabeça. Rune adiantou-se no assento e pousou a mão nas minhas costas.

– *Poppymín?* – sussurrou, com a voz resguardada e insegura. – Desculpa – disse baixinho. – Pensei que isto te fizesse fe...

Encarei-o, agarrando as suas mãos entre as minhas.

– Não – disse eu, interrompendo o pedido de desculpas. – Não – reiterei. – São lágrimas de alegria, Rune. Alegria absoluta.

Ele soltou o ar, libertando uma das mãos para limpar as minhas faces. Ri-me, a minha voz a fazer eco à nossa volta. Pigarreei, expulsando um excesso de emoção, e expliquei:

– É a minha composição favorita, Rune. «O Cisne», do *Carnaval dos Animais*. A violoncelista principal acabou de tocar a minha composição favorita. De forma bela e perfeita.

Respirei fundo.

– É a peça que planeava tocar quando fizesse a audição para Julliard. Sempre foi a composição que me imaginei tocar em Carnegie Hall. Conheço-a de trás para diante. Todas as notas, alterações no tempo, cada crescendo... – funguei, limpando os olhos. – Ouvi-la esta noite – disse eu, apertando-lhe a mão – ao teu lado... foi um sonho tornado realidade.

Rune, demasiado perdido para ter palavras, pousou o braço nos meus ombros e

puxou-me para si. Senti o beijo dele na minha cabeça.

– Promete, Rune – disse eu. – Promete-me que, quando estiveres em Nova Iorque, assistirás a um espetáculo da Filarmónica de Nova Iorque. Promete-me que verás a violoncelista principal tocar esta composição. E promete-me que, quando isso acontecer, lembrar-te-ás de mim. Imagina-me a tocá-la no palco, a realizar o meu sonho – suspirei com força, feliz com essa imagem. – Porque isso bastar-me-ia agora – expliquei. – Apenas saber que, pelo menos, realizaria esse sonho, nem que seja apenas na tua mente.

– Poppy – disse Rune, condoído. – Amor, por favor... – O meu coração deu um pulo por me ter chamado «amor». Era como música para os meus ouvidos.

Erguendo a cabeça, levantei-lhe o queixo com o dedo e insisti:

– Promete-me, Rune.

Ele desviou o olhar do meu.

– Poppy, se não estarás em Nova Iorque comigo, por que raio hei de ir?

– Por causa da fotografia. Porque este sonho é o meu, e o teu é estudar fotografia na universidade de Nova Iorque.

Fiquei preocupada ao ver o maxilar de Rune ficar tenso.

– Rune? – perguntei. Depois de um instante demorado, virou-se lentamente para me encarar. Perscrutei o seu rosto belo. Mas tombei de desalento no meu assento ao ver o resultado na sua expressão.

Recusa.

– Porque deixaste de fotografar, Rune? – perguntei. Ele desviou os olhos. – Não me ignores, por favor.

Rune suspirou, derrotado.

– Porque sem ti já não via o mundo da mesma forma. *Nada* era o mesmo. Sei que éramos apenas jovens, mas, sem ti, já nada fazia sentido. Andava zangado. Afogava-me. Portanto, larguei a minha paixão porque a paixão dentro de mim mirrara.

De tudo que ele pudesse ter feito ou dito, esta reação foi a que mais me entristeceu. Porque a paixão dentro dele sempre fora tão forte. E as suas fotos, mesmo aos quinze anos, eram diferentes de tudo o que eu conhecia.

Observei os traços duros de Rune, o olhar perdido em transe ao encarar o palco vazio com o olhar sem expressão. O muro dentro dele erguera-se novamente e a tensão no maxilar era visível. Regressara o ar melancólico.

Necessitando de o deixar em paz, e não puxar demasiado por ele, inclinei a cabeça contra o ombro dele e sorri. Sorri, ainda escutando aquela música nos meus ouvidos.

– Obrigada – murmurei, vendo as luzes no palco apagar-se.

Ergui a cabeça, esperei que Rune olhasse para mim. O que acabou por fazer.

– Só tu poderias saber que isto... – aponte para o auditório – significava tanto para mim. Só o meu Rune.

Rune depositou-me um beijo suave no rosto.

– Estiveste no meu recital, na outra noite, não foi?

Rune suspirou e por fim assentiu.

– Jamais perderia uma atuação tua, *Poppymin*. E jamais perderei.

Endireitou-se. Ficou calado quando estendeu a mão. Ficou calado quando a tomei na minha e fui conduzida de volta ao carro. Ficou calado na viagem para casa. Pensei

que o devia ter magoado de algum modo. E preocupei-me que tivesse agido mal.

Ao chegarmos a casa, Rune saiu do carro e contornou-o para me abrir a porta. Apoiei-me na mão oferecida ao sair. Agarrei-a com força ao ser levada para casa. Esperava alcançar a porta, mas ele levou-me para a janela. Franzi a testa ao ver a expressão frustrada no seu rosto.

Queria entender o que se passava e afaguei-lhe o rosto. Mas, quando o meu dedo lhe pousou na face, algo dentro dele estalou. Encostou-me à parede da minha casa. O seu corpo colou-se ao meu e agarrou-me o rosto com ambas as mãos.

Fiquei sem fôlego – sem fôlego ante a sua proximidade. Sem fôlego ante a intensidade da sua expressão obscura. Os olhos azuis perscrutaram todos os centímetros do meu rosto.

– Quero fazer isto corretamente – disse ele. – Quero ir devagar. Com esta saída. Connosco. Hoje. – Abanou a cabeça, a testa vincando-se ao debater-se contra o que lutava no íntimo. – Mas não posso. Não o farei.

Abri a boca para responder, mas o polegar de Rune tocou-me no lábio inferior, que acariciou, atento à minha boca.

– És a minha Poppy. *Poppymin*. Conheces-me. Só *tu* me conheces – pegando-me na mão, pousou-a sobre o coração. – Conheces-me, mesmo debaixo de toda esta raiva, tu conheces-me. – Suspirou, cingindo-se a mim, a ponto de partilharmos o mesmo ar. – E eu conheço-te a ti – Rune ficou pálido. – E, se temos um tempo curto, não vou desperdiçá-lo. És minha. Sou teu. O resto que se lixe.

O meu coração bateu como um harpejo no peito.

– Rune – não consegui dizer mais nada. Queria gritar *sim*, pertencia-lhe. Que era meu. Que nada mais importava. Mas a minha voz fraquejou. Deixara-me dominar pela emoção.

– Diz, *Poppymin* – pediu. – Diz que *sim*.

Rune adiantou-se um último passo, encurralando-me, o corpo em sintonia com o meu, o coração a latejar em conjunto. Suspirei demoradamente. Os lábios de Rune roçaram os meus, pairando, expectantes, prontos a possuí-los inteiramente.

Observei o olhar de Rune, as pupilas negras que não conseguiam eliminar o azul, larguei-o e sussurrei:

– Sim.

Lábios quentes embateram nos meus sem aviso, a boca familiar de Rune controlando-os determinada. O calor e o sabor a menta afogaram os meus sentidos. O peito rijo manteve-me presa contra a parede, cercada, tomando-me por sua com o beijo. Rune mostrava-me a quem eu pertencia. Não me dava hipótese a não ser submeter-me a ele, entregar-me novamente a ele após tantos anos afastada.

As mãos de Rune entrelaçaram o meu cabelo, segurando-me no lugar. Gemi ao sentir a língua contra a minha – macia, quente, desesperada.

Ergui as mãos, que pousaram nas suas costas amplas. Rune rugiu contra a minha boca, beijando-me com mais intensidade, expulsando mais e mais qualquer medo ou receio que ainda nutrisse pelo seu regresso. Beijou-me até não restar nada em mim que ignorasse a quem pertencia. Beijou-me até o meu coração novamente se fundir com o seu – duas metades de um todo.

O meu corpo começou a fraquejar quando me tocava. Sentindo que me rendia a ele

por completo, o beijo de Rune abrandou e tornou-se uma carícia suave e gentil. Depois interrompeu o contacto, respirando de forma pesada comigo, um arco de tensão por cima de nós. Os lábios inchados de Rune beijaram a minha cara, maxilar, pescoço. Quando se afastou finalmente, o seu arfar veloz cobria-me o rosto. As mãos que me apertavam suavizaram-se.

E aguardou.

Aguardou, encarando-me com um olhar intenso.

Depois os meus lábios abriram-se e sussurrei:

– Beijo trezentos e cinquenta e sete. Encostada à parede da minha casa... quando Rune tomou posse do meu coração. – Rune ficou quieto, as mãos tensas, e eu terminei com: – E o meu coração quase explodiu.

Então apareceu. O sorriso puro de Rune. Brilhava, era amplo e genuíno.

O meu coração cantou ante esta visão.

– *Poppymin* – sussurrou.

Agarrando-lhe a camisa, sussurrei como resposta:

– *O meu Rune.*

Os olhos de Rune fecharam-se ao ouvir aquelas palavras, um suspiro leve escapando-se-lhe da boca. As mãos aos poucos foram suavizando o aperto no meu cabelo e, relutante, recuou um passo.

– É melhor ir para dentro – sussurrei.

– *Ja* – disse como resposta. Mas não desviou o olhar, voltou a colar-se a mim, dominando a minha boca rápida e docemente antes de recuar.

Depois colocou uma boa distância entre nós, afastando-se alguns passos.

Levei os dedos aos lábios e disse:

– Se continuas a beijar-me assim, não tarda nada o frasco fica cheio.

Rune virou-se para entrar em casa, mas parou e olhou por cima do ombro.

– A ideia é essa, amor. Mil beijos meus.

Rune correu para casa e vi-o partir, deixando-me tonta com uma leveza que me percorria como um rio. Quando consegui finalmente mexer os pés, voltei para casa e fui direta para o quarto.

Retirei o frasco do lugar debaixo da cama e limpei o pó. Abrindo-o, tirei a caneta da mesa de cabeceira e anotei o beijo de hoje.

Uma hora depois, deitada na cama, ouvi a janela abrir-se. Sentei-me e vi o cortinado a ser afastado. O meu coração saltou-me à boca quando Rune entrou.

Sorri ao vê-lo avançar, despiendo a *T-shirt* e atirando-a para o chão. Os meus olhos esbugalharam-se ao beber a visão do peito desnudo. Depois o meu coração praticamente explodiu quando ele passou os dedos pelo cabelo, afastando-o da cara.

Rune aproximou-se devagar da minha cama e ficou de pé ao meu lado. Afastando-me para trás, levantei os lençóis e Rune entrou, envolvendo-me de imediato nos seus braços.

Encostei-me ao peito dele e suspirei de felicidade. Fechei os olhos. Rune imprimiu um beijo debaixo da minha orelha e sussurrou:

– Dorme, amor. Estás comigo – e assim foi.

Estava comigo.

Tal como eu estava com ele.



Mãos Crispadas e Sonhos Despertos

Rune

Acordei e descobri que Poppy me fitava atentamente.

– Olá – disse Poppy. Sorriu e aninhou-se contra o meu peito. Deixei as mãos vaguear pelo cabelo dela, antes de as enfiar debaixo dos seus braços e puxá-la de modo a ficar deitada sobre mim, a boca ao nível da minha.

– Bom dia – respondi, esmagando os meus lábios contra os seus.

Poppy suspirou ao encontro da minha boca, os lábios entreabriram-se e mexeram-se contra os meus. Afastei-me então, ela espreitou pela janela e disse:

– Perdemos o nascer do Sol.

Assenti. Mas, quando ela voltou a olhar para mim, a expressão não continha tristeza. Pelo contrário, beijou-me o rosto e admitiu:

– Creio que trocaria todo e qualquer nascer do Sol para acordar assim, contigo.

O meu peito abateu-se ante estas palavras. Apanhando-a desprevenida, deitei-a de costas e pus-me por cima dela. Poppy soltou risinhos, sentindo as mãos presas na almofada por cima da sua cabeça.

Soltei um esgar. Poppy tentou parar de rir e não conseguiu.

As faces estavam coradas da excitação. Precisava beijá-la mais do que respirar e assim fiz.

Larguei as mãos de Poppy e ela agarrou-me o cabelo. O riso começou a diminuir à medida que o beijo se aprofundava, mas então bateram à porta com força. Parámos, lábios ainda unidos e olhos bem abertos.

– Poppy! Hora de acordar, querida! – A voz do pai de Poppy inundou o quarto. Senti a pulsação de Poppy acelerar, ecoando no meu peito encostado ao dela.

Poppy virou a cabeça de lado, quebrando o beijo.

– Já estou acordada! – gritou como resposta. Não ousámos mexer-nos até ouvirmos o pai afastar-se da porta.

Os olhos de Poppy continuavam esbugalhados quando se virou novamente para mim.

– Oh, meu Deus! – sussurrou, irrompendo num novo conjunto de risinhos.

Abanei a cabeça e rolei para o meu lado da cama, agarrando na camisa caída no chão. Enfiei o tecido negro pela cabeça e as mãos de Poppy, atrás de mim, pousaram nos meus ombros. Suspirou.

– Dormimos até tarde. Quase fomos apanhados.

– Não voltará a acontecer – disse eu, cortando-lhe as desculpas para acabar com os encontros noturnos. Precisava de passar as noites com ela. Precisava. Não se passava nada, beijávamo-nos e adormecíamos.

E para mim era suficiente.

Poppy anuiu, concordando, mas quando pousou o queixo no meu ombro, e me abraçou pela cintura, ela disse:

– Eu gostei.

Riu-se novamente e virei a cabeça ligeiramente, reparando que tinha uma expressão animada. Ela assentiu com ar brincalhão, depois endireitou-se, pegou na minha mão e encostou-a ao coração, que batia acelerado.

– Fez-me sentir viva.

Sorrindo-lhe, abanei a cabeça.

– És doida.

Levantei-me e calcei as botas. Poppy recostou-se na cama.

– Sabes, nunca me portei mal nem com malandrice, Rune. Devo ser uma rapariga atinadinha.

Franzi o cenho, pensando se a estava a corromper. Mas Poppy inclinou-se para a frente e disse:

– Foi divertido – afastei o meu cabelo do rosto dela e inclinei-me sobre a cama para lhe aplicar um último, doce e meigo beijo.

– Rune Kristiansen, afinal talvez goste deste teu lado rebelde. Os próximos meses vão ser sem dúvida muito divertidos – suspirou com dramatismo. – Dar beijos doces, meter-me em sarilhos... conta comigo!

Encaminhando-me para a janela, ouvi os movimentos de Poppy atrás de mim. E, ao esgueirar-me para o exterior, olhei para trás. Poppy escrevia em dois corações de papel que tirara do frasco. Fiquei a vê-la, a observar o sorriso que soltava enquanto traçava as palavras.

Era tão linda!

Ao colocar os corações escritos no frasco, virou-se e parou. Descobriu-me a olhar para ela. O olhar suavizou-se. Abriu a boca para falar quando a maçaneta da porta começou a rodar. Arregalou os olhos de medo e enxotou-me com a mão.

Saltei da janela e afastei-me da casa a correr. O riso dela perseguiu-me. Apenas algo tão puro seria capaz de expulsar o que havia de funesto no meu coração.

Mal me enfieei pela minha janela, tive de entrar no duche e arranjar-me para a escola. A casa de banho encheu-se de vapor, comigo debaixo do jorro quente.

Inclinei-me para a frente, o forte jato de água lavando-me a cabeça. Encostei as mãos aos azulejos da parede. Sempre que acordava, sentia-me consumido pela raiva. Consumido a ponto de quase sentir a sua bÍlis na boca, o ardor da sua maldição nas minhas veias.

Mas hoje era diferente.

Era Poppy.

Levantei a cabeça da água, desliguei-a e agarrei a toalha. Vesti as calças de ganga e abri a porta da casa de banho. Deparei-me com o meu pai à entrada do meu quarto. Ouvindo-me atrás de si, virou-se.

– Bom dia, Rune – saudou. Passei por ele, em direção ao guarda-roupa. Escolhi uma *T-shirt* branca e enfiiei-a pela cabeça. Quando levei a mão às botas, notei que o meu pai ainda continuava ali parado.

Interrompi o gesto, olhei para ele e rosnei:

– O que foi?

Ele deu um passo em frente, trazendo um café na mão.

– Como correu o teu encontro com a Poppy ontem à noite?

Não respondi. Não lhe tinha contado os meus planos; devia ter sido a minha mãe. Não lhe iria responder. O sacana não merecia ter resposta.

Pigarreou.

– Rune, depois de saíres, o Senhor Litchfield apareceu na nossa casa.

E depois surgiu, assolando-me como uma cheia. A raiva. Recordei o rosto do Senhor Litchfield quando abrira a porta na noite anterior. Quando nos afastámos de carro. Estava chateadíssimo. Percebi que não queria que Poppy me tivesse acompanhado. Porra, por um segundo pensei que a proibiria de ir.

Mas, quando Poppy saiu para a rua, percebi que não recusaria nada que ela quisesse. Como poderia? Ia perder a filha. Era o único elemento que me impedia de comentar o que pensava da sua objeção em vê-la comigo.

O meu pai colocou-se à minha frente. Mantive os olhos colados ao chão enquanto ele disse:

– Ele está preocupado, Rune. Que tu e a Poppy voltem a estar juntos não seja bom. Rangi os dentes.

– Não seja bom para quem? Para ele?

– Para a Poppy, Rune. Tu sabes... sabes que ela não tem muito...

Virei a cabeça para cima abruptamente, com fúria a arder no estômago.

– Sim, eu sei. É fácil de esquecer. Sabes, o facto de que a miúda que eu amo está a morrer.

O meu pai ficou pálido.

– James apenas deseja que os últimos dias da Poppy sejam livres de problemas. Pacíficos. Agradáveis. Sem tensões.

– E deixa-me adivinhar, eu causo sarilhos, é isso? Sou eu a tensão?

Ele suspirou.

– Pediu que te afastasses dela. Deixa-a partir sem problemas.

– Não vai acontecer – cuspi, agarrando na mochila. Enfiiei o casaco de couro e passei por ele.

– Rune, pensa na Poppy – suplicou o meu pai.

Estaquei e virei-me para ele.

– É *nela* que eu não paro de pensar. Não sabes o que isto significa para nós, portanto, não te metas nos nossos assuntos. E o mesmo é válido para o James Litchfield.

– Ela é filha dele! – contrapôs o meu pai, voz mais austera do que dantes.

– Sim – respondi – e é o amor da minha vida. E não vou abandoná-la nem por um

segundo. E nenhum dos dois pode impedir-me.

Saí disparado pela porta do quarto enquanto o meu pai berrava:

– Não lhe fazes bem nenhum, Rune. Assim como estás. A fumar e a beber. Com a tua atitude. A tua zanga contra tudo na tua vida. Aquela rapariga venera-te e sempre venerou. Mas é uma boa rapariga. Não sejas a ruína dela.

Parando de imediato, lancei-lhe um olhar por cima do ombro:

– Bem, fiquei a saber por fonte fidedigna que ela quer um pouco de rebeldia masculina na sua vida.

Dito isto, atravessei a passo largo a cozinha, mal olhando para a minha mãe e Alton, que me acenou. Bati com a porta de entrada e desci os degraus, acendendo um cigarro mal pisei a relva. Recostei-me contra o corrimão do alpendre. O meu corpo faíscava como uma cerca elétrica perante o que o meu pai dissera. Perante o que o Senhor Litchfield tinha feito. Tentar afastar-me da filha.

Que raio pensava ele que eu lhe faria?

Sabia o que eles pensavam acerca de mim, mas jamais magoaria Poppy. Nunca, jamais.

A porta de entrada da casa de Poppy abriu-se. Savannah e Ida saíram a correr e Poppy apareceu a seguir. Falavam ao mesmo tempo. Depois, pressentindo talvez o meu olhar intenso, os olhos de Poppy viraram-se para a minha casa e pousaram em mim.

Savannah e Ida quiseram ver o que captara a atenção dela. Quando me viram, Ida riu-se e acenou. Savannah, como o pai, ficou a ver-me com uma preocupação muda.

Com um gesto do rosto indiquei a Poppy, que se aproximasse. Poppy caminhou até mim devagar, com Ida e Savannah nos calcanhares. Estava linda, como sempre. A saia vermelha chegava a meio da coxa, com meias pretas nas pernas e sapatos pelo tornozelo. O casaco azul-escuro cobria-lhe o tronco, mas podia ver a camisa branca por baixo e a gravata preta no colarinho.

Era linda.

As irmãs de Poppy ficaram para trás enquanto ela se aproximava de mim. Precisava de garantir que me pertencia e que eu lhe pertencia também e desencostei-me do corrimão, atirando o cigarro para o chão. Tomando o rosto de Poppy nas mãos, puxei-a ao encontro dos meus lábios, esmagando a minha boca na dela. O beijo não foi meigo. Nem tencionava que fosse. Deixava nela a minha marca, indicando que me pertencia.

E que eu era dela.

O beijo representou um dedo médio espetado a quem quisesse separar-nos. Quando o quebrei, as faces de Poppy estavam encarnadas e os lábios húmidos.

– Espero bem que este beijo seja incluído no frasco – avisei.

Poppy anuiu, estupefacta. Ouvimos risinhos atrás de nós. Descobri que as irmãs de Poppy tinham desatado a rir. Ou, para ser mais exato, Ida ria-se e Savannah fitava-nos com ar um pouco chocado.

Procurei a mão de Poppy e agarrei-a.

– Estás pronta?

Poppy olhou para as nossas mãos.

– Vamos assim para a escola?

Franzi a testa.

– Sim. Porquê?

– Todos saberão. Haverá falatório e...

Colei novamente os lábios aos dela e, quando recuei, disse:

– Que falem. Nunca te importaste. Não comeses agora.

– Vão pensar que voltámos a namorar.

Fiz uma careta.

– E é verdade – afirmei. Poppy pestanejou uma e outra vez.

Depois sorriu e colocou-se ao meu lado e a minha raiva extinguiu-se totalmente.

Pousou a cabeça no meu bíceps.

Olhando para cima, disse:

– Então, sim, estou preparada.

Sustentei o olhar de Poppy durante alguns segundos, mais do que o normal. O nosso beijo podia representar um dedo médio espetado a quem não nos queria juntos, mas o sorriso dela era um dedo médio espetado à escuridão da minha alma.

As irmãs de Poppy correram para nos acompanhar e começámos a avançar para as nossas respetivas escolas. Antes de virarmos para o cerejal, olhei por cima do ombro. O Senhor Litchfield observava a nossa ida. Retesei-me ao deparar-me com a expressão tumultuosa. Mas rangi os dentes. Era uma luta que ele iria indubitavelmente perder.

Ida falou durante todo o caminho e Poppy ria-se com gosto da irmã mais nova. Compreendia a razão. Ida era uma Poppy em miniatura. Incluindo as covinhas na cara.

Savannah, contudo, apresentava uma personalidade distinta. Era mais introvertida, uma pensadora profunda. E nitidamente protetora da felicidade de Poppy.

Com um aceno de despedida rápido, Savannah abandonou-nos para se dirigir à sua escola. Vendo-a afastar-se, Poppy disse:

– Estava muito calada.

– Por minha causa – respondi. Poppy olhou-me com ar chocado.

– Não – contrapôs. – Ela adora-te.

O meu maxilar ficou tenso.

– Adora quem eu era no passado – encolhi os ombros. – Eu percebo. Preocupa-a que eu te parta o coração.

Poppy obrigou-me a parar junto a uma árvore, à entrada da nossa escola. Desviei o olhar.

– O que se passa? – perguntou ela.

– Nada – respondi.

Ela intrometeu-se na direção do meu olhar.

– Não me vais partir o coração – declarou com cem por cento de convicção. – O rapaz que me conduziu ao ribeiro e depois a ouvir uma orquestra jamais partiria o meu coração – fiquei calado. – Além disso, se o meu coração se partir, o teu também se partirá, lembra-te?

Suspirei ao lembrar-me. Poppy empurrou-me até me encostar à árvore. Vi os alunos começarem a entrar na escola e a maioria fitava-nos com curiosidade. Os boatos tinham começado.

– Tencionas magoar-me, Rune? – quis saber Poppy.

Derrotado pela sua tenacidade, pousei a mão na sua nuca e garanti-lhe:

– Jamais.

– Então que se lixe o que os outros pensam.

Ri-me perante aquele fervor. Ela sorriu e assentou a mão na anca.

– O que me dizes desta atitude? Suficientemente rebelde?

Apanhando-a de surpresa, fi-la rodar até ela ficar encostada à árvore. E, antes de poder reclamar, aproximei-me e beijei-a. Os nossos lábios estavam lentos e o beijo foi profundo, os lábios de Poppy entreabrindo-se para aceitar a minha língua. Saboreei a doçura da sua boca antes de me afastar.

Poppy ficara sem fôlego. Penteando-me o cabelo molhado com os dedos, ela disse:

– Eu conheço-te, Rune. Nunca serias capaz de me magoar – franziu o nariz e brincou: – Apostaria a minha vida.

Uma dor tentou formar-se no meu peito.

– Não teve graça.

Ela mostrou o indicador e o polegar separados por um pequeno intervalo.

– Teve. Um pouquinho.

Abanei a cabeça.

– Conheces-me bem, *Poppymín*. Só tu. *Para ti. Apenas para ti.*

Poppy examinou-me.

– E talvez seja esse o problema – concluiu ela. – Talvez se acolheres os outros, e mostrares a quem tu gostas que *tu* ainda existes, debaixo dessas roupas escuras e dessa cisma, as pessoas não te criticariam tão duramente. Acabariam por gostar de ti pelo que tu escolheste ser, pois conseguiam ver a tua alma genuína.

Fiquei calado e ela acrescentou:

– Como o Alton. Como anda o teu relacionamento com o Alton?

– É apenas um miúdo – respondi, não entendendo o significado daquelas palavras.

– É um miúdo pequeno que te venera. Um miúdo pequeno triste por não falares com ele, nem lhe ligares nenhuma.

Senti as palavras abrirem um poço sem fundo no estômago.

– Como sabes?

– Ele contou-me – disse ela. – Está triste.

Imaginei Alton a chorar, mas rapidamente afugentei a imagem. Não queria pensar nisso. Podia não ter um grande relacionamento com ele, mas não o queria ver chorar.

– Ele usa o cabelo comprido por uma razão, sabes? Afasta-o da cara como tu fazes por uma razão. É mesmo fofo.

– Ele tem cabelo comprido porque é norueguês.

Poppy revirou os olhos.

– Nem todos os rapazes noruegueses usam cabelo comprido, Rune. Não te armes em parvo. Ele tem cabelo comprido porque quer ser como tu. Imita os teus hábitos, as tuas idiossincrasias, porque quer ser como *tu*. Quer que tu lhe dês atenção. Adora-te.

Baixei a cabeça. Poppy levantou-ma com as mãos. Perscrutou-me o olhar.

– E o teu pai? Porque não...

– *Basta* – cuspi com um tom ríspido, recusando-me a falar sobre ele. Nunca lhe perdoaria por me afastar de Poppy. Aquele assunto estava interdito a discussão, mesmo por parte dela. Poppy não se mostrou nem magoada nem ofendida pela minha reação. No seu rosto apenas havia compreensão.

Também não conseguia aguentar isso.

Pegando-lhe na mão, e sem mais palavras, puxei-a para a escola. Poppy agarrou a minha mão com mais força ao ver os outros estudantes a olhar fixamente.

– Deixa-os olhar – disse eu para Poppy, ao cruzarmos os portões da escola.

– Está bem – respondeu ela, acercando-se de mim.

Quando entrámos no corredor, vi Deacon, Judson, Jorie, Avery e Ruby reunidos em volta dos respetivos cacifos. Não tinha falado com nenhum deles desde a festa.

Nenhum deles conhecia este desenlace.

Foi Jorie quem apareceu em primeiro lugar, arregalando os olhos ao descobrir-nos, Poppy e eu, de mãos dadas. Deve ter soltado uma exclamação em surdina, porque, poucos segundos depois, os nossos amigos viraram-se com expressões confusas.

Voltando-me para Poppy, apressei-a.

– Anda, é melhor falarmos com eles.

Tentei avançar, mas Poppy puxou-me para trás.

– Eles não sabem que... – sussurrou, só para os meus ouvidos. – Ninguém sabe, a não ser as nossas famílias e os professores. E tu.

Assenti devagar. Depois ela disse:

– E a Jorie. A Jorie também sabe.

Aquela informação em particular atingiu-me na barriga como um murro. Poppy terá visto a minha expressão de mágoa, porque explicou:

– Precisava de alguém, Rune. Ela era a minha maior amiga, além de ti. Ajudou-me nos trabalhos da escola e coisas dessas.

– Mas contaste-lhe a ela, a mim não – ripostei, debatendo-me contra a necessidade de apanhar ar.

Poppy agarrou-me com força.

– Ela não me amava como tu. E eu não a amo como a ti.

A minha raiva desvaneceu-se quando ela disse aquilo... E eu não a amo como a ti...

Aproximei-me dela e passei um braço por cima dos seus ombros.

– Há de descobrir-se, eventualmente.

– Mas para já, não – respondeu ela com firmeza.

Sorri perante a determinação no olhar.

– Mas para já, não.

– Rune? Anda cá, porra, tens de contar o que se passa – a voz alta de Deacon soou por cima do rebuliço do corredor.

– Estás pronta? – perguntei a Poppy.

Ela anuiu. Dirigimo-nos ao encontro do nosso grupo de amigos. O braço de Poppy estava preso firmemente em volta da minha cintura.

– Então voltaram a andar? – perguntou Deacon.

Assenti, o meu lábio curvando de desagrado perante os ciúmes evidentes de Avery. Percebendo que eu tinha reparado nela, rapidamente colocou a máscara cínica. Não me importei; ela nunca representara nada para mim.

– Então, a Poppy e o Rune voltam a estar juntos? – clarificou Ruby.

– Sim – confirmou Poppy, sorrindo-me. Beijei-lhe a testa, cingindo-a.

– Bem, parece que o mundo volta a entrar nos eixos – anunciou Jorie, estendendo a

mão e apertando o braço de Poppy. – Não estava certo, vocês zangarem-se um com o outro. O universo está a modos que... avariado.

– Obrigada, Jor – agradeceu Poppy e entreolharam-se demoradamente, comunicando em silêncio. Notei que os olhos de Jorie pareciam lacrimejantes. Ela exclamou: – Bem, tenho de ir para a aula. Até logo!

Jorie afastou-se. Poppy dirigiu-se ao seu cacifo. Ignorei todos os olhares. Quando Poppy retirou os livros, encostei-a à porta fechada e disse:

– Vês? Não foi assim tão mau.

– Não foi assim tão mau – ecoou Poppy, mas vi-a a observar os meus lábios.

Inclinando-me, encostei o meu peito ao dela e tomei-lhe a boca na minha. Poppy gemeu quando a minha mão desceu até ao seu cabelo, agarrando-o com força. Recuei então, vendo os olhos brilharem e as faces tornarem-se vermelhas.

– Beijo trezentos e sessenta. Contra a porta do meu cacifo na escola. Mostrando ao mundo que voltámos a estar juntos... e o meu coração quase explodiu.

Afastei-me, deixando-a a recuperar o fôlego.

– Rune? – chamou ela. Eu dirigia-me para a aula de Matemática. Virei-me e estiquei o queixo. – Vou precisar de mais momentos como esse para encher o frasco.

O calor preencheu-me ante a possibilidade de a beijar constantemente. Poppy enrubescou ao ver a intensidade no meu rosto. Voltando a caminhar, ela disse:

– E Rune?

Sorri e respondi:

– *Ja?*

– Qual é o teu lugar preferido para visitar aqui na Georgia? – Não percebi que expressão era aquela no seu rosto, mas algo atravessava aquela cabecinha. Estava a preparar alguma.

– O cerejal, quando chega a primavera – respondi, sentindo o rosto acalmar-se perante a imagem.

– E quando não estamos na primavera? – sondou.

Encolhi os ombros.

– Talvez a praia. Porquê?

– Nada – respondeu e depois desapareceu na direção contrária.

– Até ao almoço – gritei.

– Tenho de praticar o violoncelo – gritou ela em resposta.

Disse-lhe, parado:

– Então vou assistir.

O rosto de Poppy animou-se e repetiu suavemente:

– Então vais assistir.

Ali ficámos, em extremos opostos do corredor, olhando um para o outro. Poppy desenhou com os lábios:

– *Para toda a infinidade.*

E eu devolvi:

– *Eternamente e para sempre.*

A semana passou num ápice.

Nunca o tempo me interessara – se era rápido ou lento. Agora era diferente. Agora queria que um minuto durasse uma hora e a hora um dia. Mas, apesar das minhas súplicas caladas a quem existia lá no alto, o tempo corria por nós. Tudo acontecia demasiado depressa.

Na escola, o interesse coletivo sobre mim e Poppy, e o facto de nos termos apaixonado novamente, amainou após alguns dias. As pessoas ainda não entendiam, mas não lhes prestei atenção. Na nossa terriola, sabia que havia falatórios. Os rumores especulavam sobre os motivos e a forma como nos havíamos juntado novamente.

Estava a borrifar-me para tudo isso.

A campainha da porta tocou enquanto me encontrava deitado na cama. Rodei para me levantar, agarrando no blusão. Esperava Poppy.

Ela ia levar-me a mim numa saída.

Naquela manhã, quando saí da cama dela, disse-me para estar pronto às dez horas. Não explicou porquê nem onde iríamos, mas fiz o que me pediu.

Ela sabia que eu faria.

Ao sair do quarto e descer o corredor, ouvi a voz de Poppy.

– Então, rapaz, como estás?

– Bem – respondeu Alton, um pouco tímido.

Contornando a esquina, parei ao ver Poppy de cócoras a falar com Alton ao mesmo nível. O cabelo comprido do meu irmão ocultava-lhe a vista de mim. Observei-o a afastar nervosamente o cabelo do rosto com a mão... tal como eu fazia.

As palavras de Poppy da semana anterior embateram na minha mente...

Ele usa o cabelo comprido porque quer ser como tu. Imita os teus hábitos, idiossincrasias, porque quer ser igual a ti. Quer que tu repares nele. Adora-te...

Vi o meu irmãozinho baloiçar timidamente nas pontas dos pés. Não pude evitar curvar o lábio divertido. Era demasiado calado, tal como eu. Não falava a não ser que fosse interpelado primeiramente.

– O que vais fazer hoje? – perguntou-lhe Poppy.

– Nada – respondeu Alton, carrancudo.

O sorriso de Poppy esvaiu-se. Alton perguntou:

– Vais sair com o Rune novamente?

– Sim, querido – respondeu ela baixinho.

– Ele agora já fala contigo? – perguntou Alton. E eu ouvi. Ouvi a tristeza na sua voz apagada, aquela de que Poppy me falara.

– Sim, fala – comentou Poppy e, tal como fazia comigo, passou o dedo pelo rosto dele. Alton inclinou a cabeça, embaraçado, mas eu notei o sorriso de esguelha pelos intervalos do cabelo comprido.

Poppy olhou para cima e descobriu-me encostado à parede, a observar atentamente. Endireitou-se devagar e eu aproximei-me, procurando-lhe a mão e puxando-a para um beijo.

– Estás pronto? – perguntou.

Assenti, fitando-a, desconfiado.

– Continuas sem me dizer onde vamos?

Poppy franziu os lábios e abanou a cabeça, espicaçando-me. Tomou a minha mão nas suas e conduziu-me para a porta.

– Adeus, Alton! – exclamou por cima do ombro.

– Adeus, *Poppymin* – ouvi-o responder. Estaquei ao ouvir a minha alcunha para Poppy sair-lhe dos lábios. Poppy levou a mão à boca e ficou praticamente derretida.

Encarou-me e, naquele olhar, soube que queria que eu dissesse alguma coisa ao meu irmão. Suspirando, virei-me para Alton e ele comentou:

– Adeus, Rune.

A mão de Poppy apertou a minha, incitando-me a responder.

– Adeus, Alt – retorqui, algo constrangido. A cabeça de Alton ergueu-se e um enorme sorriso espalhou-se-lhe pelos lábios. Tudo porque me despedira dele.

Esse sorriso que iluminava o seu rosto apertou-me o peito. Conduzi Poppy pelos degraus do alpendre em direção ao carro da mãe dela. Quando chegámos ao carro, Poppy não queria largar-me a mão até que eu olhasse para si. E, assim que o fiz, ela inclinou a cabeça e declarou:

– Rune Kristiansen, estou muito orgulhosa de ti agora.

Desviei o olhar, desconfortável com aquele elogio. Suspirando profundamente, Poppy soltou por fim a minha mão e entrámos no carro.

– Queres dizer-me aonde vamos? – perguntei.

– Não – Poppy saiu de marcha-atrás. – Em breve perceberás.

Sintonizei a estação habitual de Poppy no rádio e recostei-me no assento. A voz meiga de Poppy encheu o carro, acompanhando outra música *pop* que eu desconhecia. Não demorou muito até me esquecer da estrada e ficar a observá-la. Tal como acontecia quando tocava o violoncelo, as covinhas do rosto vincavam-se, cantando as músicas favoritas e sorrindo com as letras das canções que adorava. Baloiçava a cabeça e o corpo seguindo o ritmo.

O meu peito contraiu-se.

Era uma luta constante. Ver Poppy tão descontraída e feliz enchia-me com uma luz brilhante, mas ter consciência de que estes instantes eram limitados, finitos, que se *esgotavam*, trazia de volta a escuridão.

Manchas de um negro profundo.

E raiva. A raiva sempre presente, uma espiral por desenrolar à espera de desferir o golpe final.

Como se pudesse sentir-me desmoronar, Poppy estendeu a mão e pousou-a no meu colo. Olhei para baixo, vendo a mão dela virada para cima, dedos prontos para se entrelaçarem nos meus.

Suspirei demoradamente e enfiei a mão na dela. Não era capaz de a encarar. Não lhe faria isso.

Sabia como Poppy se sentia. Mesmo com o cancro a roubar-lhe a vida, era a dor da sua família e de quem adorava que lhe causava desgosto. Quando eu perdia a vontade de falar ou ficava perturbado, era a única vez em que os seus olhos verdes brilhantes se apagavam. Quando deixava a raiva consumir-me, notava o cansaço no seu rosto.

Cansada de ser a causa de tanta mágoa.

Mantendo a mão dela colada à minha, virei-me para espreitar pela janela. Percorríamos as voltas e contravoltas para sair da vila. Levando as mãos unidas à boca, depus vários beijos na mão dela, tão macia. Ao passarmos por uma placa indicativa da costa, senti o peso levantar-se do meu peito e virei-me para Poppy.

Ela já sorria.

– Vais levar-me à praia – declarei.

Poppy anuiu.

– Sim! O teu segundo lugar favorito.

Lembrei-me das flores de cerejeira no cerejal. Imaginei-nos sentados debaixo da nossa árvore preferida. E, contra a minha personalidade, fiz uma prece para ela viver até esse instante. Poppy tinha de ver as árvores completamente floridas.

Tinha simplesmente de viver até esse instante.

– E viverei – Poppy murmurou subitamente. Cruzei o olhar com o dela e Poppy apertou-me a mão como se ouvisse a minha súplica muda. – Hei de ver as flores. Estou mesmo determinada.

O silêncio cresceu entre nós. Havia um aperto na minha garganta enquanto contava para dentro os meses até as cerejeiras darem flor.

Quase quatro meses.

Praticamente amanhã.

A mão de Poppy ficara hirta. Perscrutando a sua expressão, voltei a notar a mágoa. A mágoa que silenciosamente indicava a sua dor porque era a minha dor.

Tentando aliviar esse aperto, disse:

– Haverás de ver. Deus não será insensato a ponto de contrariar a tua determinação.

E, como um interruptor, a mágoa dela desapareceu, dando lugar à felicidade.

Recostei-me no assento, vendo o mundo passar velozmente. Perdido nos meus pensamentos, ouvi:

– Obrigada – um som ínfimo, quase uma fração de um sussurro. Mas fechei os olhos, sentindo a mão de Poppy relaxar.

Não respondi. Ela não queria que o fizesse.

Mais uma canção começou a tocar na rádio e, como se nada se passasse, a voz suave de Poppy encheu o ar e continuou. Segurei-lhe a mão enquanto ela cantava até ao fim da viagem.

E certifiquei-me de que bebi cada nota.

Quando alcançámos a costa, vi antes de mais o farol alto e branco assente na berma da falésia. O dia estava quente, a frente fria teria ido para outras terras e o céu brilhava.

Mal se via uma nuvem no céu com o Sol no alto, lançando os raios sobre a água parada. Poppy estacionou o carro e desligou o motor.

– Concordo, é o meu segundo lugar preferido – confirmou ela.

Anuí, observando as diversas famílias espalhadas pela areia solta. Miúdos brincavam e pássaros traçavam círculos no ar à espera de comida que ficasse para trás. Alguns dos adultos encostavam-se às dunas a ler. Outros descansavam, de olhos fechados, apreciando o calor.

– Lembras-te de aqui virmos quando era verão? – perguntou Poppy, alegria latente na voz meiga.

– *Ja* – respondi num tom rouco.

Ela apontou para a parte inferior do pontão.

– E ali, beijo setenta e cinco – virou-se para mim e riu-se ao recordar. – Esquivámo-nos às nossas famílias e fomos para debaixo do pontão, para me dares um beijo – levou a mão aos lábios, olhos desfocados, imersos em pensamentos. – Sabias a sal da água do mar – recordou. – Lembras-te?

– *Ja* – respondi. – Tínhamos nove anos. Trazias um fato de banho amarelo.

– Sim! – exclamou Poppy, soltando um risinho.

Poppy abriu a porta. Olhou para trás, cheia de entusiasmo e perguntou:

– Estás pronto?

Saí do carro. A brisa quente agitou-me o cabelo pela cara. Tirando uma fita de borracha do pulso, ateí o cabelo num rabo-de-cavalo pouco apertado, para afastá-lo da cara, e adiantei-me até ao porta-bagagens para ajudar Poppy com o que ela tinha trazido.

Espreitei para o espaçoso porta-bagagens e vi que trouxera um cesto de piquenique e outra mochila. Não fazia ideia do que contivesse.

Estendi a mão para lhe tirar tudo quando ela tentou transportar sozinha os objetos. Libertou-se das coisas, mas parou, ficando imóvel.

A rigidez dela fez-me olhar para cima. Franzi a testa, vendo-a examinar-me.

– O que foi? – perguntei.

– Rune – murmurou, acariciando-me a cara com as pontas dos dedos. Passou-os pelas faces e percorreu a minha testa. Por fim, um grande sorriso abriu-se nos lábios.

– Consigo ver o teu rosto.

Apoiando-se nos bicos dos pés, Poppy estendeu a mão e deu palmadinhas divertidas no meu cabelo, apanhado no rabo-de-cavalo.

– Gosto disto – declarou. Os olhos de Poppy varreram mais uma vez a minha cara. Depois suspirou. – Rune Erik Kristiansen, tens ideia de como és perfeito e bonito?

Baixei a cabeça. Mãos desceram pelo meu peito. Olhando para cima, ela perguntou:

– Tens ideia de como é profundo o que sinto por ti?

Abanei lentamente a cabeça, a precisar que ela me dissesse. Poppy pousou a mão sobre o meu coração e a mão sobre a minha. Senti a pulsação bater debaixo da minha mão, a pulsação constante que acelerou quando nos entreolhámos.

– É como a música – explicou ela. – Quando olhas para mim, quando me acaricias, quando vejo o teu rosto... quando nos beijamos, o meu coração toca a sua música. Canta que precisa de ti como eu preciso de ar. Canta-me que encontrei a parte que lhe faltava.

– *Poppymin* – disse eu e ela pressionou o dedo contra os meus lábios.

– Ouve, Rune – pediu ela e fechou os olhos. Eu imitei-a. E escutei. Escutei tão audível como se estivesse junto ao ouvido. Os batimentos constantes, o ritmo que era nosso. – Quando estás perto de mim, o meu coração não suspira, lança-se no ar – murmurou, como se não quisesse perturbar o som. – Acredito que os corações têm um ritmo próprio como uma canção. Acredito que, como a música, somos atraídos para uma determinada melodia. Ouvi a música do teu coração e tu ouviste a minha.

Abri os olhos. Poppy ergueu-se, as covinhas aprofundando-se quando sorriu e começou a ondular com o ritmo. Ao abrir também os olhos deixou escapar um risinho

doce dos lábios. Avancei e esmaguei com os meus os lábios dela.

As mãos de Poppy subiram à minha cintura, agarrando-se à minha *T-shirt*, ao passar os lábios devagar contra os dela, fazendo-nos recuar até a encostar ao carro, o meu peito cheio do corpo dela.

Senti o eco da sua pulsação no meu peito. Poppy suspirou quando a minha língua deslizou contra a sua. As mãos dela contraíram-se no meu pulso. Ao recuar, ela sussurrou:

– Beijo quatrocentos e trinta e dois. Na praia com o meu Rune. O meu coração quase explodiu.

Respirava pesadamente, tentando recompor-me. As faces de Poppy estavam coradas e ela respirava com tanta força como eu. Mantivemo-nos assim, simplesmente ofegantes, até Poppy se afastar do porta-bagagens e plantar um beijo na minha cara.

Virei-me e ela levantou a mochila e colocou-a ao ombro. Tentei tirá-la, mas ela disse:

– Ainda não estou assim tão fraca, amor. Posso levar algum peso.

As palavras continham um duplo sentido. Sabia que não se referia apenas ao saco, mas também ao meu coração.

A escuridão dentro de mim, aquela que ela incessantemente procurava combater.

Poppy afastou-se, permitindo-me recolher tudo o resto. Segui-a até um local recôndito no extremo oposto da praia, junto ao pontão.

Quando parámos, reconheci o local em que a beijara há tantos anos. Um sentimento estranho cresceu no meu peito e eu sabia que, antes de voltarmos para casa, voltaria a beijá-la aqui. Beijá-la como se tivéssemos dezassete anos.

Mais um beijo para o frasco.

– Aqui está bem? – perguntou Poppy.

– *Ja* – retorqui, depositando as nossas coisas na areia. Encontrando o chapéu-de-sol, e preocupado que Poppy não apanhasse demasiado sol, rapidamente o enfiei na areia e o abri para lhe proporcionar alguma sombra.

Mal o chapéu-de-sol se abriu e uma toalha se estendeu na areia, aponte para Poppy com o queixo, indicando-lhe que se colocasse debaixo dele. Assim fez, deixando um beijo rápido na minha mão ao passar.

E o meu coração não suspirou. Lançou-se no ar.

Os meus olhos foram atraídos pelo ondular do oceano. Poppy sentou-se.

Fechou os olhos e inspirou profundamente.

Assistir a Poppy a acolher a natureza era como assistir a uma prece concretizada. A alegria na expressão dela parecia ilimitada, a paz no seu espírito modesta.

Sentei-me na areia, braços a envolver as pernas dobradas. Fitei o mar. Os barcos à distância, pensando em qual seria o seu destino.

– Qual deve ser a aventura deles? – perguntou Poppy, lendo-me o pensamento.

– Não sei – respondi com sinceridade.

Poppy revirou os olhos e disse:

– Acho que abandonam tudo o que têm. Acho que acordaram um dia e decidiram que a vida não é só isto. Acho que decidiram, um casal apaixonado, um rapaz e uma rapariga, que queriam explorar o mundo. Venderam o que tinham e compraram um barco – sorriu e baixou o queixo, agarrando-o com as mãos, cotovelos pousados sobre

os joelhos erguidos. – Ela adora tocar música e ele adora tirar fotografias.

Abanei a cabeça e lancei-lhe um relance pelo canto do olho.

Ela não pareceu importar-se, pois acrescentou:

– E o mundo é bom. Viajarão para sítios distantes, criarão música, arte e imagens. E, pelo caminho, vão beijar-se. Beijar-se e amar-se e serem felizes.

Pestanejou ao sentir a brisa passar por nós. Quando me encarou novamente, perguntou:

– Não te parece ser a mais perfeita aventura de todas?

Assenti. Não conseguia falar.

Poppy olhou para os meus pés e, abanando a cabeça, deslocou-se ao longo da toalha até chegar à ponta das minhas pernas. Levantei o sobrolho, interrogador.

– Tens botas calçadas, Rune! Há sol por todo o lado e tens botas nos pés – Poppy tratou de me descalçar, uma de cada vez. Enrolou as minhas calças até aos tornozelos e anuiu. – Pronto – disse orgulhosamente. – Um pequeno melhoramento.

Incapaz de não ficar bem-disposto com a sua pose tão orgulhosa, inclinei-me e puxei-a para mim, deitando-me para ela se esticar em cima de mim.

– Pronto – repeti. – Um pequeno melhoramento.

Poppy soltou risinhos, oferecendo-me um beijo rápido.

– E agora?

– Um grande melhoramento – brinquei. – Um melhoramento maciço do tamanho de um asteroide.

Poppy riu-se mais alto. Rodei-a para se deitar a meu lado. O braço dela ficou pousado por cima da minha cintura e passei os dedos pela sua pele macia exposta.

Olhei, calado, o céu. Poppy também ficara muda até dizer de repente:

– Não demorou muito tempo depois de teres partido quando comecei a ficar cansada, tão cansada que não conseguia levantar-me da cama.

Fiquei quieto. Ela contava-me por fim. O que acontecera. A história *toda*.

– A minha mãe levou-me ao médico e fizeram alguns exames – abanou a cabeça. – Para ser sincera, pensaram que estava com cenas porque tinhas partido – fechei os olhos e inspirei fundo. – Até eu – acrescentou, apertando-me mais. – Durante os primeiros dias, tentei fingir que tinhas partido de férias. Mas as semanas passaram, o vazio que deixaste começou a doer imenso e o meu coração ficou completamente destruído. Para piorar, os músculos doíam-me. Dormia de mais, incapaz de encontrar energia.

Poppy calou-se. Depois prosseguiu:

– Acabámos por ter de ir a Atlanta para mais exames. Ficámos na casa da tia DeeDee até eles perceberem o que se passava.

Poppy levantou a cabeça apoiada numa mão e orientou os meus olhos ao seu encontro.

– Não te cheguei a contar, Rune. Fingi que estava bem. Porque não te queria magoar ainda mais. Percebi que não passavas bem. Sempre que falávamos por vídeo, notava que estavas cada vez mais zangado por teres voltado a Oslo. As coisas que dizias não eram normais em ti.

– Portanto, aquela visita à tua tia DeeDee – interrompi – foi por estares doente e não a mera visita que me tinhas contado?

Poppy anuiu e encontrei culpa no seu olhar verde.

– Conhecia-te, Rune. E vi que estavas a perder as estribeiras. Sempre resmungão. Sempre tiveste uma natureza negra. Mas comigo desaparecia. Nem fazia ideia como te transformaria descobrires a minha doença.

A cabeça de Poppy recostou-se mansamente para pousar no meu peito.

– Não levou muito tempo até ter o diagnóstico: linfoma avançado de Hodgkin. Abalou a minha família. E a mim. Claro que abalaria, certo? – apertei-a mais mas Poppy resistiu. – Rune, eu sei que nunca vi o mundo como os outros. Sempre vivi os dias ao máximo. Sei que sempre acolhi aspetos do mundo que não interessam aos outros. Talvez, até certo ponto, soubesse que não teria o mesmo tempo para viver as coisas como qualquer pessoa normal. Talvez, lá no fundo, a minha alma soubesse. Porque, quando o médico nos disse que apenas teria dois anos de vida, mesmo com tratamentos e medicamentos, senti-me bem.

Os olhos de Poppy começaram a brilhar com as lágrimas. Também os meus.

– Ficámos todos a viver em Atlanta; na casa da tia DeeDee. Ida e Savannah mudaram de escola. O meu pai deslocava-se para trabalhar. Recebi aulas em casa ou no hospital. Os meus pais rezavam para acontecer um milagre. Mas eu sabia que não ocorreria. Senti-me bem. Mantive-me animada. A quimioterapia foi dura. Perder o cabelo foi duro – Poppy pestanejou, limpando os olhos, e confidenciou: – Mas deixar de falar contigo quase me matou. A escolha foi minha. A culpa é minha. Só queria poupar-te, Rune. De me veres assim. Notei o mal que fazia aos meus pais e às minhas irmãs. Mas a ti conseguia proteger. Dar-te o que a minha família não teve, a vida. Liberdade. A possibilidade de te afastares sem dor.

– Não funcionou – repliquei.

Poppy baixou os olhos.

– Agora percebo isso. Mas, acredita em mim, Rune, pensava em ti todos os dias. Imaginava-te, rezava por ti. Esperava que a escuridão que te consumia tivesse desaparecido com a minha ausência.

Poppy pousou novamente o queixo no meu peito.

– Conta-me, Rune. Conta-me o que aconteceu contigo.

O meu maxilar retesou-se, não querendo aqueles sentimentos. Mas nunca poderia negar nada à minha miúda. Era impossível.

– Raiva – disse eu, afastando o cabelo dela do seu bonito rosto. – Ninguém me dizia para onde tinhas ido. E porque te afastaras. Os meus pais não me largavam. O meu pai chateava-me dia e noite. Culpava-o por tudo aquilo. Ainda culpo.

Poppy abriu a boca para falar mas abanei a cabeça.

– Não – cuspi. – Não digas *nada*.

Poppy calou-se e eu abri os olhos, obrigando-me a continuar.

– Ia à escola, mas não demorei tempo a começar a dar-me com gente tão zangada com o mundo como eu. E a ir a festas. A beber, a fumar, fazer o oposto do que o pai me mandava.

– Rune – exclamou Poppy com pena. Não disse mais nada.

– Tornou-se a minha vida. Desfiz-me da câmara. Depois juntei tudo o que trazia memórias de ti – soltei uma gargalhada. – Quem me dera ter arrancado o coração também. Porque o filho da mãe não me deixava esquecer-te, por muito que tentasse. E

depois voltámos. Para aqui. E vi-te no corredor e a raiva que trazia nas veias tornou-se uma onda.

Rodei, abri os olhos e passei a mão pelo rosto de Poppy.

– Porque estavas linda. A ideia que eu trazia na cabeça de qual seria o teu aspeto aos dezassete anos esvaiu-se num instante. Mal vi este cabelo castanho, os olhos verdes muito grandes fixos em mim, sabia que qualquer esforço feito nos últimos dois anos para te esquecer estava arruinado. Bastou um olhar. Arruinado.

Engoli em seco.

– Depois contaste-me... – calei-me e Poppy abanou a cabeça.

– Não – disse ela. – Chega. Já contaste o suficiente.

– E tu? – perguntei. – Porque voltaste?

– Porque não havia mais nada a fazer – disse, suspirando. – Nada resultava. Os tratamentos não faziam efeito. O oncologista foi muito claro connosco: não servia para nada. Não precisei de mais e tomei uma decisão. Quis voltar para casa. Quis viver os últimos dias em casa, com tratamentos paliativos, ao lado daqueles que eu amava.

Poppy aproximou-se um pouco, beijou-me a cara, a cabeça e por fim a boca.

– E agora tenho-te a ti. Como agora sei que devia ser. Era suposto estarmos aqui neste momento exato: em casa.

Senti uma lágrima escapar-se do meu olho. Poppy rapidamente a secou com o polegar. Inclinou-se para mim, sobre o meu peito, e disse:

– Acabei por aceitar que a morte, para quem está doente, não é difícil de suportar. Porque a dor terá o seu fim e iremos para um lugar melhor. É quem fica que sente uma dor ainda maior.

Poppy pegou-me na mão e apertou-a contra o peito.

– Acredito realmente que as histórias de perda não têm de ser necessariamente tristes e pesadas. Quero que a minha seja recordada como uma grande aventura que tentei viver o melhor possível. Como é que ousamos desperdiçar um único fôlego? Como é que desperdiçamos o que é tão precioso? Pelo contrário, devíamos procurar sentir cada um desses fôlegos em tantos momentos preciosos quantos for possível enfiar neste curto tempo na Terra. É a mensagem que quero deixar. Que belo legado para dar àqueles que adoro.

Se, como Poppy acreditava, um palpitir do coração era uma cantiga, então agora, neste instante, o meu coração rejubilava de orgulho... com a plena admiração pela miúda que eu amava, pela forma como encarava a vida, essa mesma forma em que me tentou fazer acreditar que podia haver uma vida depois dela.

Estava convicto que não seria verdade, mas Poppy estava determinada. Uma determinação inabalável.

– Agora já sabes – declarou Poppy, assentando a cabeça no meu peito. – E não falemos mais no assunto. Temos um futuro para explorar. Não seremos escravos do passado – fechei os olhos e ela suplicou: – Prometes-me, Rune?

Redescobrimo a fala, sussurrei:

– Prometo.

Resisti às emoções que me trespassavam. Não lhe mostraria nenhum sinal da minha tristeza. Apenas encontraria em mim felicidade a partir de hoje.

A respiração de Poppy estabilizou enquanto lhe afagava o cabelo. Uma brisa

quente corria por cima de nós, levando consigo o peso que nos rodeava.

Senti-me começar a adormecer, pensando que Poppy também fazia o mesmo, quando ela murmurou:

– Como será o paraíso, na tua opinião, Rune?

Fiquei tenso, mas as mãos de Poppy começaram a traçar círculos sobre o meu peito, expurgando o peso do meu corpo que a pergunta voltara a despertar.

– Não sei – respondi. Poppy não adiantou nada, apenas ficou exatamente onde estava. Remexendo-me ligeiramente para a acolher melhor nos meus braços, afirmei:

– Será belo. Pacífico. Um sítio em que te voltaria a ver.

Senti Poppy sorrir de encontro à minha *T-shirt*.

– Também eu – concordou mansamente e virou-se para me beijar o peito.

Desta vez tive a certeza de que ela adormecera. Espreitei através da areia e observei um casal idoso sentar-se perto de nós. Tinham as mãos unidas. Antes de a mulher se sentar, o homem estendera uma toalha na areia. Beijou-lhe a cara antes de a ajudar a sentar-se.

Fiquei cheio de ciúmes. Porque nós jamais teríamos aquilo.

Poppy e eu jamais envelheceríamos juntos. Nem teríamos filhos. Nem um matrimónio. Nada. Mas olhei para o cabelo castanho e espesso de Poppy e as suas mãos delicadas esticadas no meu peito, e senti-me grato por ter isto, pelo menos. Não sabia o que me esperava. Mas tinha-a *agora*.

Tinha-a desde os meus cinco anos.

Percebi por que motivo a amara desde tão novo – para ter este tempo com ela. Poppy acreditava que o seu espírito sempre soubera que iria morrer jovem. E eu já pensava que o meu também sabia.

Passou-se outra hora. Poppy continuava a dormir. Levantei-a devagar do meu peito e endireitei-me. O Sol subia no céu; as ondas banhavam a costa.

Sentindo-me sedento, abri a cesta de piquenique e retirei uma das garrafas de água que Poppy havia trazido. Enquanto bebia, o meu olhar pousou na mochila que Poppy trouxera do porta-bagagens.

Intrigado com o que conteria, puxei-a e abri o fecho delicadamente. Inicialmente só encontrei outro saco preto. Um saco com enchimento. Retirei-o e o meu coração começou a acelerar quando percebi do que se tratava.

Suspirei e fechei os olhos.

Pousei o saco na toalha e esfreguei a cara.

Quando levantei a cabeça, abri os olhos e olhei para a água inexpressivamente. Observei os barcos à distância. As palavras de Poppy entraram filtradas no meu espírito...

Acho que vão abandonar tudo. Acordaram um dia e decidiram que não resta nada na vida. Decidiram – um casal apaixonado, um rapaz e uma rapariga – que queriam explorar o mundo. Venderam tudo o que tinham e compraram um barco... ela adora tocar música, e ele adora captar instantes em fotografia...

Os meus olhos abandonaram o saco da câmara que eu conhecia tão bem. Percebi onde ela concebera a teoria sobre os barcos.

Ele adora captar instantes em fotografia...

Tentei zangar-me com ela. Largara a fotografia há dois anos; já não me descrevia.

Já não era o meu sonho. A Universidade de Nova Iorque não estava nos meus planos. Não queria voltar a utilizar a câmara. Mas os meus dedos começaram a contorcer-se e, apesar de me sentir irritado comigo mesmo, levantei a tampa e espreitei para o interior.

A *Canon* antiga a preto e cromado que eu tanto apreciava olhava para mim. Senti-me ficar sem pinga de sangue no rosto, embora fosse impelido com força pelo coração, que batia contra as minhas costelas. Atirara a câmara para o lixo. Desfizera-me dela e de tudo o que representava.

Não fazia ideia como teria chegado a Poppy. Teria procurado outra e comprara-a? Tirei-a do saco e virei-a. Ali, inscrito na parte de trás, estava o meu nome. Raspara-o ao fazer treze anos, quando recebi a câmara como prenda dos pais.

Era mesmo esta.

Poppy descobrira a minha câmara.

Abri a tampa e descobri um rolo de filme no interior. As lentes estavam no saco. Aquelas que eu conhecia tão bem. Apesar dos anos, sabia instintivamente quais se adequariam melhor a cada foto – paisagem, retrato, cena noturna, luz do dia, cenário natural, estúdio...

Ouvindo um restolhar suave atrás de mim, espreitei por cima do ombro. Poppy observava-me. Os olhos pousaram sobre a câmara. Avançando aos poucos, ela disse:

– Perguntei ao teu pai. Onde estaria. Ele contou-me que a atiraras para o lixo – a cabeça de Poppy inclinou-se para o lado. – Não sabias, e ele nunca te disse, que a encontrou. Viu quando a largaste. Tinhas partido algumas peças, como as lentes e outras coisas – apertava o maxilar com tanta força que me doía.

Os dedos de Poppy percorreram as costas da minha mão pousada na toalha.

– Mandou-a reparar sem tu saberes e guardou-a durante estes anos à espera que voltasses a ter novamente apetência para a fotografia. Sabia que adoravas esta arte. Também se culpa por teres desistido.

O meu instinto disse-me para abrir a boca e sibilar que era culpa dele. Tudo era. Mas não o fiz. Por algum motivo, o nó no estômago manteve a minha boca fechada.

Os olhos de Poppy rebrilharam.

– Devias tê-lo visto ontem à noite, quando lhe perguntei. Ficou tão emocionado, Rune. Nem a tua mãe sabia que ele a tinha guardado. Inclusive comprara rolos. Caso quisesse começar a usá-la novamente.

Desviei os olhos dos de Poppy, voltando a concentrar-me na câmara. Não sabia como lidar com aqueles sentimentos. Tentei ficar zangado, mas, para espanto meu, a raiva não quis aparecer. Não tirava da cabeça a imagem do meu pai a limpar a câmara sozinho e arranjá-la para mim.

– Ele até tem o quarto escuro preparado e à tua espera em tua casa – fechei os olhos e Poppy acrescentou a última parte. Fiquei calado. Completamente calado como resposta. A minha cabeça estava demasiado cheia de ideias, de imagens. E encontrava-me em conflito. Jurara nunca mais tirar outra fotografia.

Mas jurar era uma coisa e segurar o objeto do meu vício nas mãos comprometia tudo aquilo que procurei renegar. Contra o qual me revoltei. Que quis menosprezar, tal como o pai menosprezara os meus sentimentos ao decidir regressar a Oslo. O buraco no meu estômago começara a ganhar terreno.

Esta era a raiva que eu antecipara. Era a explosão de fogo que eu esperava.

Inspirei profundamente, preparando-me para ser subjugado pela escuridão quando, de súbito, Poppy se levantou.

– Vou molhar os pés – anunciou e passou por mim sem mais palavras. Vi-a afastar-se. Vi-a enterrar os pés na areia macia, a brisa soprando-lhe o cabelo curto. Fiquei hipnotizado a vê-la parar na berma da água, deixando que as ondas viessem enrolar-se nos seus pés. Levantou mais o vestido para evitar os salpicos.

Deitou a cabeça para trás de modo a sentir o sol na cara. Depois espreitou para onde eu continuava sentado. Espreitou e riu-se. Livre, sem abandono, como se não tivesse preocupação alguma no mundo.

Fiquei transfixado, e ainda mais quando um raio de sol refletido no mar lhe conferiu à cara um tom dourado, transformando os olhos verde-esmeralda nesta nova luz.

Fiquei sem respirar e de facto tentei encher os pulmões de ar perante aquela beleza irradiante. Antes de ter pensado sequer ergui a câmara. Senti o peso transferir-se para as minhas mãos e, fechando os olhos, deixei o ímpeto comandar.

Abri a vista, coloquei a câmara diante do olho. Destapando a lente, encontrei o ângulo perfeito para a minha miúda que dançava nas ondas.

E pressionei o botão.

Pressionei o botão na câmara, o meu coração dando saltos a cada disparo, seguro com o conhecimento de que captava Poppy neste instante feliz.

A adrenalina percorreu-me ao pensar na forma como estas imagem seriam reveladas, motivo pelo qual usava a câmara antiga. A antecipação do quarto escuro, a gratificação diferida de presenciar a maravilha capturada. A perícia de manusear a câmara para alcançar a fotografia perfeita.

Um mero segundo de serenidade.

Um instante de magia.

Poppy, no mundo só seu, correu ao longo da praia, as faces a ficar cor de rosa com o calor do sol. Levantando as mãos no ar, Poppy deixou a orla do vestido cair e molhar-se nos salpicos da água.

Depois virou-se para me olhar. Ao fazê-lo, ficou perfeitamente quieta, tal como o meu coração no peito. Aguardei com o dedo pronto sobre o botão pelo disparo perfeito. E então surgiu. Surgiu na forma de um olhar de puro deleite no seu rosto. Surgiu quando Poppy fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, como se fosse um alívio, possuída por uma felicidade sem limites.

Baixei a câmara. Poppy estendeu a mão. Sentindo-me excitado com o regresso em força da minha paixão, pus-me de pé num salto e corri pela areia.

Quando tomei a mão de Poppy na minha, ela puxou-me para si e eu coleí os lábios aos seus. Deixei-a conduzir-me. Deixei que me mostrasse o quanto representava para ela. *Este* instante. E deixei-me sentir também. Permiti-me afastar, por um segundo, o peso que eu trazia sempre como escudo. Permiti-me perder-me no beijo, levantando a câmara. Mesmo com os olhos fechados e sem orientação, convenci-me de que captara a melhor fotografia do dia.

Poppy recuou e em silêncio conduziu-me de volta para a toalha, sentámo-nos e ela encostou a cabeça no meu ombro. Levantei o braço por cima dos seus ombros, quentes e beijados pelo sol, e puxei-a bem para mim. Poppy olhou para cima enquanto eu

plantava um beijo indolente na sua cabeça. Encontrando os seus olhos, suspirei e encostei a testa contra a sua.

– Não tens de quê – murmurou ela, olhando para o mar.

Não me sentia assim há muito tempo. Esta paz interior desde que nos tínhamos afastado. E sentia-me grato a Poppy.

Mais do que grato.

Subitamente uma exclamação calada, de espanto, libertou-se da boca de Poppy.

– Olha, Rune – murmurou ela, apontando para longe. Intrigado com o que ela pretendia que eu visse, ouvi-a dizer: – As nossas pegadas na areia – levantou a cabeça e sorriu alegremente. – Dois pares. Quatro pés. Como o poema.

Vinquei as sobranceiras, confuso. A mão de Poppy pousou no meu joelho dobrado. Com a mão enfiada na proteção do meu braço, explicou.

– É o meu poema preferido, Rune. Também era o da minha avó.

– E o que diz? – perguntei, sorrindo ligeiramente ao ver a pequenez da pegada de Poppy ao lado da minha.

– É belo. E muito espiritual, portanto, não sei bem o que vais pensar dele – Poppy lançou-me um olhar brincalhão.

– Conta-me, mesmo assim – insisti, apenas para ouvir a sua voz. Ouvi a reverência no seu tom de voz quando partilhava algo que adorava.

– É mais uma história. Sobre alguém que tinha um sonho. No sonho, estão numa praia como esta. Mas caminham ao lado do Senhor.

Os meus olhos semicerraram-se e Poppy revirou os olhos.

– Avisei que era espiritual! – exclamou, a rir.

– Pois avisaste – respondi, e dei uma pancadinha na cabeça dela com o queixo. – Continua.

Poppy suspirou e, com o dedo, desenhou padrões indolentes na areia. O meu coração como que estalou quando me deparei com o sinal do infinito.

– Enquanto passeiam pela praia, no céu escuro por cima de nós a nossa vida é exibida em nosso benefício. À medida que cada cena se desenrola, como um filme, notamos dois conjuntos de pegadas deixados na areia atrás de nós. E, ao continuarmos, cada nova cena traz consigo um rasto das suas pegadas.

A atenção de Poppy focou-se nas nossas pegadas.

– Quando se esgotam as cenas, encaramos o rasto de pegadas e notamos algo estranho. Notamos que durante as épocas mais tristes e desamparadas da nossa vida, apenas houve um único conjunto de pegadas. Nas épocas felizes, há sempre duas.

Franzi as sobranceiras, desconfiando do rumo da história. Poppy levantou o queixo e pestanejou contra a luz do Sol. Com olhos lacrimosos, fitou-me e prosseguiu:

– Ficamos realmente perturbados com esta descoberta. O Senhor disse-nos que, quando Lhe dedicamos a vida, Ele caminhará ao nosso lado pelos bons e maus momentos. Perguntamos então ao Senhor porque nos abandonou nos piores momentos da vida? Porque não esteve connosco?

Uma expressão de profundo conforto perpassou pela expressão de Poppy.

– E então?

Dei imediatamente a deixa.

– O que diz o Senhor?

Uma lágrima solitária tombou pela cara.

– Diz-nos que caminhou connosco durante toda a vida. Mas explica que, quando só vemos um par de pegadas, significa que Ele não deixou de caminhar ao nosso lado, mas transportou-nos nos braços.

Poppy fungou e disse:

– Não me interessa se não fores religioso, Rune. O poema não se destina apenas aos crentes. Todos tivemos outrora quem nos transportou nos braços nos tempos maus, mais tristes da nossa vida, os tempos em que receámos não conseguir atravessar. De um modo ou de outro, quer seja pela ação do Senhor, de uma pessoa amiga ou ambos, quando sentimos que perdemos a capacidade de caminhar, há quem apareça para nos ajudar... há quem nos leve.

Poppy pousou a cabeça no meu peito e envolveu-se nos meus braços, que a esperavam.

Os meus olhos perderam-se numa névoa lacrimejante ao observar as nossas pegadas impressas na areia. Nesse instante, não sabia quem ajudava e quem era ajudado. Porque, apesar de Poppy insinuar que eu a ajudava, desconfiei que seria ela quem realmente me tentava salvar.

Um único par de pegadas na minha alma.

Poppy remexeu-se, encarando-me, faces molhadas de lágrimas. Lágrimas de felicidade. De espanto... *lágrimas de Poppy*.

– Não é belo, Rune? Não é a frase mais bela que ouviste na vida?

Assenti. Não era o melhor instante para usar as palavras. Não conseguiria competir com o que ela recitara, portanto valia sequer a pena tentar?

Deixei a minha atenção deslizar pela praia. E questionei-me... se os outros também ouviriam algo que os abalaria até ao âmago? Se quem mais amavam no mundo se revelara perante eles com tanta pureza e emoção pura?

– Rune? – disse Poppy baixinho a meu lado.

– Sim, amor? – respondi com ternura. Ela virou a cara bonita para mim e lançou-me um sorriso débil. – Estás bem? – perguntei, afagando-lhe o rosto.

– Sinto-me cansada – admitiu com relutância. O meu coração partiu-se. Durante a semana anterior, começara a notar o cansaço a ganhar terreno gradualmente no rosto dela quando se esforçava demasiado.

E, pior ainda, podia ver o quanto ela odiava isso. Porque a impedia de apreciar todas as aventuras da vida.

– Não faz mal sentires-te cansada, *Poppymin*. Não é fraqueza nenhuma.

O olhar de Poppy caiu numa manifestação de derrota.

– Odeio, apenas isso. Sempre acreditei que dormir é uma perda de tempo.

Ri-me perante o beicinho fofo que se formara nos seus lábios. Poppy a observar-me, à espera que me pronunciasse. Acalmando-me, disse:

– O que me parece é que, se dormires quando deves dormir, vamos poder fazer mais coisas por te sentires mais forte – esfreguei a ponta do nariz contra o dela. – As nossas aventuras tornar-se-ão muito mais especiais. Sempre pensei que ficavas aqui perfeita.

Poppy suspirou, e com um último relance para o mar, murmurou:

– Só tu, Rune Kristiansen. Só tu justificarias o meu maior ódio de forma tão bela.

Beijando-lhe a face quente, levantei-me e recolhi as nossas coisas. Quando acabei de arrumar tudo, olhei por cima do ombro para o pontão e depois na direção de Poppy. Estendi a mão e disse:

– Anda, dorminhoca. Em nome dos bons velhos tempos?

Poppy olhou para o pontão e um risinho sem restrições soltou-se da sua garganta. Ajudei-a a levantar-se e avançámos devagar, de mãos dadas, por debaixo do pontão. Os sons hipnóticos das ondas mansas contra os pilares de madeira velha encasularam-nos ali.

Sem perder tempo, encostei Poppy contra o pilar de madeira, agarrando-lhe o rosto com as duas mãos e unindo os nossos lábios. Fechei os olhos ao sentir o calor das suas faces aumentar debaixo das minhas mãos. O meu peito ficou sem ar quando os nossos lábios se beijaram, lenta e profundamente, e a brisa fresca percorria o cabelo de Poppy.

Afastando-me, esfreguei os lábios um no outro, com o sabor do sol e das cerejas na minha boca.

Os olhos de Poppy abriram-se aos poucos. Notando o seu aspeto exausto, sussurrei por ela:

– Beijo quatrocentos e trinta e três. Com *Poppymin* debaixo do pontão – Poppy sorriu timidamente, esperando o que viria a seguir. – O meu coração quase explodiu – o vislumbre de dentes no seu sorriso ia precipitando essa explosão, tornando-o o instante perfeito para acrescentar: – Porque a amo. Amo-a mais do que possa explicar. O meu único par de pegadas na areia.

Os lindos olhos verdes de Poppy arregalaram-se com esta confissão. Tremeram de imediato e derramaram lágrimas que escorreram pela cara. Tentei afastá-las com os meus dedos, sentindo o coração ecoar no peito. Mas Poppy agarrou-se à minha mão, enquanto afagava suavemente a minha face. Sem tirar a mão, cruzou o olhar com o meu e sussurrou em resposta:

– Também te amo, Rune Kristiansen. Nunca deixei de te amar – apoiou-se nas pontas dos pés e ficou ao nível da minha cara. – A minha alma gémea. O meu coração...

Senti uma calma pousar sobre mim. Um descanso, tendo Poppy nos braços, a respiração leve entranhando-se na minha *T-shirt*.

Segurei-a. Apertei-a com força, acolhendo este novo sentimento, até ela bocejar. Virei-lhe a cabeça para cima e disse:

– Vou levar-te para casa, bela.

Poppy anuiu e, dobrando-se sob o meu braço, deixou-se conduzir até às nossas coisas e depois até ao carro. Tirei as chaves do carro da bolsa dela e abri a porta do passageiro.

Agarrando-a pela cintura, levantei-a para a depositar no assento e estiquei-me para lhe colocar o cinto de segurança. Ao recuar, beijei-a ternamente na cabeça. Senti o soluçar da respiração dela ante o meu toque. Tentei endireitar-me, mas Poppy pegou-me no braço e, com lágrimas grossas nas faces, murmurou:

– Desculpa, Rune. Peço tanta desculpa.

– Por quê, amor? – perguntei, a minha voz embargada com a tristeza dela.

Afastei-lhe para trás o cabelo que lhe tapava o rosto e ela disse:

– Por te ter afastado.

O meu estômago ficou vazio. Os olhos de Poppy rebuscaram os meus à procura de um qualquer indício antes de soltar uma expressão de dor. Grossas lágrimas jorraram-lhe pela cara cada vez mais pálida, o peito estremeceu, procurando acalmar a respiração errática.

– Então – disse eu, pousando as mãos nas faces de Poppy.

Poppy olhou para mim.

– Podíamos ter estado assim se eu não fosse parva. Teríamos encontrado uma forma de tu regressares para mim. Podias ter estado comigo durante aquele tempo. Comigo. E irias dar-me apoio... amor. Amando-me intensamente enquanto eu te amava da mesma forma – gaguejou, mas conseguiu acabar. – Sou uma ladra. Roubei-nos o tempo valioso, dois anos de mim e de ti, inutilmente.

Senti o coração rasgar-se fisicamente ao ver Poppy chorar, agarrada ao meu braço como se temesse o meu afastamento. Ainda não teria percebido que nada me conseguiria afastar?

– Calma – tranquilizei-a, encostando a minha cabeça contra a dela. – Respira, amor – disse com ternura. Pousei a mão de Poppy sobre o meu coração e ela prendeu o olhar no meu. – Respira – repeti e sorri, enquanto ela acompanhava o ritmo do meu coração para se acalmar.

Limpei as suas faces húmidas com as mãos, derretendo-me quando fungou, o peito avassalado pelos soluços que ela deixava escapar. Percebendo que me prestava atenção, eu disse:

– Não aceito desculpas, porque não há motivo nenhum para isso. Disseste-me que o passado já não interessa. Que importante é apenas o instante presente – firmei as minhas emoções, para dizer: – A nossa aventura final. Eu, enchendo-te de beijos que fazem o teu coração explodir de alegria, para encheres o frasco. E tu... tu serás tu. Vais amar-me e eu amar-te. Para toda a infinidade... – calei-me por fim.

Encarei fixamente Poppy nos olhos, sorrindo abertamente quando ela acrescentou:

– Eternamente e para sempre.

Cerrei os olhos, sabendo que conseguira alcançá-la do outro lado da sua dor. Depois abri os olhos e Poppy soltou risinhos roucos.

– Ei-la de volta – imprimi um beijo em cada uma das suas maçãs do rosto.

– Eis-me de volta – ecoou ela –, perdida de amores por ti.

Poppy levantou a cabeça e beijou-me. Quando se recostou no assento, fechou os olhos, abatida pelo sono. Observei-a durante um segundo, antes de fechar a porta. E, nesse instante, ouvi Poppy murmurar:

– Beijo quatrocentos e trinta e quatro, com o meu Rune na praia... quando o amor dele voltou para onde pertencia.

Pela janela, percebi que Poppy entretanto adormecera.

Tinha o rosto vermelho do choro, mas, mesmo no sono, os lábios curvavam-se, aparentando um sorriso.

Não entendia como era possível haver alguém tão perfeito.

Avançando para a frente do carro, tirei o maço de tabaco do bolso de trás das calças e acendi o isqueiro. Inalei profundamente para acalmar o vício. Fechei os olhos ao sentir a nicotina acalmar-me.

Abri os olhos e fitei o pôr do Sol. O astro-rei desaparecia no horizonte, soltando

relampejos de laranja e rosa ao mergulhar na água. A praia estava quase deserta, exceto pelo casal de idosos que vira anteriormente.

Mas desta vez, observando-os, ainda tão apaixonados depois de tantos anos, não quis sentir mágoa. Ao olhar para Poppy a dormir no carro, senti... uma felicidade. Eu. Senti-me feliz. Quis sentir-me feliz apesar de todo o desgosto. Porque... *aqui estou eu... tão apaixonada por ti...*

Ela amava-me.

Poppymin. A minha miúda. Ela amava-me.

– Basta – informei o vento. – Por agora, basta.

Atirando a ponta do cigarro para o chão, sentei-me calmamente no assento do condutor e dei à chave. O motor ganhou vida e levei o carro para fora da praia, convicto de que regressaríamos aqui.

E, se não regressássemos, como Poppy afirmou, tivemos este instante. Esta memória. Ela teve o beijo dela.

E eu tinha o seu amor.

* * *

Ao virar para o acesso das nossas casas, já o dia terminara e as estrelas despontavam. Poppy dormira durante o caminho de regresso, a sua respiração ligeira e ritmada trazendo conforto à travessia das estradas escuras.

Travei o carro, saí e dirigi-me para o lado do passageiro, abrindo a porta sem fazer barulho, libertando-a do cinto de segurança e levantando-a nos braços.

Era como se não tivesse peso. Aninhou-se por instinto contra o meu peito, a respiração quente a pairar sobre o meu pescoço. Avancei para a porta da sua casa. Ao alcançar o último degrau, a porta abriu-se e o Senhor Litchfield apareceu à entrada.

Não parei e ele desviou-se, permitindo-me transportar Poppy até ao quarto. Vi a mãe e as irmãs de Poppy sentadas na sala diante da televisão.

A mãe levantou-se prontamente.

– Ela está bem? – sussurrou.

Anui.

– Apenas cansada.

A Senhora Litchfield inclinou-se para a frente e depositou um beijo na testa de Poppy.

– Dorme bem, minha querida – murmurou. O meu peito contraiu-se perante este gesto. Com um sinal, a mãe dela indicou-me que levasse a filha para o quarto.

Atravessei o corredor, entrando na divisão pretendida. Deitei-a na cama, o mais suavemente que pude, sorrindo quando o braço de Poppy me procurou naturalmente no lado da cama onde costumava dormir.

Quando a respiração de Poppy recuperou a normalidade, sentei-me a seu lado na cama e passei a mão pela sua cara. Debruçando-me, beijei-lhe a face macia e sussurrei:

– Amo-te, *Poppymin*. Eternamente e para sempre.

Levantando-me da cama, parei quando descobri o Senhor Litchfield na entrada, a observar... e escutar.

O meu maxilar retesou-se quando ele me fitou com ar reprovador. Respirando pelo nariz para me acalmar, passei por ele sem dizer nada, desci o corredor de volta ao

carro para apanhar a câmara.

Entrei de novo em casa e deixei as chaves do carro na mesinha do corredor. O Senhor Litchfield saiu da sala de estar nesse instante. Parei, constrangido, até ele esticar o braço para receber as chaves.

Larguei-as na mão dele e virei-me para me afastar. Mas, antes que o fizesse, ele perguntou:

– Passaram um bom bocado?

Os meus ombros ficaram tensos. Obrigando-me a responder, cruzei o olhar com o dele e assenti. Acenando em despedida à Senhora Litchfield, Ida e Savannah saí e desci os degraus. Ao pisar o último degrau, ouvi:

– Ela também te ama, sabes disso.

A voz do Senhor Litchfield fez-me interromper o passo e, sem olhar para trás, respondi:

– Eu sei.

Atravessei o relvado em direção a casa. Fui direto ao quarto e atirei a câmara para cima da cama. Tencionava esperar algumas horas antes de voltar para Poppy. Mas, quanto mais olhava para o saco da câmara, mais queria ver o resultado das fotos.

As fotos de Poppy a dançar no mar.

Sem me dar escapatória, peguei na câmara e desci para o quarto escuro na cave. Procurei a maçaneta da porta e acendi a luz. Suspirei, assolado de repente por um sentimento estranho.

Poppy estava certa. O meu pai preparara este quarto para mim. O meu equipamento estava exatamente como o deixara há dois anos. As cordas e as molas estavam prontas, à espera.

Entreguei-me ao processo de revelar as fotografias como se não tivesse partido. Apreciei a familiaridade de todos os passos. Não esquecera nada, como se tivesse nascido com esta capacidade.

Como se tivesse recebido este dom. Poppy reconhecera que eu precisava disto na minha vida, quando andei demasiado cego pelo passado para perceber.

O cheiro dos produtos químicos golpeou-me o nariz. Passou uma hora e eu por fim recuei, as imagens presas nas molas começando a ganharem formas, revelando a cada segundo o instante captado no rolo.

A luz vermelha não me impedia de ver as maravilhas que eu tinha captado.

Ao passar pelas filas de fotografias penduradas, da vida em plena glória, não pude calar a excitação que ardia no meu peito. Não pude impedir o sorriso – por este trabalho – que se desenrolava nos meus lábios.

Depois parei.

Parei diante da imagem que me mantinha cativo. Poppy, a segurar a ponta do vestido enquanto dançava na água rasa. Poppy, com um sorriso despreocupado e o cabelo ao vento, rindo com todo o seu ser. Os olhos reluzentes, a pele corada, espreitando por cima do ombro para mim. A cara banhada pelo sol num ângulo tão puro e belo que parecia um holofote apontado para a sua felicidade, atraída pela alegria magnética.

Ergui a mão, mantendo-a a um centímetro da fotografia, e percorri com o dedo a cara cheia de alegria, passando pelos lábios macios e faces rosadas. E senti. Senti a

paixão avassaladora por esta arte despertar novamente dentro de mim. Esta imagem. Esta fotografia cimentava o que eu sempre soubera.

Era isto que eu devia fazer na minha vida.

Fazia sentido que fosse esta imagem a salientar a mensagem – a imagem da miúda que *era* afinal o meu lar. Bateram à porta e, sem tirar os olhos da imagem, proferi:

– *Ja?*

A porta abriu-se devagar. Pressenti, antes de olhar, quem se encontrava do outro lado. O meu pai entrou no quarto escuro, mas apenas alguns passos. Encarei-o, mas tive de desviar o olhar ao notar a expressão que surgiu no seu rosto ao deparar-se com todas as fotografias penduradas.

Não queria enfrentar o significado daquele sentimento no meu estômago. Ainda não.

Os minutos passaram em silêncio antes de o meu pai dizer baixinho:

– Ela é completamente linda, filho – o meu peito contraiu-se quando vi o seu olhar pousar na mesma imagem que me captou a atenção.

Não respondi. O meu pai manteve-se constrangidamente à entrada, agora calado. Por fim, saiu. Ao fechar a porta, obriguei-me a dizer, bruscamente:

– Obrigado... pela câmara.

Na minha visão periférica, vi o meu pai parar. Escutei uma inspiração lenta e entrecortada, após a qual respondeu:

– Não tens de agradecer-me, filho. De modo algum.

Com isso abandonou o quarto escuro.

Mantive-me ali dentro durante mais tempo do que o necessário, revivendo a resposta do meu pai no espírito.

Agarrando em duas fotografias, subi os degraus da cave e dirigi-me para o quarto. Ao passar pela porta aberta do quarto de Alton, encontrei-o sentado na cama a ver televisão.

Ele não me tinha visto, ali parado à entrada, e eu continuei para o meu quarto. Mas ouvi-o rir-se com a televisão e, nesse instante, os meus pés colaram-se ao chão e obriguei-me a dar meia-volta.

Ao entrar no quarto dele, vi Alton virar-se para mim e, num gesto que me partiu o coração, o rosto fofo abriu-se num sorriso de alegria.

– *Hei*, Rune – disse ele baixinho e sentou-se ao fundo da cama.

– *Hei* – respondi. Avancei para a cama dele e aponte para a TV. – O que estás a ver?

Alton olhou para o aparelho e depois para mim.

– Monstros do pântano – inclinou a cabeça de lado. Afastou o cabelo comprido da cara e o meu estômago revoltou-se perante aquele gesto. – Queres ver também um bocadinho comigo? – perguntou Alton com nervosismo, deixando depois tombar a cabeça.

Percebi que ele pensava que eu diria que não. Surpreendendo-o e a mim mesmo, respondi:

– Claro que sim.

Os olhos azuis de Alton ficaram muito abertos de espanto, do tamanho de pires. Ficou muito quieto na cama. Avancei e ele desviou-se para o lado no colchão estreito.

Deitei-me ao lado dele e pus os pés para cima. Depois Alton encostou-se a mim e continuou a assistir ao programa. Eu fiz-lhe companhia, apenas desviando os olhos quando o apanhei a olhar para mim com ar muito sério.

Olhei para ele e as suas bochechas ficaram vermelhas como pimentões. E então disse:

– Gosto que estejas a ver televisão comigo, Rune.

Lutando contra o sentimento estranho que as palavras despertaram, esfreguei-lhe o cabelo comprido e respondi:

– Também eu, Alt. Eu também gosto.

Alton encostou-se a mim de novo. Por fim adormeceu e o temporizador da TV desligou-a, mergulhando o quarto na escuridão.

Saí da cama dele e passei pela minha mãe, que observara, calada, do corredor. Acenei-lhe com a cabeça, entrei no meu quarto, virando-me e fechando a porta atrás de mim. Rodei a fechadura, coloquei uma das fotografias sobre a mesa, saí pela janela e corri em direção à de Poppy.

Quando entrei no quarto dela, Poppy ainda dormia. Tirei a *T-shirt* e aproximei-me da sua cama. Pousei a fotografia em que nos beijávamos ao pé da água sobre a almofada, para que a visse ao acordar.

Meti-me na cama, Poppy encontrou-me de imediato no escuro, encostou a cabeça ao meu peito e passou o braço em volta da minha cintura.

Quatro pegadas na areia.



*Asas que Sobem no Ar e Estrelas
que se Apagam na Noite*

Poppy

Três meses depois

– Onde anda a minha Poppyzinha?

Expulsei o sono dos olhos, sentando-me na cama, percorrida por uma excitação súbita ao ouvir uma voz que adorava.

– Tia DeeDee? – murmurei para mim própria. Tentei ouvir melhor, para me assegurar que era mesmo a voz dela. Vozes abafadas no corredor, seguidas de uma porta aberta de rompante. Apoiei-me nos braços que tremeram, os sacanas, por ter esforçado os músculos.

Voltei a recostar-me enquanto via a tia DeeDee aparecer à porta. O cabelo escuro estava puxado num rolo e usava o traje de assistente de bordo.

A maquilhagem era perfeita, bem como o sorriso contagiante.

Os olhos verdes suavizaram-se ao pousarem em mim.

– Ei-la – disse docemente, aproximando-se do meu leito. Sentou-se na beira do colchão e debruçou-se para me envolver nos braços.

– O que estás aqui a fazer, DeeDee?

A minha tia alisou-me o cabelo revoltado por causa do sono induzido e sussurrou em tom conspiratório:

– Venho salvar-te deste pardieiro.

As minhas sobrancelhas uniram-se numa expressão perplexa. DeeDee passara o Natal e o Ano Novo connosco, e inclusive uma semana inteira, apenas há duas semanas. Sabia que ela tinha a agenda cheia no mês seguinte.

Motivo pelo qual fiquei perplexa por ela ter regressado agora.

– Não compreendo – disse eu, lançando as pernas para fora do colchão. Durante os últimos dias não saíra da cama. Quando fizera o exame no hospital, no início da semana, descobríamos que o nível de glóbulos brancos era demasiado baixo. Para

corrigir a situação, recebera sangue e fármacos. O que ajudara em parte, mas também me cansara durante alguns dias. Fiquei retida em casa para não piorar as infeções. Os médicos queriam manter-me no hospital mas eu recusara. Não ia perder um segundo da minha vida de volta àquele lugar. Logo agora que o cancro me diminuía cada vez mais. Todos os segundos se tornavam mais e mais preciosos.

Ficava feliz por estar em casa.

Sentia-me segura com Rune ao meu lado, a dar-me beijos doces.

Não precisava de mais.

Olhando para o relógio, vi que se aproximavam as quatro da tarde. Rune não tardaria a aparecer. Convencera-o a assistir às aulas nos últimos dias, pois se não fosse eu, ele não poria os pés na escola. Mas era o seu ano de finalista no secundário. Precisava das notas para entrar na faculdade. Mesmo perante os seus protestos de que isso pouco lhe importava agora.

Não fazia mal. Eu importava-me pelos dois. Não iria impedi-lo de viver a sua vida por minha causa.

A tia DeeDee levantou-se num repente.

– Pronto, Poppyzinha, enfia-te no duche. Temos uma hora para nos despacharmos – olhou para o meu cabelo. – Não percas tempo a lavar o cabelo, arranjo-te quem te cuide disso quando chegarmos.

Abanei a cabeça, decidida a colocar mais perguntas, mas a minha tia empurrou-me para fora do quarto. Pus-me de pé e estiquei os músculos. Depois respirei fundo, fechei os olhos e sorri. Sentia-me melhor do que nos últimos dias. Um pouco mais forte.

Forte o suficiente para sair de casa.

Tomei duche sem demoras, maquilhei-me levemente, ateí o cabelo por lavar num coque, fixando-o com o laço branco, escolhi um vestido verde e enfiei uma camisola branca por cima.

Colocava o brinco com o sinal do infinito na orelha quando a porta do quarto se abriu subitamente. Ouvi o atropelo de vozes altas, em particular a do meu pai.

Ao virar a cabeça, sorri ao ver Rune entrar, os olhos azuis a colidir imediatamente com os meus. Preocupados e avaliadores antes de brilharem de alívio.

Rune atravessou calado o quarto, detendo-se apenas quando me envolveu os ombros com os braços e me puxou contra o seu peito. Os meus braços envolveram-lhe a cintura e inalei o odor fresco que o acompanhava.

– Estás com melhor aspeto – disse Rune por cima da minha cabeça.

Cingi-o com mais força.

– Sinto-me melhor.

Rune recuou um passo e pousou as mãos na minha cara, examinou-me os olhos antes de os lábios se revirarem para cima e pousarem o mais doce beijo na minha boca. Quando nos separámos, suspirou:

– Ainda bem. Estava preocupado que não pudéssemos ir.

– Aonde? – perguntei, o coração a iniciar um batimento constante.

Rune sorriu desta vez e, levando a boca ao meu ouvido, anunciou:

– Noutra aventura.

O meu coração acelerou e começou a galopar.

– Outra aventura?

Sem mais explicações, Rune conduziu-me para fora do quarto. A mão, que apertava a minha com tanta força, era o único indício da sua intensa preocupação dos últimos dias.

Mas eu sabia. Via o medo no olhar dele sempre que me remexia na cama e ele perguntava se me sentia bem. De todas as vezes que se sentava ao meu lado depois das aulas, observando-me, examinando-me... à espera. À espera da derradeira vez.

Andava aterrorizado.

A progressão do cancro não me assustava. A dor e o futuro próximo não me assustavam. Mas ao ver Rune olhar-me daquela forma, tão desgraçado, tão desesperado, comecei a amedrontar-me. Amava-o tanto, e via que me amava sem restrições. Mas este amor, esta ligação de almas, começava a ser uma âncora para o coração que eu libertara nesta vida.

Nunca temi a morte. A minha fé era forte; sabia que havia uma vida após esta. Mas agora o medo entranhava-se no meu pensamento. Medo de abandonar Rune. Medo da ausência dele... de não sentir os seus braços à minha volta, nem os beijos nos meus lábios.

Rune olhou para trás como se sentisse o meu coração começar a destruir-se. Anuí. Não sabia se fora convincente; continuava a detetar preocupação na voz dele.

– Ela não vai! – A voz decidida do meu pai ecoou no corredor.

Rune puxou-me contra si, levantando o braço e enfiando-me protetoramente debaixo dele. Quando chegámos à porta, a mãe, o pai e a tia DeeDee estavam à entrada da sala.

O rosto do meu pai ficara vermelho como um pimentão. A minha tia cruzara os braços ao peito.

A minha mãe passou a mão pelas costas do meu pai, tentando acalmá-lo.

Ele levantou a cabeça. Mostrou um sorriso forçado.

– Poppy – disse e aproximou-se de mim. Rune não me largou. O meu pai percebeu e lançou-lhe um olhar que o teria feito em pedacinhos.

Rune nem sequer reagiu.

– Que se passa? – perguntei, levando a mão à do meu pai.

O meu toque tirou-lhe a fala. Olhei para a minha mãe.

– Mãe?

Ela deu um passo em frente.

– Planeámos isto quando a tua tia chegou há poucas semanas – olhei para a tia DeeDee, que sorriu com ar malandro.

– O Rune queria dar um passeio contigo. Pediu à tua tia que o ajudasse a planear – a minha mãe suspirou. – Nunca pensámos que as tuas análises tivessem valores tão baixos antes de tempo.

– Ir onde? – perguntei.

– É uma surpresa – anunciou Rune ao meu lado.

O pai afastou-se ligeiramente e cruzou o olhar com a minha mãe.

– Poppy, a quantidade de glóbulos brancos caiu a pique. O risco de infeção é alto. Com o teu sistema imunitário tão comprometido, não acho que devesse apanhar um avião...

– Avião? – interrompi. Olhei para Rune. – Um avião? – repeti.

Ele assentiu secamente uma vez, sem explicar.

A minha mãe pousou a mão no meu braço.

– Perguntei ao médico e ele disse – pigarreou – que, nesta fase da doença, se te apetecer ir, deves ir – senti a corrente subterrânea daquelas palavras. *Ir antes de ser tarde de mais para ela viajar.*

– Eu quero ir – afirmei com certeza inabalável, agarrada à cintura de Rune. Queria que ele soubesse que era a minha vontade. Olhei para ele e ele olhou para mim. Sorrindo, anunciei: – Estou contigo.

Rune beijou-me para minha surpresa, mas ao mesmo tempo sem me surpreender minimamente. Beijou-me com intensidade diante da minha família. Depois largou-me e dirigiu-se à minha tia. Ao lado desta estava uma mala.

Sem mais palavras, levou a mala para o carro.

O meu coração batia num ritmo compassado de entusiasmo.

O meu pai apertou-me a mão. O toque acordou novamente a preocupação dele, o medo.

– Poppy – disse, rispidamente.

Antes de ele poder continuar, inclinei-me para diante e dei-lhe um beijo na face. Olhei-o nos olhos.

– Pai, compreendo os riscos. Tenho lutado contra isto há muito tempo. Sei que estás preocupado. Sei que não queres o meu mal. Mas continuar fechada neste quarto como um pássaro na gaiola mais um dia... isso é que me vai fazer mal. Nunca gostei de estar fechada em casa. Quero isto, pai. *Preciso* disto – abanei a cabeça, sentindo um jorro de lágrimas encher-me os olhos. – Não posso desperdiçar o pouco tempo que me resta trancada com medo de piorar. Preciso de viver... preciso desta aventura.

Ele fez uma inspiração recortada. Mas acabou por assentir. Uma breve tontura percorreu-me. Iria viajar!

Dando um salto, abracei o pescoço do meu pai. Ele devolveu-me o abraço.

Dei um beijo à minha mãe e olhei então para a minha tia. Ela tinha o braço estendido. Peguei-lhe na mão enquanto o pai dizia:

– Confio em ti para tomares conta dela, DeeDee.

A minha tia suspirou.

– Sabes que esta rapariga é o meu coração, James. Achas que permitiria que alguma coisa lhe acontecesse?

– E eles ficam em quartos separados!

Aqui tive de revirar os olhos.

O meu pai começou a falar com a tia. Mas não prestei atenção. Não ouvi mais nada enquanto o meu olhar passava pela porta aberta, procurando o rapaz todo vestido de preto encostado contra o corrimão do alpendre. O rapaz do casaco de cabedal que descontraidamente levava o cigarro à boca, observando-me sem parar. Os olhos azuis como cristais não se afastaram dos meus nem um segundo.

Rune soltou uma nuvem de tabaco. Deixando cair a ponta no chão naturalmente, espetou o queixo e estendeu a mão.

Larguei a mão da tia DeeDee, fechei os olhos e gravei na memória o aspeto dele naquele preciso instante.

O meu rebelde norueguês.

O meu coração.

Abri os olhos e corri pela porta. Assim que alcancei o primeiro degrau, saltei para os braços abertos de Rune, que me envolveu num abraço. Ri-me, sentindo o ar fresco no rosto. Apertando-me contra si, os pés levantados do chão, Rune perguntou:

– Preparada para a aventura, *Poppym*?

– Sim – respondi, esbaforida.

Rune encostou a testa à minha e fechou os olhos.

– Amo-te – sussurrou depois de muito tempo.

– Também te amo – respondi no mesmo tom de voz baixo.

Fui recompensada com um sorriso raro.

Ele pousou-me cuidadosamente no chão e voltou a perguntar:

– Preparada?

Assenti, virando-me então para os meus pais, que se encontravam no alpendre. Acenei em jeito de despedida.

– Vá, miúdos – disse DeeDee. – Temos de apanhar o avião.

Rune conduziu-me para o carro, segurando-me a mão como sempre. Acomodando-me no banco traseiro, espreitei pela janela até partirmos. Olhei para as nuvens, sabendo que em breve estaria por cima delas.

Numa aventura.

Uma aventura com o meu Rune.

* * *

– Nova Iorque – disse eu, sem fôlego, lendo o ecrã da nossa porta de embarque.

Rune sorriu.

– Onde sempre pensámos ir. Iremos mais cedo do que o previsto.

Fiquei sem palavras e abracei-o pela cintura, pousando a cabeça no seu peito. A tia DeeDee, que se encontrava a falar com a funcionária do aeroporto, veio ter connosco.

– Acompanhem-me, vocês os dois – disse ela, indicando a entrada do avião. – Vão embarcar.

Seguimos DeeDee. Fiquei de queixo caído quando nos indicou dois lugares na primeira classe. Olhei para ela, que encolheu os ombros.

– Qual é a vantagem de trabalhar na cabina de primeira classe se não consigo usar isso para mimar a minha sobrinha preferida?

Abracei a minha tia. Ela manteve o abraço mais tempo do que o normal.

– Vão, vá – disse ela e empurrou-me para o meu lugar. A tia DeeDee desapareceu rapidamente atrás da cortina da secção das hospedeiras de bordo. Fiquei parada, a vê-la partir. Rune pegou-me na mão.

– Ela ficará bem – tranquilizou-me, apontando então para o lugar da janela. – É teu – acrescentou. Incapaz de travar o risinho excitado que emanava da minha garganta, sentei-me e olhei pela janela para os trabalhadores em terra.

Fiquei a observá-los até o último passageiro entrar e começarmos a rolar pela pista. Suspirei de alegria e virei-me para Rune, que me observava. Entrelaçando os meus dedos nos dele, disse:

– Obrigada.

– Queria que conhecesses Nova Iorque – encolheu os ombros. – E eu queria conhecer a cidade contigo.

Rune debruçou-se para me beijar. Parei-lhe os lábios com os dedos.

– Beija-me quando alcançarmos os onze mil metros de altitude. Beija-me no céu. Beija-me entre as nuvens.

O hálito de menta de Rune pairou etéreo sobre a minha cara. Depois recostou-se, calado. Ri-me ao sentir o avião acelerar e subirmos no ar.

Quando o avião voltou a nivelar-se, senti de repente os meus lábios a serem puxados ao encontro dos de Rune. As mãos dele seguraram-me a cabeça enquanto tomava a minha a boca. Precisei de um ponto de apoio e agarrei-me à *T-shirt* dele. Suspirei contra a sua boca, enquanto a língua se digladiava, macia, contra a minha.

Afastou-se então, arfante e a pele quente. Sussurrei:

– Beijo oitocentos e oito. A onze mil metros de altitude. Com o meu Rune... o meu coração quase explodiu.

Até a viagem terminar acumulei muitos outros beijos para depositar no frasco.

* * *

– Isto é para nós? – perguntei, incrédula. Observei a *penthouse* daquele hotel estupidamente caro em Manhattan onde a minha tia nos enfiara.

Olhei para Rune, percebendo, apesar da sua expressão sempre neutra, que também se sentia impressionado.

A tia DeeDee parou ao meu lado.

– Poppy, a tua mãe ainda não sabe disto. Mas, bem, há algum tempo que ando com uma pessoa – um sorriso adorável abriu-se nos seus lábios e continuou: – Digamos que este quarto foi a prenda dele para vocês os dois.

Olhei-a, estupefacta. Depois um calor especial percorreu-me. Sempre me preocupara com a tia DeeDee. Era bastante solitária. Mas a sua expressão indicava que este homem a fazia feliz.

– Ele pagou isto tudo? Por nossa causa? Por minha causa? – perguntei.

DeeDee fez uma pausa, explicando então:

– Tecnicamente, ele não tem de pagar, pois é dono do hotel.

Não sabia que o meu queixo ainda podia descair mais até Rune, em jeito de brincadeira, o fechar com o dedo. Olhei para o meu namorado.

– Sabias disto?

Encolheu os ombros.

– Ela ajudou-me a planear tudo isto.

– Então sabias? – repeti. Rune assentiu com a cabeça, levando as malas para o quarto à direita e ignorando explicitamente as indicações do meu pai sobre quartos separados.

Vendo Rune desaparecer pela porta, a tia disse:

– Aquele rapaz faria qualquer coisa por ti, Pops.

O meu coração encheu-se de luz.

– Eu sei – murmurei. Mas aquela pontada de medo que começara a sentir fez-se anunciar.

A tia DeeDee envolveu-me com o braço. Apertando-a também contra mim, disse:

– Obrigada.

Ela depositou um beijo na minha cabeça.

– Não fiz nada, Pops. Foi tudo obra do Rune – fez uma pausa. – Acho que nunca vi em toda a minha vida dois jovens amarem-se tanto em tão tenra idade e ainda com mais força como adolescentes.

A tia DeeDee puxou-me para trás para ver os meus olhos.

– Aproveita este tempo com ele, Pops. Aquele rapaz ama-te. Só se fores cega é que não vês.

– Vou aproveitar – murmurei.

DeeDee aproximou-se da porta.

– Ficaremos aqui as duas próximas noites. Estarei com o Tristan na suíte dele. Liguem-me para o telemóvel se precisarem de mim.

– *Okay* – respondi.

Virando-me, abarqueei o esplendor do quarto. Os tetos eram tão altos que tinha de inclinar a cabeça para trás para ver o padrão do estuque branco. O quarto era tão grande que diminuiria comparativamente a maior parte das casas de família. Dirigi-me à janela e contemplei uma vista panorâmica de Nova Iorque.

E sustive a respiração.

Sustive-a ao deparar-me com as vistas familiares que encontrara apenas em imagens ou filmes: o Empire State Building, o Central Park, a Estátua da Liberdade, o Flatiron Building, a Torre da Liberdade...

Havia tanto para ver que o meu coração disparou de antecipação. Era aqui que eu devia ter tido a minha vida plena. Ter-me-ia sentido em casa. Blossom seria as minhas raízes; Nova Iorque teria sido as minhas asas.

E Rune Kristiansen seria sempre o meu amor. Ao meu lado em todas as provas.

Reparando numa porta à esquerda, aproximei-me dela e virei o manípulo.

Arfei ao ser assolada pela brisa fresca e depois deixei-me realmente encantar pela vista.

Um jardim.

Um terraço exterior com flores inverniais, bancos e, melhor ainda, a vista. Apertei o fecho para me manter quente e saí para o frio do exterior. Flocos de neve pousaram-me no cabelo. Queria senti-los no rosto e por isso inclinei a cabeça para trás. Os flocos frios aterraram-me nas pálpebras, beijando-me os olhos.

Ri-me enquanto a minha cara ficava húmida. Depois caminhei em frente, passando as mãos sobre as plantas reluzentes de folha persistente até me encontrar junto ao muro que oferecia um panorama de Manhattan numa placa.

Respirei fundo, deixando o ar frio encher-me os ossos. Subitamente, havia braços quentes à volta da minha cintura e o queixo de Rune apoiado no meu ombro.

– Gostas disto, amor? – perguntou Rune, baixinho. A voz pouco mais do que um sussurro para não quebrar o nosso paraíso de tranquilidade.

Abanei a cabeça, incrédula, e virei-me um pouco para trás até encontrar o seu rosto.

– Não acredito que tenhas organizado tudo isto – respondi. – Não acredito que me tenhas dado isto – apontei para a cidade em baixo. – Deste-me Nova Iorque.

Rune beijou-me a cara.

– É tarde, e temos muito para fazer amanhã. Quero garantir que repousas o suficiente para vermos tudo o que está planeado.

Um pensamento assomou-me à mente.

– Rune?

– *Ja?*

– Posso levar-te também a um sítio amanhã?

Ele franziu o cenho, enrugando a testa.

– Claro – concordou. Vi-o perscrutar-me os olhos, a tentar descortinar as minhas intenções. Mas não me fez perguntas. E isso deixou-me contente. Ele recusaria se soubesse antecipadamente.

– Que bom – disse eu, orgulhosa, sorrindo para mim própria. Sim, ele oferecera-me aquela viagem. Sim, ele tinha coisas planeadas. Mas eu queria mostrar-lhe uma coisa que lhe recordasse os seus sonhos. Sonhos que poderia realizar quando eu partisse.

– Precisas de dormir, *Poppymín* – disse Rune e baixou a boca para me beijar o pescoço.

Entrelacei os dedos nos dele.

– Contigo ao meu lado na cama.

Senti-o anuir contra o meu pescoço, antes de o beijar novamente.

– Preparei-te um banho e encomendei comida. Tomas banho, comemos e depois iremos dormir.

Dei uma volta nos seus braços e sustive-me em bicos de pés para pousar as mãos na cara dele. Estava fria.

– Amo-te, Rune – disse-lhe de mansinho. Como sempre lhe dizia. E como sempre sentia com todo o coração. Queria que soubesse, de todas as vezes, o quanto o adorava.

Rune suspirou e beijou-me devagar.

– Também te amo, *Poppymín* – murmurou ao encontro dos meus lábios, mal se separando.

Depois levou-me para dentro, para eu tomar banho. Comemos. E dormimos.

Fiquei nos braços dele, no centro de uma cama imensa, a sentir a sua respiração quente na minha cara. Os olhos azul-claros a observar todos os meus gestos.

Adormeci, assim embalada no abraço, com um sorriso no coração e nos lábios.



Músicas do Coração e Beleza Descoberta

Poppy

Julgava que já tinha sentido anteriormente o vento nos cabelos. Mas nada se comparou com a brisa que fez ondular as minhas tranças no cimo do Empire State Building.

Julgava que tinha sido beijada de todas as formas e maneiras. Mas nada se comparou com os beijos de Rune debaixo do castelo de fadas no Central Park. Nem com o beijo na coroa da Estátua da Liberdade. No centro de Times Square, com as luzes brilhantes a piscarem e as pessoas a passarem por nós apressadas como se esperassem o fim do mundo.

As pessoas andavam sempre apressadas, embora tivessem imenso tempo.

Eu, a quem restava pouco tempo, quis fazer tudo devagar. De forma comedida. Sentida. Saborear as experiências novas. Respirar fundo e tragar as novas vistas e cheiros e sons.

Parar, apenas. Respirar. Abarcar.

Os beijos de Rune iam variando. Eram lentos e meigos, mansos e leves como as penas.

Depois eram intensos, rápidos, devoradores. Ambos me tiravam o fôlego. Ambos entravam no frasco.

Mais beijos debruados no meu coração.

Depois de comer um almoço tardio no Stardust Diner, um lugar que, decidi, podia ser o meu terceiro preferido lugar na Terra, conduzi Rune para o exterior e dobrámos a esquina.

– Chegou a minha vez? – perguntei e Rune pegou-me no colarinho e cingiu-me ao pescoço. Rune conferiu o relógio. Olhei-o com curiosidade, perguntando-me por que motivo estava sempre a ver as horas. Rune percebeu que o observava desconfiada.

Envolvendo-me com os braços, retorquiu:

– Tens as próximas duas horas, depois voltamos à minha agenda.

Franzi o nariz perante aquela atitude tão severa e espetei a língua em jeito de

brincadeira. O olhar de Rune incendiou-se. Mergulhou em frente e colou os lábios aos meus, a língua imediatamente ativa contra a minha. Soltei um gritinho e agarrei-me com força, sentindo-me deitada para trás antes de o beijo terminar.

– Não me tentes – disse ele em tom provocador. Mas manteve a paixão no olhar. O meu coração deu um pulo. Desde que Rune regressara à minha vida, pouco mais fizéramos do que trocar beijos. Beijos e conversas e abraçarmo-nos com muita força. Ele não me forçava a mais, mas, à medida que as semanas progrediam, eu tinha começado a querer entregar-me a ele.

As memórias da nossa noite, há dois anos, percorriam-me o espírito como um filme.

As cenas eram tão vívidas, tão repletas de amor, que os meus pulmões se contraíam. Porque ainda recordava o olhar dele quando se colocara por cima de mim. Ainda recordava a forma como me olhara atentamente. A forma como o calor se entranhara nas minhas veias ao senti-lo, tão apaixonado, nos meus braços.

E recordei as carícias suaves no meu rosto, no meu cabelo e nos meus lábios. Mas, acima de tudo, lembrei-me da sua expressão no fim. Aquela expressão de adoração incomparável. A expressão que me mostrava que, embora fôssemos ainda jovens, aquele ato nos transformaria para sempre.

Uniu-nos em corpo, mente e espírito.

Trouxe-nos deveras a infinidade.

Eternamente e para sempre.

– Onde vamos, *Poppymín*? – perguntou Rune, despertando-me dos meus pensamentos. Encostou as costas da mão à minha face quente. – Estás a ferver – comentou, o sotaque forte, o som perfeito percorrendo-me como uma brisa fresca.

– Estou bem – respondi timidamente. Pegando-lhe na mão, tentei fazê-lo avançar. Rune puxou-me e obrigou-me a confrontar a sua preocupação. – Poppy...

– Estou bem – interrompi, retesando os lábios para lhe indicar que era uma resposta séria.

Resmungando de exasperação, Rune passou o braço por cima dos meus ombros e avançámos. Procurei o nome da rua e o número do quarteirão para me orientar.

– Queres dizer-me o que fazemos aqui? – perguntou Rune.

Tendo a certeza de que seguíamos no rumo certo, abanei a cabeça. Rune depositou um beijo na minha cabeça e acendeu um cigarro. Enquanto ele fumava, aproveitei a oportunidade e olhei em volta. Adorava Nova Iorque. E tudo a seu respeito. Pessoas ecléticas – artistas, empresários, imigrantes – embrenhadas naquela enorme manta de retalhos da vida. As ruas agitadas, as buzínadelas e os gritos como a banda sonora perfeita da cidade que não dorme.

Respirei o aroma fresco da neve no ar frio e apertei-me contra o peito de Rune.

– Teríamos feito isto – disse eu e sorri fechando por instantes os olhos.

– O quê? – perguntou Rune, o odor agora familiar do fumo de tabaco a subir entre nós.

– Isto – disse eu. – Nós, a descer a Broadway. Percorreríamos a cidade a pé, para nos encontrarmos com amigos, indo para as nossas escolas ou apartamentos – passei o braço dele por cima do ombro. – Agarrar-me-ias assim e iríamos passear. Contavas-me o teu dia e eu o meu – sorri ante a normalidade da imagem. Porque não precisava de

grandes gestos nem contos de fadas; uma vida normal com o rapaz que amava teria bastado.

Mesmo nesta ocasião significaria tudo.

Rune não se pronunciou. Eu sabia que, quando abordava aquele tema e falava abertamente da vida que não teria, Rune preferia não se manifestar. E não tinha importância. Compreendia que tentava proteger o seu coração magoado.

Protegê-lo ia se pudesse, mas eu era a causa.

Rezava apenas, a tudo de bom no mundo, que eu também pudesse ser o remédio.

Vendo o dístico no edifício antigo, olhei para Rune e disse.

– Estamos a chegar.

Rune olhou em volta, confuso, o que me deu alento. Não queria que ele descobrisse onde estávamos. Nem queria que se zangasse pelo gesto bem-intencionado. Não queria magoá-lo por se ver perante o futuro que podia ser seu.

Encaminhei Rune para a esquerda em direção a um prédio. Rune atirou o cigarro consumido para o chão e pegou-me na mão. Aproximei-me da bilheteira e pedi os nossos ingressos.

Rune afastou-me a mão da bolsa quando tentei pagar. Pagou ele, não sabendo ainda onde estávamos. Estiquei-me e dei-lhe um beijo na face.

– Sempre um cavalheiro – brinquei e vi-o revirar os olhos.

– Não creio que o teu pai partilhe da mesma opinião.

Não pude travar o riso. Soltei risinhos sem parar. Rune parou e fitou-me, estendendo a mão. Coloquei a minha na sua e deixei que me puxasse para si. A boca aterrou imediatamente por cima da minha orelha e ele disse:

– Porque é que, quando ris, me apetece desesperadamente fotografar-te?

Olhei para cima, o meu riso a desaparecer.

– Porque captas todos os aspetos da condição humana, o bom, o mau, o verdadeiro – encolhi os ombros e acrescentei. – Porque, apesar dos teus protestos e da aura de escuridão à tua volta, procuras a felicidade, queres ser feliz.

– Poppy – Rune virou a cabeça. Como sempre, não queria aceitar a verdade, mas estava ali, escondida no seu coração. Ele só queria ser feliz e estar comigo.

Pela minha parte, queria que ele aprendesse a ser feliz sem mim. Embora o acompanhasse eternamente no seu coração.

– Rune – insisti de mansinho. – Vem comigo, por favor.

Rune encarou a minha mão estendida, antes de ceder e a juntar à sua. Mesmo que o facto de estarem assim unidas lhe causasse mágoa no olhar resguardado.

Levando as mãos aos lábios, beijei-as e apertei-as contra a face. Rune soltou a respiração pelo nariz. Por fim, enfiou-me debaixo da proteção do braço. Envolvi-o pela cintura e conduzi-o pelas portas duplas, revelando a exposição no interior.

Entrámos num espaço vasto e amplo, cujas paredes altas mostravam fotografias famosas. Rune ficou imóvel, e olhei para ele a tempo de discernir a reação de espanto, mas uma reação emocionada, ao deparar-se com a exposição com que tanto sonhara. Uma exposição das imagens que tinham moldado a nossa era.

Imagens que mudaram o mundo.

Instantes perfeitamente captados.

O peito de Rune expandiu-se devagar enquanto inalava profundamente e depois

soltava o ar com uma paz resguardada. Olhou para mim e abriu os lábios. Não disse nada. Nem uma única palavra saiu.

Esfregando a minha mão no seu peito, debaixo da câmara pendurada ao pescoço, disse:

– Descobri ontem à noite esta exposição e queria que a visses. Vai estar aqui até ao final do ano, mas eu queria estar aqui contigo, neste instante. Eu... queria partilhá-la contigo.

Rune pestanejou, com uma expressão impassível. A única reação que mostrou foi o retesar do maxilar. Não percebi se era bom ou mau sinal.

Saindo da proteção do seu braço, continuei a segurar-lhe os dedos. Consultei o guia e conduzi-nos para a primeira imagem da exposição. Sorri, vendo o marinheiro no meio de Times Square depositar um beijo nos lábios da enfermeira dobrada para trás. *Cidade de Nova Iorque. 14 de Agosto de 1945. Dia V-J em Times Square, por Alfred Eisenstaedt*, li. E senti-me invadida pela leveza e excitação da celebração que a imagem mostrava. Senti que estava lá, a partilhar o instante com todos os presentes.

Olhei para Rune e vi-o a observar a imagem. A expressão dele não se alterou, mas notei que o maxilar relaxara e a cabeça inclinara-se um tudo-nada para o lado.

Os dedos contorceram-se, unidos aos meus.

Sorri novamente.

Não era imune. E, por muito que resistisse, adorava isto. Era fácil senti-lo, como sentiria a neve na pele. Conduzi-o para a segunda imagem. Os meus olhos abriram-se ao encontrar a visão dramática. Tanques que avançavam em fila, um homem parado no caminho deles. Li rapidamente a informação, com o coração acelerado. *Praça Tiananmen, Pequim, 5 de junho de 1989. Esta imagem ilustra o protesto de um homem que procura impedir o Governo chinês de suprimir os diversos protestos.*

Aproximei-me da imagem. Engoli em seco.

– É triste – disse a Rune.

Rune concordou com um assentir de cabeça.

Todas as outras imagens procuravam evocar uma emoção distinta. Observando estes momentos captados comecei a perceber verdadeiramente a paixão de Rune pela fotografia. A exposição demonstrava como era possível impactar a sociedade pelo ato de fotografar. Mostravam a humanidade no seu melhor e no seu pior.

Mostravam a vida na sua crueza e forma mais pura.

Quando parámos diante da próxima imagem, desviei imediatamente os olhos, incapaz de encará-la devidamente. Um abutre aguardava paciente sobre uma criança reduzida a pele e osso. A imagem encheu-me imediatamente de uma profunda tristeza.

Tentei avançar mas Rune aproximou-se da imagem. A minha cabeça virou-se abruptamente e observei-o. Observei-o a examinar todos os pormenores. Observei o seu olhar acender-se e as mãos crisparem-se.

A paixão dele despertava aos poucos.

Até que enfim.

– Esta imagem é uma das mais controversas alguma vez tiradas – informou-me baixinho, ainda focado na fotografia. – O fotógrafo cobria a fome em África. Enquanto tirava fotografias, deparou-se com esta criança à procura de ajuda, e ao abutre que aguardava, pressentindo a morte – respirou fundo. – A imagem mostra, no seu todo, a

extensão da fome mais do que os relatórios escritos seriam capazes de fazer – Rune olhou-me. – Despertou as pessoas para o problema. Mostrou-lhes, com uma dureza brutal, a realidade crua da fome – apontou para a criança, enroscada no chão. – Por causa desta imagem, a ajuda mundial foi aumentada e a imprensa dedicou mais espaço aos problemas desta gente – respirou fundo. – Mudou o mundo deles.

Não querendo travar o ímpeto dele, avançámos para a próxima.

– Sabes de que trata esta?

A maior parte das fotografias era complicada de observar. Mostravam dor e sofrimento. Mas, para um fotógrafo, por muito gráfica e comovente que a situação seja, contém uma certa graça poética. Contém uma mensagem profunda e infinita, captada num enquadramento próprio.

– Era um protesto... contra a guerra do Vietname. Um monge budista imolou-se pelo fogo – a cabeça de Rune baixou, inclinando-se, estudando os ângulos. – Nem se mexeu. Aceitou a dor como forma de mostrar que é possível alcançar-se a paz. Salientou a precariedade e a futilidade daquela guerra.

E o dia continuou enquanto Rune explicava cada uma das imagens. Ao alcançarmos o último instantâneo, vimos que se tratava da imagem a preto e branco de uma jovem. Uma foto antiga; o penteado e a maquilhagem dela indicavam tratar-se dos anos 1960. Teria vinte e cinco anos na imagem. E sorria.

Fez-me sorrir também.

Olhei para Rune, que encolheu os ombros, mostrando em silêncio que também não conhecia a fotografia. No título lia-se simplesmente: *Esther*. Folheei o guia à procura da informação, os meus olhos de imediato a encherem-se de lágrimas quando li o texto inspirador, quando descobri o motivo para a inclusão desta imagem.

– O que se passa? – perguntou Rune, olhos faiscando de preocupação.

– *Esther Rubinstein. A falecida esposa do patrono desta exposição* – pestanejei e tentei concluir. – *Morreu aos vinte e seis anos, vítima de cancro* – engoli a emoção que se formava na minha garganta e aproximei-me um passo do retrato de Esther. – *Incluída pelo marido nesta exposição. Ele não voltou a casar.* Tirou esta fotografia e pendurou-a na exposição. Informa-nos que, embora não tenha mudado o mundo, Esther terá mudado o seu.

Senti lágrimas correr lentamente pelas minhas faces. O sentimento era belo; a honra era de cortar a respiração.

Sequei as lágrimas, olhei para trás, para Rune, que se afastara da imagem. O meu coração afundou-se. Abordei-o. Tinha a cabeça baixa. Afastei-lhe o cabelo do rosto. A expressão torturada que me saudou partiu-me ao meio.

– Porque me trouxeste aqui? – perguntou ele com a garganta rouca.

– Porque tu adoras isto – englobei o espaço com um gesto. – Rune, estamos na Tisch da Universidade de Nova Iorque. Que tu sempre quiseste frequentar. Queria que viesses o que serias capaz de realizar um dia. Queria que viesses o que pode ainda ser o teu futuro.

Os olhos de Rune fecharam-se. Ao abri-los depois, viu-me bocejar.

– Estás cansada.

– Estou bem – contrapus, querendo lidar com este assunto. Mas sentia-me cansada. Não tinha a certeza de poder continuar sem algum descanso.

Rune entrelaçou os dedos nos meus e disse:

– Vamos descansar antes de vir a noite.

– Rune – tentei rebater e falar mais daquele tema, mas Rune virou-se e disse baixinho:

– *Poppymín*, por favor, basta – notei a tensão na sua voz. – Nova Iorque era o *nosso* sonho. Sem ti não há Nova Iorque. Portanto, por favor... – calou-se, mas depois sussurrou com ar triste: – Para.

Não querendo vê-lo tão abatido, anuí. Rune beijou-me na testa.

Foi um beijo suave. Agradecido.

Sáímos da exposição e Rune chamou um táxi. Poucos minutos depois regressávamos ao hotel. Mal entrámos na suíte, Rune deitou-se comigo nos braços.

Não falou até eu adormecer. Fi-lo com a imagem de Esther na mente, pensando como teria o marido encontrado paz após o regresso dela a casa.

Pensando se ele teria chegado sequer a encontrar a paz.

* * *

– *Poppymín*?

A voz suave de Rune despertou-me do torpor. Pestanejei na escuridão do quarto, sentindo o toque terno do dedo de Rune percorrer-me a cara.

– Olá, amor – disse ele baixinho, quando me virei para o encarar. Estendendo a mão, liguei o candeeiro. Quando a luz se acendeu, foquei a vista em Rune.

Um sorriso repuxou-me os lábios. Ele vestia uma *T-shirt* branca muito justa debaixo de um casaco castanho. As calças pretas apertadas viam-se nas suas pernas com as habituais botas pretas calçadas. Puxei a lapela do casaco.

– Estás muito bem, amor.

Os lábios de Rune formaram um pseudo-sorriso. Inclinou-se para diante e tomou a minha boca docemente na sua. Quando recuou, notei que o cabelo acabara de ser lavado e secado. Ao contrário dos outros dias, o cabelo vira um pente, as madeixas sedosas entre os meus dedos.

– Como te sentes? – perguntou. Estiquei braços e pernas.

– Um pouco cansada de tanto andar, mas bem.

A testa de Rune vincou-se de preocupação.

– Tens a certeza? Não temos de ir esta noite se não tens vontade.

Deslizando na almofada, parei a um centímetro da cara de Rune e anunciei:

– Nada me impediria de ir – passei a mão pelo seu casaco macio e castanho. – Particularmente hoje, quando estás com um aspeto tão apuradinho. Não sei o que tens planeado, mas se trocaste o teu blusão de cabedal, deve ser algo muito especial realmente.

– Acredito que seja – afirmou Rune, depois de uma pausa carregada de implicações.

– Então sinto-me definitivamente bem – declarei confiadamente, aceitando que me ajudasse a ficar numa posição sentada quando esta tarefa se tornou uma verdadeira luta.

Permanecendo de cócoras, Rune perscrutou o meu rosto.

– Amo-te, *Poppymin*.

– Também te amo, meu amor – respondi. Ao levantar-me, com a ajuda de Rune, não evitei ficar corada. Estava cada vez mais bonito, mas, assim vestido, trouxe-me um arrebatamento especial ao peito.

– O que devo levar vestido? – perguntei a Rune. Ele conduziu-me à sala de estar da suíte. Uma senhora aguardava no meio da sala com equipamento de cabeleireira e maquilhadora disposto diante de si.

Boquiaberta, olhei para Rune, que afastou o cabelo da cara com um gesto nervoso.

– A tua tia organizou tudo isto – encolheu os ombros. – Para ficares perfeita. Não que não sejas perfeita...

A senhora na sala acenou e indicou o assento diante de si. Rune levou a minha mão à boca e beijou-a.

– Vai, temos de partir daqui a uma hora.

– O que devo levar vestido? – perguntei sem pingo de respiração.

– Isso está tudo organizado. – Rune conduziu-me até à cadeira e eu sentei-me, depois de rapidamente me apresentar à cabeleireira.

Rune ocupou o sofá do outro lado da sala. Fiquei repleta de felicidade quando o vi tirar a câmara de dentro do saco na mesinha de apoio. Observei-o a levar a câmara ao olho quando Jayne, a cabeleireira, começou a trabalhar no meu cabelo. E, durante os quarenta minutos seguintes, captou todos esses instantes.

Eu não podia estar mais feliz.

Jayne inclinou-se para baixo, examinando-me o rosto e, com um toque final da escova na cara, recuou e sorriu.

– Pronto, menina. Terminámos – afastou-se e começou a arrumar o equipamento. A seguir despediu-se de mim com um beijo na cara. – Tenha uma boa-noite, menina.

– Obrigada – respondi e acompanhei-a à porta.

Quando me virei, Rune encontrava-se à minha frente. Levou a mão aos meus novos caracóis.

– *Poppymin* – disse ele. – Estás linda.

Baixei a cabeça.

– Estou?

Rune levantou a câmara e premiu o botão. Deixando-a cair novamente, anuiu.

– Perfeita.

Rune pegou-me na mão e conduziu-me ao quarto. Pendurado na porta estava um vestido preto estilo império e sapatos com salto raso aguardavam no tapete.

– Rune – murmurei ao afagar o tecido macio. – É tão bonito.

Rune pegou no vestido e pousou-o na cama.

– Veste-te, amor, temos de ir.

Assenti, ainda atordoada. Rune saiu do quarto e fechou a porta. Passados poucos minutos, já me encontrava vestida e calçada com saltos rasos. Procurei o espelho da casa de banho e soltei uma exclamação de espanto ao ver aquela rapariga. Enrolara o cabelo e não havia uma única madeixa solta. A minha maquilhagem incluía uma sombra leve nos olhos e, o melhor de tudo, os brincos com o sinal do infinito reluziam.

Bateram à porta.

– Entre! – exclamei. Não conseguia deixar de ver o meu reflexo.

Rune apareceu atrás de mim e o meu coração derreteu ao notar a sua reação no espelho... o olhar rendido no lindo rosto.

Pousou as mãos nos meus braços. Inclinando-se, uma mão subiu para levantar o meu cabelo de modo a beijar-me por baixo da orelha. Fiquei sem fôlego ao sentir a carícia, o olhar dele ainda preso no meu através do espelho.

O meu vestido preto era decotado à frente, expondo peito e pescoço, alças grossas assentes na ponta dos ombros. Rune desceu pelo meu pescoço, com beijos, antes de, com a mão, me voltar o queixo e unir as nossas bocas. Os lábios quentes derreteram-se nos meus e, feliz, suspirei contra a sua boca.

Rune pegou no meu laço branco, que se encontrava no balcão. Atou-o no meu cabelo. Lançando um sorriso tímido, disse:

– Agora estás perfeita. Agora és a minha Poppy.

Senti o estômago revirar-se com aquela voz rouca e dar uma volta completa quando ele me deu a mão e me conduziu para o quarto. Vi um casaco. Como um cavalheiro, levantou-o e colocou-mo sobre os ombros.

Virando-me para si, Rune perguntou:

– Estás pronta?

Assenti e segui-o até ao elevador e depois para a rua. Aguardava-nos uma limusina e o motorista vestido a rigor abriu a porta para entrarmos. Virei-me para Rune, querendo saber como tinha ele organizado tudo aquilo, mas, antes de lhe perguntar, ele respondeu:

– DeeDee.

O motorista fechou a porta. Apertei a mão de Rune e lançámo-nos para as ruas movimentadas. Vi Manhattan correr pela janela e depois parámos.

Reparei no edifício antes de sair da limusina, sentindo o coração bater de entusiasmo. Rodei a cabeça à procura de Rune, mas ele já tinha saído. Apareceu junto à minha porta, abriu-a e estendeu a mão.

Saí para a rua e olhei para o cimo do enorme edifício diante de nós.

– Rune – murmurei. – Carnegie Hall.

A minha mão cobriu a boca.

Rune fechou a porta e a limusina arrancou. Apertou-me contra si e disse:

– Vem comigo.

Ao avançarmos para a entrada, tentei encontrar indicações de qual seria o espetáculo. Mas, por muito que procurasse, não percebi quem atuaria naquela noite.

Rune empurrou as grandes portas e um homem acolheu-nos no interior, indicando o caminho. Rune seguiu em frente até atravessarmos o átrio e encontrarmos o auditório principal. Se anteriormente sentira a respiração cortada, o sentimento agora era bem mais forte – encontrar-me no lugar com o qual sonhara desde pequena.

Quando acabei de abarcar o espaço vasto e impressionante – os balcões dourados, o vermelho vivo das cadeiras e dos tapetes – franzi a testa, compreendendo que estávamos sozinhos. Não havia público. Não havia orquestra.

– Rune?

Ele equilibrou-se, nervoso, nas pontas dos pés e apontou para o palco. No meio

via-se uma cadeira solitária e um violoncelo pousado ao seu lado, com o arco em cima.

Tentei entender o que via, mas sem resultado. Era Carnegie Hall. Uma das salas de espetáculo mais famosas do mundo inteiro.

Sem dizer nada, Rune conduziu-me pela coxia para o palco, parando num lanço de degraus provisórios. Virei-me para ele e Rune entreolhou-me.

– *Poppymín*, se tivesse sido diferente... – respirou fundo mas conseguiu recuperar a compostura para continuar. – Se tivesse sido diferente, terias tocado aqui profissionalmente. Terias integrado uma orquestra, aquela a que sonhavas pertencer – a mão de Rune apertou a minha. – Terias tocado neste palco o solo com que sempre sonhaste – uma lágrima escapou-se dos olhos de Rune. – Mas, porque isso não acontecerá, porque a vida é tão injusta... ainda assim, gostava que realizasses esse sonho. Descobrir como seria na realidade. Queria que tivesses o teu instante na ribalta. Uma ribalta que mereces, a meu ver, não só por seres a pessoa que mais amo neste mundo, mas a melhor violoncelista. A artista mais dotada.

Finalmente percebi. A magnitude do que ele me preparara começou a pousar no meu coração exposto. Sentindo os olhos encherem-se de água, acerquei-me dele, colocando-lhe as mãos no peito. Pestanejei, procurando vê-lo por entre as lágrimas. Incapaz de conter as minhas emoções, tentei perguntar:

– Mas tu... como é que... como...?

Rune puxou-me para diante e conduziu-me pelos degraus até me encontrar em pleno palco, aquele que fora sempre a grande ambição da minha vida. A mão de Rune apertou mais uma vez a minha em vez de falar.

– O palco é teu esta noite, *Poppymín*. Lamento que seja o único que te verá tocar, mas eu queria que realizasses este sonho. Queria que tocasses nesta sala. Queria que a tua música enchesse este auditório. Queria que o teu legado ficasse impresso nestas paredes.

Aproximando-se de mim, Rune pousou as mãos nas minhas faces, limpando as lágrimas com os polegares. Encostando a testa à minha, murmurou:

– Mereces isto, Poppy. Devias ter tido mais tempo para realizares este sonho, mas... mas...

Agarrei os pulsos de Rune enquanto ele se esforçava para terminar. Os meus olhos fecharam-se, expulsando as lágrimas que restavam.

– Não – proferi, e levantei o pulso de Rune para lhe beijar o latejar acelerado. Coloquei-o no meu peito e acrescentei: – Está tudo bem, amor – inspirei fundo e um sorriso aguçado abriu-se nos meus lábios. O odor da madeira encheu-me as narinas. Se fechasse os olhos com muita força, podia escutar o eco dos músicos que entravam neste palco de madeira, os mestres que honravam a sala com a sua paixão e génio. – Estamos aqui agora – terminei e recuei. Abrindo os olhos, apreciei a vista elevada do auditório. Imaginei-o cheio de pessoas, vestidas para o concerto. Homens e mulheres que adoravam sentir a música no coração. Sorri, apreciando a imagem tão vibrante no meu espírito.

Quando voltei a concentrar-me no rapaz que organizara este momento para mim, fiquei sem palavras. Não sabia exprimir o que aquele gesto causara na minha alma. A dádiva que Rune me dera de forma tão pura e terna... realizar o meu maior sonho.

Não era capaz de falar. Portanto, fiquei calada.

Soltei-lhe os pulsos e dirigi-me à cadeira solitária que me aguardava. Passei a mão pela pele negra, sentindo a textura sob as pontas dos dedos. Acerquei-me do violoncelo, o instrumento que sempre constituía uma extensão do meu corpo. Um instrumento que me enchia de júbilo inexplicável que só podia ser sentido. Um júbilo envolvente que traz consigo uma espécie de paz, tranquilidade e serenidade; um amor delicado sem igual.

Desabotoando o casaco, retirei-o dos braços, sentindo duas mãos familiares agarrarem-no e puxarem-no delicadamente do meu corpo. Olhei para Rune, que silenciosamente depositou um beijo no meu ombro nu, antes de sair do palco.

Não vi onde se sentou, pois, quando fiquei sozinha, o holofote diretamente por cima de mim passou de um brilho difuso para um jorro de luz potente. As luzes envolventes diminuíram. Olhei para a cadeira agora iluminada com uma mistura de nervos e excitação.

Um passo dado em frente, os calcanhares dos sapatos a ecoar nas paredes, som que abalou os meus ossos, despertando os músculos fracos e dando-lhes vida.

Dobrei-me, levantei o violoncelo e senti o punho na minha mão. Agarrei o arco com a direita, a sua madeira fina a encaixar-se perfeitamente nos dedos.

Sentei-me devagar, inclinando o instrumento para o posicionar à minha altura. Endireitando-o, o mais belo violoncelo da minha vida, fechei os olhos e senti as cordas nas mãos, fazendo-as vibrar uma a uma para verificar a afinação.

Era obviamente perfeita.

Puxei-me para a frente no assento, assentando os pés no chão de madeira até me sentir pronta.

Depois permiti-me olhar para cima. Inclinei o queixo para a luz da ribalta como se fosse o sol. Inspirando com força, fechei os olhos e pousei o arco nas cordas.

E toquei.

As primeiras notas do «Prelúdio de Bach» fluíram do arco para as cordas e depois para o auditório, enchendo a sala com sons celestiais. Deixei-me embalar pela música, que me arrebatava, que jorrava de mim, expondo a minha alma para todos ouvirem.

E na minha mente a sala estava apinhado de gente. Todos os lugares ocupados pelos amantes de música que vieram ouvir-me. Ouvir música que exigia ser ouvida. Tocaria tais melodias que ninguém sairia sem verter lágrimas. Exsudaria tanta paixão que preencheria os corações e tocaria nas almas.

Sorri debaixo do calor do holofote, que aquecia os meus músculos e apagava a dor. A peça terminou. Comecei então outra. Toquei e toquei até passar tanto tempo que sentia os dedos doridos.

Levantei o arco, a sala agora prenhes de silêncio. Deixei uma lágrima cair, tentando imaginar o que tocaria a seguir. O que sabia ir tocar a seguir. O que tinha de tocar a seguir.

Aquela peça que sonhava tocar naquele palco prestigiado. A peça que tocava o meu coração como nenhuma outra. A peça que sempre marcaria aqui presença muito depois de eu partir. A peça que tocaria como a despedida da minha paixão. Depois de escutar o seu eco naquele espaço magnífico, não a tocaria, nem podia tocar novamente. Representaria o fim do violoncelo para mim.

Deixaria aqui parte do meu coração. Despedir-me-ia aqui da paixão que me

transportara em vida, que me salvara nos dias mais solitários e perdidos.

Deixaria aqui as notas a dançar no ar para toda a eternidade.

Senti as mãos trémulas, fazendo uma pausa antes de começar. Senti as lágrimas grossas e rápidas, mas não de tristeza. Destinavam-se às duas rápidas amigas – a música e a vida que a criara – que indicavam uma à outra que tinham de se separar, mas um dia, um dia, reencontrar-se-iam.

Contando para dentro, pousei o arco sobre as cordas e iniciei «O Cisne» do *Carnaval dos Animais*. À medida que as minhas mãos agora firmes começavam a criar a música que tanto adorava, senti um nó na garganta. Cada nota era uma oração murmurada e cada crescendo um hino cantado com força ao Deus que me dera tal dom.

E estas notas eram o meu agradecimento ao instrumento que me permitia tocar a sua glória com tamanha elegância.

Permitia amá-lo tanto que se tornara parte de mim – do meu íntimo.

E, por fim, enquanto as notas fluíam tão delicadamente e enchiam a sala, assinalei a minha gratidão eterna ao rapaz sentado em silêncio no escuro. O rapaz com o dom da fotografia, tal como eu tinha o dom da música. Era o meu coração. O coração que livremente me oferecera em criança. O coração que era a outra metade do meu. O rapaz que, embora desfeito por dentro, me amava tanto que me oferecera esta despedida. Oferecera o sonho que o meu futuro me negara.

A minha alma gémea que captava instantes.

A minha mão tremeu ao sentir a derradeira nota, lágrimas banhando a madeira. Estendi a mão no ar, o final da nota suspenso até o eco da nota mais alta ascender aos céus e ocupar o devido lugar entre as estrelas.

Fiz uma pausa, assolada pela despedida.

Depois levantei-me o mais silenciosamente possível. E, com um sorriso, imaginei o público e os aplausos. Fiz uma vénia e pousei o violoncelo no chão do palco, encaixando o arco no cimo tal como o encontrara.

Inclinei a cabeça para trás, sentindo o túnel de luz pela última vez e avancei para as sombras. Os meus saltos rasos provocaram um baque surdo ao abandonar o palco. Chegando ao último degrau, as luzes envolventes acenderam-se, afastando os resquícios do sonho.

Respirei fundo, passando o olhar pelas cadeiras vermelhas vazias, depois lancei um relance ao violoncelo ainda posicionado no palco, a aguardar pacientemente pelo próximo jovem músico que seria abençoado com a sua elegância.

Estava feito.

Rune levantou-se lentamente. O meu estômago revoltou-se ao ver as suas faces coradas de emoção. Mas o meu coração deu um pulo ao notar a expressão daquele rosto lindo.

Ele compreendia-me. Compreendia a minha verdade.

Compreendia que eu tocara pela última vez. E notei, com uma clareza cristalina, a mistura de pesar e orgulho no seu olhar.

Quando me alcançou, Rune não tocou nas marcas de lágrimas na minha cara e eu não toquei nas suas. Fechando os olhos, Rune beijou-me. Um beijo que continha o seu amor. Um amor que aos dezassete anos se tornara uma bênção.

Um amor sem limites.

O tipo de amor que inspira uma música capaz de perdurar séculos.

Um amor para ser sentido e acarinhado.

Quando Rune recuou e me olhou nos olhos, sabia que eu anotaria o beijo num pedaço de papel cor de rosa com mais devoção do que os anteriores.

Beijo oitocentos e dezanove foi o beijo que tudo mudou. O beijo que provou que um rapaz temperamental com cabelo comprido da Noruega e uma rapariga do Sul profundo podiam ter um amor igual aos maiores amores do mundo.

Mostrava que o amor era simplesmente a tenacidade de dizer à outra metade do nosso coração que essa pessoa era adorada sem restrições. Continuamente. O amor era a ternura na sua forma mais pura.

Rune inspirou com força e sussurrou:

– Não tenho palavras... em qualquer das línguas...

Ofereci-lhe um sorriso fraco. Nem eu tinha.

O silêncio era perfeito. Mais adequado do que as palavras.

Pegando-lhe na mão, conduzi-o pela coxia, voltando ao átrio. O frio da brisa de fevereiro em Nova Iorque representou um alívio acolhedor do calor do edifício. A nossa limusina aguardava-nos; Rune devia ter ligado ao motorista.

Entrámos no assento traseiro. O motorista arrancou e Rune puxou-me para si. Fui com gosto, sentindo o seu aroma fresco no casaco. A cada curva, senti o coração bater mais depressa. Ao chegar ao hotel, peguei na mão de Rune e entrámos.

Não trocámos uma única palavra no regresso, nem um único som enquanto o elevador subia para o último andar. O som do cartão que abria a fechadura eletrónica soou como um trovão no corredor vazio. Abri a porta, os meus passos a ecoar no chão de madeira e entrei na sala.

Sem parar, avancei para o quarto, apenas olhando para trás para garantir que Rune me seguia. Ficou à porta, vendo-me caminhar.

Os nossos olhares encontraram-se e, a precisar dele mais do que respirar, levantei a mão lentamente. Queria-o.

Tinha de amá-lo.

Vi Rune respirar fundo, depois avançar para mim. Caminhou cautelosamente até ficar a meu lado. Enfiou a mão na minha, o toque a despertar luz e amor por todo o meu corpo.

O olhar de Rune estava escuro, quase negro, as pupilas dilatadas afastando o azul. A sua vontade era tão forte como a minha, o amor demonstrado e a sua confiança igualmente completa.

Uma calma banhou-me como um rio. Deixei-a vir e conduzi Rune para o quarto, fechando a porta. A atmosfera entre nós intensificou-se.

O olhar intenso e avaliador de Rune observava todos os meus gestos.

Sabendo que tinha a sua atenção inamovível, soltei-lhe a mão e dei um passo atrás. Com dedos trémulos, comecei a desabotoar os grandes botões do casaco, os nossos olhares unidos não se separando quando o casaco se abriu e o deixei cair no chão.

O maxilar de Rune ficou tenso enquanto assistia, fechando e abrindo os dedos.

Descalcei os sapatos e os meus pés enterraram-se no tapete. Inspirando para ganhar forças, avancei. Parei junto dele, levantei os olhos, pálpebras pesadas do

arremesso de sentimentos dentro de mim.

O peito amplo de Rune subiu e desceu, a *T-shirt* branca e justa debaixo do casaco revelando o peito tonificado. Sentindo-me corar intensamente, pousei ternamente as mãos naquele peito. Rune ficou imóvel ao sentir as mãos quentes. Depois fixei o olhar no dele e deslizei as mãos pelos seus ombros, despiando-lhe o casaco, que caiu no chão.

Inalei três vezes, tentando controlar os nervos que subitamente me avassalaram. Rune não se mexeu. Ficou completamente parado, permitindo-me explorar; percorri o estômago, o braço, e agarrei na mão dele. Levei as nossas mãos unidas à boca e, num gesto tão nosso, beijei os dedos entrelaçados.

– Deviam estar sempre unidos – murmurei, olhando para os dedos.

Rune engoliu em seco e anuiu numa concordância calada.

Recuei um passo e mais outro. Conduzi-nos para a cama. O edredão estava aberto, sem dúvida obra da empregada. E quanto mais me aproximava da cama, mais os meus nervos se acalmavam e sentia uma imensa paz. Porque estava correto o que fazíamos. Nada, *ninguém*, podia dizer que isto estava errado.

Parando ao lado da cama, soltei as nossas mãos. Impelida pelo desejo, agarrei na *T-shirt* de Rune e puxei-a para cima. Ele ajudou-me a tirá-la pela cabeça e deixou-a cair no chão, ficando ali de tronco nu.

Rune dormia assim todas as noites, mas havia algo na estática carregada da atmosfera e na forma como me fizera sentir com o seu presente-surpresa que tornara tudo diferente.

Era diferente.

Era mordaz.

Mas éramos *nós*.

Pousei as mãos na sua pele nua e passei as pontas dos dedos pelos vales e picos dos abdominais. A pele de Rune retesava-se por onde eu passava, a sua respiração ofegante saía pelos lábios entreabertos.

À medida que os meus dedos exploravam o seu amplo peito, inclinei-me para diante e encostei os lábios ao coração dele. Batia veloz como as asas de um beija-flor.

– És perfeito, Rune Kristiansen – murmurei.

Os dedos de Rune subiram para se enfiarem no meu cabelo. Levantou-me a cabeça. Não abri os olhos até ao derradeiro segundo, até finalmente encontrar o seu olhar azul cristalino. Olhar que reluzia. Os lábios carnudos de Rune abriram-se e murmurou:

– *Jeg elsker deg.*

Amava-me.

Anuí para lhe indicar que entendera. Mas a minha voz fora roubada pelo instante. Pela preciosidade daquele toque. Afastei-me e o olhar de Rune acompanhou todos os meus gestos.

Tal como eu queria.

Levando a mão à alça do ombro, pedi coragem aos meus nervos e deixei-a escorregar pelo braço. A respiração de Rune estremeceu, ao mesmo tempo que soltei a outra alça e o vestido de seda tombou aos meus pés. Obriguei os braços a ficarem colados ao corpo, que praticamente se revelara na totalidade ao rapaz que amava acima de tudo no mundo.

Estava nua, mostrando as cicatrizes ganhas ao longo daqueles dois anos. Mostrando-me plenamente – a rapariga que ele sempre conhecera e as cicatrizes da guerra que não parei de travar.

O olhar de Rune percorreu-me de cima a baixo. Mas sem qualquer repulsa. Apenas encontrei a pureza do amor ali revelada. Apenas vi desejo e necessidade e acima de tudo... o seu próprio coração exposto.

Apenas para os meus olhos.

Como sempre.

Rune acercou-se aos poucos, até o peito quente ficar encostado ao meu. Com uma carícia leve como a pena, meteu o cabelo atrás da minha orelha e a seguir deslizou as pontas dos dedos pelo meu pescoço exposto e pelo meu dorso.

As minhas pálpebras tremeram com a sensação. Arrepios percorreram-me a espinha. O cheiro do hálito de menta de Rune encheu-me o nariz ao inclinar-se para diante e passar os lábios macios pelo meu pescoço, salpicando a minha pele revelada com beijos delicados.

Apoei-me nos seus ombros fortes, ancorando-me ao chão.

– *Poppymín* – murmurou Rune com voz rouca ao passar a boca pelo meu ouvido.

Inspirando profundamente, sussurrei:

– Faz amor comigo, Rune.

Rune ficou parado durante um instante. Depois, mudando de posição até a cara pairar sobre a minha, captou por breves instantes o meu olhar antes de pousar os lábios nos meus. Este beijo era diferente, era a promessa do que se seguiria, a jura de Rune para ser meigo... a sua jura em que me amaria como o amava a ele.

As mãos fortes de Rune pousaram na curva do pescoço enquanto a sua boca se mexia lentamente contra a minha. Depois, sentindo-me ficar sem fôlego, as mãos descaíram para a minha cintura e com cuidado levantou-me e deitou-me na cama.

As minhas costas atingiram o colchão macio. Observei a partir do centro da cama Rune despojar-se do resto das roupas, nunca retirando os olhos dos meus ao rastejar pela cama e deitar-se a meu lado.

A intensidade do rosto esbelto de Rune derreteu-me, inspirando um ritmo compassado no meu coração. Posicionando-me diante dele, passei os dedos pelo seu rosto e murmurei:

– Também te amo.

Os olhos de Rune fecharam-se, como se precisasse de ouvir aquelas palavras mais do que precisava de respirar. Moveu-se sobre mim, a sua boca a conquistar a minha. As minhas mãos subiram por aquelas robustas costas e enterraram-se no cabelo comprido. As mãos de Rune percorreram-me, libertando-me do resto das roupas, largando-as no chão para se juntarem ao resto.

A visão de Rune, enorme, por cima de mim cortou-me a respiração, tal como ver o seu olhar e ouvir:

– Tens a certeza, *Poppymín*?

Incapaz de conter um sorriso, respondi:

– Nunca tive tanta certeza na minha vida.

Os meus olhos fecharam-se ao ser beijada novamente e sentir as suas mãos a explorarem-me, a percorrerem todas as zonas já conhecidas. E eu imitei-o. Ia perdendo

o nervosismo com cada toque e beijo até sermos Poppy e Rune – sem começo em nós e sem fim.

O ar ficou quente e pesado, mas continuámos a beijar-nos, a explorarmo-nos, até finalmente Rune mudar de posição por cima de mim. Sem quebrar o contacto ocular, tornou-me sua novamente.

O meu corpo encheu-se de luz e vida enquanto ele fazia de nós os dois apenas um. O meu coração encheu-se de tanto amor que temi não ser capaz de conter toda a felicidade que sentia.

Agarrei-o com força nos braços enquanto caímos de volta para a terra.

A cabeça de Rune encaixou-se na curva do meu pescoço, a sua pele brilhante e quente.

Mantive os olhos fechados, não querendo quebrar aquele instante. Aquele instante perfeito. Por fim, Rune levantou a cabeça. Notando a expressão vulnerável no seu rosto, beijei-o com ternura. A mesma ternura com que ele me tinha tomado.

A mesma ternura com que manuseara o meu coração frágil.

Agarrou-me a cabeça, mantendo-me segura. Quando terminei o beijo, encontrei o seu olhar adorável e sussurrei:

– Beijo oitocentos e vinte. Com o meu Rune, no dia mais fantástico da minha vida. Depois de termos feito amor... o meu coração quase explodiu.

A respiração de Rune contraiu-se na sua garganta. Com um beijo rápido e final, rolou para se deitar a meu lado e envolveu-me nos seus braços.

Fechei os olhos e deixei-me embalar por um sono leve. Tão leve que senti Rune beijar-me na cabeça e depois levantar-se. Ao fechar a porta do quarto, pestanejei no quarto escuro, ouvindo a porta do terraço deslizar.

Afastando o edredão, vesti o roupão pendurado na porta e os chinelos alinhados no chão. Percorri o quarto, a sorrir, ainda sentindo o cheiro de Rune na minha pele.

Entrei no quarto, dirigindo-me à porta para o exterior, mas imediatamente parei. Porque podia ver Rune pela ampla janela, no chão, sentado de joelhos. Destroçado.

Senti-me como se o meu coração fisicamente se partisse em dois pedaços ao vê-lo assim, no frio da noite, vestido apenas com as calças de ganga. Lágrimas jorravam dos seus olhos enquanto as costas soluçavam com uma mágoa arrasadora.

Fiquei com a visão turva das lágrimas ao vê-lo. O meu Rune. Tão desolado e sozinho, ali sentado na neve que caía suavemente.

– Rune. *Meu amor* – murmurei para mim mesma, obrigando os pés a aproximarem-se da porta, a mão a virar o puxador e o meu coração a preparar-se para a mágoa que esta cena provocava.

Pisei a camada fina de neve. Rune não pareceu ter ouvido. Mas eu ouvi-o. A sua respiração incontrolável. Pior ainda, os seus soluços inclementes. Ouvi a dor subjugar-lo. Vi, na forma como avançou para mim, palmas plantadas no chão debaixo de si.

Incapaz de sustentar o pranto, corri para ele e envolvi-o com os braços. A sua pele desnuda estava fria ao toque. Não parecendo sentir o frio, Rune deixou-se cair no meu colo, o tronco comprido e robusto a procurar o conforto dos meus braços.

E cedeu. Rune cedeu por completo: uma enchente de lágrimas soltou-se pela cara abaixo, respiração ofegante a dar origem ao fantasma do bafo de vapor ao ser expelido para o ar frio.

Balancei-me para a frente e para trás, apertando-o com força.

– Calma – tranquilizei-o, tentando o mais que podia suavizar a minha dor. A dor de observar o rapaz que amava desfazer-se. A dor de saber que iria morrer em breve e querendo resistir ao apelo da minha casa com todo o coração.

Tinha de aceitar a minha vida minguante. Agora queria lutar para ficar ao lado de Rune, por causa dele, mesmo sabendo que era inútil.

Não controlava o meu destino.

– Rune – sussurrei, as minhas lágrimas a perder-se nas longas madeixas do seu cabelo sobre o meu colo.

Rune olhou para cima com uma expressão devastada e perguntou com voz rouca:

– Porquê? Porque tenho de te perder? – abanou a cabeça e o rosto contorceu-se de dor. – Não consigo, *Poppymin*. Não consigo ver-te partir. Não consigo pensar que não te terei assim para o resto da vida – engasgou-se com um soluço, mas conseguiu soltar: – Como é que se separa um amor como o nosso? Como é que podes morrer tão nova?

– Não sei, amor – murmurei, desviando o olhar para não ceder também. As luzes de Nova Iorque reluziam diante de mim. Afastei o desgosto que acompanhava tais perguntas.

– É o que é, Rune – disse eu, triste. – Não há nenhum motivo para ter sido escolhida. Porque não havia de ser? Ninguém merece isto e, contudo, eu tenho de... – calei-me mas consegui acrescentar em seguida: – Tenho de confiar que existe um grande motivo ou cairei aqui por terra com a tristeza de abandonar tudo isto – enchi os pulmões de ar. – Abandonar-te a ti, especialmente depois de hoje. Depois de termos feito amor.

Rune observou os meus olhos repletos de lágrimas. Recompondo-se, pôs-se de pé e levantou-me ao colo. Fiquei contente, pois sentia-me demasiado fraca para me mexer. Não sabia sequer se ia conseguir levantar-me do chão frio e húmido, caso quisesse.

Prendendo os braços à volta do pescoço de Rune, pousei a cabeça no peito dele e fechei os olhos, enquanto me levava de volta para o quarto.

Puxou o edredão e enfiou-me debaixo dele, acompanhando-me e abraçando-me pela cintura. Ficámos deitados frente a frente com a cabeça na minha almofada.

Os olhos de Rune estavam raiados de sangue, o cabelo comprido mostrava-se húmido da neve e a pele cinzenta da tristeza profunda. Levantei a mão e passei-a pelo seu rosto. Estava gelado.

Rune virou a cara ao encontro da palma da minha mão.

– Sabia que dizias adeus quando subiste ao palco, hoje. E eu... – A voz engasgou-se, mas ele tossiu e terminou: – Tornou-se tudo muito real – nos olhos surgiram novas lágrimas. – Fez-me perceber que isto está mesmo a acontecer. – Rune segurou-me na mão e levou-a ao peito. Apertou-a levemente. – E não consigo respirar. Não consigo respirar quando tento imaginar a vida sem ti. Tentei uma vez e não correu bem. Mas... mas, pelo menos, estavas viva, algures, noutra parte. Em breve... em breve... – calou as palavras, sentindo as lágrimas caírem. Desviou a cara do meu olhar.

Travei a face que se retraía. Rune pestanejou.

– Tens medo, *Poppymin*? Porque eu estou apavorado. Apavorado do que será a minha vida sem ti.

Fiz uma pausa. Ponderei efetivamente naquela pergunta. E deixei-me pressentir a verdade. Ser sincera.

– Rune, não tenho medo de morrer – baixei a cabeça e a dor que nunca me assolara ocupou todas as células do meu corpo. Baixei a cabeça sobre ele e murmurei: – Mas desde que te recuperei, desde que o meu coração recuperou o seu bater, ou seja, tu, tenho sentido tantas coisas que não sentira antes. Rezo para ter mais tempo, para viver mais dias nos teus braços. Rezo para minutos mais demorados, para me poderes oferecer mais beijos – inspirando por fim, acrescentei: – Mas o pior de tudo é que comecei a ter medo.

Rune acercou-se ligeiramente, o braço apertando-me a cintura. Levei a mão trémula ao seu rosto.

– Sinto medo de te ter abandonado. Não tenho medo de morrer, Rune. Mas tenho pavor de ir a um sítio novo sem ti – os olhos de Rune fecharam-se e sibilou como se atacado por uma dor física. – Não sei quem sou sem ti – disse baixinho. – Quando estavas em Oslo, imaginava o teu rosto. Lembrava-me da tua mão na minha. Tocaria as tuas músicas favoritas e leria os beijos do meu frasco. Como a avó me tinha dito. E fecharia os olhos para sentir os teus lábios nos meus – permiti-me um sorriso. – Lembrar-me-ia da noite em que fizemos amor pela primeira vez e a sensação do meu coração naquele instante... satisfeito... em paz.

Funguei, limpando rapidamente as minhas faces húmidas.

– Ainda que não estivesses comigo, encontravas-te no meu coração. E era o suficiente para me aguentar, embora não me sentisse feliz – beijei Rune na boca, apenas para o saborear. – Mas agora, depois deste tempo juntos, fez-me ter medo. Pois o que resta de nós sem nos termos mutuamente?

– Poppy – disse Rune com voz rouca.

As minhas lágrimas escorreram com abandono imprudente e eu gritei:

– Já te magoo por te amar demasiado. E agora tenho de partir numa aventura sem ti. E não consigo suportar o quanto isto te magoa. Não sou capaz de te abandonar com tanta dor.

Rune puxou-me ao encontro do seu peito. Chorei. Ele chorou. Partilhámos os nossos medos de perda e amor. Os meus dedos pousaram nas suas costas e reforcei-me com o seu calor.

Quando as nossas lágrimas abrandaram, Rune empurrou-me para trás gentilmente e examinou a minha expressão.

– Poppy – perguntou com voz rouca –, como imaginas o paraíso?

Podia ver no seu rosto que estava realmente interessado em saber. Recompondo-me, declarei:

– Um sonho.

– Um sonho – ecoou Rune, e vi os lábios recurvarem-se nos cantos.

– Li algures que, quando sonhamos todas as noites, o que acontece realmente é que voltamos para a nossa casa. A nossa casa, Rune. O Paraíso – comecei a sentir o calor que essa visão me provocava. Um calor que me enchia por inteiro. – O meu Paraíso será tu e eu no campo de cerejeiras em flor. Como sempre. Ter dezassete anos para toda a eternidade.

Passei uma madeixa do cabelo de Rune entre os dedos, observando a cor dourada.

– Já tiveste um sonho tão vívido que quando acordas pensas que foi verdadeiro? Que parece verdadeiro?

– *Ja* – disse Rune, baixinho.

– Até certo ponto, era por se tratar disso, Rune. Portanto, quando vier a noite, e fechares os olhos, estarei ali, ao teu encontro.

Aproximando-me um pouco, acrescentei:

– E, portanto, quando for tempo de tu também voltares para casa, estarei à tua espera. E não haverá nem preocupações nem medo nem mágoas. Apenas amor – suspirei, contente. – Quando vejo assim a situação, deixo de ter medo.

Rune passou os lábios pelos meus.

– Parece um plano perfeito – comentou, o sotaque nítido, a voz áspera. – Quero que tenhas isso, *Poppymin*.

Abri os olhos devagarinho e encontrei a verdade e aceitação no rosto bonito de Rune.

– Vai ser assim, Rune – afirmei com uma certeza inabalável. – Não acabaremos. Jamais.

Rune fez-me rodar até ficar deitada sobre o peito dele. Fechei os olhos, embalada pelo ritmo hipnótico da sua respiração profunda. Ao sentir-me adormecer, Rune perguntou:

– *Poppymin*?

– Sim?

– O que queres que aconteça no tempo que resta?

Ponderei na pergunta, mas vieram-me à mente poucas coisas.

– Quero ver uma última vez o cerejal em flor – sorri contra o peito de Rune. – Quero dançar no baile de finalistas contigo – levantei a cabeça e vi-o sorrir-me –, ver-te de *smoking* e com o cabelo afastado do rosto. – Rune abanou a cabeça ante a minha afirmação, surpreendido.

Suspirando por causa desta felicidade pacífica que tínhamos encontrado agora, disse:

– Quero ver um nascer do sol, final e perfeito – endireitando-me, encontrei os olhos de Rune e terminei. – Mas mais do que tudo, quero voltar para casa com o teu beijo nos lábios. Quero entrar na próxima vida ainda a sentir os teus lábios quentes nos meus.

Recostando-me contra o peito de Rune, fechei os olhos e murmurei:

– Rezo para ter isso. Durar o tempo suficiente para alcançar esses desejos.

– São perfeitos, amor – murmurou Rune, acariciando-me o cabelo.

E foi assim que adormeci, debaixo da proteção de Rune.

Sonhando que um dia veria todos os meus desejos satisfeitos.

E seria feliz.



Nuvens Negras e Céus Azuis

Rune

Desenhava círculos indolentes no papel enquanto o professor ia debitando compostos químicos. O meu cérebro estava ocupado com Poppy. Tal como era normal, mas hoje com uma diferença. Regressáramos de Nova Iorque há quatro dias e ela mostrava-se mais calada de dia para dia.

Não parei de lhe perguntar o que se passava. Respondia sempre que não era nada. Mas eu sabia que tinha de ser alguma coisa. E hoje estava pior.

Senti a mão dela demasiado fraca ao segurar a minha na vinda para a escola. A pele demasiado quente. Perguntei-lhe se se sentia adoentada, mas limitou-se a abanar a cabeça e a sorrir.

Devia pensar que o sorriso me calaria.

E habitualmente seria esse o resultado, mas não hoje.

Algo estava mesmo errado. O meu coração ficava apertado sempre que recordava o almoço, passado com os nossos amigos e com ela deitada nos meus braços. Não disse palavra, limitando-se a traçar a minha mão com o dedo.

A tarde arrastara-se e cada minuto foi passado com preocupação pelo seu estado de saúde. Que o tempo que lhe restava estivesse no fim. Endireitando-me rapidamente, tentei sacudir o pânico que a imagem me trouxe, mas não adiantou.

Ao soar a última campainha, assinalando o fim do dia escolar, saltei do banco e corri pelo corredor em direção ao cacifo de Poppy. Mas era Jorie quem lá se encontrava.

– Onde está ela? – perguntei, secamente.

Jorie recuou um passo, surpreendida, e apontou para a porta das traseiras. Ao encaminhar-me rapidamente para a saída, Jorie berrou:

– Ela não estava com bom ar na aula, Rune. Ando mesmo preocupada.

Senti arrepios na espinha, embora o dia estivesse quente. Os meus olhos vasculharam o pátio até me deparar com Poppy encostada a uma árvore no parque contíguo. Abri caminho pelos colegas e acorri para junto ela.

Não pareceu notar a minha presença, pois olhava fixamente em frente como se presa num transe. Uma película de suor cobria-lhe o rosto e os braços e as pernas tinha um aspeto pálido.

Posicionei-me diretamente no ângulo de visão dela. Os seus olhos mortícios arrastavam-se, tentando pestanejar e focaram-se lentamente nos meus. Mostrou um sorriso forçado.

– Rune – murmurou Poppy com ar fraco.

Encostei a mão à testa dela, as minhas sobrancelhas unidas de preocupação.

– Poppy? Que se passa?

– Nada – respondeu, sem ser convincente. – Sinto-me apenas cansada.

O meu coração embateu contra as costelas ao perceber a mentira. Sabendo que tinha de a levar para casa, segurei-a por debaixo do braço. A parte de trás do pescoço quase me esquentou a pele e engoli um palavrão.

– Vamos para casa, amor – disse-lhe, ternurento. Poppy abraçou-me pela cintura. Senti a fraqueza daquele abraço, mas percebi que ela aproveitava o meu corpo para se manter de pé. E protestaria se eu tentasse levá-la ao colo.

Fechei os olhos durante um segundo ao entrarmos no trilho do parque. Tentei suavizar o pavor que tomou conta de mim. O pavor de que estivesse doente. De esta ser... Poppy mantinha-se silenciosa só se ouvindo o respirar, cada vez mais profundo e asmático, enquanto caminhávamos. Ao entrar no cerejal, Poppy tropeçou. Olhei para baixo e senti o corpo dela perder as forças.

– Poppy! – gritei, agarrando-a antes que tombasse por terra. Vendo-a nos meus braços, afastei-lhe o cabelo húmido do rosto.

– Poppy? Poppy, amor, o que se passa?

Os olhos de Poppy começaram a perder o foco e a revirar-se, mas senti a mão dela agarrar a minha com tanta força quanto era capaz. E quase nem se sentiu.

– Rune – tentou dizer, mas a respiração tornou-se muito acelerada; tornava-se um esforço manter ar em quantidade suficiente para falar.

Levei a mão ao bolso, tirei o telemóvel e liguei o 112. Quando a telefonista atendeu, dei a morada de Poppy e descrevi os sintomas.

Erguendo Poppy ao colo, preparava-me para correr quando a palma da mão dela embateu, fraca, contra a minha cara. Olhei para baixo, vendo uma lágrima escorrer-lhe pelo rosto.

– Eu... não... não estou preparada... – conseguiu dizer antes de a cabeça tombar enquanto se esforçava para reter a consciência.

Apesar de a lágrima me cortar o coração, por assistir ao desânimo que a assolava, bem como ao corpo que lhe fraquejava, comecei a correr. Com mais vigor e velocidade do que nunca.

Ao passar pela minha casa, encontrei a minha mãe e Alton no acesso dos carros.

– Rune? – A minha mãe chamou-me, mas sussurrou de imediato: – Não! – ao ver Poppy inconsciente nos meus braços.

A sirene da ambulância soou ao longe. Sem perder tempo, abri a porta da casa de Poppy com um pontapé.

Corri para a sala; estava vazia.

– Socorro! – gritei o mais alto que pude. Subitamente, ouvi passos a correr na

minha direção.

– Poppy! – A mãe dela contornou a esquina no mesmo instante em que deitei Poppy no sofá. – Oh, meu Deus! Poppy! – A Senhora Litchfield agachou-se ao meu lado e pousou a mão na cabeça da filha. – O que aconteceu? Qual foi o problema? – perguntou ela.

Abanei a cabeça.

– Não faço ideia. Desmaiou nos meus braços. Já chamei a ambulância.

Mal as palavras abandonaram a minha boca, ouvi o som da ambulância, que virava para a rua. A mãe de Poppy correu para o exterior. Vi-a sair, sentindo gelo em vez de sangue nas veias. Passei as mãos pelo cabelo, não sabendo o que fazer. Uma mão fria agarrou-me o pulso.

Virei-me para Poppy e descobri que estava com dificuldade em respirar. Fiquei desolado. Baixei-me um pouco mais, beijei-lhe a mão e sussurrei:

– Vais ficar boa, *Poppymin*. Prometo.

Poppy arfava com falta de ar, mas mesmo assim pousou a mão no meu rosto e disse, quase sem voz:

– Ainda... não... vou para casa...

Anuí, beijando-lhe a mão e apertando-a entre os dedos.

Subitamente, o som dos paramédicos que entravam em casa surgiu nas minhas costas e eu desviei-me para os deixar passar. Poppy, contudo, agarrou-me com força. Caíram lágrimas dos seus olhos.

– Estou aqui, amor – murmurei. – Não te deixo.

Os olhos de Poppy mostravam agradecimento. Atrás de mim, ouvi o som de um choro. Tratava-se de Ida e Savannah que observavam, retraídas, a um canto da sala, a chorar nos braços uma da outra. A Senhora Litchfield deslocou-se para o lado do sofá e beijou a cabeça de Poppy.

– Vais ficar bem, pequenina – sussurrou, mas, ao olhar para mim, percebi que não estava convencida disso.

Também acreditava que seria o fim.

Os paramédicos colocaram uma máscara de oxigénio na cara de Poppy e levantaram-na para uma maca. A mão dela continuava presa à minha; recusava-se a largar-me. E não afrouxou o aperto enquanto os paramédicos a retiravam de casa, nem os olhos deixaram os meus, embora se esforçasse por mantê-los abertos.

A Senhora Litchfield correu atrás de mim, mas, quando viu a mão de Poppy agarrada com tanta força à minha, disse:

– Vai tu com ela, Rune. Eu vou atrás com as miúdas.

Havia conflito na sua voz. Queria estar com a filha.

– Eu levo-as, Ivy, acompanha o Rune e a Poppy – ouvi a minha mãe dizer nas minhas costas. Subi para as traseiras da ambulância. A Senhora Litchfield juntou-se a mim.

Mesmo com os olhos fechados, a mão de Poppy não largou a minha. E porque se abateu num pranto a meu lado, ofereci a outra mão à Senhora Litchfield.

Acompanhei a cadeira de rodas de Poppy ao ser levada para a sala de oncologia. O meu coração batia tão rápido quanto os médicos e as enfermeiras se moviam – era uma mancha de atividade.

Tentei debater-me contra o nó que me apertava a garganta. Mantive afastado o torpor. Poppy estava a ser picada e sondada – retiravam-lhe sangue, mediam a temperatura, demasiadas coisas para poder acompanhar. E o meu amor resistia. O seu peito ficou errático com a incapacidade de respirar devidamente, mas não perdeu a calma. A letargia tentou derrubá-la, mas ela lutou para manter os olhos abertos... manter os olhos fixos nos meus, formando o meu nome com os lábios sempre que se deixava quase adormecer.

Mantive-me forte por causa dela. Não deixaria que me visse fraquejar.

Ela precisava que eu fosse forte.

A Senhora Litchfield estava a meu lado, dando-me a mão. O marido apareceu a correr, com a pasta na mão e a camisa aberta no colarinho com o nó da gravata solto.

– Ivy – disse numa voz apressada –, o que se passou?

A Senhora Litchfield limpou as lágrimas do rosto e pegou na mão do marido.

– Desmaiou nos braços do Rune ao voltar da escola. Os médicos pensam que seja uma infeção. O sistema imunitário está tão debilitado que não consegue defender-se.

O Senhor Litchfield encarou-me e a esposa acrescentou:

– O Rune trouxe-a ao colo até casa. Veio a correr e chamou a ambulância. Ele salvou-a, James. O Rune salvou a nossa menina.

Engoli em seco ao ouvir as palavras da Senhora Litchfield. O Senhor Litchfield anuiu, presumi que em jeito de agradecimento, e acorreu para a filha. Vi-o apertar-lhe a mão, mas os médicos rapidamente o mandaram afastar-se.

Passaram-se cinco minutos antes de um médico vir falar connosco. Ficou parado com o rosto inexpressivo.

– Senhor e Senhora Litchfield, o corpo de Poppy tenta lutar contra uma infeção. Como sabem, o sistema imunitário encontra-se gravemente debilitado.

– Não se consegue salvar? – avançou a Senhora Litchfield, a garganta contraída de pesar.

As palavras do médico infiltraram-se no meu cérebro. Afastei a cabeça dele sentindo um par de olhos a observar-me.

Os médicos tinham aberto um intervalo e, através deste, deparei-me com o lindo rosto de Poppy tapado por uma máscara e uma agulha intravenosa espetada no braço. Mas os olhos verdes, aqueles olhos verdes que tanto adorava, estavam fixos em mim. A mão tombara de lado.

– Faremos tudo o que for possível. Vamos dar-lhe um instante antes de a adormecermos.

Ouvi o médico dizer que a colocariam num coma induzido de modo a poder combater a infeção. E que devíamos vê-la antes de avançarem. Mas os meus pés já se mexiam. A mão dela estendia-se ao encontro da minha.

Mal peguei nela, vi os olhos de Poppy à minha procura; abanou debilmente a cabeça. Fechei por breves instantes os olhos, mas abri-os então e não consegui evitar a lágrima que correu pelo meu rosto. Poppy soltou um ruído abafado pela máscara de oxigénio e não precisei de tirá-la para saber o que tinha dito. Não me ia abandonar para

já. Era a promessa patente no seu olhar.

– Rune, filho – disse o Senhor Litchfield. – Podes deixar-nos a sós com a Poppy, para lhe darmos um beijo e falarmos um pouco com ela?

Anuí e ia a afastar-me quando ela soltou um som e abanou novamente a cabeça. Apertou-me novamente a mão. Pois não queria largar-me.

Inclinando-me para diante, depositei um beijo na sua testa, sentindo o calor nos meus lábios, inspirando o aroma doce.

– Não me afasto, *Poppymin*. Prometo que não te deixo.

Os olhos de Poppy acompanharam-me enquanto me afastava. Observei os Litchfield dirigirem-se à filha com palavras ternurentas, beijando-a e agarrando-lhe a mão.

Encostei-me à parede do pequeno quarto, punhos cerrados como se assim me mantivesse estável. Tinha de ser forte por causa dela. Ela odiava lágrimas. Odiava representar um fardo para a família com aquela situação.

Poppy não me veria perder o controlo.

A Senhora Litchfield saiu do quarto. Ao regressar, trouxe Ida e Savannah. Tive de desviar os olhos ao notar a tristeza na expressão de Poppy. Adorava as irmãs e não queria que a vissem naquele estado.

– Poppy – exclamou Ida e correu para ela. A mão fraca de Poppy descaiu e tocou no rosto da miúda. Ida deu um beijo a Poppy na face e veio para trás, ao encontro dos braços acolhedores da Senhora Litchfield. Savannah foi a próxima. Desfez-se em lágrimas ao ver a irmã, a sua heroína, naquele estado. Poppy agarrou-lhe a mão e Savannah sussurrou:

– Amo-te, PopPos. Por favor... por favor, não te vás embora, ainda não.

Poppy abanou a cabeça e olhou na minha direção, a mão a tentar agarrar o ar. Aproximei-me, sentindo que cada passo dado era um quilómetro. Dentro de mim desenrolava-se uma tormenta de dor, mas quando as nossas mãos se encontraram a tormenta amainou. Poppy pestanejou, olhando para mim, agitando as pestanas compridas e pretas. Sentando-me na berma da cama, inclinei-me e afastei-lhe o cabelo da cara.

– *Hei, Poppymin* – disse baixinho, com tanta energia quanta consegui encontrar. Os olhos de Poppy fecharam-se ao ouvir as minhas palavras. Percebi que sorria, debaixo da máscara. Quando o olhar se fixou no meu, eu disse: – Têm de te pôr a dormir para conseguires resistir à infeção – Poppy assentiu, indicando que compreendia. – Vais sonhar, amor – disse eu, conseguindo sorrir. – Vais conversar com a tua avó enquanto recuperas as energias para voltares para mim – Poppy suspirou e uma lágrima fugiu-lhe do olho. – Antes de ires para casa, há coisas que te faltam fazer, lembras-te?

Poppy anuiu ligeiramente e eu beijei-lhe a face. Recuei, murmurando:

– Dorme, amor. Estarei aqui, à espera do teu regresso para os meus braços.

Acaricieei o cabelo de Poppy até ela fechar os olhos e percebi que tinha adormecido.

O médico entrou pouco depois.

– Se puderem aguardar na sala de espera, já apareço para vos dar mais informações.

Ouvi a família dela partir, mas eu não queria largá-la, fitando a sua mão na minha. Uma outra mão pousou no meu ombro e olhei para cima, descobrindo a cara do médico.

– Nós tomamos conta dela, rapaz, prometo.

Depositando um último beijo na mão dela, obriguei-me a largá-la e saí do quarto. As portas fecharam-se atrás de mim. A sala de espera ficava do lado oposto. Mas eu não podia ir. Precisava de ar fresco. Precisava...

Apressei-me a sair para o pequeno jardim ao fundo do corredor e irrompi pela porta. A brisa quente assolou-me o rosto e, vendo que estava sozinho, cambaleei para o banco no centro do jardim. Tombei nele, sentindo a tristeza prostrar-me.

Encostei a cabeça às mãos. As lágrimas jorravam-me pela cara. Ouvi a porta abrir-se. Ao olhar para cima, deparei-me com o meu pai.

Esperei que a vaga de raiva me golpeasse quando vi a sua cara. Mas devia estar oculta pelo imenso pesar. O meu pai não falou, mas avançou e sentou-se ao meu lado. Não tentou reconfortar-me. Sabia que eu não aceitaria o seu toque. Pelo contrário, ficou ali sentado enquanto me desfazia em lágrimas.

Uma parte de mim ficou contente. Nunca o admitiria nem lhe contaria, mas não queria estar sozinho.

Não sei bem como passou o tempo, mas por fim endireitei-me e afastei o cabelo da cara. Passei a mão pelo rosto.

– Rune, ela...

– Vai ficar bem – interrompi o que ele tentava dizer. Olhei para a mão do meu pai pousada no seu joelho, a abrir e fechar-se enquanto procurava decidir se devia tocar-me.

O meu maxilar retesou-se. Não queria nada disso.

O tempo que tinha com Poppy esgotava-se rapidamente e era culpa dele que eu apenas tivesse tido... o pensamento não foi terminado. Não sabia quanto tempo me restava com a minha miúda.

Antes de ele conseguir reagir, a porta abriu-se novamente e desta vez o Senhor Litchfield entrou. O meu pai levantou-se e apertou-lhe a mão.

– Lamento imenso, James – disse o meu pai.

O Senhor Litchfield deu-lhe uma palmada no ombro e perguntou:

– Impostas-te que dê uma palavrinha ao Rune?

Fiquei hirto, os meus músculos a preparar-se para combater a sua raiva. O meu pai olhou para mim e anuiu.

– Irei deixar-vos sozinhos.

O meu pai abandonou o jardim e o Senhor Litchfield dirigiu-se a mim em passos lentos, sentando-se depois no banco ao meu lado. Sustive a respiração, à espera que falasse. Quando isso não aconteceu, eu comecei:

– Não tenciono abandoná-la. Não me peça para a abandonar porque não saio daqui.

Sabia que me tinha expresso num tom irado e agressivo, mas o meu coração quase furava o peito ao imaginar que ele me diria para me ir embora. Se não estivesse ao lado de Poppy, não teria para onde ir.

O Senhor Litchfield ficou tenso, mas perguntou:

– Porquê?

Surpreendido pela sua pergunta, virei-me e tentei descortinar o que pensava. Ele observava-me sem hesitações. Queria mesmo saber. Sem quebrar o olhar, disse:

– Porque a amo. Amo-a acima de tudo o que há no mundo – a minha voz conseguiu libertar-se da garganta contraída. Inspirando profundamente, consegui dizer: – Prometi-lhe que jamais a deixaria sozinha. E, mesmo que não tivesse prometido, jamais conseguiria ir-me embora. O meu coração, a minha alma, tudo o que tenho, encontra-se ligado à Poppy – as minhas mãos formaram punhos. – Não posso abandoná-la agora, quando mais precisa de mim. E não a abandonarei sem ela me afastar.

O Senhor Litchfield suspirou e passou a mão pela cara. Sentou-se no banco.

– Quando voltaste para Blossom Grove, Rune, olhei para ti e não quis crer que tivesses mudado tanto. Fiquei desiludido – admitiu. Senti o meu peito contrair-se com aquele golpe. Ele abanou a cabeça. – O tabaco, a tua atitude... assumi que fosses muito diferente do rapaz que foste no passado. Aquele que amava a minha filha, tanto quanto ela o amava a ele. O rapaz que, apostaria a minha vida, caminharia sobre o fogo para salvar a minha menina. Mas aquele que tu és agora não pensei que a amasse da forma que ela merece. – A voz do Senhor Litchfield ficou rouca da dor. Pigarreando, disse: – Insurgi-me contra ti. Quando descobri que vocês se relacionavam novamente, tentei chamar-lhe a atenção. Mas vocês sempre foram como ímanes, atraídos mutuamente por uma força desconhecida – abafou uma gargalha. – A avó da Poppy dizia que vocês estavam ligados para realizarem um grande propósito. E que não saberíamos qual era até se manifestar. Disse que os grandes amores estavam sempre destinados a ficarem juntos por uma grande razão – fez uma pausa e virou-se para mim, declarando: – Agora sei porquê.

Encarei-o diretamente. A mão firme do Senhor Litchfield aterrou no meu ombro.

– Estavam fadados a ficarem juntos para que pudesses ser a luz que a ajudará a atravessar este processo. Foste criado na perfeição para ela, para que este tempo se tornasse especial para a minha filha. E garantir que os dias que lhe restavam estivessem repletos daquilo que a mãe dela e eu não lhe poderíamos dar.

A dor trespassou-me e fechei os olhos. Quando voltei a abri-los, o Senhor Litchfield deixou cair a mão, mas obrigou-me a permanecer à sua frente.

– Rune, estive contra ti. Mas compreendi que ela te amava muito. Só não sabia se também a amavas da mesma forma.

– Amava – disse com voz rouca. – Nunca deixei de a amar.

Ele anuiu.

– Mas não sabia até à viagem para Nova Iorque. Não queria que ela fosse – inspirou e disse: – No entanto, quando ela voltou percebi que havia uma nova paz dentro dela. E então ela contou-me o que tu lhe tinhas dado. Carnegie Hall? – Abanou a cabeça. – Deste à minha menina o seu maior sonho, sem outro motivo a não ser que querias realizá-lo para ela. Torná-la feliz... porque a amavas.

– Ela dá-me mais do que isso – retorqui e inclinei a cabeça. – Sendo a pessoa que é, retribui dez vezes mais.

– Rune, se a Poppy se curar...

– Quando – interrompi. – Quando ela se curar.

Ergui a cabeça e vi o Senhor Litchfield olhar-me.

– Quando – disse com um suspiro esperançado. – Não serei um entrave para vocês – inclinou-se para diante e pousou a cara nas mãos. – Ela nunca mais ficou bem depois de partires, Rune. Sei que foi difícil para ti não a teres na tua vida. E seria idiota se não visse que culpas o teu pai por causa disso. Pela tua partida. Mas, às vezes, a vida não corre como gostaríamos. Nunca pensei que a minha filha morresse antes de mim. Mas a Poppy ensinou-me a não ficar zangado. Pois, filho – disse ele, encarando-me diretamente –, se a Poppy não está zangada pela sua curta vida, que direito nos assiste de ficarmos nós zangados por ela?

Olhei-o em silêncio. O meu coração batia mais depressa ante estas palavras. Imagens de Poppy a rodopiar no cerejal encheram-me o espírito, o sorriso aberto ao encher os pulmões com o ar perfumado. Vi esse mesmo sorriso enquanto a lembrava a dançar na água rasa da praia, mão no ar enquanto o sol lhe beijava o rosto

Poppy sentia-se feliz. Mesmo com este diagnóstico e com toda a dor e desilusão do tratamento, sentia-se feliz.

– Ainda bem que voltaste, filho. Estás a tornar os últimos dias da Poppy, nas palavras dela, «o mais especiais que podem ser».

O Senhor Litchfield levantou-se. Num gesto que só encontrara na filha dele, Poppy, virou a cara para o sol poente e fechou os olhos.

Quando voltou a baixar a cabeça, avançou para a porta, olhando para trás de modo a dizer:

– Sempre que quiseses aparecer, Rune, serás bem-vindo. Acredito que, se estiveres ao lado dela, a Poppy conseguirá acordar. Acordar só para passar mais alguns dias contigo. Vi esse olhar nela quando se deitou naquela cama; ela não vai a parte alguma por enquanto. Sabes tão bem quanto eu que, quando ela se convence a ir até ao fim, ela vai até ao fim, dê por onde der.

Os meus lábios ergueram-se num sorriso forçado. O Senhor Litchfield deixou-me sozinho no jardim. Enfiando a mão nos bolsos, encontrei um maço de tabaco. Parei ao tentar acender um. Com o sorriso de Poppy na memória, também veio o nariz enrugado de reprovação que fazia sempre que me via fumar. Tirei o cigarro da boca e atirei-o para o chão.

– Basta – disse em voz alta. – Acabou-se de vez.

Enchendo os pulmões com o ar fresco, levantei-me e voltei para dentro. A família de Poppy sentava-se num dos lados da sala de estar e, no outro, os meus pais e Alton. O meu irmão viu-me, levantou a cabeça e acenou.

Poppy queria que me sentasse ao lado dele.

– Olá, puto – disse eu e quase perdi o controlo quando ele subiu para o meu colo e me abraçou pelo pescoço.

Senti as costas de Alton tremerem. Quando afastou a cabeça, tinha as bochechas húmidas.

– A *Poppymin* está doente?

Pigarreando, anuí. O lábio inferior dele tremeu.

– Mas é o teu amor – sussurrou ele, despedaçando-me o coração. Anuí novamente e ele pousou-me a cabeça no peito. – Não quero que a *Poppymin* parta. Ela fez com que falasses comigo. Ela fez com que fosses meu amigo – fungou. – Não quero que

fiques zangado outra vez.

Cada uma daquelas palavras foi como uma faca no meu peito. Mas as facas deixaram entrar a luz quando recordei que Poppy me guiara ao encontro de Alton. Pensei que ficaria muito desiludida se eu agora o ignorasse.

Apertando Alton, sussurrei.

– Não te vou desculpar novamente, amigalhaço. Prometo.

Alton ergueu a cabeça e limpou os olhos. Alisou o cabelo para trás e não pude deixar de sorrir. Alton retribuiu o sorriso e abraçou-me com mais força. Não me largou até o médico entrar na sala, dizendo-nos para entrarmos dois a dois no quarto para a visitarmos.

Os pais dela entraram primeiro, depois foi a minha vez. Empurrei a porta e parei imediatamente.

Poppy jazia na cama no meio do quarto, rodeada por uma imensidão de máquinas. O meu coração estalou. Estava com um aspeto tão frágil, tão parado.

Não havia vestígio de sorrisos no seu rosto.

Avancei e sentei-me na cadeira ao lado da cama. Pegando-lhe na mão, levei-a aos lábios e imprimi-lhe um beijo.

Não suportava o silêncio. Portanto, comecei a contar a Poppy a primeira vez que a tinha beijado. Contei-lhe sobre todos os beijos de que me lembrava desde os nossos oito anos – como haviam sido, como me sentira com ela – sabendo que, se me ouvisse, adoraria tudo o que eu tinha para dizer.

Revivendo todos os beijos, um por um, que ela tanto amava.

Todos os novecentos e dois que tínhamos trocado até agora.

E os noventa e oito que nos esperavam.

Quando ela acordasse.

Ela tinha de acordar.

Tínhamos de cumprir uma promessa.



Cerejeiras em Flor e a Paz Restituída

Rune

Uma semana mais tarde

– Olá, Rune.

Levantei os olhos do papel em que escrevia para me deparar com Jorie à porta do quarto de Poppy. Judson, Deacon e Ruby encontravam-se atrás dela no corredor. Assinalei com o queixo que entrassem.

Poppy continuava ainda em coma. Após alguns dias, os médicos tinham dito que o pior da infeção passara, pelo que já admitiam outras visitas.

A vitória da minha Poppy. Tal como prometera, lutara contra a infeção para não se deixar abater. Sabia que ia conseguir. Pegara-me na mão quando me prometeu. Olharam-me nos olhos.

Não era tanto uma promessa, era uma certeza.

Os médicos esperavam acordá-la do coma durante os dias seguintes. Iriam baixar a dose da anestesia aos poucos a partir desta noite. Estava ansioso. Aquela semana parecera uma eternidade sem ela, tudo errado e desconjuntado. Tanto mudara no meu mundo sem a presença dela, e, por contraste, nada mudara realmente no mundo exterior.

O único desenvolvimento real era o facto de toda a escola saber agora que não restava muito tempo a Poppy. Do que me constara, tinham ficado previsivelmente chocados; e muito tristes. Andávamos na escola desde o pré-escolar. Embora não conhecessem Poppy como o nosso grupinho de amigos, a notícia abalara a terriola. As pessoas da sua igreja haviam rezado por ela para demonstrar o amor que lhe tinham. Se Poppy viesse a saber disso, acalantar-lhe-ia a alma.

Os médicos não conseguiam prever qual seria o seu estado quando acordasse. Nem queriam fazer estimativas quanto ao tempo que lhe restava, no entanto, o médico informou que a infeção a enfraquecera severamente. Disse que nos devíamos preparar: quando ela acordasse, poderiam faltar meras semanas.

Por muito que doesse aquele golpe, por muito que me arrancasse o coração do peito, tentei encontrar alegria nas pequenas vitórias. Teria semanas para ajudar Poppy a ver cumpridos os seus últimos desejos. Teria o tempo que precisava para dizer adeus, ouvi-la rir-se, ver o seu sorriso, beijar os seus lábios suaves.

Jorie e Ruby foram as primeiras a entrar no quarto, procurando o lado oposto da cama em que eu me sentara para unir a mão à de Poppy.

Deacon e Judson puseram-se ao meu lado, pousando as mãos nos meus ombros em sinal de conforto. Mal se espalhara a notícia de Poppy, os meus amigos tinham-se baldado às aulas para me ajudarem. E, mal os vi no corredor, percebi que já se sabia. Sabia que eles sabiam. E ficaram ao meu lado desde então.

Estavam chateados por Poppy e eu não termos contado a ninguém, além de Jorie. Mas acabaram por entender que Poppy não queria alaridos. Aposto que ficaram a gostar ainda mais dela. Viram que era corajosa.

Durante a semana anterior, em que eu não aparecera na escola, os meus amigos trouxeram-me os trabalhos de casa dados pelos professores. Cuidaram de mim, tal como eu cuidava de Poppy. Deacon e Judson disseram que estavam determinados a que eu não chumbasse neste nosso ano de finalistas. Nada podia estar mais longe da minha mente, mas apreciei a preocupação deles.

Aliás, essa semana mostrou-me o quanto representava para mim ter estes amigos. Mesmo sendo Poppy toda a minha vida, compreendi que recebia amor de outro lado. Tinha amigos que atravessariam o fogo por minha causa. A minha mãe também aparecia todos os dias. Tal como o meu pai, que não se importava que, na maior parte das vezes, eu o ignorasse. Não se importava de ficarmos calados. Assumi que ele apenas queria ficar ali ao meu lado.

Não sabia bem como lidar com este sentimento.

Jorie olhou para cima, ao encontro do meu olhar.

– Como é que ela se sente hoje?

Levantei-me da cadeira para me sentar na berma da cama de Poppy. Entrelacei os dedos dela nos meus e apertei-os. Inclinando-me, afastei-lhe o cabelo da cara e dei-lhe um beijo na testa.

– Está mais forte a cada dia que passa – disse eu baixinho, e depois, apenas para Poppy ouvir, sussurrei: – Os nossos amigos estão aqui, amor. Vieram visitar-te outra vez.

O meu coração sobressaltou-se quando pensei ver um tremer de pestanas, mas uma análise mais demorada indicou que se tinha tratado da minha imaginação. Andava desesperado, há demasiadas horas, por estar com ela novamente. Depois descansei, sabendo que, ao longo dos próximos dias, aquilo que imaginava ver deixaria de ser imaginação e passaria a ser realidade.

Os meus amigos sentaram-se no sofá ao lado das janelas grandes.

– Os médicos decidiram começar a acordá-la do coma gradualmente esta noite – referi. – Pode demorar dois dias até ficar totalmente consciente, mas acordá-la aos poucos é o que eles acham ser melhor. O sistema imunitário dela alcançou o ponto de maior fortalecimento, na opinião deles. A infeção desapareceu. Está pronta a voltar para nós – soltei o ar dos pulmões e acrescentei calmamente: – E poderei finalmente voltar a descobrir os seus olhos.

– Ainda bem, Rune – respondeu Jorie, lançando-me um sorriso triste. Seguiu-se um silêncio expectante; os meus amigos entreolharam-se.

– O que foi? – perguntei, procurando ler-lhes as expressões.

Foi Ruby quem respondeu:

– Como é que ela vai estar quando acordar?

O meu estômago contraiu-se.

– Fraca – sussurrei. Virando-me para Poppy, afaguei-lhe a face. – Mas voltará a estar entre nós. Não me importo se tiver de a carregar para toda a parte. Só quero vê-la sorrir novamente. Voltará a estar comigo, aonde pertence... pelo menos durante algum tempo.

Alguém fungou e notei que Ruby chorava. Jorie apertou-a contra si.

Suspirei de pena, mas disse:

– Sei que gostas dela, Ruby, mas quando ela descobrir que a notícia do seu estado se espalhou, portem-se normalmente. Ela detesta incomodar as pessoas de quem gosta. É a pior parte desta situação para ela – apertei os dedos de Poppy. – Quando acordar, temos de fazê-la feliz, tal como ela faz feliz as pessoas. Não podemos mostrar-lhe que estamos tristes.

Ruby anuiu, perguntando:

– Ela nunca mais vai voltar para a escola, pois não?

Abanei a cabeça.

– Nem eu. Até... – calei-me, relutante em terminar com aquelas palavras. Não me sentia ainda pronto para as dizer. Não queria lidar com tudo isto.

Ainda não.

– Rune – disse Deacon, num tom de voz sério. – O que pretendes fazer no próximo ano? Relativamente à universidade? Já te candidataste? – contorceu as mãos. – Preocupas-me. Vamos todos embora. E tu ainda nem sequer tocaste no assunto. Estamos mesmo preocupados.

– Nem sequer estou a pensar a essa distância – retorqui. – A minha vida encontra-se aqui, agora, neste instante. Tudo isso virá depois. Poppy é o meu foco. Sempre foi. Não me interessa minimamente o próximo ano nem o que farei então.

Um silêncio caiu na sala. Vi no rosto de Deacon que queria continuar a conversa mas não se atrevia.

– Ela irá ao baile de finalistas?

O meu coração afundou-se quando Jorie olhou triste para a sua melhor amiga.

– Não sei – respondi. – Queria que sim, muito, mas ainda faltam seis semanas – encolhi os ombros. – Os médicos não sabem – virei-me para Jorie. – Era um dos seus últimos desejos. Participar no baile de finalistas – engoli em seco e virei-me para Poppy. – No fim de tudo, só quer beijos e poder assistir ao baile de finalistas. Só pediu isso. Nada de grandioso, nada de fenomenal... apenas isto. Comigo.

Fiz uma pausa, pois Jorie e Ruby começaram a chorar silenciosamente. Mas não cedi. Aguardei, quieto, as horas até ela voltar para mim, imaginando o instante em que veria novamente o seu sorriso. A observar-me.

A apertar-me a mão na sua.

Passada uma ou duas horas, os meus amigos levantaram-se. Judson deixou alguns papéis numa mesinha junto à cama de Poppy que eu usava como secretária.

– Pá, é Matemática e Geografia. Os professores anotaram-te tudo. Datas para entregares os trabalhos – levantei-me e despedi-me dos meus amigos, agradecendo por terem vindo. Ao partirem, sentei-me à mesa para acabar o trabalho de casa. Acabaria, depois pretendia tirar fotografias na rua, levando a câmara que não saía do meu pescoço há semanas.

A câmara que voltava a ser parte de mim.

Terão passado várias horas desde que saíra e entrara no quarto para captar o dia na rua. Ao final da tarde, a família de Poppy começou a encher o quarto, seguidos imediatamente pelos médicos. Saltei da cadeira e esfreguei o cansaço dos olhos. Vinham despertá-la do coma.

– Rune – cumprimentou o Senhor Litchfield. Aproximou-se de mim e deu-me um abraço. Uma trégua feliz instalara-se entre nós desde que Poppy entrara em coma. Ele compreendia-me e eu retribuía. Por causa disso até Savannah começara a confiar que eu não iria partir o coração da irmã.

E eu não tinha partido, nem uma única vez, desde que Poppy dera entrada no hospital. Se Poppy estava aqui, eu também estaria. A minha dedicação terá demonstrado que a amava mais do que eles pensavam.

Ida aproximou-se de mim e abraçou-me pela cintura.

A Senhora Litchfield beijou-me na cara.

Depois aguardámos que o médico terminasse o exame.

Quando se virou para nós, disse:

– O nível de glóbulos brancos tem os valores possíveis nesta fase da doença. Iremos aos poucos reduzir a anestesia para acordar a Poppy. Quando recuperar as forças, conseguiremos tirá-la de algumas das máquinas – o meu coração bateu depressa, punhos cerrados contra o corpo.

– Mas – contestou o médico – no início a Poppy terá tantos períodos inconsciente como consciente. Quando estiver consciente, pode experimentar delírios. São produto dos fármacos ainda residentes no seu corpo. Mas aos poucos irá manter-se acordada durante períodos de tempo mais longos e, se tudo correr bem, daqui a dois dias, voltará a sua alegre disposição – o médico levantou as mãos. – Mas Poppy estará fraca. Até conseguirmos observá-la num estado consciente, não conseguiremos determinar a que ponto a infeção a enfraqueceu. Apenas o tempo o dirá. Pode sofrer de movimentos limitados que restringem aquilo que conseguirá fazer. É improvável que recupere totalmente a força.

Fechei os olhos, rezando a Deus para ela ficar bem. E, se não ficasse, prometi que a ajudaria no fim – desde que tivesse mais um bocadinho com ela. O que fosse preciso, faria qualquer coisa.

Os dois dias seguintes arrastaram-se lentamente. As mãos de Poppy começaram a mexer-se aos poucos, as pestanas agitaram-se e, no segundo dia, os olhos começaram a abrir-se. Durou apenas alguns segundos, mas foi o suficiente para me preencher com um misto de entusiasmo e esperança.

No terceiro dia, uma equipa de médicos e enfermeiras entrou no quarto e iniciou o processo de desligar Poppy das máquinas. Assisti, com o coração aos pulos, vendo o tubo de respiração a ser removido da garganta. Assisti às máquinas a ser levadas para fora do quarto até a minha miúda ficar livre delas.

O meu coração inchou.

Pele pálida, lábios outrora macios agora gretados. Mas porque finalmente estava livre de todas aquelas máquinas, nunca me parecera tão perfeita.

Fiquei sentado pacientemente ao lado dela, dando-lhe a mão. Inclinava a cabeça para trás, olhando para o teto num transe, quando senti a mão de Poppy apertar a minha muito suavemente. Parei de respirar. Os meus pulmões imobilizaram-se. Os olhos voaram para Poppy ali deitada. Os dedos da mão dela mexiam-se, retorcendo-se debilmente.

Levei a mão à parede e esmurrei o botão de chamada das enfermeiras. Quando uma apareceu eu disse:

– Parece-me que está a acordar – Poppy fizera alguns movimentos ligeiros nas últimas vinte e quatro horas, mas nunca tantos e durante tanto tempo.

– Vou chamar o médico – disse ela e saiu do quarto. Os pais de Poppy apareceram imediatamente, acabados de chegar para a visita diária.

O médico entrou logo a seguir, aproximando-se da cama e eu afastei-me para ficar ao lado dos pais de Poppy, de modo que a enfermeira pudesse verificar os sinais vitais.

Os olhos de Poppy começaram a mexer-se debaixo das pálpebras, que lentamente abriu. Inspirei fundo ao ver os olhos verdes abarcarem, letárgicos, o espaço em redor.

– Poppy? Poppy, está tudo bem – disse o médico com ar apaziguador. Vi Poppy virar a cabeça na direção dele, mas o olhar continuava desfocado. Senti-me contrair quando ela estendeu a mão. Procurava-me. Mesmo naquele estado confuso, procurava a minha mão.

– Poppy, estiveste a dormir durante algum tempo. Estás bem, mas vais sentir-te cansada. Só tens de saber que estás bem.

Poppy soltou um som como se tentasse falar. O médico virou-se para a enfermeira.

– Traga gelo para os lábios.

Não consegui conter-me mais e acorri para ela, ignorando o grito do Senhor Litchfield para que ficasse quieto. Passando para o outro lado da cama, inclinei-me e envolvi a mão de Poppy com a minha. Mal o fiz, o corpo dela acalmou-se e a cabeça rolou suavemente na minha direção. Os olhos abriram-se. E encarou-me diretamente.

– Olá, *Poppymin* – sussurrei, lutando contra o nó da garganta.

E então ela sorriu. Apenas um vestígio de sorriso, mas ali estava. Os dedos fracos apertaram os meus com a força de uma mosca e voltou a dormir.

Soltei uma exalação demorada. Mas a mão de Poppy não me largou, pelo que fiquei onde estava. Sentado na cadeira ao lado da cama, mantive-me exatamente no mesmo sítio.

Passou-se mais um dia com um crescente número de momentos em que Poppy ia ficando consciente. Não se encontrava totalmente lúcida quando acordava, mas sorria-me quando focava a sua atenção em mim. Tinha a certeza que parte dela, embora confusa, sabia que me encontrava aqui. Os sorrisos fracos garantiram que eu não queria estar em nenhum outro lugar.

Mais tarde, quando uma enfermeira apareceu no quarto para a avaliação horária, perguntei:

– Posso deslocar a cama?

A enfermeira parou os seus afazeres e levantou o rosto.

– Para onde, querido?

Aproximei-me da janela ampla.

– Para aqui – disse eu. – De modo a que possa ver a rua quando acordar devidamente – abafei um riso silencioso. – Ela adorava assistir ao nascer do Sol – olhei para trás. – Agora só está ligada à intravenosa, portanto posso movê-la?

A enfermeira encarou-me. Via a pena no olhar dela. Não pretendia pena mas ajuda da sua parte. Queria que me ajudasse a dar esse presente a Poppy.

– Claro – acabou por concordar. – Não me parece que seja um problema – o meu corpo relaxou. Passei para o lado da cama de Poppy, a enfermeira para o outro, e rolámo-la até ficar diante da vista do jardim de oncologia pediátrica.

Um jardim sob um céu azul límpido.

– Assim está bem? – perguntou a enfermeira e travou a cama.

– Perfeito – respondi e sorri.

Quando a família de Poppy surgiu pouco depois, a mãe dela abraçou-me.

– Ela vai adorar – disse. Sentámo-nos em volta da cama, na qual Poppy se ia remexendo ocasionalmente, mas apenas durante alguns segundos.

No decurso dos últimos dois dias, os seus pais tinham-se revezado, ficando um a pernoitar no quarto oposto do corredor. O outro ficava em casa com as mais pequenas. Normalmente era a mãe que nos acompanhava.

Eu dormia no quarto de Poppy.

Deitava-me ao lado dela todas as noites. Dormia com ela nos meus braços, aguardando pelo momento em que acordava.

Sabia que a situação não agradava completamente aos pais dela, mas talvez permitissem, porque não? Não iriam pôr entraves. Agora, não. Nesta circunstância.

E eu não sairia por nada deste mundo.

A mãe de Poppy contava à filha adormecida histórias que tinham acontecido com as irmãs. Como se portavam na escola – coisas do dia a dia. Estava ali sentado, sem prestar atenção, quando bateram de mansinho à porta.

Olhei para cima e vi o meu pai abrir a porta. Lançou um aceno curto à Senhora Litchfield e olhou para mim.

– Rune, posso falar contigo por um instante?

Fiquei tenso, as minhas sobranceiras vincadas. O pai aguardou junto à porta, sem quebrar o olhar. Expelindo o ar dos pulmões, levantei-me do assento. O meu pai desviou-se da porta quando me aproximei. Sai do quarto, notando que ele trazia um objeto na mão.

Parecia nervoso.

– Sei que não me tinhas pedido, mas revelei os teus rolos – fiquei imóvel. – Sei que me pediste para os levar de volta para casa. Mas eu vi-te, Rune. Vi-te tirar estas fotografias e sei que se destinam à Poppy – encolheu os ombros. – Agora que a Poppy está a acordar aos poucos, pensei que quisesses tê-los contigo para lhos mostrares.

Sem dizer mais nada, entregou-me um álbum de fotografias. Estava repleto com as imagens de tudo o que havia captado enquanto Poppy dormia. Todos os instantes que ela tinha perdido.

Senti um aperto na garganta. Não tinha ido a casa. Não tivera oportunidade de revelar a tempo estas imagens... mas o meu pai...

– Obrigado – soltei e olhei para o chão.

Na minha visão periférica, vi o corpo do meu pai relaxar, libertando a tensão. Levantou a mão, como se quisesse tocar-me no ombro. Fiquei imediatamente hirtos. A mão dele parou a meio do gesto, mas, decidido a ir até ao fim, pousou a mão no meu ombro e deu um apertão.

Fechei os olhos ao sentir a mão dele. E, pela primeira vez naquela semana, consegui respirar. Durante um instante, em que o meu pai mostrou que estava do meu lado, pude respirar.

Mas quanto mais tempo demorava este instante, menos sabia como reagir. Há muito que não estava assim com ele. Que não o deixava aproximar-se.

Precisando de me afastar, incapaz de lidar com estes sentimentos, anuí e regresssei ao quarto. Fechei a porta e sentei-me, com o álbum no colo. A Senhora Litchfield não perguntou o que era e eu não lhe adiantei. Continuou a recitar as suas histórias a Poppy até ao cair do dia.

Quando ela saiu do quarto, descalcei as botas e, tal como acontecia todas as noites, abri os cortinados e deitei-me ao lado de Poppy.

Recordava-me de observar as estrelas. A seguir só me lembro de uma mão a afagar-me o braço. Desorientado, abri os olhos a custo, vendo os primeiros raios do Sol a entrarem no quarto.

Tentei afastar a névoa do sono. O cabelo fazia-me cócegas no nariz e uma respiração quente banhava-me a cara. Olhando para cima, pestanejei até despertar. O meu olhar colidiu com o par de olhos mais bonitos de sempre.

O meu coração deu um pulo e um sorriso abriu-se nos lábios de Poppy, as covinhas profundas a enterrar-se nas faces brancas. Levantando a cabeça, espantado, peguei-lhe na mão e sussurrei:

– *Poppymin?*

Poppy pestanejou, e outra vez, depois o olhar vasculhou o quarto. Engoliu em seco, retraindo-se com este gesto. Vendo-lhe os lábios tão secos, peguei no copo de água sobre a mesinha de apoio. Levei a palhinha à sua boca. Poppy tragou alguns goles, depois afastou o copo.

Ela suspirou aliviada. Peguei no batom de cereja que era o seu predileto e apliquei-lhe uma camada fina nos lábios. Poppy esfregou-os um no outro.

Sem abandonar o meu olhar, produziu um sorriso aberto e lindo.

Sentindo o peito expandir-me de alegria, inclinei-me e coleí os lábios aos dela. Foi um beijo fugaz, quase impercetível, mas, ao recuar, Poppy engoliu em seco e sussurrou com voz rouca:

– Beijo número... – franziu a testa, procurando lembrar-se.

– Novecentos e três – terminei em vez dela.

Poppy anuiu.

– Quando voltei para o Rune – acrescentou, fixa no meu olhar e apertando a minha mão sem forças. – Tal como tinha prometido.

– Poppy – sussurrei como resposta e baixei a cabeça até a enfiar na curva do pescoço dela. Queria agarrá-la com força, mas ela parecia uma boneca frágil e fácil de quebrar.

Os dedos de Poppy aterraram no meu cabelo e, num gesto tão familiar como a

própria respiração, entranharam-se nas madeixas. O fôlego leve de Poppy banhou-me o rosto.

Levantei a cabeça e encarei-a. Fiz questão de gravar todos os pormenores do seu rosto, dos olhos. Fiz questão de apreciar este instante.

Este instante em que ela voltou para mim.

– Quanto tempo? – perguntou ela.

Afastei-lhe o cabelo da cara.

– Estiveste a dormir uma semana. E nos últimos dias tens vindo a acordar aos poucos.

Os olhos de Poppy fecharam-se momentaneamente, depois voltaram a abrir-se.

– E quanto... me resta?

Abanei a cabeça, orgulhoso da sua força, e respondi com sinceridade:

– Não sei.

Poppy anuiu, um movimento impercetível. Sentindo algo quente na minha nuca, virei-me e espreitei pela janela. Sorri.

Voltando novamente para Poppy, disse:

– Acordaste ao mesmo tempo que o Sol, amor.

Poppy franziu a testa até eu me desviar. E então ela inspirou profundamente. Quando olhei para o seu rosto, vi os raios cor de laranja beijarem-lhe a pele. Vi os olhos dela fecharem-se e abrirem-se, um sorriso a inundar-lhe os lábios.

– É lindo – sussurrou. Deitei-me na almofada a seu lado, vendo o céu iluminar-se com a chegada do novo dia. Poppy não se manifestou enquanto assistimos ao Sol a erguer-se no céu, banhando o quarto com a sua luz e calor.

A mão dela apertou a minha.

– Sinto-me fraca.

O meu estômago deu uma volta.

– A infeção atacou-te com força. Deixou marcas.

Poppy assentiu, compreendendo, e a seguir perdeu-se novamente na vista matinal.

– Tive saudades disto – disse ela, apontando com o dedo para a janela.

– Lembras-te de muito?

– Não – respondeu baixinho. – Mas sei que tive saudades, ainda assim – olhou para a sua mão e disse: – Mas lembro-me de sentir a tua mão na minha... é estranho. Não me lembro de mais nada a não ser disso.

– *Ja?* – perguntei.

– Sim – respondeu ela com ternura. – Sempre me lembraria da tua mão na minha.

Peguei no álbum de fotografias em cima da mesinha que o meu pai me trouxera, deposei-o no colo e abri-o. A primeira imagem mostrava o Sol a subir pelas nuvens grossas. Os raios cortavam as ramagens dos pinheiros, captando os tons cor de rosa na perfeição.

– Rune – sussurrou Poppy e passou os dedos pela imagem.

– Tirei-a na tua primeira manhã aqui dentro – encolhi os ombros. – Não queria que perdesse o teu nascer do Sol.

A cabeça de Poppy mexeu-se até descansar no meu ombro. Sabia que tinha agido corretamente. Senti a felicidade no seu toque. Era melhor do que palavras.

Folheei o álbum. Mostrei-lhe as árvores começando a florir na rua. As gotas de

água na janela no dia em que choveu. E as estrelas no céu, a lua cheia, e os pássaros a fazerem ninho nas árvores.

Quando fechei o álbum, Poppy repousou a cabeça e olhou-me nos olhos.

– Captaste os instantes que eu perdi.

Sentindo-me corar, baixei a cabeça.

– Claro. Sempre farei isso.

Poppy suspirou.

– Mesmo quando não estou aqui... tens de captar todos esses instantes – o meu estômago deu uma reviravolta. Antes de responder, ela levou a mão à minha face. Estava tão leve. – Promete-me – pediu ela. Não respondi e ela insistiu: – Promete-me, Rune. Estas fotografias são demasiado preciosas para que não existam – sorriu. – Pensa naquilo que podes captar no futuro. Pensa nas possibilidades à tua espera.

– Prometo – respondi baixinho. – Prometo, *Poppymin*.

Ela suspirou.

– Obrigada.

Inclinando-me para diante, beijei-lhe a cara. Quando recuei, rolei na cama para ficar diante dela.

– Tenho saudades tuas, *Poppymin*.

Sorrindo, ela murmurou em resposta:

– Também tenho saudades tuas.

– Temos bastantes coisas para fazer quando saíres daqui – disse-lhe, vendo o entusiasmo nascer no olhar.

– Sim – respondeu ela. Os lábios comprimiram-se e perguntou: – Quantos dias faltam para as primeiras flores nascerem?

O meu coração despedaçou-se ao perceber o sentido das suas palavras. Estava a tentar determinar quanto tempo lhe restava. E se conseguiria lá chegar. Se viveria o suficiente para satisfazer os últimos desejos.

– Talvez uma semana, se tanto.

Desta vez não conseguiu disfarçar a felicidade plena que irradiou do seu amplo sorriso. Fechou os olhos.

– Consigo aguentar até lá – afirmou, confiante, e agarrou a minha mão um pouco mais.

– E ainda mais tempo – prometi, vendo-a anuir.

– Até ter recebido mil beijos do meu amado – concordou ela.

Afagando-lhe o rosto com a mão, disse:

– Trataremos disso.

– Sim – sorriu Poppy. – Para toda a infinidade.

* * *

Deram-lhe alta do hospital uma semana depois. A debilidade causada pela infeção só se tornou evidente após alguns dias. Poppy não conseguia andar. Perdera a força nas pernas. Os médicos informaram-nos que, se o cancro estivesse curado, acabaria por, com o tempo, recuperar essa força. Mas dada a situação, não voltaria a andar.

Poppy teria de usar uma cadeira de rodas. Mas, tratando-se de Poppy, não se

deixaria afetar por isso.

– Desde que possa sair e sentir o sol no rosto, ficarei contente – afirmou ela quando o médico lhe deu as más notícias. Olhou-me e acrescentou: – Desde que consiga dar a mão ao Rune, não me importo de não voltar a andar.

E, num só instante, destroçou-me por completo.

Peguei nas novas fotografias, atravessei a relva a correr, a que separava as nossas casas, em direção ao quarto dela. Subi pela janela. Poppy dormia na cama.

Tinha chegado a casa nesse mesmo dia. Sentia-se cansada, mas eu tinha de lhe mostrar aquilo. Era surpresa. A minha prenda pelo seu regresso.

Um dos seus desejos concretizado.

Quando entrei no quarto, os olhos de Poppy pestanejaram até ficarem abertos e um sorriso agraciou-lhe os lábios.

– A cama estava fria sem ti – queixou-se e passou a mão sobre o lado em que eu costumava ficar.

– Fui buscar-te uma coisa – respondi, sentando-me na cama. Debrucei-me e beijei-lhe os lábios. Profundamente, sorrindo ao ver as faces corarem como resultado. Inclinando-se mais, Poppy tirou um coração de papel em branco do frasco e fez uma anotação.

Olhei para o frasco quase cheio, enquanto ela deixava cair o coração no interior.

Tão perto do objetivo!

Virando-se para trás, Poppy remexeu-se até ficar sentada.

– O que trazes na mão? – perguntou ela, com entusiasmo na voz.

– Fotografias – anunciei e vi o rosto dela acender-se de felicidade.

– A minha prenda preferida – declarou e eu percebi que era um comentário sentido. – Os teus momentos mágicos capturados.

Entreguei-lhe o envelope; Poppy abriu-o. Arfou quando os olhos pousaram no tema. Rebuscou as fotos com entusiasmo, virando-se depois para mim com olhar esperançoso.

– As primeiras flores?

Sorri e indiquei que sim. Poppy tapou a boca e os olhos brilharam de felicidade.

– Quando foram estas tiradas?

– Há alguns dias – respondi e vi a mão dela cair e os lábios curvarem-se num sorriso.

– Rune – murmurou e pegou-me na mão, que levou à minha cara. – Isso significa... – pus-me de pé.

Aproximando-me da cabeceira da cama, peguei-lhe ao colo. As mãos de Poppy agarraram-se ao meu pescoço e baixe os lábio ao encontro dos seus. Afastando-me depois, perguntei:

– Estás comigo?

Suspirando de alegria, respondeu:

– Estou contigo.

Depositei-a suavemente na cadeira de rodas, tapei-lhe as pernas com a manta e agarrei nas pegas. Poppy inclinou a cabeça para trás, quando eu me preparava para a empurrar pelo corredor. Olhei para baixo, para ela.

– Obrigada – murmurou.

Beije a boca oferecida.

– Vamos.

Os risinhos contagiantes de Poppy ecoaram pela casa ao empurrá-la pelo corredor. Saímos para a rua. Para descer as escadas, levei-a ao colo. Voltando à segurança da cadeira, empurrei-a pela relva em direção ao cerejal. O ar estava quente, o sol brilhava num céu límpido.

Poppy deitou a cabeça para atrás, banhando-se no calor do sol, faces enchendo-se de vida. Quando abriu os olhos, sabia que tinha sentido o aroma antes de ver o cerejal.

– Rune – disse ela, agarrando-se aos braços da cadeira.

O meu coração batia mais depressa quando nos aproximávamos. Depois, ao dobrarmos a esquina e o cerejal se manifestar diante de nós, sustive a respiração.

Um arfar sonoro soltou-se da boca de Poppy. Tirando a câmara do pescoço, pus-me a seu lado para conseguir obter a perspetiva perfeita do rosto dela. Poppy nem sequer notou que eu não parava de pressionar o botão; estava imersa na beleza diante de si. Demasiado hipnotizada enquanto estendia a mão e tocava delicadamente numa pétala acabada de nascer. Depois deixou cair a cabeça para trás e fechou os olhos, enchendo o cerejal de riso.

Segurei a câmara, pronto a disparar no instante que rezava para acontecer. E aconteceu. Poppy abriu os olhos, completamente envolvida naquele instante do tempo e olhou para mim. Premi o botão – o rosto dela estava cheio de vida, num cenário de tons de rosa e branco.

As mãos de Poppy desceram lentamente e o sorriso suavizou-se quando me viu. Baixei a câmara ao retribuir o olhar, as cerejeiras em flor vibrantes à volta dela – uma auréola simbólica. Então percebi. Poppy, *Poppymin*, era a flor de cerejeira.

A minha flor de cerejeira.

Uma beleza sem rival, limitada de vida. Uma beleza tão extremada de graça que não pode durar. Aparece para enriquecer as nossas vidas e depois esvoaça no vento. Jamais esquecida. Porque nos lembra que temos de viver. Que a vida é frágil e, contudo, nessa fragilidade, há força. Amor. Há propósito. Lembra-nos que a vida é curta, que a nossa respiração tem um limite e o destino determinado, por muito que lutemos.

Faz-nos pensar que não podemos perder um único segundo. Vive intensamente e ama ainda mais. Persegue os sonhos, procura aventuras... capta momentos.

Tem uma vida bela.

Engoli em seco, enquanto estes pensamentos rodopiavam no meu espírito. Depois, Poppy esticou a outra mão.

– Conduz-me pelo cerejal, amor – pediu baixinho. – Quero experimentar isto contigo.

Baixando a câmara para descansar em volta do meu pescoço, coloquei-me atrás da cadeira de rodas e empurrei-a pelo trilho de terra seca. Poppy inspirou fundo, de forma lenta e comedida. Uma rapariga que adorava mergulhar no mundo. Na beleza deste momento. Num desejo concretizado.

Alcançando a nossa árvore, cujas ramagens ostentavam tons de rosa e pastel, tirei uma toalha da traseira da cadeira de rodas e abri-a no chão. Peguei em Poppy ao colo e pousei-a debaixo da árvore, deitando-me também, com a vista do cerejal aberta perante

nós.

Poppy recostou-se ao meu peito. Suspirando, susteve a minha mão pousada sobre o estômago dela, murmurando:

– Conseguimos.

Afastando o cabelo do pescoço, deposei um beijo na pele quente.

– Conseguimos, amor.

Ela fez uma breve pausa.

– Parece um sonho... uma pintura. Quero que o céu seja exatamente como isto.

Em vez de me sentir magoado ou triste com este comentário, esperei que fosse realmente assim, por causa dela. Queria muito que ela tivesse aquele destino, para sempre.

Notei que estava bastante cansada. E que sentia dores. Nunca o dizia, mas não era preciso. Falava comigo sem usar palavras.

E eu sabia. Sabia que ela ficaria até me sentir pronto para a deixar partir.

– Rune? – A voz de Poppy despertou-me. Encostado à árvore, levantei Poppy para se deitar sobre as minhas pernas para que pudesse vê-la. Para gravar na memória todos os segundos deste dia.

– *Ja?* – respondi e passei os dedos pela cara dela. A testa estava vincada da preocupação. Endireitei-me um pouco mais.

Poppy inspirou fundo e disse:

– E se me esquecer?

O meu coração partiu-me em dois quando vi o medo atravessar-lhe o rosto.

Poppy não sentia normalmente medo. Mas, neste caso, sim.

– Esquecer o quê, amor?

– Tudo – murmurou, a voz tremendo ligeiramente. – Tu, a minha família... todos os beijos. Os beijos que quero reviver até voltar a estar contigo.

Esforçando-me para ser forte, garantir-lhe:

– Não esquecerás.

Poppy desviou os olhos.

– Li em tempos que as almas esquecem a vida na Terra quando passam para o outro mundo. Que têm de esquecer ou não seriam capazes de transitar e ficar em paz no céu – o dedo começou a desenhar padrões nos meus dedos. – Mas eu não quero isso – acrescentou quase inaudível. – Quero recordar tudo.

Olhando para mim, disse com lágrimas nos olhos:

– Nunca querei esquecer-te. Quero-te sempre comigo. Quero ver-te viveres a tua vida. A vida excitante que sei que terás. Quero ver as fotografias que irás tirar – engoliu em seco. – Mas, acima de tudo, quero os meus mil beijos. E jamais esquecer o que partilhámos. Quero lembrar-me sempre deles.

– Então hei de encontrar uma forma de tu os veres – disse eu e, com a brisa que nos envolveu, a tristeza de Poppy voou para longe.

– Prometes? – sussurrou ela, sentindo-se a esperança na sua voz.

Assenti.

– Prometo. Não sei como, mas irei fazê-lo. Nada, nem mesmo Deus, me irá deter.

– Enquanto espero no nosso cerejal – disse ela, com um sorriso sonhador e distante.

– *Ja*.

Aninhando-se nos meus braços, Poppy sussurrou:

– Isso será tão bom.

Inclinando a cabeça, disse:

– Mas espera um ano.

– Um ano?

Poppy assentiu afirmativamente.

– Li algures que demora um ano para a alma transitar. Não sei se é verdade, mas, se for, espera um ano para me recordares dos nossos beijos. Não quero perder... o que tu fizeres.

– Está bem – concordei, mas tive de parar de falar. Não confiava em mim para conter as lágrimas.

Os pássaros voaram de árvore em árvore, perdendo-se no meio das cerejeiras.

Unindo as nossas mãos com força, Poppy disse:

– Foste tu quem me deu isto, Rune. Este desejo.

Não consegui responder. A minha respiração soluçou perante este comentário. Apertei-a nos braços com mais força, depois encaixei o dedo debaixo do queixo dela e puxei-a para a minha boca. A doçura mantinha-se ali nos lábios macios. Quando retrocedi, ela manteve os olhos fechados e disse:

– Beijo novecentos e trinta e quatro. No cerejal com as cerejeiras em flor. Com o meu Rune... o meu coração quase explodiu.

Sorri. Nesse instante, senti uma pontada de felicidade pela minha miúda. Estávamos quase lá. O fim da aventura dela aproximava-se.

– Rune? – chamou Poppy.

– Mm? – retorqui.

– Paraste de fumar.

Exalando, respondi:

– *Ja*.

– Porquê?

Tentando compor a resposta, admiti:

– Uma pessoa que eu amo ensinou-me que a vida é preciosa. Ensinou-me que não devia fazer nada que estragasse a aventura. E eu escutei.

– Rune – murmurou Poppy, a garganta embargada. – É valiosa – sussurrou. – Muito preciosa. Não desperdices um único segundo.

Poppy deitou-se contra mim, olhando para a beleza do cerejal. Inspirando fundo, confidenciou baixinho:

– Acho que não verei o baile, Rune – o meu corpo ficou rígido. – Sinto-me cansada – tentou sustentar-me com força e repetiu. – Mesmo cansada.

Cerrei as pálpebras e apertei-a contra mim.

– Ainda pode acontecer um milagre, meu amor – respondi.

– Sim – disse Poppy sem fôlego –, pois pode. – Levou a minha mão à sua boca e beijou os meus dedos um por um. – Adorava ter-te visto de *smoking*. E dançar contigo, debaixo das luzes, enquanto tocava uma canção que falasse de ti e de mim.

Sentindo-a começar a cansar-se nos meus braços, afastei a mágoa que esta imagem despertava e disse:

– Vamos para casa, amor.

Ao levantar-me, Poppy pegou-me na mão. Olhei para baixo.

– Vais ficar a meu lado, não vais?

Agachando-me, peguei-lhe no rosto com as duas mãos.

– Para sempre.

– Ainda bem – sussurrou ela. – Ainda não estou preparada para te deixar partir.

Enquanto a levava para casa, pedi a Deus, sem palavras, que me concedesse mais duas semanas com ela. Depois podia chamá-la para junto de Si; ela estaria preparada, e eu também. Para que lhe pudesse realizar os seus sonhos.

Deixa-me cumprir o seu último desejo.

Tinha de o fazer.

Era o meu agradecimento final por todo o amor que me tinha dado.

A única dádiva que eu podia dar.



Corações de Luar e Sorrisos de Raios de Sol

Poppy

Duas semanas mais tarde

A minha mãe pintava-me as pestanas com rímel. Estávamos as duas na sua casa de banho. Observei-a como se fosse pela primeira vez. Ela sorria. Tentei vê-la com atenção e gravar todos os pequenos pormenores na minha memória.

A verdade é que me apagava aos poucos. Sentia-o. E, no fundo, todos nós sentíamos. Quando acordava, pela manhã, com Rune enroscado ao meu lado, estava um pouco mais cansada, um pouco mais fraca.

Mas espiritualmente continuava forte. O apelo de casa era cada vez mais intenso.

Era percorrida continuamente pela paz desse apelo.

E sentia-me preparada.

Tendo observado a minha família no decurso dos últimos dias, percebi que ficariam bem. As minhas irmãs eram fortes e felizes e os meus pais amavam-nas intensamente, e tudo acabaria bem.

E Rune. O meu Rune, aquele que mais me custaria abandonar... tinha crescido. Ele não se apercebera ainda, mas já não era o rapaz melancólico e zangado que regressara da Noruega.

Vibrava de energia.

Sorria.

Retomara a fotografia.

Mas o melhor de tudo é que me amava abertamente. Voltara um rapaz escondido por um muro de escuridão. Mas isso acabara; o coração abrira-se. E, portanto, deixara entrar luz na sua alma.

Ficaria bem.

A minha mãe dirigiu-se ao guarda-roupa. Reentrando na casa de banho, trazia um lindo vestido branco. Acariciei o tecido.

– É lindo – disse e sorri-lhe.

– Vais experimentá-lo, sim?

Pestanejei, confusa.

– Porquê, mãe? O que se passa?

Ela fez um gesto para me calar.

– Chega de perguntas – ajudou-me a vestir e fez-me calçar sapatos brancos.

O som da porta do quarto que se abria fez-me olhar em volta. Encontrei então a minha tia DeeDee à entrada, com a mão pousada no peito.

– Poppy – disse ela com lágrimas nos olhos. – Estás linda.

DeeDee lançou um relance à minha mãe e estendeu a mão. Ela agarrou-a e ali ficaram, as duas irmãs, a observar-me. Sorrindo perante aquelas expressões, perguntei:

– Posso ver?

A minha mãe virou a minha cadeira para o espelho e parei ao ver o meu próprio reflexo. O vestido era adorável, mais do que eu imaginara. E o meu penteado... o cabelo estava puxado de lado num rodopio, com o meu laço branco predileto preso com um gancho ao alto.

Como sempre, exibia os meus brincos com o sinal do infinito, cheio de orgulho.

Passei as mãos pelo vestido.

– Não compreendo... é como se estivesse vestida para o baile de finalistas...

Os meus olhos viajaram para os da minha mãe e de DeeDee no reflexo. O meu coração descontrolou-se.

– Mãe? – perguntei. – Vou ao baile? Mas faltam ainda duas semanas! Como...

A minha pergunta foi interrompida pela campainha da porta. A minha mãe e DeeDee entreolharam-se e a minha mãe ordenou:

– DeeDee, abre tu a porta.

A minha tia ia mexer-se, mas a minha mãe estendeu o braço e, assentando a mão no braço da irmã, travou-a.

– Não, espera, leva tu a cadeira, tenho de transportar a Poppy pelas escadas.

A minha mãe levantou-me para cima da sua cama. DeeDee abandonou o quarto e ouvi a voz do meu pai no piso de baixo, misturada com as restantes. A minha cabeça era um novelo de pensamentos, mas não me atrevia a ter esperança. E, contudo, ansiava tanto que esta esperança se confirmasse.

– Estás pronta, minha querida? – perguntou a minha mãe.

– Sim – respondi, esbaforida.

Agarrei-me à minha mãe ao descermos as escadas a caminho da porta de entrada. Ao dobrarmos a esquina, o meu pai e as minhas irmãs, reunidos no átrio da entrada, viraram-se para mim.

Então, embora me sentisse fraca, a minha mãe conduziu-me à porta. Encostado à entrada encontrava-se Rune. Trazia um buquê de flores de cerejeira na mão... e vestia um *smoking*.

O meu coração encheu-se de luz.

Ele realizava o meu desejo.

Mal os nossos olhares se cruzaram, Rune endireitou-se. Vi-o engolir em seco quando a minha mãe me colocou na cadeira. Afastou-se então e Rune agachou-se, sem se importar com os presentes, e sussurrou:

– *Poppymin* – a minha respiração interrompeu-se e ele acrescentou: – Estás linda.

Estendendo a mão, acariciei as pontas do cabelo loiro.

– Penteaste-o para trás para que eu possa ver o teu lindo rosto. E trazes um *smoking*.

Um sorriso de esguelha retorceu-lhe a boca.

– Bem te disse que o faria – respondeu.

Rune pegou na minha mão e com a maior delicadeza prendeu o buquê no meu pulso. Afaguei as flores. Não pude deixar de sorrir.

Olhando para os olhos azuis de Rune, perguntei:

– Isto é a sério?

Inclinando-se para diante, ele beijou-me e sussurrou:

– Vais participar no baile de finalistas.

Uma lágrima soltou-se do olho, ofuscando-me a vista. Vi a expressão de Rune descair, mas ri-me e disse-lhe:

– São lágrimas boas, amor. Estou imensamente feliz.

Rune engoliu em seco e estendi a mão para lhe tocar na cara:

– Fazes-me tão feliz.

Esperava que ele percebesse o sentido profundo das palavras. Porque não me referia apenas àquele. Ele tornara-me a rapariga mais feliz do planeta. E tinha-o de o saber.

Terá compreendido a grandeza deste facto.

Rune levantou-me a mão e beijou-a.

– Também me fizeste muito feliz – e assim percebi que ele tinha compreendido.

O som da voz do meu pai desfez o nosso entreolhar.

– Pronto, miúdos, ponham-se a andar – notei o tom resmungão na voz dele. Queria ver-nos partir por não conseguir suportar tanta emoção.

Rune levantou-se e posicionou-se atrás da minha cadeira.

– Pronta, amor?

– Sim – respondi, confiante.

Toda a fraqueza que sentira desapareceu naquele instante. Porque sabia que Rune conseguira realizar o meu desejo.

Não iria perder um único segundo.

Rune empurrou-me até ao carro da minha mãe. Ergueu-me da cadeira de rodas e colocou-me no assento da frente. Exibi um sorriso gigante. De facto, não parei de sorrir durante toda a viagem.

Quando estacionámos na escola, jorrava música do interior e preenchia a noite. Fechei os olhos, saboreando todas as imagens: a fila de limusinas, uma após outra, os estudantes vestidos com elegância, a entrar todos no ginásio.

Com muito cuidado, como sempre, Rune levantou-me do carro e pousou-me na cadeira, depois colocou-se diante de mim para me beijar. Foi um beijo sério. Como se soubesse que havia um limite para os beijos que me podia ainda dar.

Saber isso tornava cada carícia e sabor ainda mais especial. Beijáramo-nos quase mil vezes, mas estes derradeiros eram os mais especiais. Quando se tem a noção de que alguma coisa vai acabar, torna-se mais significativa.

Rune recuou e eu pousei as mãos no seu rosto, dizendo:

– Beijo novecentos e noventa e quatro. No meu baile de finalistas. Com o meu Rune... o meu coração quase explodiu.

Rune inspirou profundamente e imprimiu um último beijo na minha face. Começou a empurrar-me para o ginásio. Os professores que supervisionavam o baile viram-nos chegar. As suas reações aqueceram-me o coração. Sorriram, abraçaram-me – fizeram-me sentir amada.

A música tocava no interior do salão. Estava ansiosa para ver o aspeto da sala. Rune estendeu a mão para o puxador e, ao abrir a porta, o ginásio da escola revelou-se por completo... uma visão adornada de brancos e rosas em tom pastel. Decorado na perfeição, em sintonia temática com a minha flor preferida.

A minha mão tapou a boca. Baixando-a, sussurrei:

– O tema é a flor da cerejeira.

Olhei para Rune. Ele encolheu os ombros.

– O que mais havia de ser?

– Rune – sussurrei, enquanto ele me empurrava para o salão. Os jovens que dançavam pararam quando me viram entrar. Durante um minuto senti-me constrangida perante aqueles olhares.

Esta era a primeira vez que eles me viam desde... Mas o desconforto foi rapidamente esquecido quando começaram a aproximar-se, cumprimentando-me e desejando-me tudo de bom. Depois de algum tempo, notando que me sentia assoberbada, Rune empurrou-me até à mesa junto à pista de dança.

Sorri ao ver os nossos amigos ali sentados. Jorie e Ruby foram as primeiras. Levantaram-se num salto e correram para nós. Rune recuou e elas abraçaram-me.

– Meu Deus, Pops. Estás tão bonita – gritou Jorie. Ri-me e aponte para o vestido azul.

– Também tu, minha querida – Jorie retribuiu o sorriso. Judson apareceu atrás dela, pegando-lhe na mão. Vê-los de mãos unidas fez-me sorrir novamente.

Jorie cruzou o olhar com o meu e encolheu os ombros.

– Acabaria por acontecer um dia – fiquei contente por ela. Tinha sido uma amiga espantosa.

Judson e Deacon abraçaram-me a seguir, depois Ruby. Quando todos os nossos amigos tinham acabado de me cumprimentar, Rune abriu caminho e ocupou o seu lugar à mesa. Obviamente que ficava ao meu lado. Deu-me imediatamente a mão.

Notei que me estudava, os olhos nunca abandonando o meu rosto. Voltando-me para ele, perguntei.

– Estás bem, amor?

Rune assentiu, debruçando-se para dizer:

– Não me lembro de estares assim tão bonita. Não consigo parar de olhar para ti.

A minha cabeça inclinou-se, sentindo-me mergulhar naquele olhar.

– Ficas bem de *smoking* – anunciei.

– Não está mal – Rune levou a mão ao laço e remexeu nele. – Estava a ver que não conseguia pôr isto.

– Mas conseguiste – graciejei.

Rune afastou o olhar, mas acabou por retornar.

– O meu pai ajudou-me.

– O teu pai? – perguntei baixinho.

Rune assentiu rapidamente.

– E tu deixaste? – insisti, notando a inclinação teimosa do queixo. O meu coração acelerou, antecipando a resposta. Rune não sabia que o meu desejo secreto era que ele resolvesse a má relação que tinha com o pai.

Iria precisar dele em breve.

E o pai dele adorava-o.

Era o derradeiro obstáculo que eu queria que Rune ultrapassasse.

Rune suspirou.

– Deixei.

Não consegui evitar o sorriso nos lábios. Esticando-me, pousei a cabeça no seu ombro. Olhando para cima, disse:

– Estou orgulhosa de ti, Rune.

Retesou o maxilar, mas não deu resposta.

Erguendo a cabeça, perscrutei o espaço, vendo os nossos colegas dançarem e divertirem-se. E eu adorava. Observei todos aqueles com quem tinha crescido, intrigada como seriam no futuro, quando crescessem.

Com quem casariam, se teriam filhos.

Depois os meus olhos pousaram num rosto conhecido, que me observava do outro lado do salão. Avery encontrava-se acompanhada de outro grupo de amigos. Quando cruzei o olhar com o dela, levantei a mão e fiz um pequeno aceno. Avery sorriu e acenou em resposta.

Olhando também para a mesa, Rune fitava fixamente Avery. Quando a mão pousou no braço dele, ele suspirou e abanou a cabeça na minha direção.

– Só tu – disse ele. – Só tu.

Observei, felicíssima, os nossos amigos dançarem a noite toda. Guardava esta noite na memória. Observá-los a todos com ar tão satisfeito.

O braço de Rune envolveu o meu ombro.

– Como conseguiste isto? – perguntei.

Rune apontou para Jorie e Ruby.

– Foram eles, *Poppymín*. Queriam dar-te este presente. Foram eles que organizaram. Anteciparam a data. O tema, tudo.

Olhei-o, desconfiada.

– Porque é que desconfio que não foram eles sozinhos?

As faces de Rune ficaram coradas enquanto encolhia os ombros distraidamente. Eu sabia que ele se envolvera mais do que dava a entender.

Acercando-me um pouco, tomei-lhe o rosto nas mãos e disse:

– Amo-te, Rune Kristiansen. Amo-te tanto, tanto.

Os olhos de Rune fecharam-se durante um instante demorado. Respirou profundamente pelo nariz e, abrindo os olhos, declarou:

– Também te amo, Poppy. Mais do que acho que tu saibas.

Lançando os olhos em redor do ginásio, sorri:

– Eu sei, Rune... *eu sei*.

Rune cingiu-me com força. Convidou-me para dançar, mas eu não quis entrar com a cadeira no espaço apinhado de gente. Preferia vê-los dançar. Então, descobri Jorie aproximar-se do DJ.

Olhou para mim. Não fui capaz de descortinar o olhar que me lançou mas então

ouvi os acordes de abertura de «If I Could Fly» dos One Direction.

Fiquei rígida. Tinha revelado a Jorie em tempos que esta música me trazia memórias do Rune. Levou-me de volta aos tempos em que Rune estava longe de mim na Noruega. E, acima de tudo, fazia-me pensar em Rune e como ele estava comigo em privado. Um querido. Só para mim. *Só para os meus olhos*. Ao mundo mostrava que era rebelde, mas a mim apenas que estava apaixonado.

Era amado.

Plenamente.

Com ar sonhador, tinha-lhe contado que, se nos casássemos um dia, esta seria a nossa canção. A nossa primeira dança. Rune levantou-se lentamente; era como se Jorie tivesse contado a Rune.

Rune baixou-se e abanei a cabeça, não querendo levar a cadeira para a pista de dança. Mas, para surpresa minha, com um movimento que arrebatou o meu coração por completo, Rune pegou-me ao colo e levou-me para a pista.

– Rune – protestei debilmente, envolvendo-lhe o pescoço com os meus braços. Ele abanou a cabeça, não dizendo nada e começou a dançar comigo nos braços.

Recusando-me a olhar para qualquer outro lado, fixei os olhos dele, sabendo que ele podia escutar a letra, percebendo nitidamente na sua expressão que conhecia o motivo pelo qual a canção se nos destinava.

Apertou-me com força, embalado docemente pela música. E, como sempre acontecia connosco, o resto do mundo desapareceu e restámos apenas nós os dois.

Dançando entre as flores, totalmente apaixonados.

Duas metades de um só.

Quando a música atingiu o ponto mais forte, e lentamente terminou, inclinei-me para diante e perguntei:

– Rune?

– *Ja?* – disse ele.

– Tiras-me daqui?

As sobrancelhas loiro-escuras vincaram-se, mas concordou. A música terminava e ele puxou-me contra si para me dar um beijo. Os lábios tremeram ligeiramente ao encontro dos meus. Sentindo-me também assolada pela emoção, permiti-me soltar uma lágrima solitária antes de inspirar profundamente e enxotá-la.

Rune recuou e eu murmurei:

– Beijo novecentos e noventa e cinco. Com o meu Rune. No baile de finalistas, enquanto dançávamos. O meu coração quase explodiu. – A testa de Rune encostou-se à minha.

Rune levou-nos para a saída. Olhei para o meio da pista. Jorie ficara parada a observar-me com lágrimas nos olhos. Chamando a atenção dela, pousei a mão no coração e disse com a boca:

– *Obrigada... adoro-te... vou ter saudades tuas.*

Os olhos de Jorie fecharam-se. Quando se voltaram a abrir, ela disse da mesma forma:

– *Adoro-te e também sentirei saudades tuas.*

Levantou a mão numa breve despedida e Rune entreolhou-me.

– Pronta?

Assenti. Ele sentou-me então na cadeira e levou-me para fora do salão. Quando me colocou no assento do carro e entrou também observou-me.

– Onde vamos, *Poppymín*?

Suspirando de completa felicidade, revelei:

– À praia. Ver o nascer do Sol na praia.

– À nossa praia? – interrogou Rune ao ligar o motor. – É longe e já é tarde.

– Não me interessa – respondi. – Temos de chegar antes do Sol – recostei-me, tomando a mão de Rune na minha e começámos a nossa derradeira aventura até à costa.

* * *

Quando alcançámos a praia, a noite estava quase no fim e o Sol apareceria dali a duas horas. Fiquei contente.

Queria ter este tempo com Rune.

Ao entrarmos no estacionamento, Rune olhou-me:

– Queres sentar-te na areia?

– Sim – disse, apressada, observando as estrelas brilhantes no céu.

Ele fez uma pausa.

– Poderá ficar frio para ti.

– Tenho-te a ti – respondi e vi a expressão dele suavizar-se.

– Não te mexas – Rune saiu do carro e ouvi-o tirar objetos do porta-bagagens. A praia estava escura, iluminada apenas pela Lua brilhante nas alturas. Banhado pelo luar, vi Rune estender uma toalha na areia e depositar outras toalhas tiradas do porta-bagagens ao lado dele.

Voltando para o carro, Rune desfez o nó do laço, depois abriu vários botões da camisa. Observando-o, perguntei a mim mesma como é que tinha tanta sorte. Era amada por este rapaz, amada com tanta intensidade que outros amores empalideciam por comparação.

Embora a minha vida tivesse sido curta, amara longamente. E, no fim, nada mais era requerido.

Rune abriu a porta do carro e, inclinando-se, tomou-me nos seus braços fortes. Soltei risinhos ao sentir-me levada ao colo.

– Sou pesada? – perguntei enquanto ele fechava a porta do carro.

Rune encontrou o meu olhar.

– Nem por sombras, *Poppymín*. Eu posso contigo.

Sorrindo, dei-lhe um beijo na cara e deitei a cabeça no seu peito, enquanto ele nos conduzia para as toalhas. O marulhar das ondas encheu o ar noturno e uma brisa suave e quente agitou-me o cabelo.

Quando chegámos à toalha, Rune ajoelhou-se e pousou-me suavemente. Fechei os olhos e inalei o ar salgado, que encheu os meus pulmões. A sensação da lã a tapar os meus ombros fez-me abrir os olhos; Rune envolvia-me no calor das toalhas. Inclinei a cabeça para trás, vendo-o nas minhas costas. Notando o meu sorriso, deu-me um beijo na ponta do nariz.

Soltei risinhos, subitamente encontrando-me no abraço apertado e protetor de

Rune.

As pernas de Rune esticaram-se para me envolver. A minha cabeça descaiu contra o peito dele. Relaxei.

Rune distribuiu beijos pela minha cara.

– Sentes-te bem, *Poppymin*? – perguntou.

Anuí.

– Perfeitamente – respondi.

A mão de Rune afastou-me o cabelo da cara.

– Sentes-te cansada?

Tentei abanar a cabeça, mas, querendo ser sincera, respondi:

– Sim. Sinto-me cansada, Rune.

Senti, e também escutei, o suspiro profundo.

– Conseguiste, amor – afirmou, orgulhoso. – As cerejeiras em flor, o baile de finalistas...

– Só nos faltam os beijos – concluí por ele. Senti-o anuir contra mim. – Rune? – disse eu, precisando que me escutasse.

– *Ja*?

Fechei os olhos e levei a mão aos lábios.

– Lembra-te, o milésimo beijo fica reservado para quando eu for para casa – Rune ficou tenso contra mim.

Apertando-lhe o braço, perguntei:

– Não te importas?

– Tudo o que quiseses – respondeu Rune. Mas a voz embargada indicou-me que ficara abalado pelo pedido.

– Não consigo imaginar uma partida mais pacífica e bela do que os teus lábios contra os meus. O fim da nossa aventura. A aventura que vivemos há nove anos.

Fitando-o novamente, mantive o olhar intenso e sorri.

– E quero que saibas que nunca me arrependi, Rune. Tudo a teu respeito comigo foi perfeito – agarrando-lhe a mão, disse: – Quero que saibas o quanto te amei.

Virei o ombro para encarar Rune diretamente nos olhos.

– Promete-te que continuarás a ter aventuras pelo mundo inteiro. Conhecer outros países e saborear a vida.

Rune anuiu. Aguardei, aguardei até ouvir a sua voz.

– Prometo – respondeu.

Assentindo, soltei a respiração há muito presa e descansei a cabeça contra o peito dele.

Passaram-se vários minutos em silêncio. Observei as estrelas que cintilavam no céu. Apreciava este momento.

– *Poppymin*?

– Sim, amor? – respondi.

– Tens sido feliz? Tens... – pigarreou. – Tens adorado a tua vida?

Respondendo com uma sinceridade total, disse:

– Adorei a minha vida. Tudo. Tal como te adoro. É um lugar-comum, eu sei, mas bastou-me. Sempre foste o melhor dos meus dias. A razão dos meus sorrisos.

Cerrei os olhos e revivi o nosso passado em espírito. Lembrei-me das vezes em

que o abraçava e ele me abraçava em resposta ainda com mais força. Lembrei-me de como o beijei e ele me beijou ainda mais intensamente. E, acima de tudo, lembrei-me de que o amava e ele sempre tentou amar-me ainda mais.

– Sim, Rune – disse com completa certeza. – Adorei a minha vida.

Rune soltou um suspiro, como se a minha resposta tivesse libertado um fardo do seu coração.

– Também eu – afirmou Rune.

As minhas sobrancelhas curvaram-se para baixo. Olhando para ele, disse:

– Rune, a tua vida não acabou.

– Poppy, eu...

Interrompi o que Rune estava prestes a dizer com um gesto.

– Não, Rune. Ouve – enchi os pulmões de ar. – Podes pensar que perdeste metade do teu coração quando eu partir, mas isso não te autoriza a viveres a vida pela metade. E essa metade do teu coração continuará contigo. Porque jamais largarei a tua mão. Faço parte da pessoa que tu és... tal como sempre estarás ligada à minha alma. Vais amar e rir e explorar... por nós os dois.

Peguei-lhe na mão, implorando que me escutasse. Ele afastou o olhar, depois virou-se para me perscrutar os olhos, como eu queria.

– Diz sempre que sim, Rune. Diz sempre que sim às novas aventuras.

O lábio de Rune curvou-se ao canto, enquanto eu o fitava com um olhar duro. Ele passou o dedo pelo meu rosto.

– Está bem, *Poppymin*. Assim farei.

Sorri ante o seu divertimento, mas depois disse, cheia de seriedade:

– Tens tanto para oferecer ao mundo, Rune. És o rapaz que me ofereceu beijos, que tornou verdadeiros os meus últimos desejos. Esse rapaz não vai desaparecer por ter sofrido uma perda. Pelo contrário, há de erguer-se tal como o Sol se ergue todos os dias – suspirei. – Aguenta a tempestade, Rune. Depois lembra-te de uma coisa.

– O quê? – perguntou.

Perdendo a minha frustração, sorri e disse:

– Corações de luar e sorrisos de raios de sol.

Tentando calar as gargalhadas, mas sem ser capaz, Rune começou a rir desalmadamente... e foi lindo vê-lo. Fechei os olhos, sentindo a voz de barítono preencher-me.

– Eu sei, *Poppymin*, eu sei.

– Ainda bem – retorqui triunfante, e recostei-me contra ele. O meu coração apertou-se ao ver a madrugada surgir no horizonte. Levando a mão abaixo, peguei silenciosamente na mão de Rune e tomei-a na minha.

Este nascer do Sol não precisava de narração. Dissera a Rune tudo o que precisava. Amava-o. Queria que vivesse. E sabia que o voltaria a ver.

Estava em paz comigo mesma.

E preparada para partir.

Talvez pressentindo o sentimento conclusivo da minha alma, Rune apertou-me com toda a força contra si, enquanto a crista do Sol se erguia sobre as águas azuis, expulsando as estrelas.

Senti as pálpebras fecharem-se, ali feliz nos braços de Rune.

– *Poppymin?*

– Mm?

– Também fui para ti aquilo de que precisavas? – O tom áspero na voz de Rune partiu-me o coração, mas assenti levemente.

– Mais do que tudo – confirmei e, com um sorriso, acrescentei só para ele. – Nem podias ser mais especial.

Rune inspirou fundo ao ouvir a resposta.

Enquanto o Sol ia subindo aos poucos para ocupar o seu trono protetor dos céus, disse:

– Rune, estou pronta para voltar para casa. – Rune apertou-me uma última vez, depois afastou-se para se levantar. Levei a minha mão fraca ao pulso dele e segurei-lho. Rune observou-se, tentando conter as lágrimas. – Isto é... estou pronta para ir para casa.

Os olhos de Rune fecharam-se por um instante. Agachou-se e tomou a minha cara nas suas mãos. Quando abriu os olhos, assentiu.

– Eu sei, amor. Percebi no instante em quem tomaste a decisão.

Sorri. Olhei pela derradeira vez a vista panorâmica.

Chegara a hora.

Rune levantou-me nos braços. Fiquei a contemplar aquele rosto lindo enquanto caminhávamos pela areia. Ele não deixou de olhar para mim.

Virando-me mais uma vez para observar o Sol, os meus olhos desceram para a areia dourada. E depois o meu coração encheu-se com uma luz impossível quando sussurrei:

– Olha, Rune. Olha para as pegadas que deixaste na areia.

O olhar de Rune largou o meu para contemplar a praia. Susteve a respiração e os olhos regressaram ao meu encontro. Com os lábios a tremer, sussurrei:

– Pegaste em mim. Nos meus tempos mais difíceis, quando não conseguia andar... foste tu o meu suporte.

– Sempre – conseguiu Rune responder com a voz rouca. – Eternamente e para sempre.

Respirando fundo, encostei a cabeça ao peito dele e exalei:

– Leva-me para casa, amor.

Não desviei os olhos um único segundo dele, enquanto me conduzia de volta a casa, perseguindo o dia.

Queria recordá-lo assim.

Para sempre.

Até que ele voltasse de vez aos meus braços.



Sonhos Prometidos e Instantes Captados

Rune

Dois dias haviam passado.

Dois dias deitado ao lado de Poppy na cama, gravando na memória todos os traços. Abraçá-la, beijá-la – atingindo o beijo novecentos e noventa e nove.

Quando voltámos da praia, a cama de Poppy foi deslocada para ficar ao lado da janela, tal como no hospital. Ela ficava mais fraca com o passar do tempo, mas, tratando-se de Poppy, também se enchia de felicidade com o passar do tempo. O sorriso indicava-nos que estava bem.

Tinha tanto orgulho nela.

Mantinha-me ao fundo do quarto quando os familiares apareceram para se despedirem dela. Ouvi as irmãs e DeeDee garantirem-lhe que se voltariam a ver. Tentei ficar impassível enquanto os pais sustinham as lágrimas pela filha.

Quando a mãe dela se fastou, vi Poppy com a mão estendida. Procurava-me. Inspirando profundamente, obriguei os meus pés pesados como chumbo a aproximarem-se da cama dela.

Ela continuava bonita a ponto de me cortar a respiração.

– *Hei, Poppymin* – disse eu, sentando-me na berma da cama.

– Olá, meu amor – respondeu ela, a voz pouco mais do que um sussurro. Levei a mão até à sua e deposei um beijo na boca dela.

Poppy sorriu e o meu coração derreteu-se. Um sopro de vento passou pela janela, assobiando ao encontro do vidro. Poppy inspirou com força. Virei-me para perceber o que ela presenciava.

Um conjunto de pétalas de flores de cerejeira bailavam no ar.

– Vão-se embora... – disse ela.

Fechei os olhos por instantes. Era adequado que Poppy partisse no mesmo dia em que as cerejeiras perdiam as flores.

Acompanhavam a alma dela de regresso a casa.

A respiração de Poppy tornou-se cava e eu inclinei-me, sabendo o que significava.

Encostei a testa à dela, pela última vez. Poppy levou a mão macia ao meu cabelo.

– Amo-te – murmurou.

– Também te amo, *Poppymin*.

Ao afastar-me, Poppy encarou-me nos olhos, dizendo:

– Encontramo-nos nos teus sonhos.

Tentando conter a emoção, disse com voz embargada:

– Encontramo-nos nos meus sonhos.

Poppy suspirou, um sorriso pacífico agraciando o seu rosto. Depois fechou os olhos, inclinou o queixo para cima, para um derradeiro beijo, a mão a apertar a minha.

Descendo ao encontro da sua boca, dei-lhe o mais delicado e importante beijo nos lábios macios. Poppy respirou pelo nariz, o aroma doce envolvendo-me... e deixou de respirar.

Recuando com relutância, abri os olhos, testemunha agora do sono eterno de Poppy. Estava tão bela agora como quando vivia.

Mas não era capaz de me separar dela e dei-lhe novo beijo na face.

– Mil e um – sussurrei em voz alta. Dei-lhe outro e mais um. – Mil e dois, mil e três, mil e quatro – sentindo uma mão no braço, olhei para cima. O Senhor Litchfield abanava com tristeza a cabeça.

Envolveu-me tamanha avalanche de emoções que não soube reagir. A mão agora imóvel de Poppy estava fixa na minha e eu não queria largá-la.

Mas, quando olhei para baixo, sabia que ela regressara a casa.

– *Poppymin* – sussurrei, e espreguei pela janela para as pétalas caídas que passavam velozes. Ao virar-me para trás, vi o frasco de beijos na estante e um coração de papel em branco mais uma caneta junto a este. Levantei-me, peguei nestes objetos e corri para o alpendre. Mal o ar me golpeou a cara, caí de costas contra a parede, tentando afastar as lágrimas do rosto.

Escorregando até ao chão, estiquei o coração no joelho e escrevi.

Beijo 1000

Com Poppymin.

Quando ela voltou para casa.

O meu coração explodiu por inteiro.

Abrindo o frasco, depositei nele o coração agora preenchido e fechei a tampa.

Depois...

Fiquei sem saber o que fazer. Olhei em volta à procura de uma pista mas nada havia. Pousei o frasco a meu lado e envolvi as pernas com os braços, baloiçando-me para trás e para a frente.

A madeira do degrau rangeu. Olhei para cima e vi o meu pai. Entreolhámo-nos. Ele não precisou de palavras para entender que Poppy partira. Os olhos dele imediatamente se encheram de lágrimas.

Não consegui mais conter as minhas, pelo que as deixei sair, em plena pujança. Senti braços à minha volta. Fiquei tenso, depois percebi que o meu pai me abraçava.

Desta vez, precisava.

Precisava dele.

Abandonando os últimos vestígios de raiva que ainda guardava dentro de mim, caí nos braços do meu pai e abri as comportas das minhas emoções escondidas. E o meu pai aceitou. Ficou ao meu lado no alpendre enquanto o dia se tornava noite. Abraçou-me sem dizer uma única palavra.

Foi o quarto e último instante que marcou a minha vida – perder a minha miúda.

E, sabendo disso, o meu pai limitou-se a abraçar-me.

Estava certo que, se escutasse com atenção o vento que soprava, teria ouvido os lábios de Poppy formarem um sorriso aberto enquanto dançava de volta a casa.

* * *

Poppy foi enterrada uma semana depois. Uma cerimónia tão bonita quanto merecia. Aconteceu numa igreja pequenina, a despedida perfeita para a rapariga que amava a família e os amigos com todo o coração.

Depois da cerimónia, decidi que não iria à vigília na casa dos pais de Poppy e refugiei-me no meu quarto. Nem dois minutos se haviam passado quando ouvi bater à porta e os meus pais entraram.

O meu pai trazia uma caixa na mão. Franzi a testa quando a colocou na minha cama.

– O que é isto? – perguntei, confuso.

O meu pai sentou-se a meu lado e pousou a mão no meu ombro.

– Ela pediu-nos que te déssemos isto depois do funeral, filho. Preparou-a muito antes de morrer.

O coração troou-me no peito. O meu pai deu uma palmada na caixa fechada.

– Aqui dentro encontra-se uma carta que ela queria que lesSES antes de mais. Depois há outras caixinhas. Estão numeradas e deves abri-las por ordem.

O meu pai levantou-se. Ao sair, agarrei-lhe a mão.

– Obrigado – disse, com a voz embargada. O meu pai inclinou-se e deu-me um beijo na cabeça.

– Adoro-te, filho – disse baixinho.

– Também te adoro – respondi, e falava a sério. O ambiente entre nós estava mais fácil. Se a vida curta de Poppy me ensinara uma lição, fora perdoar. Havia que amar e viver. Culpara o meu pai por causa de muito e durante demasiado tempo. No final, a minha raiva só causara mágoa.

Corações de luar e sorrisos de raios de sol.

A minha mãe deu-me um beijo na cara.

– Estaremos ali fora se precisares de nós, está bem? – preocupava-se comigo. Mas também havia uma parte dela que alcançara a paz. Sabia que se devia à ponte que agora existia entre eu e o meu pai. Sabia que se devia ao fim da minha raiva.

Assenti e esperei que saíssem. Precisei de quinze minutos antes de ter coragem para abrir a caixa. De imediato vi a carta no cimo.

Demorei outros dez minutos a quebrar o selo:

Começo por dizer que te amo muito. Sei que tu o sabes; não creio que alguém neste mundo pudesse dizer que não éramos perfeitos um para o outro.

Contudo, se estás a ler esta carta, significa que estou em casa. Quero que saibas que não tenho medo, mesmo enquanto escrevo isto.

Esta última semana deve ter sido má para ti. Imagino que tenha sido difícil respirar, levantes-te da cama todos os dias – eu sei, pois assim me sentiria num mundo do qual estivesse ausente. Mas, embora compreenda, fico desgostosa pelo que te causará a minha falta.

O mais difícil de tudo isto tem sido assistir ao desgosto que sufoca as pessoas que adoro. E o pior de tudo foi ver toda essa raiva dominar-te. Por favor, não permitas que volte a acontecer tal coisa.

Mantém-te o homem que agora és, nem que seja por minha causa. O melhor homem que conheço.

Verás o que te ofereci na caixa.

Pedi ao teu pai há muitas semanas que me ajudasse. Nem sequer hesitou. Porque te adora.

Espero que agora já tenhas percebido isso.

Na caixa encontrarás outro envelope grande. Abre-o agora, por favor, para que te possa explicar.

O meu coração disparou ao pousar a carta de Poppy na cama. Com mãos trémulas, retirei o envelope grande da caixa. Querendo descobrir o que ela havia preparado, abri o selo rapidamente. Retirei a carta do interior. As sobranceiras vincaram-se, perplexas, depois notei que era um papel timbrado e o meu coração parou por completo:

Universidade de Nova Iorque, Escola Tisch de Arte

Os meus olhos percorreram a página, e eu li:

Senhor Kristiansen, em nome do comité de inscrições, tenho a honra e privilégio de informá-lo de que foi aceite no nosso programa de Fotografia e Imagem...

Li a carta na íntegra. Li-a duas vezes.

Sem compreender o que era aquilo, procurei a carta de Poppy e continuei.

Parabéns!

Sei que deves estar bastante confuso agora. Essas sobranceiras loiras e escuras que tanto adoro estarão viradas para baixo e a careta que fazes tão bem estará desenhada no teu rosto.

Mas não faz mal.

Prevejo que fiques chocado. Prevejo que resistas ao princípio. Mas, Rune. Não vais resistir. Esta escola foi o teu sonho desde criança e só porque não estou ao teu lado para realizar o meu sonho, não quer dizer que sacrifiques o teu.

Por te conhecer tão bem, também sei que nas minhas derradeiras semanas, terás abandonado tudo para ficares ao meu lado. Por causa disso amo-te mais do que possas compreender. A forma como me protegeste e acarinhaste... a forma como me seguraste nos braços e me beijaste tão ternamente.

Não há nada que eu mudasse.

Mas eu sei que o teu amor sacrificaria o teu futuro.

Não podia permitir que isso acontecesse. Foste feito para captar estes momentos mágicos, Rune Kristiansen. Nunca encontrei um talento como o teu. Também nunca encontrei alguém tão apaixonado pela arte. É teu destino dedicares-te a isto.

Tive de garantir que acontecia.

Desta vez, fui eu quem te levou ao colo.

Antes de te pedir que vejas outra coisa, quero que saibas que foi o teu pai que me ajudou a organizar o portefólio que garantiria a tua colocação. Também já pagou as propinas do primeiro semestre e a renda dos dormitórios. Mesmo enquanto continuavas a magoá-lo, ele agiu tão altruisticamente que me trouxe lágrimas aos olhos. Fê-lo com tanto orgulho no olhar que me arrasou.

Ele adora-te.

És adorado infinitamente.

Agora, por favor, abre a caixa número um.

Engolindo nervos em franja, peguei na caixa numerada e abri-a. No interior havia um portefólio. Folhee-o. Poppy e o meu pai tinham reunido uma sucessão de imagens de paisagens e do nascer e pôr do Sol. Era, por assim dizer, o trabalho de que mais me orgulhava.

Mas, ao alcançar a última página, fiquei imóvel. Era Poppy. Era a imagem de Poppy na praia comigo tirada há tantos meses. Aquela em que ela se virou para mim no instante perfeito, permitindo-me captá-la na película – uma imagem que narrava a sua beleza e graciosidade mais do que mil palavras.

De entre todas, a minha foto preferida.

Travando as lágrimas que me encheram os olhos, percorri o rosto com o meu dedo. Era tão perfeita para mim.

Lentamente, pousei o portefólio, peguei na carta e continuei.

Bastante impressionante, não é? Tens um dom inenarrável, Rune. Quando enviámos o teu trabalho, sabia que irias ser aceite. Não sou especialista em fotografia, mas até eu pude ver que conseguiste captar imagens interditas a outros. E que tens um estilo perfeitamente único.

Especial... mais especial não podia ser.

A imagem no fim é a minha favorita. Não por se tratar de mim, mas porque sabia a paixão que a imagem ia reacender. Vi que, naquele dia na praia, o fogo dentro de ti deflagrou novamente.

Foi nesse dia que, pela primeira vez, percebi que ficarias bem quando eu partisse. Porque comecei a antever o regresso do Rune que eu conhecia e amava. O rapaz que viverá por nós os dois a sua vida. O rapaz que encontrou a paz.

Olhando novamente para o rosto de Poppy, que largara a fotografia e me prestava atenção, não pude deixar de recordar a exposição na universidade de Nova Iorque. Ela já devia saber naquele dia que eu fora aceite.

Depois recordei a última imagem. Esther. A imagem que o patrono exibira como sendo a peça final. A imagem da sua falecida esposa que morrera nova. A imagem que

não mudou o mundo, mas mostrava a mulher que mudara a sua vida.

Nada descrevia esta imagem, que agora me encarava, melhor do que esta explicação. Poppy Litchfield era apenas uma adolescente de dezassete anos de uma vila na Georgia. E, contudo, desde o dia em que a conheci, ela virou-me o mundo do avesso. Mesmo agora, depois de morta, continua a mudar-me o mundo, enriquecendo-o e enchendo-o de uma beleza altruísta inigualável.

Voltei a ler a carta:

O que me leva à última caixa, Rune. A que eu sei que despertará mais protestos da tua parte, mas aquela que deves seguir à risca.

Deves estar bastante confuso, mas, antes de te deixar ir, quero que saibas isto.

Ter sido amada por ti foi o maior feito da minha vida. Não tive muito tempo, e muito menos o suficiente para estar contigo como queria. Mas nestes anos e nos meus derradeiros meses, conheci o verdadeiro amor. Mostreste-me isso. Trouxeste sorrisos ao meu coração e luz à minha alma.

Mas, acima de tudo, deste-me os teus beijos.

Escrevendo estas palavras e refletindo sobre os últimos meses desde que voltaste para a minha vida, não posso sentir amargura. Não posso ficar triste por termos um tempo limitado. Porque tive-te enquanto podia, o que foi perfeito. Ser amada tão intensamente, com tanta paixão, mais uma vez, bastou-me.

Mas não bastará para ti. Porque mereces ser amado, Rune.

Quando descobriste que eu estava doente, sei que te debateste contra a frustração de não me conseguires curar. De não me salvars. Mas quanto mais penso nisso, mais acredito que não serias tu a salvar-me, mas o oposto, Rune.

Talvez com a minha partida, e por causa da viagem que juntos fizemos, tenhas descoberto o caminho de regresso a ti mesmo. A mais importante aventura que eu alguma vez tive.

Rompeste o manto da escuridão e deixaste entrar a luz.

E essa luz é tão pura e forte que te dará forças para aguentar... conduzindo-te de volta ao amor.

Imagino que estejas a abanar a cabeça ao leres estas palavras, mas, Rune, a vida é curta.

Seja como for, aprendi que o amor é ilimitado e o coração é imenso.

Portanto, abre o coração, Rune, mantém-no aberto e aceita amar e seres amado.

Daqui a poucos instantes quero que abras a última caixa. Mas, antes, quero apenas dizer-te obrigada.

Obrigada, Rune. Obrigada por me amares tanto que senti esse amor todos os minutos de todos os dias. Obrigada pelos meus sorrisos, pela tua mão tão apertada na minha...

Pelos meus beijos. Todos os mil. Apreciei cada um deles. Adorei cada um deles.

E adorei-te a ti.

Fica a saber que, embora tenha partido, Rune, jamais estarás só. Serei a mão que eternamente te dará apoio.

Serei as pegadas na areia a teu lado.

Amo-te, Rune Kristiansen. Com todo o meu coração.

Não posso esperar por te ver nos teus sonhos.

Largando a carta, senti as lágrimas caladas a correrem-me pelo rosto. Limpei-as com a mão. Inspirei fundo antes de erguer a última caixa e pousá-la na cama. Era maior do que as outras.

Abri a tampa com cautela e retirei o conteúdo. Os meus olhos cerraram-se ao perceber o que era. Depois li a mensagem escrita por Poppy na mensagem atada em volta da tampa:

*Diz que sim a novas aventuras
Eternamente e para sempre,
Poppy*

Olhei o grande frasco de conserva que tinha na mão. Encarei a imensidão de corações azuis de papel no interior. Papéis em branco, corações por escrever, apinhados contra o vidro. A etiqueta no frasco dizia:

Mil Beijos da minha amada

Apertando o frasco contra o peito, deitei-me na cama e tentei respirar. Não soube quanto tempo ali fiquei, a olhar para o teto, a reviver todos os instantes partilhados com a minha miúda.

Mas a noite caiu e lembrei-me de tudo o que ela tinha feito, e um sorriso feliz adornou-me os lábios.

O meu coração encheu-se de paz.

Não sabia bem o que sentir naquele instante. Mas tinha a certeza que, algures, no desconhecido, Poppy observava-me com um sorriso cheio de covinhas no rosto bonito... e um laço branco, grande, no cabelo.

* * *

*Um ano depois
Blossom Grove, Georgia*

– Pronto, rapaz? – perguntei a Alton, que corria pelo corredor e me deu a mão.

– *Ja* – disse ele e sorriu-me com uma fileira de dentes em que faltava um.

– Ainda bem, já devem ter chegado todos.

Levei o meu irmão para a rua, e dirigimo-nos para o cerejal. A noite mostrava-se perfeita. O céu estava cristalino e repleto de estrelas cintilantes e, claro, havia a Lua.

A minha câmara encontrava-se pendurada ao meu pescoço. Sabia que iria precisar dela naquele dia. Sabia que teria de captar este instante para que perdurasse.

Tinha feito uma promessa a *Poppymin*.

Os sons das pessoas reunidas no campo alcançaram-nos antes do resto. Alton olhou para mim com ar de espanto.

– Parece ser muita gente – disse, nervoso.

– Mil – respondi ao virarmos para o campo. Sorri; as pétalas brancas e rosa encontravam-se em plena pujança florida. Fechei os olhos por um instante, recordando a última vez em que aqui estivera. Depois abri-os novamente, sentindo um calor espalhar-se pelo meu corpo ao ver a participação das pessoas da vila; tinham conseguido juntar-se no espaço apertado.

– Rune! – O som da chamada ruidosa de Ida trouxe-me de volta ao instante atual. Sorri-lhe e ela atravessou a multidão a correr, parando apenas quando se enterrou no meu peito e me abraçou pela cintura.

Ri quando ela olhou para mim. Encontrei Poppy naquele rosto jovem por um instante. Os olhos verdes estavam cheios de felicidade e ela lançou-me um sorriso – também com covinhas.

– Sentimos tanto a tua falta! – exclamou e deu um passo atrás.

Quando endireitei a cabeça, encontrei Savannah a meu lado, abraçando-me suavemente. A seguir apareceram o Senhor e Senhora Litchfield, seguidos pelos meus pais.

A Senhora Litchfield deu-me um beijo na cara e o Senhor Litchfield apertou-me a mão, antes de me puxar para um abraço. Ao recuar, sorri.

– Estás com bom aspeto, filho. Bom aspeto.

Anuí.

– Também o senhor.

– E que tal Nova Iorque? – perguntou a Senhora Litchfield.

– Bem – disse. Percebendo que queriam mais informação, confessei: – Adoro a cidade. De uma ponta à outra – fiz uma pausa e acrescentei em voz baixa: – Ela também teria adorado.

Os olhos da Senhora Litchfield ficaram lacrimejantes, mas apontou para a multidão atrás de nós.

– Ela vai ficar *extasiada*, Rune. – A Senhora Litchfield assentiu e limpou as lágrimas da cara. – E não tenho dúvidas de que está a ver-nos do alto.

Não respondi. Não era capaz.

Os pais e as irmãs de Poppy desviaram-se para me deixar passar e depois seguiram-me. O meu pai pousou o braço por cima dos meus ombros. Alton continuava agarrado à minha mão. Não quis largar-me desde que eu chegara a casa para esta visita.

– Estão todos preparados, filho – informou o meu pai. Deparando-me com um pequeno palco no meio do cerejal e um microfone à espera, abri caminho e nesse instante Deacon, Judson, Jorie e Ruby apareceram.

– Rune! – exclamou Jorie com um grande sorriso, abraçando-me. Tal como os restantes.

A mão de Deacon deu-me uma palmada nas costas.

– Estão todos preparados, à espera do teu sinal. Não tivemos qualquer dificuldade em espalhar a notícia do que pretendias fazer. Apareceram mais voluntários do que era preciso.

Acenei com a cabeça, perscrutando as pessoas da vila que aguardavam com as lanternas chinesas nas mãos. Nestas lanternas, escritas com uma caligrafia a cor preta, encontravam-se todos os beijos que eu tinha dado a Poppy. Os meus olhos

concentraram-se em ler os mais próximos...

Beijo duzentos e três, à chuva na rua, o meu coração quase explodiu... Beijo vinte e três, no quintal ao luar, com o meu Rune, o meu coração quase explodiu... Beijo novecentos e um, com o meu Rune na cama, o meu coração quase explodiu...

Engolindo a emoção intensa na minha garganta, parei quando vi uma lanterna à minha espera no canto do palco. Olhei em volta do campo à procura de quem a teria deixado. A multidão afastou-se e deparei-me com o meu pai, que me olhava atentamente. Retribui o olhar e depois ele baixou a cabeça antes de se afastar.

O milésimo beijo... com a minha Poppy. Quando voltou para casa... o meu coração explodiu por completo...

Tinha de ser eu a enviar este para a minha miúda. Poppy assim desejava.

Subindo para o palco, com Alton a meu lado, ergui o microfone e o campo calou-se. Fechei os olhos, reunindo coragem para o ato que se ia seguir, e depois levantei a cabeça. Um mar de lanternas chinesas suspensas nas mãos de mil pessoas, prontas a voar, encararam-me. Era perfeito. Melhor do que tinha previsto.

Levantando o microfone, respirei fundo e disse:

– Não me vou demorar. Não sei falar em público. Só vos queria agradecer por terem vindo hoje... – A minha voz calou-se. As palavras tinham-se secado. Passei a mão pelo cabelo e, recuperando a compostura, consegui dizer: – Antes de morrer, a minha Poppy pediu-me que lhe enviasse estes beijos de uma forma que ela pudesse recebê-los no céu. Sei que grande parte de vós não teve oportunidade de conhecê-la, mas ela foi a melhor pessoa da minha vida... teria adorado este instante – o meu lábio contorceu-se num sorriso de esguelha, ao pensar na sua expressão quando visse as lanternas.

Iria adorar.

– Portanto, agradeço que acendam as vossas lanternas e ajudem os meus beijos a alcançar a minha miúda.

Baixei o microfone. Alton soltou uma exclamação quando por todo o campo isqueiros acenderam as lanternas e as lançaram ao ar. Uma após outra, entraram a flutuar na escuridão da noite, até o céu se encher com as luzes ascendentes.

Dobrei-me, peguei na lanterna ao nosso lado e segurei-a no ar.

Olhando para Alton, disse:

– Estás pronto para enviases esta à *Poppymin*, rapaz?

Alton anuiu e eu acendi a lanterna. Mal a chama ganhou força, soltámos o milésimo beijo – o último. Endireitei-me e fiquei a vê-lo subir no ar, ao alcance dos outros, à procura da sua nova casa.

– Ena – sussurrou Alton e pousou a mão na minha. Os dedos apertaram os meus com força.

Fechando os olhos, enviei uma mensagem silenciosa: *Aqui vão os teus beijos, Poppymin. Prometi que tos entregaria. Que encontraria uma forma de os entregar.*

Não conseguia desviar a vista do espetáculo de luzes no alto, mas Alton puxou-me pela mão.

– Rune? – chamou e eu olhei para ele, em baixo, observando-me com muita atenção.

– Ja?

– Porque tivemos de fazer isto aqui? No cerejal?

– Era o local preferido de *Poppymin* – respondi suavemente.

Alton assentiu.

– Mas porque tivemos de esperar que as árvores dessem flor?

Inspirando profundamente, expliquei:

– Porque *Poppymin* era uma flor da cerejeira, Alt. Teve uma vida curta, como elas, mas a beleza que nos trouxe durante esse tempo nunca será esquecida. Porque nada tão belo perdura para sempre. Era uma pétala de flor, uma borboleta... uma estrela cadente... perfeita... teve uma vida curta... mas ela pertenceu-me.

Respirei profundamente e enfim sussurrei:

– Tal como eu lhe pertenci.



Epílogo

Rune

Dez anos mais tarde

Pestanejei, acordando, e o cerejal tornou-se nítido. Senti o brilho do sol no rosto, a riqueza do aroma das flores a encher-me os pulmões.

Respirei fundo e levantei a cabeça. O céu escuro encimava-me. Era um céu repleto de luz. Mil lanternas chinesas, enviadas há anos, a flutuar no ar, dispostas na perfeição.

Endireitando-me, perscrutei o campo para confirmar que todos os botões davam flor. E assim era.

Mas sempre foi assim. A beleza, aqui, perdurava.

Tal como ela.

O som manso de uma voz que cantava surgiu a partir da entrada e encheu o cerejal. O meu coração começou a bater mais depressa. Levantei-me e aguardei com a respiração entrecortada pelo aparecimento dela.

E ela apareceu.

O meu corpo encheu-se de luz ao vê-la dobrar a esquina, as mãos erguendo-se para sentir as árvores crescidas. Depois vi-a notar a minha presença no centro do campo. Observei o amplo sorriso que nasceu naqueles lábios.

– Rune – exclamou, excitada e correu para mim.

Sorrindo, levantei-a nos braços enquanto ela me envolvia o pescoço com os braços.

– Tantas saudades tuas! – ela sussurrou-me ao ouvido, enquanto eu a apertava um pouco mais. – Tenho sentido tantas saudades tuas!

Recuando para apreciar o rosto lindo, sussurrei:

– Também senti a tua falta, amor.

Um rubor adornou as faces de Poppy, as covinhas profundas totalmente visíveis. Esticando o braço, peguei-lhe na mão. Poppy suspirou com este gesto, depois o olhar

dela voou para o meu. Olhei para as nossas mãos unidas. A mão tal como era aos dezassete anos. Tinha sempre dezassete anos quando a visitava no sonho. O que ela sempre desejara.

Éramos exatamente como no passado.

Poppy pôs-se em bicos de pés, chamando a minha atenção para si novamente. Pousando a mão na sua face, inclinei-me e aproximei os lábios dela dos meus. Poppy suspirou contra a minha boca e beijei-a intensamente. Beijei-a com ternura. Não queria que partisse.

Quando finalmente quebrei o contacto, os olhos de Poppy abriram-se aos poucos. Sorri ao ser conduzido para debaixo da nossa árvore preferida e sentar-me ao seu lado. Sustive-a então nos braços e deitei-a sobre o meu peito. Afastando o cabelo do pescoço dela, depusitei beijos ligeiros pela sua pele doce. Sempre que aqui vinha e ela ficava nos meus braços, tocava-lhe sempre que podia, beijava-a... abraçava-a, sabendo que tinha de partir.

Poppy suspirou de felicidade. Olhei para cima e notei-a atenta às lanternas brilhantes no céu. Gesto recorrente nela. As lanternas tornavam-na feliz. Eram os nossos beijos, uma prenda feita especificamente para si.

Recostando-se contra mim, Poppy perguntou:

– Como estão as minhas irmãs, Rune? E Alton? Os meus pais e os teus?

Apertei-a com força.

– Estão todos bem, amor. As tuas irmãs e os teus pais estão felizes. E Alt encontra-se perfeito. Tem uma namorada a quem adora mais do que a própria vida e joga basebol cada vez melhor. Os meus pais também estão ótimos. Uma boa vida para todos.

– Fico contente – comentou Poppy.

Depois calou-se.

Franzi a testa. Nos meus sonhos, Poppy fazia-me sempre perguntas sobre o trabalho – que lugares visitara e quantas fotografias tinham sido publicadas recentemente e haviam contribuído para salvar o mundo. Mas hoje não o fez. Ficou contente nos meus braços. Ainda mais em paz, se tal fosse possível.

Poppy remexeu-se no seu lugar, depois perguntou com curiosidade:

– Arrependeste-te alguma vez de não teres voltado a encontrar outra pessoa para amar, Rune? Arrependeste-te alguma vez de, durante todo este tempo, não teres beijado mais ninguém além de mim? Nem amar outra pessoa? Nem encheres o frasco que te dei?

– Não – respondi com sinceridade. – Porque amo. Amo a minha família. Amo o meu trabalho. Amo os meus amigos e todas as pessoas que encontro nas minhas aventuras. Tenho uma vida boa, feliz, Poppy. E amo ainda, tal como sempre amei totalmente... a ti, amor. Nunca deixei de te amar. Tanto que durou uma vida inteira – suspirei. – E o meu frasco encheu-se... encheu-se ao mesmo tempo que o teu. Não restam mais beijos para receber.

Rodando a cabeça de Poppy para ela me encarar, a minha mão debaixo do seu queixo, disse:

– Estes lábios são teus, Poppymin. Assim te prometi há muitos anos; nada se alterou.

O rosto de Poppy abriu-se num sorriso de contentamento e ela murmurou:

– Tal como estes lábios são teus, Rune. Sempre foram só teus.

Acomodei-me melhor no chão macio, assentando a mão, e percebi subitamente que a relva sob mim parecia mais verdadeira do que nas minhas visitas passadas. Quando aparecia a Poppy em sonhos, o cerejal tinha um aspeto onírico. Sentia a relva, mas não as folhas, sentia o vento, mas não a temperatura, sentia as árvores, mas não a respetiva casca.

Ao erguer a cabeça, hoje, neste sonho, senti uma brisa quente no rosto. Senti-a como se fosse verdadeira quando estava acordado. Senti a relva debaixo das mãos, as folhas e o solo áspero. E, ao inclinar-me para beijar o ombro de Poppy, senti o calor da pele nos meus lábios, vi a pele dela arrepiar-se.

Sentindo o olhar intenso de Poppy sobre mim, olhei para cima e encontrei-a a observar-me com uma expressão expectante.

Depois percebi.

Percebi por que motivo isto era tão verdadeiro. O meu coração bateu mais veloz no peito. Porque era verdadeiro... se percebi bem...

– Poppymim? – perguntei e respirei fundo. – Isto não é um sonho, pois não?

Poppy remexeu-se, ajoelhando-se a meu lado e pousou as mãos ternas na minha cara.

– Não, amor – sussurrou e perscrutou o meu olhar.

– Mas como? – murmurei, confuso.

O olhar de Poppy suavizou-se.

– Foi rápido e calmo, Rune. A tua família encontra-se bem; sentem-se contentes por agora te encontrares num lugar melhor. Foi uma vida curta mas plena, a tua. Uma vida boa, como sempre sonhei que terias.

Fiquei imóvel, depois perguntei:

– Queres dizer que...?

– Sim, amor – respondeu Poppy. – Voltaste para casa. Para mim.

Um sorriso enorme abriu-se nos meus lábios e um jorro de pura felicidade percorreu-me. Incapaz de resistir, esmaguei os lábios contra a boca expectante de Poppy. Mal senti o sabor doce dela nos meus lábios, uma paz profunda assolou-me no íntimo. Recuando, encostei a testa à dela.

– Vou ficar aqui contigo? Para sempre? – perguntei, rezando para ser verdade.

– Sim – respondeu Poppy calmamente, e notei a serenidade plena na sua voz. – A nossa próxima aventura – isto era real.

Era real.

Beijei-a de novo, lenta e docemente. Os olhos de Poppy mantiveram-se cerrados, no fim, e aos poucos as faces ficaram coradas. Murmurou:

– Um beijo para a eternidade com o meu Rune... no nosso cerejal em flor... quando por fim ele chegou a casa – sorriu.

Sorri.

E ela acrescentou.

– ... e o meu coração quase explodiu.



Lista de canções

Houve MUITAS canções que me ajudaram a escrever esta história. Mas duas bandas contribuíram praticamente com *todo* o seu repertório. Normalmente, nas minhas listas, vario entre géneros, mas quis manter-me fiel à inspiração e mostrar-vos as músicas que ajudaram a compor a história de Poppy e Rune.

One Direction

Infinity
If I Could Fly
Walking in the Wind
Don't Forget Where You Belong
Strong
Fireproof
Happily
Something Great
Better Than Words
Last First Kiss
I Want to Write You a Song
Love You Goodbye

Little Mix

Secret Love Song Pt II
I Love You
Always Be Together
Love Me or Leave Me
Turn Your Face

Outros Artistas

Eyes Shut – Years & Years
Heal – Tom Odell

Can't Take You With Me – Bahamas
Let The River In – Dotan
Are You With Me – Suzanne Freek
Stay Alive – José González
Beautiful World – Aiden Hawken
O Cisne (do *Carnaval dos Animais*) – Camille Saint-Saëns
When We Were Young – Adele
Footprints – Sia
Lonely Enough – Little Big Town
Over and Over Again – Nathan Sykes

Para ouvirem a lista, acessem à minha página «Author Tillie Cole» no Spotify.

Agradecimentos

Mãe e Pai, obrigada por me apoiarem na escrita deste livro. As vossas lutas pessoais contra o cancro mudaram-me e à nossa pequena família. A vossa coragem, mas mais importante, as vossas atitudes positivas e inspiradoras perante uma provação tão difícil fizeram-me olhar a vida de uma forma totalmente diferente. Embora os últimos anos tenham sido incrivelmente duros, fizeram-me apreciar todos os minutos de todos os dias. Apreciar-vos aos dois sem limites – os melhores pais do mundo. Adoro-vos tanto! Obrigada por me deixarem usar as vossas experiências nesta história. Tornou-a verdadeira. Real.

Avó. Desapareceste da nossa presença demasiado cedo. Eras a minha melhor amiga e adorava-te imensamente – ainda adoro. Eras também hilariante e uma presença positiva e cheia de luz. Quando imaginei a avó de Poppy, não havia outro modelo possível. Eu era a «menina dos teus olhos» e a tua melhor amiguinha, e, embora já não estejas entre nós, espero que este livro te encha de orgulho! Espero que estejas a sorrir lá no alto com o avô, na vossa miniversão do cerejal.

Jim, o meu falecido padrasto. Foste tão corajoso até ao fim, um modelo de pessoa. Uma pessoa de quem se orgulhavam tanto a tua mulher e filho. Deixaste muitas saudades.

Para o meu marido. Obrigada por me teres encorajado a escrever um romance juvenil. Falei-te sobre a ideia deste romance há muito tempo e incentivaste-me a escrevê-lo, apesar de ser demasiado diferente dos meus géneros habituais. Devo-te este livro. Amo-te eternamente. Para toda a infinidade.

Sam, Marc, Taylor, Isaac, Archie e Elias. Adoro-vos.

Para os meus leitores-beta fabulosos: Thessa, Kia, Rebecca, Rachel e Lynn. Como sempre, um GRANDE obrigada. Este foi difícil, mas vocês não desistiram, apesar de vos ter feito chorar! Adoro-vos.

Thessa, a minha estrela e super assistente. Obrigada por gerires a minha página do Facebook, mantendo-me informada. Obrigada por todas as correções. Mas, acima de tudo, obrigada por me teres encorajado a manter o epílogo do romance – discutimos um pouco sobre essa decisão, não foi? Pronto, MUITO! Mas aguentaste-me durante este processo. Adoro-te imenso. Nunca ignoras os meus SMS frenéticos ao final da

noite. Não podia ter uma melhor amiga.

Gitte, a minha adorável vikingue norueguesa! Obrigada por entrares nesta aventura comigo. A partir do momento em que te disse que tinha uma ideia para uma história juvenil choramingas – ah, e que o rapaz era norueguês – encorajaste-me a escrevê-la. Obrigada pelas várias traduções. Obrigada pela musa – ele é o perfeito Rune! Mas, acima de tudo, obrigada por seres quem és. Uma amiga verdadeira e fabulosa. Deste-me sempre apoio. Adoro-te, Pus Pus!

Kia! Que equipa fabulosa fazemos! És a MELHOR editora e revisora de sempre. Esta é a primeira de muitas histórias futuras! Obrigada pelo esforço. Representou muito para mim. Ah, e obrigada por conferires os comentários musicais! A minha companheira da Golden Bow (bem como Rachel). Quem diria que todos aqueles anos a tocarmos violoncelo dariam jeito?

Liz, minha agente fabulosa. Adoro-te. Eis a minha primeira incursão no género juvenil!

Gitte e Jenny (a vocês as duas desta vez!) do blogue literário TotallyBooked. Mais uma vez, não tenho nada a dizer, a não ser que vos agradeço e adoro. Dão valor a tudo o que eu faço. Apoiam todas as minhas mudanças de géneros literários. Estão entre as melhores pessoas que eu conheço. Estimo muito a vossa amizade... «não podia ser mais especial».

E um grande obrigada a todos os blogues literários maravilhosos que me apoiam e promovem os meus livros. Celesha, Tiffany, Stacia, Milasy, Neda, Kinky Girls, Vilma... Ah, a lista não acaba!

Tracey-Lee, Thessa e Kerri, um grande obrigada por gerirem a minha tribo: The Hangmen Harem. Adoro-vos a todas.

Às minhas @FlameWhores. Ao meu lado nos bons e maus tempos. Adoro-vos, miúdas!

Para os membros da minha tribo – ADORO-VOS!!!

Jodi e Alycia, adoro-vos, miúdas. São as minhas queridas amigas.

Grupinho do IG!!! Gosto de vocês todas!

E, por fim, às minhas maravilhosas leitoras. Quero agradecer-vos por terem lido este romance. Imagino que tenham os olhos inchados e as faces coradas de tanto choro. Mas espero que amem Poppy e Rune tanto quanto eu. Espero que a história deles permaneça para sempre nos vossos corações.

Não seria capaz sem vocês.

Adoro-vos.

Eternamente e para sempre.

Para toda a infinidade.